

Emerson Martins

**UMA HERMENÊUTICA DA HOMOSSEXUALIDADE:
o fazer-se gay como prática política de liberdade em cidades
pequenas**

Tese submetida ao Programa
de Pós-Graduação em
Psicologia da Universidade
Federal de Santa Catarina
como requisito à obtenção do
Grau de Doutor em Psicologia.

Orientadora:

Profa. Dra. **Maria Juracy
Filgueiras Toneli.**

Coorientador:

Prof. Dr. **Adriano Beiras.**

Florianópolis

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Martins, Emerson
Uma hermenêutica da homossexualidade : o fazer
se gay como prática política de liberdade em cidades
pequenas / Emerson Martins ; orientador, Maria
Juracy Filgueiras Toneli, coorientador, Adriano
Beiras, 2017.
344 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Processos de Subjetivação. 3.
Política e Resistência. 4. Homossexualidade. 5.
Cidades pequenas. I. Filgueiras Toneli, Maria
Juracy. II. Beiras, Adriano. III. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação
em Psicologia. IV. Título.

Emerson Martins


Uma hermenêutica da homossexualidade: o fazer-se gay como prática política de liberdade em cidades pequenas

Tese aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 8 de Agosto de 2017.

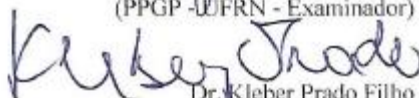
Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes
(Coordenador - PPGP/UFSC)


Dra. Maria Juracy Filgueiras Toneli
(PPGP - UFSC - Orientadora)


Dr. Adriano Beiras
(PPGP - UFSC - Coorientador)


Dra. Kátia Maheirie
(PPGP - UFSC - Examinadora)


Dr. Jader Ferreira Leite
(PPGP - UFRN - Examinador)


Dr. Kleber Prado Filho
(PPGDS - UNIARP - Examinador)

Dra. Mara Coelho de Souza Lago
(PPGP - UFSC - Suplente)

Dra. Juliana Perucchi
(PPGP - UFJF - Suplente)

Este trabalho é dedicado à minha mãe, Maria Augusta, e ao meu pai, Celso, que sempre desejaram o que há de melhor no mundo para mim.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, **Maria Augusta** Martins, por sua presença, por seus gestos solidários, por todas às vezes que me protegeu do mundo, por me apoiar em tudo que fosse edificador ao corpo e ao espírito. Com a senhora aprendi a ter fé na vida, a “pagar o mau com o bem”, aprendi ética. Aprendi que o amor deve ser incondicional, deve superar as barreiras e construir pontes onde não há caminhos.

Obrigado, mãe, por me ensinar a não desistir dos meus sonhos, por acreditar em mim e por compartilhar de minhas conquistas. Mãe, sempre te tenho nas palavras de Cazusa e na voz de Ney Matogrosso, “*Eu hoje tive um pesadelo e levantei atento, a Tempo / Eu acordei com medo e procurei no escuro / Alguém com seu carinho e lembrei de um tempo / Porque o passado me traz uma lembrança / Do tempo que eu era criança / E o medo era motivo de choro / Desculpa pra um abraço ou um consolo... / Senti um abraço forte, já não era medo / Era uma coisa sua que ficou em mim*”. Sempre te amarei. Obrigado e “à sua bênção”.

Ao meu pai, **Celso** Martins, por todo seu amor e sensibilidade. Dizia-me que a “herança” que poderia dar-me era a “Escola”. Orgulhava-se em ter um filho professor, “estudado” e “inteligente”. Ensinou-me a importância de buscar as boas qualidades no mundo e nos outros. Não viveu para ver-me “doutor”, mas viveu suficientemente para preparar-me para a vida e para os louros que viessem. Sua bondade, dignidade e experiência sempre estarão comigo. Pai, por tua causa aprendi a importância da “*poesia*”, da “*virtude*” e da “*amizade*”, aprendi a não ser um “*escravo mártir do Tempo*”.

Ao **Rogério** Machado Rosa, por sermos amigos, irmãos, kizumbeiros, companheiros nesta vida. Sempre, para sempre, em qualquer lugar, juntos. Que estejamos sempre por perto, a vida é mais leve e menos nefanda na tua presença. Obrigado pela amizade, pelo privilégio do abraço, da retificação, dos elogios, do monte de trabalho que arrumamos um para o outro. Inclusive, esta tese, da qual tu és um coautor. Juntos, certamente, estamos mais fortes para lutar, para sorrir, para viver a beleza que há no mundo. Por viveres a amizade em mim, comigo, em nós, no caminho, atemporalmente.

Roubando teu Deleuze, digo: “*éramos apenas dois, mas o que contava para nós era menos trabalhar juntos do que esse fato estranho de trabalhar entre os dois* (...). E todas essas histórias de devires, de

núpcias contra natureza, de evolução a-paralela, de bilinguismo e de roubo de 15 pensamentos” é o que tenho com Roger. Roubei Roger “*e espero que ele tenha feito o mesmo comigo*”. Amo-te, meu Roger.

Aos participantes coautores desta tese, meus amigos, **Diego, Jeraldi, Rafael, Willian e Oscar**, por suas inestimáveis e imprescindíveis presenças neste trabalho e em minha vida. “*Oh, I get by with a little help from my friends / I get high with a little help from my friends*”. Amizade e gratidão serão meus pagamentos. Que a vida seja generosa e dadivosa com vocês, como vocês foram para mim.

A **Jura** (Maria Juracy F. Toneli), professora e orientadora, por confiar em mim, na minha singularidade e nos devires que estiveram/estão/foram em nós. Tu és inspiração, tua presença é catalizadora de saberes, de reflexão, de profundidade. E como dizia tua Clarice, “queríamos tanto salvar o outro. Amizade é matéria de salvação”. Obrigado, por tudo, sobretudo.

Ao querido **Adriano** Beiras, coorientador desta tese, pela solidariedade dedicada a mim, a qual se transformou em uma bela amizade e em um ótimo encontro. Sou mais feliz por ter-te à beira de minha vida, ao meu lado.

Ao meu sobrinho, **Juan**, às minhas sobrinhas, **Agatha, Fabiana, Geórgia, Geovana**, e aos meus afilhados/as, por sempre estarem comigo, por renovarem em mim a infância e a juventude. Por me inspirarem a ter fé no futuro, por me fazerem acreditar que um mundo melhor deve ser feito para que ele/elas possam fazê-lo ainda melhor.

Aos meus irmãos, **Everson, Léo e Vini**, e minhas irmãs, **Daniela e Taise**, por me amarem e kizumbarem tão lindamente minha vida.

À **Rosane** Nienchoter, por estar sempre comigo, por seu amor, por sua fraternidade, por sua ética, por ser uma luz na minha vida desde a infância. “Close to you / you make me feel so alive”. Amo-te infinitamente.

Ao **Lucas** Melo, por amar-me incondicionalmente, por sua sensibilidade e presença em minha vida. “*Façam completo silêncio, paralisem os negócios, garanto que uma flor nasceu*”. Amo-te como a um irmão.

À **Anita** Kons da Silveira, por ver em mim o que há de melhor no mundo, por sua bela e impávida complexidade, por ser minha miguxa. “*No matter what we get out of this / I know, I know we'll never forget*”. Amo-te.

Aos amigos/as, **Anita** k. da Silveira, **Adalgisa** P. Neto e **Marcelo** Mota e **Gabriel** Mota, **Alexandre** Rangel, **Carme** e **Gaby** Cerutti, **Dimas** Genero e **Elaine** Ludwig, **Evandro** Brito, **Evandro** Rodrigues, **Renata** Orlandi, **Meri** Machado e **Roger**, **Marcos** Silva e **Ana** Carolina, **Soleny** (*Mama bianca*) e **Gus** Boff, pela oportunidade de dividir não somente uma morada, mas por me acolherem e fazerem de “su casa mi casa” neste período de tese. Vocês moram no meu coração para sempre. Amo-vos.

Aos amigos/as/es do Margens, particularmente, **Cinthia** de Oliveira, **Claúdia** Lascano, **Daniel** Kerry, **Mariana** Vavassori e **Marília** Amaral, **Brune** Camilo, pelas conversas, pelas discussões teóricas, pelos rompantes de amistosidade e divergência - pelas generosas parcerias e conforto intelectual.

Aos meus amigos de Realeza, **Rafael** Maurício, **Gustavo** Boff, **Lucas** Luan Gomes, **Juliano** Brustolin e **Gabriel** Cerutti, por suas presenças rejuvenescedoras em minha vida. Desde quando os conheci, sou mais feliz e completo. Porque a “noite nunca tem fim, babe. Por que a gente é assim?”. Amo vocês com toda minha alma.

Ao **Davi** F. Alba, por amar-me como amam os puros de coração, por trazer para minha vida leveza e liberdade. “*Quando eu flor Quando tu flores E ele flor Nós flores seremos E o mundo florescerá*”. Também te amo.

À **Renata** Orlandi, por todas às vezes que sorriu para mim, por mim, comigo, de mim. Por seres meu último tango em qualquer lugar do mundo. Agradeço-te por estares sempre comigo, “*For though (we) may be parted / There is still a chance (to see us) / There will be an answer, let it be*”. Sempre vou te amar.

Ao **Mestre Alexandre Araújo** e todos e todas os/as atletas de Jiu Jitsu, adultos/as e crianças, em especial, **Felipe** Burille, **Jéssica** Pauletti

e **Dionatan** Basso, por acreditarem em um dos meus sonhos e me ajudarem a fazer dele uma linda realidade. “OSS”.

Às **minhas tias, tios, primos e primas**, por terem sido minhas primeiras referências de amizade e de cuidado. Por terem me ensinado a ler e a amar a escola. Pois, “porventura colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?”. Obrigado por me ensinarem a amar. Amo-vos.

À **Meri** Machado, por me adotar como um irmão, por eu ser o seu “neguinho lindo”, por zelar por mim de sua janela, por não perder a fé na vida e em si.

Aos muitos **amigos, novos e antigos, presentes e virtuais**, distantes no tempo e espaço, mas sempre próximos em meus pensamentos, pela colaboração na minha formação ética e moral.

Ao **PPGP-UFSC** e aos seus professores pela qualidade no ensino e transparência, por sua dedicação e pelo esforço em mediar o máximo de conhecimento que puderam.

Ao **povo brasileiro** e aos/às meus/minhas estudantes, representado pela UFFS e sua comunidade, por sua contribuição e financiamento a este trabalho.

A professora **Kátia** Maherie e aos professores **Jader** Ferreira Leite e **Kleber** Prado Filho, por sua colaboração ímpar no desenvolvimento deste trabalho.

E finalmente agradeço a todas as pessoas que me auxiliaram a viabilizar estes resultados.

Não tenho casa, não tenho sapatos	Ain't got no home, ain't got no shoes
Não tenho dinheiro, não tenho classe	Ain't got no money, ain't got no class
Não tenho saias, não tenho casacos	Ain't got no skirts, ain't got no sweaters
Não tenho perfume, não tenho amor	Ain't got no perfume, ain't got no love
Não tenho fé	Ain't got no faith
Não tenho país, não tenho escolaridade	Ain't got no country, ain't got no schooling
Não tenho amigos, não tenho nada	Ain't got no friends, ain't got no nothing
Não tenho água, não tenho ar	Ain't got no water, ain't got no air
Não tenho água	Ain't got no smokes, ain't got no chicken
Não tenho amor	Ain't got no love
Não tenho Deus	Ain't got no God
Não tenho vinho	Ain't got no wine
Não tenho dinheiro	Ain't got no money
Não tenho fé	Ain't got no faith
Não tenho Deus	Ain't got no God
Não tenho amor	Ain't got no love
Então o que eu tenho?	Then what have I got
Por que mesmo eu estou viva?	Why am I alive anyway?
Sim, inferno	Yeah, hell
O que eu tenho	What have I got
Ninguém pode tomar	Nobody can take away
Tenho o meu cabelo, tenho minha cabeça	I got my hair, got my head
Tenho meu cérebro, tenho minhas orelhas	Got my brains, got my ears
Tenho meus olhos, tenho meu nariz	Got my eyes, got my nose
Tenho minha boca	Got my mouth
Eu tenho	I got my
Eu tenho a mim mesma	I got myself
Tenho meus braços, minhas mãos	I got my arms, got my hands
Tenho minhas orelhas, minhas pernas	Got my fingers, got my legs
Tenho meus pés, e meus dedos	Got my feet, got my toes
Tenho meu fígado	Got my liver
Tenho meu sangue	Got my blood
Eu tenho uma vida	I've got life
Eu tenho vidas!	I've got lives
Tenho o meu cabelo, tenho minha cabeça	I got my hair, got my head
Tenho meu cérebro, tenho minhas orelhas	Got my brains, got my ears
Tenho meus olhos, tenho meu nariz	Got my eyes, got my nose
Tenho minha boca	Got my mouth
Eu tenho o meu sorriso!	I got my smile
Eu tenho a minha língua, meu queixo	I got my tongue, got my chin
Meu pescoço e meus seios	Got my neck, got my boobs
Meu coração, minha alma	Got my heart, got my soul
E minhas costas	Got my back
Tenho meu sexo	I got my sex
Tenho meus braços, minhas mãos	I got my arms, got my hands
Meus dedos, minhas pernas	Got my fingers, got my legs
Tenho meus pés, e meus dedos	Got my feet, got my toes
Tenho meu fígado	Got my liver
Tenho o meu sangue	Got my blood
Eu tenho vida	I've got life
Eu tenho minha liberdade	I've got my freedom
Ohhh	Ohhh
Eu tenho a vida!	I've got life

(Adaptada de *Ain't got no - I GOT LIFE*, cantada por NINA SIMONE. Escrita por James Rajado e Gerome Ragni)

RESUMO

Esta tese em Psicologia problematizou como sujeitos homossexuais, que vivem em cidades pequenas, inventam-se, fabricam-se, fazem-se a partir da resistência às verdades, discursividades e normatividades, que são impostas sobre eles e sobre suas homossexualidades. Que fissuras, no tecido social, no aparato discursivo e em si mesmos, foram necessárias para reconhecerem a homossexualidade como posição de sujeito possível? Busquei, nas narrativas e experiências (subjetivações) daqueles homens homossexuais, compreender que práticas políticas de liberdade, de resistência e de cuidado de si, surgiram a partir da constatação de que não poder viver a homossexualidade é um dano. No que concerne à experiência da homossexualidade como posição do sujeito, inspirado no pensamento de Foucault sobre experiência, articulei saberes e teorias sobre a temática, em campos multideterminados, à matriz sexo-gênero como produtora de heteronormatização e aos modos de existências de homens gays em uma cidade do interior que apresentasse características de vigilância, religiosidade e controle. Observei descontinuidades e historicidades que há no processo hermenêutico do voltar-se para si; refleti sobre a coexistência de discursos sobre determinado objeto; problematizei as possibilidades da busca pela verdade, ciente de sua construção sociocultural e de sua discursividade. Apoiado em Rancière transgredir ao paradigma do consenso do que seja política e acessei o importante peso da subjetivação e de seus processos, colocando a subjetividade, e o cerceamento dela, no campo da visibilização, do conflito, do instável e da ação. Em termos metodológicos, utilizei-me de princípios cartográficos para experimentar a subjetividade e seus fluxos ocorridos na pesquisa. Ao cartógrafo cabe a tarefa política de apresentar estes enfrentamentos, estes modos de vida não assujeitados presentes nas práticas sociais, fazendo uma crítica constante de qualquer que seja a construção imaginária, simbólica, cognitiva, acadêmica, de um/a outro/a. Por meio de convivências, de entrevistas, de conversas informais, de análise de documentos escritos (cartas), da participação de eventos públicos e privados, da imersão nas comunidades/territórios e de encontros com os participantes, compartilhei com aqueles jovens este mapeamento/viagem. O “tornar-se gay” foi entendido aqui como um efeito de um tipo de subjetivação política. Aquela a que sujeitos gays passam a participar ativa e performativamente das decisões da “cidade” (na comunidade, na família, com os amigos/as, no trabalho, na universidade) sobre os outros e sobre si, ainda, que de maneira precária.

Fazer política então é um desejo de igualdade e de reciprocidade, é uma forma de resistência necessária às práticas de liberdade. Esta tese demonstra que se voltar para si implica em compreender a diferença como uma possibilidade de fazer escolha por sua existência; é um cuidado de si, uma produção de modos de vidas menos precários. A hermenêutica, que me dispus a fazer sobre a homossexualidade, não deve ser tomada como um método, mas, como um movimento analítico; como um efeito de compartilhar cenas das vidas dos homens gays participantes da pesquisa (incluindo a mim). Implica em um exercício territorial e historicamente localizado. Tal compartilhar possibilitou-me compreender como eles interpretam/refletem/agem/vivem as interpretações de si, por si, pelos outros e pelas interpretações dos outros.

Palavras-chave: Homossexualidade. Processo de Subjetivação. Política. Resistência. Cidades pequenas.

ABSTRACT

This thesis in Psychology problematized how homosexuals, who live in small cities, re-invent themselves and are made from the resistance to the truths, discourse and normativities, that are imposed on them and on their homosexualities. What cracks, in the social fabric, in the discursive apparatus and in themselves, were necessary to recognize homosexuality as a possible subject position? I sought in the narratives and experiences (Subjectivation) of those homosexual men to understand that political practices of freedom, resistance and self-care arose from the realization that not being able to live homosexuality is an harmful. Concerning the experience of homosexuality as the subject's position, inspired by Foucault's thinking on experience, I articulated knowledge and theories on the subject in multi-determined fields, the sex-gender matrix as a producer of heteronormatization, and the modes of existence of gay men in a small town of the interior that presented characteristics of vigilance, religiosity and control. I have observed discontinuities and historicities in the hermeneutic process of turning to oneself; I reflected on the coexistence of discourses on an object; I questioned the possibilities of the search for truth, aware of its sociocultural construction and discursiveness. Supported by Rancière, I transgressed the paradigm of the consensus of what is political, and I acceded to the important weight of subjectivation and its processes, placing subjectivity, and the restriction of it, in the field of visibility, conflict, unstable and action. In methodological terms, I used cartographic principles to experiment with the subjectivity and its fluxes that occurred in the research. The cartographer has the political task of presenting these confrontations, these unassisted ways of life present in social practices, making a constant critic of whatever the imaginary, symbolic, cognitive, academic construction of one another. Through coexistence, interviews, informal conversations, analysis of written documents (letters), participation in public and private events, immersion in communities / territories and meetings with participants, I shared with the young people this mapping / trip . In this sense, "becoming gay" was understood here as an effect of a kind of political subjectification. The one to which gay subjects are actively and performatively participating in the decisions of the "city" (in the community, in the family, with friends, at work, in the university) about others and about themselves, rather than in a precarious way. Making politics then is a desire for equality and reciprocity, it is a necessary form of resistance to the practices of freedom. In this sense, this thesis demonstrates that turning to oneself

implies understanding the difference as a possibility to make a choice for its existence; It is a care of oneself, a production of less precarious ways of life. Hermeneutics, which I set out to do about homosexuality, should not be taken as a method, but as an analytical movement; As an effect of sharing scenes from the lives of gay men participating in the survey (including me). It implies a territorial and historically located exercise. Such sharing made it possible for me to understand how they interpret / reflect / act / live the interpretations of themselves, for others, and for the interpretations of others.

Keywords: Homosexuality. Subjectivation process. Politics. Resistance.

Small towns.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa com rotas de Florianópolis-Realeza / Realeza-Florianópolis.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS

APPS – *APPLICATIONS* OU APLICATIVOS (Programas instalados em celulares inteligentes com uma funcionalidade específica (clima, agenda, comunicação))

DC – DIÁRIO DE CAMPO

DSM-IV - DIAGNOSTIC AND STATISTICAL MANUAL OF MENTAL DISORDERS (MANUAL DIAGNÓSTICO ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS)

DST – DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

GLBTT – GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSGÊNEROS

HIV – VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

HIV/Aids – SÍNDROME DA IMUNODEFICIÊNCIA ADQUIRIDA

IFES – INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO

IST – INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

PIBID - PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

UDESC – UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

UFFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

UFSC – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

SUMÁRIO

1. ANTELÓQUIO DE TESE:	23
1.1 ... Da(s) homossexualidade(s) como posição de sujeito(s)	29
1.2 ... Da Hermenêutica	37
2 (DES)CAMINHOS DO DESEJO NA CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISA CARTOGRÁFICA	47
2.1 Do método (?) cartográfico: subjetividade, ética e política	51
2.2 Anotações do desejo 1: do litoral catarinense ao planalto paranaense	59
2.3 Anotações do desejo 2: cordialidade, homofobia e (hetero)norma.....	63
2.4 Anotações do desejo 3: professor, imigrante e amante de homens.....	69
2.5 Anotações do desejo 4: os “bons encontros” como aumento da capacidade de agir e pensar.....	73
2.5.1 Sobre meninos-homens e a arte do encontro	79
2.6 Homossexualidade: derivas, (des)territorialidades e interseccionalidade.....	85
3 FEMINISMOS E OS ESTUDOS SOBRE HOMENS E MASCULINIDADES	97
3.1 Feminismos: 2ª onda, negras lésbicas e marxistas	101
3.2 Feminismos: o conceito de masculinidades	105
3.3 Masculinidades e os estudos sobre homossexualidade	113
4 POLÍTICA E SUBJETIVIDADE	121
4.1 Discurso, dissenso e política	123
4.2 A posição de sujeito como efeito de práticas de resistência	135
5 FAZER-SE GAY como experiência política	145
5.1 Do “você é gay(?)” ao “eu sou gay”: tornar-se quem se é	151
5.2 “Pôr a nossa cara no sol”: olhar para si e práticas de resistência.....	183
5.3 “Bebeu, beijou; bebeu, transou”: desejo, prazer e estratégias de socialização em cidades pequenas	215

5.4 Amizades, amores e sexo: “a coragem da verdade” como produção de subjetividade.....	237
5.5 Cartas e infâmias: sobre se, ou não se, deixar governar pelo ressentimento	255
5.5.1 Homofobia, família e heterossexismo: condições de possibilidades de resistência.....	257
5.5.2 Carta de uma “Megera”.....	265
5.5.3 Sobre o amor à família e aos homens.....	283
6 ELOGIO À HOMOSSEXUALIDADE.....	307
ÍNDICE REMISSIVO.....	317
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	325

1. ANTELÓQUIO DE TESE: ...

Outra coisa da qual é preciso desconfiar é a tendência de levar a questão da homossexualidade para o problema "Quem sou eu? Qual o segredo do meu desejo?" Quem sabe, seria melhor perguntar: "Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?" O problema não é o de descobrir em si a verdade sobre seu sexo, mas, mais importante que isso, usar daí em diante de sua sexualidade para chegar a uma multiplicidade de relações. E essa, sem dúvida, é a razão pela qual a homossexualidade não é uma forma de desejo, mas algo de desejável. Temos que nos esforçar em nos tornar homossexuais e não nos obstinarmos em reconhecer que o somos".
(Foucault)¹

"É próximo das 21 horas, viajava há alguns dias para começar a trabalhar em uma Universidade no interior do Paraná, não conhecia o Estado, a cidade, as estradas, os relevos. Era um mundo de expectativas que me aguardava. Como seria viver em uma cidade que tem o mesmo número de habitantes do bairro em que cresci? Que corpos, que oportunidades de amizades, de sexo, de encontros, de prazer, de costumes haveria ali? Tudo era duvidoso e obscuro. Eis que ao chegar à cidade, a primeira pessoa que vejo era um homem travestido de mulher, mais tarde viria a conhecê-lo/a. Foi interessante, me deu esperança, fiquei mais leve. Parei a moto em frente ao primeiro hotel que encontrei na avenida central da cidade, desci e olhei em volta, não havia mais ninguém na rua. Apenas aquele corpo anunciando que havia mais do que meu arcabouço sociológico sabia sobre os sujeitos que vivem em cidades pequenas. Parece-me que era o "destino" dando-me pistas dos processos de subjetivações, no sudoeste do Paraná, de que haveria mais relevos do que o planalto que o encerra".
(Emerson Martins)²

¹ FOUCAULT, Michel. **A amizade como modo de vida**. Entrevista de Michel Foucault a Cecault, Danet e Bitoux, Publicada no Jornal Gai Pied, N 25, ABRIL DE 1981.

² MARTINS, Emerson. **Anteprojeto de tese**, 2015, p. 01. (Arquivo Pessoal)

Dediquei-me nesta tese em compreender como sujeitos homossexuais, que vivem em cidades pequenas, inventam-se, fabricam-se, fazem-se a partir da resistência às verdades, discursividades e normatividades, que são impostas sobre eles e sobre suas homossexualidades. Que fissuras, no tecido social, no aparato discursivo e em si mesmos, foram necessárias para reconhecerem a homossexualidade como posição de sujeito possível? Busquei, nas narrativas e experiências (subjetivações) daqueles homens homossexuais, compreender que práticas políticas de liberdade, de resistência e de cuidado de si, surgiram a partir da constatação de que não poder viver a homossexualidade é um “dano”³.

Construo nesta tese uma interpretação, uma leitura do real, de como sujeitos, homossexuais de cidades pequenas e zonas rurais, experienciaram os processos de normatização, de práticas de resistência, e, ou, também de sujeição ou submissão à heteronorma; produzindo novas verdades, novas cenas, novas ficções, que possam ser usadas como ferramentas de resistência às dominações. Como diz Foucault,

a ação política pertence a um tipo de intervenção totalmente diferente dessas intervenções escritas e livrescas; é um problema de grupos, de engajamento pessoal e físico. Não se é radical por se ter pronunciado algumas formulas, não, a radicalidade é física, a radicalidade concerne à existência.⁴

Quero dizer, olhei para os modos como aqueles sujeitos compreendem suas subjetivações políticas, as relações verdade/poder e saber/poder. Dediquei-me, sobremaneira, para que a discursividade, os

³ RANCIÈRE, J. **O Espectador Emancipado**. Orfeu Negro: 2010.

⁴ FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 22. Org. e trad. Roberto Machado. ed. São Paulo: Graal, 2006, p. 279.

enunciados e as enunciações, que esta tese simulacra, não sirvam ao universal, à verdade despolitizada ou a uma justiça cega, urbana, branca, heterossexual e plutocrática, nas dominações que estas encarnam. Justamente, por essas questões, estive atento também aos movimentos de vigilância e conservadorismo atuantes na subjetivação da homossexualidade naqueles territórios de cidades pequenas.

Algumas interrogações ao longo da pesquisa, na relação com os participantes e com o campo, surgiram com recorrência e são o escopo da tese, a saber: como os jovens gays que participaram desta pesquisa experienciam/experienciavam sua homossexualidade - ou de traços daquilo que não é “identificado” nas interações sociais como heteronormativo ou ainda de características de comunicabilidade distinta do desejo normativo, binário, vigiado? Como um corpo masculino considerado mais efeminado, por exemplo, de alguma forma comunica e produz significados e relações, ainda que este corpo não se oriente por um desejo homossexual? Que efeitos a gayzisse/viadagem/bichisse produz naquelas práticas de constituição de sujeitos? Essa posição de sujeito se dá de uma maneira performática, no sentido de produzir uma ação a partir do comportamento mais engajado com visibilização e promoção de direitos (civis e éticos)? Se, e se, como os jovens gays significam esses traços que as pessoas atribuiriam à homossexualidade para mostrar suas presenças no mundo? Que mudanças operaram e observaram a partir do momento em que suas posições de sujeitos homossexuais se encontraram em territórios em que a alteridade é solapada pela norma?

O “tornar-se gay” é entendido aqui como um efeito de um tipo de subjetivação política de sujeitos gays que passam a participar ativa e

performaticamente das decisões da “cidade” (na comunidade, na família, com os amigos/as, no trabalho, na universidade) sobre os outros e sobre si. Creio que um sujeito político por excelência é aquele que voltado para si compreende seu lugar na cidade/polis (grande ou pequena) como ativo e responsável por tornar-se um sujeito de direitos.

Os sujeitos, analogamente aos aprendizes epicuristas, “devem salvar-se uns aos outros, salvar-se uns pelos outros”.⁵ Sem embargo, ao problematizar a homossexualidade como posição do sujeito em uma cidade pequena, não visibilizei as exclusões e as violências sofridas por aqueles que não seguem a “verdade” da norma, *mas seu posicionamento frente àqueles processos*. Meu compromisso ético-político foi contribuir para a criação de territórios nos quais a comunicabilidade seja possível entre o sujeito da norma e entre o sujeito desviante; “salva-se” assim não apenas os sujeitos desviantes, mas, a todos os sujeitos. Fazer política é então um desejo, um reconhecimento, de igualdade e de reciprocidade. Na busca por tornar-se sujeito, subjetivar-se politicamente é uma forma de resistência necessária às práticas de liberdade.

Portanto, esta tese é contra discursiva, pois, como adverte Foucault,

se designar os focos, denunciá-los, falar deles publicamente é uma luta, não é porque ninguém ainda tivera consciência disto, mas porque falar a esse respeito – forçar a rede de informação institucional, nomear, dizer quem fez o que fez designar o alvo – é uma primeira inversão de poder, é um primeiro passo para outras lutas contra o poder. Se discursos como, por exemplo, os dos detentos ou dos médicos de prisões são lutas, é porque eles confiscam, ao menos por um

⁵ RANCIÈRE, J. **O Espectador Emancipado**. Orfeu Negro: 2010, p. 349

momento, o poder de falar da prisão, poder atualmente monopolizado pela administração e seus compadres reformadores.⁶

Ambiciono, particularmente, como educador que sou, contribuir para a invenção/criação/divulgação de novos modos de vida, de novas práticas culturais que privilegiem a diferença e a diversidade humana, que resistam às poderosas forças dominadoras/normatizadoras. Um educador, penso eu, não só media saberes, mas os politiza, os retira de sua formação disciplinar, para assim poder produzir uma crítica àqueles mesmos saberes, desvelando seus efeitos e relações com o poder. Não há um pesquisador sem o pedagogo/docente e o homem que me faço, estou imbricado nestas múltiplas posições de sujeitos, politizando-me, fazendo-me na experiência de viver o mais plenamente possível.

⁶ FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 22. Org. e trad. Roberto Machado. ed. São Paulo: Graal, 2006, p. 75-76.

1.1 ... Da(s) homossexualidade(s) como posição de sujeito(s)

*“ah, para onde devo ainda subir com o meu anseio?
De todos os montes lanço o olhar, em busca de pátrias e
mátrias.*

*Mas terra natal não encontrei em lugar nenhum:
errante sou em todas as cidades, e me acho de partida em
todos os portões.”*

(Friederich Nietzsche)⁷

O existir? O real? A verdade? O pensamento? O racional? O intuitivo? Grandes perguntas da humanidade – sobre a existência, a realidade, a verdade, o pensamento, a razão, a intuição – resumem-se em outra pergunta: o sujeito? Há ou não um sujeito, um “eu”, uma entidade capaz de encarnar a presença? Da filosofia da “*Physis*”, como busca dos princípios das coisas, até a Física Quântica, o grande “problema” de uma resposta segura para todas aquelas perguntas é: “(o) que(m) olha o que(m)?”. Incide-se na intrínseca e ambígua armadilha de olhar para o que se é, sendo possível que não exista um “é”, um “ser”, um “eu”. Foucault termina “a hermenêutica do sujeito” perguntando-se:

De que modo aquilo que se oferece como objeto de saber articulado pelo domínio da *tékhnē* pode ser ao mesmo tempo o lugar em que se manifesta, em que experimenta e onde dificilmente se realiza a verdade do sujeito que somos? De que modo o mundo, que se oferece como objeto de conhecimento pelo domínio da *tékhnē* pode ser ao mesmo tempo o lugar em que se manifesta e em que se experimenta o “eu” como sujeito ético da verdade?⁸

⁷ NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. Trad. , notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011, 115.

⁸ FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 438.

A dúvida das dúvidas. Sabe-se que o pensamento, o ocidental, buscou de muitas maneiras produzir uma ontologia. Desde os socráticos, aos pós-estruturalistas e sua “crise do eu” (crítica a um sujeito universal, teleológico e individualizado), buscou-se produzir verdades em torno do que seja o “eu”, a presença, o “*ontos*” (natureza, realidade, sujeito) ou mesmo da forma como se constituí este eu. Nesta seara, aproximo-me aqui do sujeito postulado por Foucault, em seus últimos “ditos e escritos”, o sujeito da verdade, auto constituído pelas técnicas de si, as quais são

procedimentos, que, sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimentos de si por si.⁹

Foucault dividirá essas técnicas em quatro grupos, interessando-se mais pelos dois últimos, relativos ao que denominou de governamentalidade: “o encontro das técnicas de dominação exercida sobre os outros e das técnicas de si”¹⁰.

1 as técnicas de produção graças às quais podemos produzir, transformar e manipular objetos; 2) as técnicas de sistemas de signos, que permitem a utilização de signos, de sentidos, de símbolos ou de significação; 3) as técnicas de poder, que determinam a conduta dos indivíduos, submetendo-os a certos fins ou à dominação,

⁹ FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 462.

¹⁰ FOUCAULT, M. « Technologies of the self ». In.: **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, Vol. IV, p. 783-813, Trad. Karla Neves e Wanderson flor do nascimento. 1994. p. 02. Disponível em <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/tecnicas.pdf>

objetivando o sujeito; 4) as técnicas de si, que permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade.¹¹

Ressalte-se que o próprio Foucault produziu deslocamentos na forma como via o sujeito, se em algum momento afirmou a “morte do homem”, certamente, em seus últimos cursos ele o ressuscita. Passa a afirmar um sujeito que, na relação com dadas práticas de cuidado na relação com o conhecimento, faz-se não mais pelas técnicas de dominação ou discursivas. Um sujeito da existência, mas com raízes históricas, éticas e imanentes, distanciando-se do projeto sartriano e de outras correntes filosóficas nas quais a existência também é o mote dessas analíticas.¹²

Afirma Foucault, a respeito de uma tradição crítica dentro da filosofia moderna e contemporânea, nascida no iluminismo e nas teorias da revolução, de que “não se trata, nesse caso, de uma analítica da verdade. Tratar-se-ia do que poderíamos chamar de uma ontologia do presente, uma ontologia da atualidade, uma ontologia da modernidade, uma ontologia de nós mesmo”¹³. Analogamente à discussão que Foucault produz, ulteriormente a citação, penso que a questão da qual se

¹¹ FOUCAULT, M. « Technologies of the self ». In.: **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, Vol. IV, p. 783-813, Trad. Karla Neves e Wanderson flor do nascimento. 1994. Disponível em <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/tecnicas.pdf>.

¹² Id., **A hermenêutica do sujeito**, 2010

¹³ Id. **A história da Sexualidade**: A vontade de saber. Trad. Maria Therez da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 23ª impressão. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2013, p. 21.

deve ocupar o fazer analítico encontra-se em compreender o sujeito como um acontecimento, uma constituição/invenção histórica, na qual a verdade é possível quando voltada para o atual, para a delimitação dos territórios de existências atuais e para práticas de vida possíveis.

Ainda inspirado em Foucault¹⁴ e¹⁵, penso que a multiplicidade destas manifestações do sujeito forja-se na possibilidade do conflito como constituinte das relações em um dado território, em um dado mundo comum. Nele, estabelecem-se posições aos sujeitos, produzindo em consequência resistências, possibilidades de constituição de espaços de lutas e de relações de poder em todo lugar. A resistência funda e suscita relações de poder como também é fundada por elas, configura estratégias e contra estratégias produzidas pelos sujeitos, exercendo suas possibilidades de práticas de liberdade, em posições que ocupam em um dado tempo e lugar. Para Foucault¹⁶, a resistência coexiste ao poder, a ele se assemelha e se constitui - possuem uma reciprocidade indissolúvel. Eribon afirmara a respeito de Foucault que “resistência foi, desde o início, a um só tempo a motivação e o próprio objeto de todo o seu empreendimento intelectual”.¹⁷

Pensar o sujeito é pensar as políticas possíveis e as praticadas por esses mesmos sujeitos na produção de suas existências, pensar “as

¹⁴ FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro: Graal, 1999.

¹⁵ Id. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995

¹⁶ Id., *Ibid.*

¹⁷ ERIBON, D. Reflexões sobre a questão gay. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008. p. 297.

possibilidades indefinidas de transformação do sujeito”.¹⁸ Almeida sugere que

pensar com a teoria social sobre a história, a sociologia e a antropologia do gênero e da sexualidade; promover uma crítica cultural radical incluindo a visibilidade de experimentações e estéticas de vida diversas; e praticar a política do possível e do concreto na prossecução do projeto liberal para o campo sexual e de gênero.¹⁹

Nestas lutas, observa-se que os movimentos sociais e muitos dos processos de subjetivação têm sido pensados/agenciados em torno das questões do essencialismo estratégico²⁰ - identidade, política, estratégias de resistência, transformação social e também na própria produção de conhecimento. Almeida adverte para o perigo de que o essencialismo estratégico perca de vista a ambiguidade intrínseca entre pensar a identidade como não fixa ou exclusivamente como identidades criadoras de coletivos. Nesta perspectiva, penso que não se pode confundir o que seja sujeito, com o que seja identidade. A identidade, como aqui a percebo, é muito mais um recurso do sujeito para produzir interpelações, interrelações e encontros consigo e com os outros, mas nunca estática, sempre aberta e cambiante. Já o sujeito esta no nível de como uma identidade é negociada subjetivamente, negada, atribuída a si ou ao outro. O sujeito é, para mim, topológica e existencialmente mais amplo que as identidades. De forma radical, não há problema que existam identidades, que alguém possa se dizer “eu sou negro” ou “eu

¹⁸ FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. 2010, p. 475.

¹⁹ ALMEIDA, Miguel Vale de. **Ser mas não ser, eis a questão**. O problema persistente do essencialismo estratégico. Working Paper CRIA 1, Lisboa. 2009. p. 07

²⁰ Id., Ibid.

sou gay”, a questão problemática está nas relações de poder e resistência a que os sujeitos estão imersos a partir de posições identitárias ou pós-identitárias. O sujeito faz-se esteticamente e sensivelmente em um projeto ético de cuidado de si e de relações de poder muito concretos.

Na modernidade, a concepção de identidade foi construída discursivamente para estabelecer e institucionalizar a figura do anormal. Nesta medida, pensar esses jogos de verdade em torno do sexo/sexualidade, para além da esfera da governamentalidade, remete-me a destacar a regulação e a produção de identidades binárias e normatizadas. Tal normatização ocorre como efeito de uma estilística de gênero coerente entre si ²¹, que, por sua vez, ignora/escamoteia as “identidades” que não mantêm a coerência esperada por essa matriz. Um jogo de forças se instaura como luta pela possibilidade de fala, de visibilidade e de produção de outras verdades. Destitui-se, por um lado, o sujeito da participação política, mas, por outro, paradoxalmente, criou-se as condições para que os sujeitos se tornem políticos. Pois, não só sua participação – de sujeitos desviantes - na comunidade política, mas de sua inteligibilidade, são efeitos de produções discursivas estéticas e éticas. Estas produções são fabricadas pela experiência do dissenso, do desentendimento, da resistência, dos limites, dos objetivos e dos conflitos existentes, imanentes, naquela matriz de produções de sentidos, naquele mundo comum instaurado pelas experiências coletivas e pessoais de subjetivação. ²²

A essencialização, de qualquer noção, bem como, da identidade

²¹ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003.

²² RANCIÈRE, J. **O desentendimento: política e filosofia**, tradução de Ângela Leite Lopes, São Paulo, Editora 34, 1996.

promove sobre as pessoas individualmente e sobre os grupos sociais uma constitutividade elementar e totalizante, dá uma forma que se propõe atemporal e com fronteiras bem definidas, biologiciza aquilo que se dá nas relações e somente por elas. Elementarmente, em pesquisa, somos forçados pelo hábito, quiçá pelo desejo de nos comunicarmos, a nomear, classificar, apresentar e/ou reapresentar construções discursivas tais como gênero, orientação, raça e outras. Todavia, não se pode perder de vista na pesquisa acadêmica o problema que isto traz a um projeto de investigação feminista ou pós-crítico: o essencialismo identitário como uma ficção.²³

Em termos conceituais e epistêmicos, faz-se necessário ressaltar as inúmeras críticas dirigidas às expressões “homossexual/homossexuais” ou “gay/gays”.²⁴ Penso que o uso destas como categorias de análise e de visibilidade, além de seu potencial político (como uma posição de sujeito suscetível às violências, como nichos de mercado e nas demandas de direitos), tem sua relevância e pertinência. Reafirmo que não as percebo como categorias universalizantes e totalizadas ou totalizantes, em um sentido estrito. Nesta tese, ao utilizar-me das categorias/conceitos/expressões “homossexuais/homossexual” ou “gay/gays”, estou referindo-me aos homens que vivenciam a homossexualidade como uma posição de sujeito. Esses homens se relacionam sexual, cultural, afetiva e

²³ WERBNER, Pina; MODOOD, Tariq (Ed.). *Debating Cultural Hybridity, Multi-Cultural Identities and the Politics of Anti-Racism*. London: Zed, 1997.

²⁴ CÓRDOVA, Luiz Fernando Neves. **Trajetórias de homossexuais na ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

eroticamente com outros sujeitos do mesmo gênero (ou sexo) e que assim se reconhecem e se autodenominam homossexuais. Entendo a homossexualidade como constituinte e constitutiva de processos de subjetivação destes homens: há tantas formas de viver a homossexualidade quanto há homens.

A experiência da homossexualidade vivenciada pelos sujeitos participantes da pesquisa, e também por mim, permitiu-me interpretar determinadas expressões discursivas e normativas dos dispositivos de assujeitamento nos processos de subjetivação de homens que se posicionam como homossexuais. As práticas culturais, os processos de subjetivação e os sentidos atribuídos aos sujeitos desviantes da masculinidade hegemônica²⁵ - que desejam e são possuidores de certas imagens e compreensões de si mesmos -, destacam a pluralidade da(s) própria(s) masculinidade(s) e da(s) corporeidade(s). Isto no que diz respeito ao imaginário das cidades pequenas como corolário da homogeneidade sexual.²⁶ Não conceituo propriamente a homossexualidade, a tomo como experiência, como um espaço de produção de subjetividade ou de subjetivação, que exige determinadas ações no âmbito do político, na construção de verdades e de resistência ao heteronormativo.^{27, 28 e 29}

²⁵ CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1995.

²⁶ FERREIRA, Paulo Rogers da Silva. **Os afectos mal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas**. 2006. 173 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

²⁷ ALOS, Anselmo Peres. Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética queer. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 3, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000300011&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 24/09/2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2010000300011>

1.2 ... Da Hermenêutica

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: “me ajuda a olhar!”³⁰
(Eduardo Galeano)

Os discursos normativos e os dispositivos da sexualidade interpelam, modificam, normatizam, fabricam e recriam estratégias e processos de subjetivação política como experiências de resistência e transgressão desses homens que se autodenominam homossexuais. Com a ajuda de Foucault e outros, demonstro que a possibilidade de descrever os/as outros/as pré-definem, relacionalmente, como esses/as outros/as são vistos/as. A possibilidade de descrever o outro é, como chamam os antropólogos, uma “magia simpática” que produz dispositivos, que são ferramentas de controle, e por que não dizer, alienantes, no sentido de buscar a dominação, e, portanto, constituintes da esfera política: contestação, consenso, subversão, conflito, disputa.

²⁸ Id., Ibid.

²⁹ MISKOLCI, Richard. O vértice do triângulo: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no fin-de-siècle brasileiro. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 547-567, ago. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 nov. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200014>.

³⁰ GALEANO, Eduardo. **O livro dos Abraços**. Trad. Eric Nepomuceno. 2º Ed. Porto Alegre:L&PM., 2008, p. 15.

Em outras palavras, assumo aqui que não há verdades, que não há fatos, “há versões”, como diria Nietzsche; essas interpretações da verdade, como se sabe, manifestam-se nas interpretações religiosas, científicas, filosóficas e de cada sujeito dito vivo, mas são, afinal, um exercício cotidiano de “elucidação de sentido”³¹; são jeitos situados de olhar e dizer de si e do mundo.

Para Foucault,

interpretar é uma maneira de reagir à pobreza enunciativa e de compensá-la pela multiplicação do sentido; uma maneira de falar a partir dela e apesar dela. Mas analisar uma formação discursiva é procurar a lei de sua pobreza, é medi-la e determinar-lhe a forma específica.³²

Ao “pensar o “valor” dos enunciados” caracterizo a precariedade em que estes ocorrem e suas manifestações cotidianas. Neste sentido, o acontecimento discursivo - seja ele a homofobia³³, a misoginia, as manifestações de práticas culturais normativas, hierarquizantes e excludentes -, pode ser perseguido pelo reconhecimento de estratégias de montagem, pela detecção dos momentos de interpretação daquilo que é considerado abjeto, menor³⁴, importante ou maior.

³¹ VEYNE, P. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa [trad. Marcelo Jacques d morais] – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 26.

³² FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de L. F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 136.

³³ POCAHY, Fernando (Org.) **Rompendo o silêncio**: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007

³⁴ SCHENKEL, Klara Maria. **Da voz passiva à homossexualidade**: análise de alguns procedimentos de leitura no vestibular / Klara Maria Schenkel. - - Campinas, SP: [s.n.], 2003. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000349562&fd=y>, acessado em 03/03/2016.

Não quis explicar a homossexualidade, mas, apresentar meu olhar sobre experiências e práticas de sujeitos que se auto intitulam, ainda que não fixamente, homossexuais. Sobre a noção de experiência, inspiro-me no que Foucault chamou de “foco de experiência”, na qual se buscava uma análise que articulasse a “forma de um saber possível, matrizes normativas de comportamento, modos de existência virtuais para sujeitos possíveis”³⁵. Nesta perspectiva analítica, fiz revisões literárias que me ajudaram a compreender como a homossexualidade é, diga-se, sabida academicamente, pelas diversas áreas, em particular, a Psicologia, por força da área que este estudo se inscreve. Em um segundo momento, problematiza-se como as matrizes de comportamento - neste caso, a matriz sexo-gênero - produz a heteronormatização. E, por fim, acessei modos de existências de homens gays em uma cidade do interior que apresentasse características de vigilância, religiosidade e controle.

Apoiei esse movimento analítico interpretativo em minha formação em campos multideterminados de saberes e de teorias para compreender esses processos de resistência. Para tal, penso o campo epistemológico, a para de Foucault, não como uma estrutura específica que delimita um campo específico, não como um campo fixo, mas sim variado. Para mim, sempre é possível que exista múltiplos olhares, múltiplas histórias, múltiplas interpretações. O olhar sociológico me ajudou a observar as discontinuidades e a historicidade que há no processo hermenêutico do voltar-se para si; Já o olhar antropológico,

³⁵ FOUCAULT, m. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (19982/1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013, p. 05

auxiliou-me a pensar a coexistência de discursos sobre determinado objeto, essa teia de disputas por significados; Pela filosofia, lancei-me nas possibilidades da busca pela verdade, ciente de sua construção sociocultural e, portanto, de sua discursividade; pela teoria política, transgredi ao paradigma do consenso e acessei o importante peso do dissenso, da subjetivação e de seus processos; E, por fim, pelo campo das psicologias, intentei uma superação do psicologismo generalizado, colocando a subjetividade no campo da política.

A Psicologia, como ciência, e como forma de pensamento moderno, surge como uma racionalidade do “eu”. Dizer isto implica em atentar para o fato que ela fundou-se em uma perspectiva cartesiana, ergo, o fenômeno psicológico restringia-se, quiçá ainda em muitos casos, a uma existência mental ligada ao interior/pensamento/individual/cognitivo, em detrimento do exterior/material/social/empírico. Esse dualismo interno/externo se mostra um dos grandes problemas da psicologia contemporânea.

Não cabe aqui, fazer um recorrido de como a Psicologia, em seus vários enfoques, tenta resolver esta problemática. Interessa-me como certa Psicologia Social³⁶ encara os processos existentes na relação entre interioridade e exterioridade. Entenda-se aqui que não é a substituição hierárquica de um pelo outro, mas, exatamente, os efeitos produzidos de um sobre o outro, ressaltando que o exterior não é formado apenas por humanos, se não por outras naturezas, por artefatos (físicos e institucionais).

³⁶ PRADO FILHO, K. Para uma arqueologia da psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, 23(3), 2011

A contemporaneidade tem sido espaço para a manifestação de inúmeras sociabilidades “que ainda não estão completamente assimiladas pelos agentes e instituições”.³⁷ Essas sociabilidades permeiam transformações/borramentos de fronteiras temporais e espaciais - para não dizer reais e virtuais -, atravessam as lutas políticas dos movimentos sociais (feminista, LGBTT, negro, pela moradia e pela terra, por exemplo) que reivindicam a legitimidade das diferenças.³⁸ Interessa-me, substancialmente, algumas das ideias associadas a um pensamento que se auto intitula ou é “acusado” de pós-crítico. Há nessa perspectiva fatores que sugerem e indicam uma desconfiança, ou mesmo uma rejeição: dos grandes discursos e da racionalidade; da revolução, como superação do antigo e instauração do novo; da história, universalizante e determinada; da noção de indivíduo moderno, unitário, coerente e essencializado.

Em contrapartida, essa Psicologia Social anuncia a necessidade do pluralismo, da multidimensionalidade, da complexidade da subjetivação e de seus processos e da necessidade de revisão de construtos e olhares acerca da política, da linguagem, da ética e da própria estética. Por outro lado, há críticas muito contundentes a respeito de seu flerte com o liberalismo (no concerne ao debate sobre individualismo e comunitarismo na teoria política)³⁹, que deixa de lado

³⁷ OLIVEIRA, L. Corpos que escapam: ação cultural como resistência. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 34, n. 2, p. 61-71, dez. 2008, p. 87.

³⁸ ALMEIDA, Miguel Vale de. **A chave do armário**. Homossexualidade. Casamento. Família. Florianópolis: UFSC, 2010. 225 p.

³⁹ PRADO, Marco Aurélio Máximo. A Psicologia Comunitária nas Américas: o Individualismo, o Comunitarismo e a Exclusão do Político. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 15(1), 2002

uma crítica cultural e política importante promovida pelo noção de coletivo e de identidade.

Estou encharcado do estruturalismo das ciências humanas, que minha formação socioantropológica é altamente refém da ideia de estrutura essencializada, sendo um desafio e um caminho, desejado por mim, pensá-la de maneira mais aberta, mais variável, mais fluída, mais transformável.⁴⁰ Sabe-se que o estruturalismo nas ciências humanas marca uma fase de oposição ao humanismo iluminista e instaura um novo paradigma, iniciando com a linguística de Saussure, com sua diacrônica (aspectos relativos à evolução histórica) e sincrônica (relativo ao sistema de elementos entre si relacionados, desconsiderando a historicidade dos mesmos), perpetuando a ideia de que a linguagem é um sistema e as características de relação e de negatividade dos elementos sistêmicos. Já, na Antropologia de Lévi-Strauss consolidam-se as ideias de totalidade e de interdependência entre seus elementos constituintes, “o erro da sociologia tradicional, e da linguística tradicional, estava em considerar os termos, e não as relações entre os termos”^{41 e 42}.

Como adverte Foucault, nas ciências sociais estruturalistas, o discurso não é “tesouro inesgotável”, se não

um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência

⁴⁰ MOTTA, Manoel de Barros. **Michel Foucault: arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Forense Universitária, 2005.

⁴¹ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 79.

⁴² OLIVEIRA, Nythamar de. Revisitando a crítica comunitarista ao liberalismo: sandel, rawls e teoria crítica. **Síntese** - Rev. de Filosofia v. 41 n. 131, 2014

(e não simplesmente em suas “aplicações práticas”), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política.⁴³

Nesta medida, enunciados políticos como direitos humanos, justiça, igualdade, direitos civis e a própria democracia, denunciam o “relativismo” em termos de práticas culturais. Há um conflito, uma disputa, não somente pelo significado daqueles enunciados, mas, de fato, porque estes significados são constructos socioculturais, são mais princípios que o centro de algo, são a ficção moderna tomada por realidade. Ressalto que ocorre uma obnubilação das possibilidades de alcançá-los, pois, o dano que tais enunciados buscam corrigir está invisibilizado pela crença de sua universalidade, solapando a diferença a qual deveria afirmar. O potencial político daqueles e de outros conceitos reemerge com a compreensão de que os mesmos não são estruturas fixas, mas, discurso e relações de poder. Isto é, reconhece-se o social como o território de jogos de verdade, de relações de poder, de resistência e de liberdade.

Logo, ao propor uma hermenêutica da homossexualidade, lanço-me a olhar modos de vidas possíveis de homens gays, a compreender como o ato de voltarem-se para si (de problematizarem/enfrentarem as verdades ditas sobre si) produz no sujeito a possibilidade de escolher pela liberdade, por práticas políticas de liberdade, por subjetivações que fissuram a norma, a suspendem, a transgridem. Nas palavras de Foucault,

⁴³ FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de L. F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 136-7.

Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética. Acredito que ser gay não seja se identificar aos traços psicológicos e às máscaras visíveis do homossexual, mas buscar definir e desenvolver um modo de vida.⁴⁴

Nesta perspectiva, entendo que se voltar para si é compreender a diferença como uma possibilidade de fazer escolha por sua existência; é um cuidado de si, uma produção de modos de vidas menos precários. Resistindo, então, ao governo dos outros⁴⁵ e às suas verdades. Como se tornam sujeitos da transgressão, da resistência, da afirmação política de suas diferenças? Meu empreendimento, enquanto pesquisador, foi compreender, como sujeitos fora da normatividade, sujeitos à margem, e seus ato(s) de resistência(s) são efeitos do cuidado de si, das práticas de existência e de uma subjetivação política.

A hermenêutica, que me dispus a fazer sobre a homossexualidade, não deve ser tomada como um método, mas, como um movimento analítico; um efeito de compartilhar cenas das vidas daqueles homens gays, que possibilitaram compreender de alguma maneira como eles interpretam as interpretações de si, por si, pelos outros e pelas interpretações dos outros. Em outras palavras, uma hermenêutica da homossexualidade implica em um exercício territorial e

⁴⁴ FOUCAULT, Michel. **A amizade como modo de vida**. Entrevista de Michel Foucault a Cecault, Danet e Bitoux, Publicada no Jornal Gai Pied, N 25, ABRIL DE 1981.

⁴⁵ Idem. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (1982/1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

historicamente localizado. Analisa-se, nesta hermenêutica, as interpretações dadas pelos sujeitos participantes da pesquisa (incluindo a mim) às suas experiências; e como estas interpretações afetam a forma como estes sujeitos refletem/agem/vivem sobre si a partir da própria homossexualidade ou da interpretação que fazem dela.

2 (DES)CAMINHOS DO DESEJO NA CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISA CARTOGRÁFICA

“Toda a terra [vermelha] está à sua frente e todos os tipos de eventos imprevistos esperam de tocaia para te surpreender e fazer você feliz por estar vivo para ver”.
(Jack Kerouac)⁴⁶

Desde a década de 30, do século XX, ocorre no Brasil, e quiçá no mundo, um processo de fluxos migratórios das cidades pequenas e zonas rurais para os grandes centros urbanos, em geral, associados a questões econômicas e sociais. A migração é uma alternativa de não se apegar “a modelos fechados, unitários e homogêneos de pertencimento cultural, mas abarcar os processos mais amplos - o jogo da semelhança e da diferença - que estão transformando a cultura no mundo inteiro”.⁴⁷ A partir da metade do século XX, a concentração de homossexuais em espaços urbanos expressa uma prática histórica, destacando-se que, à época, a visibilidade e a proteção/segurança dos homossexuais passou a ser uma bandeira dos movimentos sexuais e libertários.⁴⁸

Ao observar o deslocamento migratório de homossexuais e bissexuais do sexo masculino de zonas rurais para espaços urbanos,

⁴⁶ Adaptado de KEROUAC, J. **On the road**. Pé na estrada. (online) Disponível em <https://jackerouac.files.wordpress.com/2016/01/jack-kerouac-on-the-roadversc3a3o-alterada-pelas-editoras-em-portugc3aas-1.pdf>

⁴⁷ HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. BH: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003, p. 47.

⁴⁸ CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. tradução de Klauss Brandini Gerhardt. (A era da informação: economia, sociedade e cultura. v.2). São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006.

penso, inspirado pelos estudos culturais, em um processo de “diáspora gay”⁴⁹. Associa-se o termo diáspora à categoria “gay”, visando destacar a migração, engendrada pelo contexto social, atrelada à sexualidade de homossexuais e bissexuais do sexo masculino das cidades pequenas aos centros urbanos de cidades maiores. Eribon afirmou que “a cidade [grande e urbana] sempre foi o refúgio dos homossexuais”⁵⁰, sugerindo haver uma profunda relação entre as possibilidades da vivência da homossexualidade e o urbano/metropolitano.

Há outros autores que destacam a existência da “pressuposição de que a homossexualidade é um produto urbano, e que os espaços rurais e selvagens são, de certa forma, ‘livres’ da ‘mácula’ da atividade homoerótica”⁵¹. Mortimer-sandiland exemplifica atividades sexuais com o mesmo sexo em áreas rurais, problematizando a noção de homossexualidade em contextos de ausência de mulheres em dado momento histórico e espacial da colonização do oeste dos EUA. Naquele momento, a homossexualidade, a partir de sua biologização e patologização, começa a ser associada às cidades grandes.

O fato é que estudos que analisem mais profundamente a temática da homossexualidade nesses territórios mais bucólicos são escassos ou

⁴⁹ COLETO, H. L. **Cidades Gays Ou A Homossexualidade Urbana**. Disp. [Http://queerandpolitics.Wordpress.com/2011/08/13/cidades-gays-ou-a-homossexualidade-urbana/#more-1305](http://queerandpolitics.wordpress.com/2011/08/13/cidades-gays-ou-a-homossexualidade-urbana/#more-1305), Acess 25 De Out 2012.

⁵⁰ ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008, p. 297.

⁵⁰ FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. 2010. p. 297.

⁵⁰ FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. 2010, p. 31.

⁵¹ MORTIMER-SANDILAND, Catriona. Paixões desnaturadas? Notas para uma ecologia queer. Tradução Alice Gabriel. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): 175-195, janeiro-abril/2011, 2011, p. 180.

superficiais e exploratórios, outros, são elucubrações estritamente teóricas ou análises histórico-documentais. Entretanto, há muitos homossexuais que não se vincularam a tal diáspora por inúmeras razões. Outros homens gays fazem o fluxo contrário, das cidades grandes para as pequenas, por outras inúmeras razões.

E lá, naquelas cidades, os homens gays se subjetivam em sua homossexualidade? Quais dilemas/conflitos/experiências os homossexuais que vivem em territórios ultraconservadores e vigilantes estão sujeitos? Que tabus, normas, normatividades, se dispõem a contestar, constranger, transgredir? No que consiste a homossexualidade, ser gay, nas cidades pequenas? Há essa preocupação, há uma tensão?

Essas não são perguntas que surgiram na tese, mas, eram perguntas que eu formulara em 2010, em agosto daquele ano para ser mais preciso, às vésperas de mudar-me de Florianópolis-SC para Realeza-PR. Nas linhas que seguem, farei algumas ponderações teóricas acerca da cartografia e apresentarei reminiscências/experiências cartográficas, as quais nomeio “anotações do desejo”, e que, conseqüentemente, foram elementares para lançar-me na fabricação desta tese.

2.1 Do método (?) cartográfico: subjetividade, ética e política

“Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou”
(Deleuze) ⁵²

Sistematizar os procedimentos e técnicas é sempre requisito na tradição acadêmica de apresentação de uma pesquisa. Por outro lado, esta pesquisa trata de transgressão e da criação de novos modos de vida, sobre problematizar regimes de verdade e de relações de poder ⁵³ que emanam dos vários territórios que se ocupa.

Tranquelize-se leitor, vou transgredir só um pouquinho, na medida cartográfica. Melhor dizendo, com inspiração cartográfica. Pois, entendo que na cartografia há mais de princípios do que, ao menos classicamente, de método nela. Por meio destes princípios metodológicos há uma intensificação da aproximação de processos de subjetivação e de estetização da existência dos sujeitos participantes. Justamente, por não ser um método objetificado e cerceado pela pretensa neutralidade positivista. Há rigor, mas não uma submissão na cartografia.

A cartografia ^{54 e 55} faz referência à ideia de “mapa”, contrapõe-se

⁵² FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 9. ed. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1979, p. 71

⁵³ PRADO FILHO, K. **Michel Foucault: uma história política da verdade**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 29).

⁵⁴ PASSOS, E.; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

à topologia quantitativa, que categoriza o terreno de forma estática e extensa. É pesquisa-intervenção, pois reconhece a indissociabilidade entre o conhecimento e a transformação, tanto da realidade quanto do pesquisador. Rosa e Martins, afirmam que

o cartógrafo se sabe integrante da investigação, testemunha de seu próprio movimento de conhecer. Assim, temos de contar com as descobertas e as estratégias de investigação a cada encontro com o campo e, nesse sentido, o cartógrafo não se quer neutro, quer-se justamente desimpedido e tensionado pelo encontro com o mundo por meio da pesquisa.⁵⁶

O cartógrafo possui gestos peculiares: ele rastreia, toca, pausa e reconhece com atenção. Diferentemente, dos métodos tradicionais que focam na representação dos objetos de pesquisa, a cartografia centra-se nos processos, derivando daí a noção de plano coletivo de forças que produzem o que é denominado de formas, objetos ou sujeitos. Todavia, não se deve imaginar que neste método se propõe o subjetivismo do pesquisador e tampouco o objetivismo positivista; aqui, resalto a imersão nos territórios e em seus signos como movimento para dirimir este dilema.⁵⁷

Nesta tese, vislumbrei um mosaico de impressões/sensações/interpretações, cujas metas, objetivos e intensidade dos formatos e cores, relevos, foram alcançados por meio do

⁵⁵ ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. SP: Est. Liberdade, 1989.

⁵⁶ ROSA, R. M.; MARTINS, E. Cartografias da dança corpo/gênero na Escola do Teatro Bolshoi no Brasil. **Fazendo Gênero** (ANAIS ELETRONICOS), 2013, p. 11

⁵⁷ PASSOS, E.; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

que observei, vivenciei, intervi, experimentei, apreendi ao longo do meu estar, literalmente, no campo, e, (re)escrevi.

No sentido da intervenção, cito um trecho da segunda entrevista com o participante Diego, na qual ele narra o seguinte:

então, a partir do momento que a gente teve essa entrevista (a 1ª), a minha cabeça ainda era muito fechada para o meio LGBTT. Então, eu mesmo ainda tinha muito preconceito. Eu ficando com meninos, olhava uma "bicha", né, fazendo alguma coisa? Eu olhava e pensava, "meu deus, para que isso, para que ser assim?". Então, eu vejo que com o tempo eu fui me identificando e através de nossa entrevista, isso abriu muito minha cabeça. As situações que foram acontecendo na minha vida, eu comecei a ver aquilo como uma coisa construtiva. Então, eu pensava muito para mim, "por que criticar alguém, entendeu? No que eu sou melhor que alguém para criticar o que ela faz errado e o que eu faço certo?" Como eu te falei, muita coisa mudou, desde a nossa entrevista, então, é muito bom, porque eu pude amadurecer bastante e defender aquilo que eu acredito. (DIEGO, DC, 2015)

Ocorre que, na 1ª entrevista, questionei-o sobre se ele não achava preconceito a forma como colocava o enunciado "bicha", problematizei com ele se não via isto como homofobia. À época, durante a própria entrevista, Diego fez ponderações e indicava estar disposto a refletir sobre sua posição frente aquela problemática. No período que habitei a cidade dos participantes estive atento às exigências da metodologia cartográfica, quanto à transformação nas práticas narrativas, desconstruindo, na medida dos vínculos criados, a noção de estados fixos, de interpretação, de naturalização, de centralização de uma perspectiva identitária ou pessoal; pois, a cartografia acompanha

processos, propõe intervenção na realidade, dissolve o ponto de vista do observador.⁵⁸

Santos e Lago afirmam que as narrativas criam espaços de ficção

onde a memória favoreceria a construção de imagens-lembranças num tempo vivido como duração. Ora, nesse sentido, ao narrar uma história, o passado se atualiza no presente, ressignificando ambos, possibilitando encontros infinitos e produzindo efeitos de subjetivação. (...) É nesse trabalho de si sobre si que a narrativa (e também a escuta) faz com que possamos acompanhar movimentos do desejo e das subjetividades.⁵⁹

Este movimento metodológico faz-se implicado no processo de produção de um saber/verdade localizado historicamente e territorialmente.⁶⁰ Um saber fabricado junto/com aos/os participantes, nas orientações sobre os procedimentos da investigação, na produção de confiança mútua, na vinculação afetiva e na responsabilidade ética da pesquisa e do sigilo das informações da investigação.

Will, um dos participantes, ao rememorar seus processos de subjetivação em relação a ser gay, afirma que “as coisas giram em torno da cidade grande, agora que estou percebendo (risos)”. Anuncia ele, “engraçado, você está me fazendo perguntas que eu nunca parei para

⁵⁸ PASSOS, E.; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

⁵⁹ SANTOS, Daniel Kerry dos; LAGO, Mara Coelho de Souza. Cartografando estilizações do homoerotismo na velhice: pistas metodológicas nos estudos sobre sexualidades. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 95-106, Aug. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922015000200095&lng=en&nrm=iso>. access

on 18 July 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1156>

⁶⁰ PRADO FILHO, K. **Michel Foucault**: uma história política da verdade. Florianópolis: Insular, 2006, p. 29).

pensar, são coisas que estou me lembrando agora e reconstruindo isto, percebo como fazem sentido”. Um efeito interessante da cartografia, pois, a própria pesquisa produz nos participantes a emergência de significações. A cartografia abre margens por meio dessas narrativas de si para o encontro com as histórias e os processos daqueles sujeitos, de maneira que saímos, diferentes do que estávamos antes, pela intrínseca relação eminentemente horizontal entre pesquisador/cartógrafo e participante.

Outra questão dessa visão política e metodológica importante de destacar é a do “falar como ou por” que emerge de toda pesquisa que se propõe a problematizar temáticas relativas à subjetividade e subjetivação. Entendo que não é possível falar pelo outro, representar ou rerepresentar o outro. Não é possível em termos de generalização: como mulher, como homem, como gay, como lésbica, como pobre, como branco, ou como negra, ou suas desinências ainda mais generalizantes, homem negro, ou branco gay.⁶¹ Os sujeitos ocupam muitas posições em termos de subjetivação e identificação, e tais processos são construídos dentro do discurso e por meio de discursividades disponíveis para aqueles sujeitos.

Em uma cartografia, perspectiva-se⁶², como ensina Foucault, não se busca o universal, mas, os jogos de verdade presentes nas relações de poder; interpreta-se as apropriações e atribuições de sentidos às palavras e às coisas dentro de relações de saber e de poder, experimenta-se subjetividade e seus fluxos. Ao cartógrafo cabe a tarefa política de apresentar estes enfrentamentos, estes modos de vida não

⁶¹ GUY, Hocquenghem. **A Contestação Homossexual**. Brasiliense Editora, 1980.

⁶² PRADO FILHO, K. **Michel Foucault: uma história política da verdade**. Florianópolis: Insular, 2006.

assujeitados presentes nas práticas sociais. Nesta perspectiva, Spivak⁶³ alerta que se faz necessário uma crítica constante de qualquer que seja a construção imaginária, simbólica, cognitiva, acadêmica, de um/a outro/a. Para a autora, faz-se necessário o reconhecimento de que tais “identidades”, tais constructos conceituais, são uma ficção, uma interpretação, e, justamente por isso, prescindem de uma revisitação crítica permanente.

Por meio de nossas convivências, de entrevistas, de conversas informais, de análise de documentos escritos (cartas), da participação de eventos públicos e privados, da imersão nas comunidades/territórios e de encontros com os participantes, compartilhamos este mapeamento/viagem.

Durante a cartografia tive acesso a duas cartas. Uma enviada por uma mulher cisgênero heterossexual (irmã do destinatário), e a outra, carta resposta do irmão, homem cisgênero, homossexual, chamado aqui de Oscar. Analisei essas cartas considerando-as como arquivos, como escritos feitos na experiência e no movimento de busca pela comunicabilidade de mundos distintos. Por meio destas cartas, acessei modos de vida, cotidianos, entranhas do privado e expectativas sobre público.

Ao analisar as cartas, tentei compreender como Oscar experimentava os processos de subjetivação em torno do empreendimento de fazer-se gay. Para mim, por meio dessas cartas, pude embrenhar-me em uma carto(grafia), diga-se. Vislumbrei matéria de práticas culturais, portanto, de subjetividade, de modos de fazer

⁶³ SPIVAK, Gayatri C. **The Post-Colonial Critic: Interviews, Strategies, Dialogues**. Edited by Sarah Harasym. New York: Routledge, 1990.

política, economia, cultura e história. Nas cartas, une-se escrita e vida. As cartas, ambas, transbordaram afetos, sentimentos, compartilharam o mundo sensível. As análises dessas cartas auxiliaram-me a compreender como procedimentos/práticas/modos de escrita evidenciam certos enunciados e não outros, tais como o machismo, a misoginia, a homofobia e o heterossexismo, sendo estas ferramentas de controle social e de mecanismos de proibição.

A cartografia é então aqui o resultado como escrita, como coescrita, de nossos processos de subjetivação e de práticas culturais por meio das narrativas e do cotidiano. A cartografia sempre esteve comigo, desde antes de vir morar no litoral quando criança, e se estende pela minha vida. Mesmo quando já não mais estava em Realeza, por meio de outros meios e ferramentas de comunicação (*Skype*, *Messenger*, telefone, *WhatsApp*, encontros pessoais em Florianópolis), tanto em termos de análise, bem como de experiências, sempre estivemos juntos, eu e os meninos, como os chamo. Todos tiveram acesso ao formulário de consentimento livre e esclarecido e concordaram em participar do estudo. A tese foi lida pelos participantes, que ao seu tempo, que retornaram o texto com anotações/sugestões/retificações que foram incorporadas ao texto final apresentado aqui.

Meu desejo é que as análises aqui grafadas, derivas destas técnicas e instrumentos cartográficos, tenham efeitos éticos e politicamente engajados contra as forças de dominação e assujeitamento. Apresentei aqui modos de vidas e práticas políticas de liberdade que se vinculam às possibilidades de mudança de si e do mundo. Práticas de resistência e de cuidado de si que levam em consideração que a verdade é constructo da história, de estéticas, de

econômicas, de técnicas, de pensamentos religiosos, ambientais e geográficos, de interseccionalidades geracionais, de gênero, dos dispositivos da sexualidade e de matrizes cognitivistas, culturais, psíquicas e políticas.

Acredito que a ciência engajada com a realidade social, particularmente a Psicologia, compromete-se a congregar pesquisas que privilegiem dar visibilidade e intervir em situações de violências ou de cerceamento das diferenças. A ciência, seja ela qual for, não pode se furtar ao enfrentando desses processos, além de identificar e ampliar as potencialidades/possibilidades de resistência e de condições outras de existência.

Resta ressaltar que o recorte geográfico desta tese encontra-se vinculado à cidade de Realeza, na qual se instalou a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), uma das novas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). A UFFS possui outros cinco *campi*, situados nas seguintes mesorregiões: sudoeste paranaense (Realeza e Laranjeiras do Sul), oeste catarinense (Chapecó), e noroeste e norte rio-grandense (Erechim, Cerro Largo e Passo Fundo). Essas regiões são formadas por cidades baseadas na agricultura, tanto familiar como latifundiária, com populações que variam, em sua maioria, entre 5 mil a 30 mil pessoas, e nas cidades polos, como Chapecó (aproximadamente 180.000 habitantes), Erechim (aprox. de 100.000) e Passo Fundo (aprox. 200.000). Em grande parte foram colonizadas por descendentes de italianos e alemães ou por gaúchos imigrados (destaque ao Paraná), com viés político conservador e bastante ligados às religiões cristãs.⁶⁴

⁶⁴ UFFS. **História**. (Online). Disponível em https://www.uffs.edu.br/institucional/a_uffs/a_instituicao/historia, 2012

2.2 Anotações do desejo 1: do litoral catarinense ao planalto paranaense

*“Tem gente que vem e quer voltar
 Tem gente que vai, quer ficar
 Tem gente que veio só olhar
 Tem gente a sorrir e a chorar
 E assim chegar e partir...
 São só dois lados
 Da mesma viagem”
 (Milton Nascimento)⁶⁵*

Figura 1 - Mapa com rotas de Florianópolis-Realeza / Realeza-Florianópolis



Minha saída de Florianópolis e mudança para a Realeza teve a ver com um processo de extrema precariedade do magistério público estadual, no qual era professor de Sociologia e Filosofia. Passava por um processo de cansaço e estafa profissional, sentia que se continuasse

⁶⁵ NASCIMENTO, Milton. Encontros e Despedidas. **Encontros e Despedidas**. Barclay, 1985

trabalhando naquelas condições, que padeceria, perderia minha conexão com a docência. Sem poder estudar muito, devido às muitas horas, 56 aulas semanais, passei a fazer concursos para o magistério superior. A condição de mestre era uma desvantagem significativa, haja vista que nos dois primeiros concursos, fui classificado entre os oito, mas, sem chances de ser chamado. No concurso da UFFS fui chamado para assumir a vaga no campus Realeza-PR, distinto que havia prestado concurso, o de Chapecó. Não foi uma decisão difícil aceitar a mudança proposta. Não me interessei muito saber para onde iria, tinha a convicção e a intuição de que estava me libertando, e como disse um dos meus melhores amores, amigo/irmão, “em Realeza, realize”. Foi com esse sentimento que anunciei nas duas escolas em que trabalhava que estaria com eles por mais um mês apenas, concluindo as atividades e fechando aquele ciclo da minha vida. Um ciclo de 13 anos, no qual me subjetivei como professor, como um homem da diferença, um homem que importava.

Naquele um mês, nas escolas, tive inúmeras manifestações de carinho, homenagens, dezenas de festas de despedidas, serenatas, choros copiosos. Meninos e meninas que sempre de maneira afetiva demonstravam sua decepção em minha partida, sua preocupação em que eu fosse para um lugar tão “ermo”. Lecionava em escolas de Palhoça, grande Florianópolis, uma cidade receptora de muitos imigrantes, inclusive do Paraná, e muitos de Realeza e cidades próximas a ela, uma grande surpresa. Os comentários eram sempre conselhos nada saudosos daquela região. As narrativas descreviam um lugar severo, vigilante, ressentido, heteronormatizado, religioso, pretencioso, hipócrita. Apontavam para a existência de relações fadadas à normatividade, sem

espaço para a diferença. Mas havia também aqueles que se alegravam com minha ida, afirmavam que era de pessoas como eu que Realeza precisava. Uma aluna uma vez brincou, “não sobrará moita sobre moitas depois de sua passagem por lá, professor”, e gargalhou com um tom de vingada. Eram adolescentes, meninos e meninas, que afirmavam nunca mais querer morar lá, que não queriam envelhecer lá. O “lá” era para onde eu depositava as fichas da minha sanidade mental e física.

Não havia outro jeito, no dia 30 de agosto de 2010, havia reduzido todas as minhas posses a uma moto, uma mochila, dois alforjes laterais e uma caixa estilo baú. Coloquei algumas roupas, alguns livros, um sapato, um chinelo. Era tudo que eu precisava levar do litoral rumo ao planalto paranaense. De saída não olhei para trás, sem resignações, “*no regrets*”, de saída. Eram 730 km sobre duas rodas, sempre gostei de viajar, mas tenho um grave problema, eu durmo dirigindo. Sim, fato que me faz sempre demorar mais em viagens muito longas. Cheguei em Realeza no dia 01 de setembro de 2010, por volta das 20 horas. A segunda epígrafe do “Antelóquio de Tese”, narra meu primeiro encontro, com um homem desviante da masculinidade hegemônica, foi acalantador e *queer*. Depois deste momento de esperança, encontrei um hotel. Na sequência fui apresentar-me ao Diretor e ao Coordenador de Campus. E, finalmente, honradas as formalidades de um neófito, restava-me viver (n)aquela cidade tão tão pequena e distante.

2.3 Anotações do desejo 2: cordialidade, homofobia e (hetero)norma

“A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade”.
(Sérgio Buarque de Holanda)⁶⁶

Como um bom nascido na década de 70, já na manhã seguinte a minha chegada, comecei a tomar as medidas higienistas e biomédicas, fui comprar preservativos. Imediatamente, ao entrar na farmácia, comércio familiar, no qual estavam o proprietário, a esposa e a filha laborando, se instaura um diálogo entre eu e o dono, o farmacêutico, um senhor muito simpático e bastante amistoso. Ele me interpelou se eu era professor da universidade, com minha afirmativa, justificou que “só podia ser”, pois é, até hoje não me perdoo por não ter perguntado, “é mesmo, por quê?”. Mas a conversa não terminou aí, já no balcão, o senhor ainda muito confortável, continuou a sabatina. “O senhor é casado?”, respondo, “não”. “Noivo”, diz ele com certa intensidade nos olhos, respondo, “não”, e entrego-lhe alguns pacotes de preservativos com uma nota de 20 reais. Ele olha para os produtos e com o mesmo olhar, agora sem dizer nada oralmente, mas com um leve levantar de sobancelhas e ombros, que me eram interpelantes, “mas para que diabos isto então?”. Gentilmente, eu respondo, “é para usar com meu namorado”. Rapidamente, me devolve os preservativos em um saquinho discretamente branco e o troco. Digo-lhe, “o troco está errado, tem dinheiro a mais aqui”. Ele dá a volta no balcão, agradece minha preferência, diz que foi um prazer, e que o troco estava correto. Tento

⁶⁶ HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1995, p. 205.

insistir, mas já estava na porta, e o simpático velhinho já dobrava de espaldas a esquina asséptica de suas “parteleiras”, como dizem lá. Foi surreal. Pensei, é a primeira vez que ganho dinheiro com bom humor. Até pensei em passar mais tarde lá, me desculpar, caso tivesse sido indelicado e devolver o dinheiro. Mas depois pensei melhor, e comprei mais preservativos na farmácia concorrente, nunca mais voltei lá. E sempre que penso em homofobia uma das imagens que me veem à mente é a da tal farmácia. Prelúdios de uma realidade anunciada, que no seu tempo presente não são cronicamente viáveis, mas que subjetivam, alteram, inviabilizam e paralisam a diferença.

A homofobia, nesta perspectiva, manifesta-se de maneira múltipla e complexa, que se efetiva nas piadas misóginas ou regionalistas, passando pela exclusão de círculos de amigos e da família, chegando muitas vezes até a morte de homossexuais. Uma de suas manifestações mais clássicas se encontra nas interpretações religiosas sobre a homossexualidade. O pecado nefando, a punição moral e a purificação, são como uma das matrizes da homofobia. Outra consequência da homofobia é a diagnose de uma debilidade psíquica ou psicológica dos sujeitos homossexuais, submetendo-os, os sujeitos que tem práticas sexuais ou afetos homossexuais, a “tratamentos clínicos” ou “ministeriais”, quando a cura viria por intervenção do divino, em uma mistura autorizada entre a ciência e a religião.⁶⁷ A homofobia é uma discursividade que escamoteia uma ideologia da exclusão e opera violentamente contra os sujeitos homossexuais. Desvelar como a homofobia é constituinte da/na vida dos sujeitos homossexuais é fissurá-

⁶⁷ MOTT, Luiz. **O sexo proibido**: escravos, gays e viagens nas garras da inquisição. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

la e apresentá-la como dano, como cerceamento de direitos de igualdade e liberdade. Enfim, como um fator de sofrimento e medo.⁶⁸

Os ambientes em que o conservadorismo religioso tem mais domínio tendem a produzir representações da sexualidade normatizadas pela heterossexualidade compulsória⁶⁹, caso das cidades pequenas como Realeza. Sabe-se também que a saúde física, mental e social de homossexuais (homens e mulheres), como de todo ser humano, está ligada às dimensões de qualidade de vida, de religiosidade e de identidade psicossocial, a partir do gênero, idade, classe econômica, etnia e escolaridade, dentre outros marcadores culturais.

Estas pesquisas evidenciam, assim, a vulnerabilidade social e a fragilidade pessoal de homossexuais nos dias de hoje, problematizando os direitos humanos e as legislações nacional e internacional. Inclusive, de direitos como plano de saúde do/para o parceiro. Em termos de atendimentos à saúde, verifica-se que, por um lado, ainda ocorrem discursos e práticas homofóbicas nestes espaços. Segundo a biografia especializada, justamente pela/na colagem da homossexualidade ao HIV e às práticas consideradas promiscuas e desviantes.⁷⁰ Por outro, os autores demonstram que houve avanços no acesso ao atendimento

⁶⁸ POCAHY, Fernando (Org.) **Rompendo o silêncio**: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007

⁶⁹ MARTINS, Edson. O cordel, o homossexual e o poeta “maudito”: novo de discursos no folheto de Salete Maria e Fanka Santos. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**; 22, 2003. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2186>, acessado em 19 de agosto de 2015.

⁷⁰ TAQUETTE, S. R.; RODRIGUES, A. O.; BORTOLOTTI, L. R. Infecção pelo HIV em adolescentes do sexo masculino: um estudo qualitativo. **Ciência & Saúde Coletiva**; 20(7): 2193-200. 2015. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015207.18102014>, acessado em 18 fev. 2016.

especializado e aos medicamentos, para HIV/Aids. Destacam, ainda, que para os adolescentes homossexuais a taxa não tem acompanhado a redução de contaminação observada em homens homossexuais adultos. Ressaltam também a necessidade de criação de políticas públicas em saúde sexual e reprodutiva que contemple este grupo, uma vez que a descrença na possibilidade de contaminação, a sujeição sexual, a homofobia e a exploração sexual comercial, são fatores de vulnerabilidade e contágio pelo HIV.

Na cordialidade do farmacêutico parecia haver mais de perscrutação do que amizade, menos alteridade do que julgamento. O seu só “podia ser” e sua condução na ponta dos dedos em minhas costas até a porta, importam, pesam, delimitam, formam, informam. Essas práticas culturais de uma pretensa escuta, escamoteiam e preservam uma maneira inteligente, perversa e instrumentalizada do controle e dos discursos heteronormativos: da homofobia.

A pergunta sobre o tempo, sobre a conjugalidade, ou qualquer que seja o tema, quer de fato identificar o “acento fonético”, o sotaque, alguma afetação que te “identifique”, que te localize, é uma veridicção. Em geral, não pretende fazê-lo para criar vínculos, aliás, até seria, se a identificação for “positiva”. Ao que tudo indica, meu sotaque, minha etnia, meu chiste, informaram muito mais do que eu sabia.

Muito já se escreveu na Sociologia e Antropologia brasileira sobre os efeitos da cordialidade e seus aspectos como produtor de sociabilidades e de dominação.⁷¹ Inclusive, essas mesmas ciências sociais descrevem o homem do campo de maneira linear, com uma

⁷¹ HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

sexualidade voltada para a reprodução, quase castos, por conta da religiosidade e do comunitarismo. Homens, mulheres e crianças criados para reproduzir a estrutura da família burguesa, ainda que camponeses, uma distinção sociológica sobre o trabalho familiar. Um paradoxo interessante das sociedades modernas, que vinculadas a lógicas dependentes da produção, do consumo e de organicidade, contrastam com a vida das pessoas da cidade pequena. Estes modos de vida estão entrelaçadas pela tradição, por seus sobrenomes, por suas posses, estariam menos tocados pela lógica fordista e temporal das linhas de produção. Ainda que no caso do sudoeste do Paraná, estejam assolados pela produção transgênica, de larga escala e monocultural, que de muitas formas proletariza a vida no campo e nas relações. Embora não incorporem totalmente a vida capitalista propriamente dita. Suspeito, e irei problematizar isto no texto, que não é sempre uma vida ligada à natureza, como espaço de produção e vínculo afetivo, que essas populações, como a de Realeza, estão ligadas.

Nesse jogo discursivo, de minhas experiências, de minhas narrativas e minha pesquisa propriamente dita, pretendo localizar como meus processos de subjetivação foram e são afetados por aqueles espaços, instituição universitária e pessoas em uma cidade pequena transversalizada pelo rural. Por suas também experiências e narrativas, seus temores e sacralidades.

A norma não é violenta apenas por suas interdições, mas pelo que ela esconde reconditamente em nossas crenças e desejos. Aquele homem, pacato farmacêutico, cidadão de Realeza, acredito piamente, jamais teve a intenção de me magoar, de me ofender, ou de me causar prejuízo, de ser homofóbico. Mas silenciosamente e respondentemente

precisa se proteger de mim, eu o afetava mais que ele podia lidar ou que os bálsamos disponíveis ali naquele espaço poderiam fornecer. Ele se preservava, afastando-me, mantendo-se cordial, mas comunicando a mim e sua família os enunciados do previsível, no caso, a norma. Eis a face da violência não-dita, da violência presente em toda norma, sua imponente discricção e imposição de verdade. A norma, nas discursividades homofóbicas, presume a produção de simbólico e imaginário para o grupo social a que ela foi engendrada e para quaisquer sujeitos que estejam sobre aquele território. Um predito não-dito sobre o que é admissível viver, desejar, experimentar, tornar família.

Os três anos posteriores ao evento cordial com a família do farmacêutico, leia-se homofóbico, seriam de muitas idas e vindas: Realeza-Florianópolis, Florianópolis-Realeza. De ônibus. De avião. Mas, principalmente, de carro. Nessas viagens: muitas paragens, muitos encontros, muitos corpos, muitos prazeres. Múltiplos sentimentos se agenciaram, inclusive, o desejo de escrever sobre estas experiências. Nas anotações que seguem, narro/reflito como algumas delas aconteceram.

2.4 Anotações do desejo 3: professor, imigrante e amante de homens

“Pulsações aceleradas. Calafrios. Desconfortos no estômago. No intestino. Dores na lombar. Sudorese. Fadiga. Êxtase. Insônia. Sonolência. Terremoto de pensamentos. Fantasias. Temores. Nojo. Raiva. Comoções. Acolher o que sente como um presente, no presente. A boca que seca. A náusea. Os odores dos corpos, inclusive os seus próprios odores. O fastio. A graça. As paralisias. A erótica: sexual, intelectual, social. O cartógrafo-aprendiz se excita. Goza. Treme. Geme. Ele devora tudo que move e lhe parece favorável à composição das paisagens que querem se instaurar na imanência. O texto escrito. O áudio. As imagens. As mensagens: nos jornais, nas revistas, na web, nos outdoors e layout’s, ou tatuadas nos corpos”.

(Rogério Rosa Machado)⁷²

Imagine você acordar, abrir os olhos e ver a sua frente um homem te fitando, como se estivesse descobrindo um momento, uma realidade nova, como quem olha a primeira vez para o abismo, sem esperar que ele olhe de volta - fazia frio, cobertas pesadas, cheiro de madeira e café passado no ar. Assim era o olhar de um homem branco, 30 anos, Educador Físico, gay, interiorano do oeste catarinense, usando pantufas e cachecol, às 7 da manhã, que nunca havia acordado ao lado de outro homem, que nunca havia adormecido ao lado de outro homem, que nunca esperara antes para servir café preto e sem açúcar a outro homem ainda na cama. Era um olhar tão doce, tão sem expectativa, tão penetrado no momento, naqueles raios de vida que vão aparecendo

⁷² ROSA, Rogério M. **AFETOS DA DOCÊNCIA: POR UMA CARTOGRAFIA DA INFÂNCIA BAILARINA** (Tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Santa Catarina (PPGE/UFSC)) Florianópolis: UFSC, 2016, p. 71.

ao acordar, era sem ansiedade, era puro e contemplador. Eu, como um bom abismo, olhei de volta, bem mais confuso e com menos complexidade, disse, “Bom dia, está tudo bem?”, e ele responde, “Sim. Desculpe estar te observando, mas é a primeira vez que durmo com outro homem. Não sabia que era tão bonito ter isso”. Pronto, não havendo mais nada a fazer, beijei-o. Passamos mais algumas horas juntos, continuei minha viagem, nunca mais o vi ou falei com ele. Todavia, aquele olhar despertou em mim uma curiosidade, um ruído nas significações do desejo. Tantas vezes acordei ao lado de outros homens e mulheres, em todas as partes do mundo, e foi em uma cidade no interior de Santa Catarina, que me dei conta que o ato de acordar, de conviver, de compartilhar, é um privilégio que nem todos tem acesso.

Nas horas que seguiram, naquela manhã fria, ouvi inúmeras narrativas dos encontros anteriores dele com os homens da cidade, encontros estes furtivos, melindrosos, quentes, mas sempre finitos, posto que eram chama em uma cidade com um nome de luz intensa, lugar de olhares atentos dos vizinhos, dos amigos, de si próprio, talvez, o mais (im)pertinente de todos. O jovem rapaz me explicou que seus pais moravam longe, no interior da cidade, em um sítio, mas, que ele não se perdoaria se eles soubessem que homens frequentam sua casa, ainda que tal possibilidade fosse quase remota, devido à idade avançada dos pais e o pouco contato deles com a comunidade da cidade. Ele ainda me explicou que também não depende só dele, que os outros caras nem abrem a possibilidade de se vincular afetivamente ou de dividir espaços relativos ao sentir. Contou que havia se apaixonado por um colega hetero e casado com uma mulher, que chegaram a ter o que ele chamou de um namoro “a meia luz”; sim, o moço tinha sua poética. Ficaram

juntos por mais de um ano e se encontravam semanalmente, mas, nunca em público e nunca haviam ficado mais que 3 horas juntos.

Aquela manhã não saiu da minha cabeça por muito tempo e ajudou a inspirar o meu projeto de tese na Psicologia Social. Eram tantas as diferenças em relação às práticas culturais na relação com outros homens, que me pareceu razoável refletir, problematizar, cartografar como essas subjetividades gays são forjadas. Um espinhoso processo de perceber que homens gays são uma espécie de repositório de segredos, de normas, de astúcia, de transferência de uma heterossexualidade eunuca/celibatária. Como sociólogo aprendi que uma das melhores maneiras de desreificar as pessoas é contando sua história, é partilhar de uma sensibilidade altera e empática, a qual não passa por uma condescendência conjuntural, mas, de existência, da exacerbação da precariedade da vida e do desejo.

2.5 Anotações do desejo 4: os “bons encontros” como aumento da capacidade de agir e pensar

“Podemos pensar a política da narratividade como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e de mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político”.

(Passos e Benevides)

73

Viver em Realeza, desde que fui habitá-la, nunca foi difícil. Ao longo dos 5 anos que lá vivi, eu construí amizades indeléveis, amores intensos, paixões tórridas, entre tudo isso, trabalhava. Em nenhuma destas coisas houve opacidade. A intensidade transbordava, em poucas palavras, fui muito feliz. Viver em Realeza foi viver invenções, ficções, criações, fabricações de mundos. Eu me fiz, no contato com outros/as sujeitos, professor, pesquisador, *sensei*, cozinheiro, conselheiro amoroso, motociclista, muambeiro e tantas outras coisas que demoraria listar. Pelbart afirma que

o desafio consistiria em livrar-se do pseudomovimento que nos faz permanecer no mesmo lugar, e sondar que tipo de meio uma cidade ainda pode vir a ser, que afetos ela favorece ou bloqueia, que trajetos ela produz ou captura, que devires ela libera ou sufoca, que forças ela aglutina ou esparze, que acontecimentos

⁷³ PASSOS, E.; BENEVIDES, R. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 151.

ela engendra, que potências fremem nela e à espera de quais novos agenciamentos.⁷⁴

A advertência de Pelbart, que eu não conhecia até entrar no Doutorado, teria sido uma boa pista, um bom conselho que eu teria seguido. Talvez, pela ansiedade/desejo em fazer surgir um urbano, perdido por mim ao ir morar em uma cidade pequena, permiti-me experimentar os fluxos, abrir caminhos, aglutinar as forças potentes, engendrar acontecimentos, fabricar novos agenciamentos. Esta mesma postura persegui na tese, e a cartografia auxiliou-me a capturar intensidades disponíveis ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno e à implicação do sujeito percebedor no mundo e do mundo cartografado.⁷⁵

Certamente, essa potência era possível por algumas configurações de meu habitar em Realeza, ligados à Universidade Federal da Fronteira Sul. A docência universitária foi fundamental, para mim. Particularmente, por ser uma universidade que estava “nascendo”. E como diria Chico Buarque, “não tardou alertar toda a vizinhança. A mostrar que ali estava bem mais que uma simples criança. E não sei bem se por ironia ou se por amor”⁷⁶, ali estávamos nós. Inúmeras mentes, distintas na formação acadêmica e técnica, na ética, na moral, na geração, no gênero, nas orientações sexuais, religiosas e políticas, nas origens territoriais.

⁷⁴ PELBART, Peter Pál. Políticas de subjetividade. In: **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000

⁷⁵ PASSOS, E.; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

⁷⁶ HOLANDA, Chico B. **Minha História: O Melhor de Chico**. Universal Music. 1989

Uma universidade que possui como um mito fundador ser “popular”, de “qualidade”, “gratuita” e “desenvolver a região”. Compromissos que seriam reafirmados pelo nosso trabalho, pelo nosso engajamento com o projeto de uma universidade acolhedora e transformadora. O “construir uma universidade” estimulava-me, sentia-me pertencente a algo. Esse tipo de potência que só o novo é capaz de provocar em nós. Ademais dos servidores, docentes e técnicos administrativos, a universidade é fundamentalmente formada pelos/as estudantes, embora muitas vezes isso seja esquecido. É bem verdade que os/as estudantes foram verdadeiros protagonistas desse meu habitar tão edênico em Realeza. E foi, inicialmente, na relação com os/as estudantes que a temática da homossexualidade no interior surgiria para mim. É fato que no Campus em que trabalho, além de mim, não há outros homens servidores, que vivem, ao menos que eu saiba, sexualidades não-heterossexuais. Entre os/as estudantes, a diversidade sexual é mais evidente. Com o passar do tempo e por conta da área em que atuo, Sociologia e Ciência Política, não demorou para que eu fosse associado como referência para debater as temáticas relativas aos direitos sexuais, à homofobia, à “identidade”, ao preconceito e ao estigma de ser desviante.

Ao me aproximar daqueles jovens homossexuais despertava em mim uma espécie de curiosidade/imaginação psicossociológica sobre as possíveis diferenças da vivência da homossexualidade no interior. Estas experiências associadas a outras, como já aludi na “anotação do desejo” 1.4.3, lançou-me a esta temática.

Em 2014, qualifiquei o projeto de tese, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, no qual eu destacava que não faria a pesquisa

em Realeza. Havia em mim um misto de reticências sobre fazer uma pesquisa em território em que eu estava tão marcadamente integrado, integrando. Mas os encontros, principalmente, os bons encontros, como afirmou Espinosa ⁷⁷, aumentam a nossa capacidade de agir e pensar. Já em 2015, às vésperas do carnaval, ocorriam as primeiras formaturas da universidade. Dois momentos, nestas duas semanas, foram decisivos para tornar Realeza o território de minha pesquisa:

- **Cena 1:** em um bar, o “sossegados”, encontro casualmente Diego. Não sabíamos, eu e ele, mas nos ligaríamos existencialmente a partir daquele momento, ali se anunciava o início de uma amizade em diversos platôs. Diego me narrara pormenorizadamente sobre como havia se “descoberto” gay e sobre ter revelado isto a sua família há poucos dias. Contou-me que o mote de sua vida era buscar a felicidade e que a convivência com as pessoas da universidade, estudantes, técnicos/as e professores/as, havia mostrado-lhe um modo de vida pelo qual ele aumentava sua capacidade de ser feliz. Diego se referia a convivência com a diferença, relacionada diretamente às práticas sexuais das pessoas que vieram viver em Realeza por conta da UFFS.

O agenciamento provocado pelo encontro de Diego com as pessoas da UFFS produziram em mim um tipo de atenção. Comecei a levar em consideração as possibilidades de desenvolver esta pesquisa em Realeza.

Cena 2 – Na mesma semana, em um sábado, ocorreria o segundo baile de formatura da UFFS, o primeiro havia sido há uma semana. Como já não residia mais em Realeza, um amigo, hetero e cisgênero, me

⁷⁷ ESPINOSA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

daria uma carona para o “evento”. Quando ele chegou para buscar-me, eu ainda estava no banho. Ele foi entrando no banheiro e disse: “já imaginava que não iria estar pronto, tem que ficar bem ‘cheirozinho’ para essa festa gay”. Imediatamente, pergunto-lhe: “por que festa gay?”. E ele dispara, entregando-me a toalha: ““hómi”, estamos indo em uma formatura da UFFS. Ande logo, vamos perder a festa”.

Nos instantes que seguiram, eu mal conseguia me secar: inúmeras associações, temores, reminiscências das regras do método sociológico, e, finalmente, liberdade. Nu, na presença da amizade, havia redefinido meu território de pesquisa. A cidade pequena que eu iria cartografar estava ali, sob meu corpo, absorvendo minhas células mortas que escorriam pelo ralo, acolhendo-me com todos os seus afetos, fronteiras, potências, imanências, vida, subjetividade, oxigênio e relevo.

Um acontecimento é uma “multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas”.⁷⁸ Diego e meu amigo instauraram em mim um estado de alteridade, que consistiu em tornar-me estrangeiro de mim mesmo, estrangeiro da cidade que havia migrado, para viver e trabalhar. Desde o acontecimento dessas duas cenas e tantas outras que não fui capaz de objetivar, podia habitar Realeza novamente: novos espaços, novos objetivos, novos territórios e modos de existência. Justamente, por isso, fui trilhar aqueles cotidianos, as festas, os encontros sociais, a academia e os espaços públicos constituíram as derivas, as (des)territorializações e interseccionalidades na busca pelos processos e práticas de resistência ao assujeitamento experimentado pelos participantes da pesquisa.

⁷⁸ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989, p. 07.

2.5.1 Sobre meninos-homens e a arte do encontro

“O amor na prática é sempre ao contrário”
Cazuza ⁷⁹

Em um primeiro momento, elegi como critério que os participantes residissem no momento da pesquisa em Realeza, que se autodeclarassem homossexuais e do gênero masculino e fossem egressos de cidades com no máximo 20 mil habitantes, e que se encontrassem pelo menos a 50 km de distância de centros urbanos maiores. Estes critérios foram mantidos, exceção a Oscar, que vivia em uma comunidade rural de cidade maior com quase 200 mil habitantes. A mudança nos critérios dos participantes deriva das possibilidades do cartógrafo se saber integrante da investigação, testemunha de seu próprio movimento de “conhecer”.

Então, longe da dureza de seguir com critérios de participação fechados, apenas parti deles, como recurso de saída. Nesta perspectiva, o cartógrafo deve estar aberto às descobertas e às estratégias de investigação a cada encontro com o campo. E, nesse sentido, o cartógrafo não se pretende neutro, quer-se justamente desimpedido pelo encontro com o mundo por meio da pesquisa. Cartógrafo e cartografados nascem juntos e percorrem a vida de modo inseparável na criação de problemas, na experimentação das perdas e ganhos que o conhecimento impõe ⁸⁰ envolvendo seus corpos, objetos e territórios, nas fronteiras de suas possibilidades de pesquisar, agregando-se daqueles contextos.

No início da pesquisa, em 2015, me vinculei a 6 potenciais participantes, três estudantes da UFFS e três não estudantes. Destes,

⁷⁹ CAZUZA; FREJAT. Ritual. In.: CAZUZA. **Só Se For a Dois**. Rio de Janeiro: Som Livre. 1986

⁸⁰ ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. SP: Est. Liberdade, 1989.

permaneceram na pesquisa os três estudantes (Jeraldi, Will e Rafa) e apenas um dos não estudantes (Diego). Como já dito, Oscar (pseudônimo) foi incluído posteriormente. Um dos não estudantes migrou para uma cidade grande e perdemos o contato. Já o outro potencial participante, ocorreu que marcamos algumas vezes para entrevistas mais formais, sendo que estas não ocorreram. Nos encontraríamos, finalmente, em 2017, mas infelizmente ele foi assassinado, no início de deste mesmo ano, sendo que ainda não há um esclarecimento total das circunstâncias e motivações.

Permitam-me apresentar os cinco (5) coautores desta tese, que já me inundavam de felicidade, desde antes de começarmos a pesquisa.

Jeraldi – umas das criaturas mais doces, serenas e delicadas que já conheci. O vi pela primeira vez caminhando pelo calçadão de Realeza, de suspensórios e de mãos dadas à outra estudante. Caminhava rápido, mas levemente, como fazem as borboletas de flor em flor. Foi criado em uma comunidade rural, sentiu-se sempre amado por sua mãe, padrasto, irmãs e avós. Fui seu professor em 3 ou 4 disciplinas, sendo que em uma delas, em 2012, Jeraldi reprovou. Na última vez que foi meu aluno, em 2014, foi aprovado com a melhor nota da turma, não sem antes ter que refazer a avaliação. Após a aprovação, enviou-me uma mensagem, na qual um dos fragmentos narra sobre minhas aulas e sobre os saberes nelas debatidos, afirma ele: suas aulas “me ajudaram a perceber o quanto é importante conhecer e formar opinião sobre, ouvir a opinião alheia (não contestar e nem compactuar e sim tentar entender e agregar o que de melhor nela pode ter) e construir uma opinião final, que não é estática e incontestável”.⁸¹ Já fazíamos hermenêutica. Assim é Jeraldi sob meu olhar: estudante de Biologia, futuro professor, generoso, fotógrafo minimalista, ótimo conselheiro amoroso, grande

⁸¹ Arquivo pessoal (E-mail institucional)

aprendiz, turista assíduo de Florianópolis, sabe a importância da leveza e sempre lembra-me os cronópios e sílfides. Em uma frase, para Jeraldi, valho-me de Lindolf-Bell: “menor que meu sonho não posso ser”.

Will – O primeiro dos participantes da pesquisa que conheci, em 2010. Já dividimos muitos momentos juntos, somos e sempre seremos amigos. Também foi meu aluno, em mais de um curso inclusive, pois, começou em Ciências Naturais e, depois, transferiu-se para as Letras - Português e Espanhol. É conhecido por sua beleza e sagacidade. Uma mente dinâmica, atenta, lúdica e perspicaz. Ama festas e sua casa está sempre cheia de amigos. Adora filmes “*trash*” e de terror (mas diz que ama os surrealistas e existencialistas), já me presenteou alguns e obrigou-me a assistir outros que jamais assistiria sozinho; felizmente, a melhor pipoca com tererê de Realeza sempre compensavam. Will tem também o maravilhoso hábito de viajar e visitar amigos “por aí”, como ele fala. Ele foi ao “*Blues Velvet*”, em “Floripa”, pela primeira vez comigo, quando morremos de rir com uma “*performance drag*”. Já viajamos juntos, nos perdemos, mas encontramos outros caminhos que nos levaram sãos e alimentados para casa. Will é tradutor, professor de redação, bom ouvinte, namorado em tempo integral e adora me retificar. Para Will, ofereço Florbela Espanca, “que seja a minha noite uma alvorada, que me saiba perder... pra me encontrar...”.

Rafael – Esse sabe falar com o olhar como ninguém, é o oposto do blasé. Nas oportunidades em que foi meu aluno, falávamos sem falar: comunicação em outros níveis. Entretanto, sua capacidade de comunicação não é só visual, tem língua e dedos ferinos. Por vezes, a tela azul de nossos *notes* descolore-se com seus aforismas diletantes, mas denunciativos. Suas intervenções discursivas são sintéticas, irônicas, críticas e apaixonadas. Escreve e fala como vive: resoluto, forte e impávido. Quando caminha sempre me chama a atenção pelas passadas largas e intensas. Declara-se um não cidadão de Realeza, é um

imigrante. Diz-se promíscuo e que nunca casaria, está casado monogamicamente; talvez, não. Rafael também ama festas e grupos. Fundou Centros Acadêmicos e grupos de estudos sobre gênero, educação e trabalho. Usa um sobrenome que adotou por conta do *bullying* que sofria pelo seu sobrenome verdadeiro. É contestador, magnético, energético, um entusiasta. Também é biólogo e sabe a diferença entre hortelã e menta. Para Rafael, ofereço Arnaldo Antunes, “não tem um, tem dois ... não tem lei, tem leis, ... não tem deus, tem deuses, não há sol a sós, aqui somos mestiços mulatos, cafuzos, pardos, tapuias, tupinamboclos, Americarataís, yorubárbaros”.

Diego – Ele é uma espécie de versão masculina de Galatéia, um ser esculpido no mármore para a arte, para a vida. É loiro, comprido e esguio. Professor de patinação e patinador. Tem olhos que nos inundam pelo celeste. Olhar profundo, puro, levemente perscrutador, mas, não invasivo. Também goza de uma leveza e doçura admiráveis. Sempre invoca a felicidade e sua busca por ela, inspirador. Ainda que Diego tenha uma corpo que parece frágil, seu “*port de brás*” conduz os olhares e ocupa colossalmente os espaços com poética. É o que meu grande amigo Rogério chama de um corpo-docente-dançante. Transforma histórias infantis em espetáculos que lotam a Casa de Cultura. Cria e recria arte sobre rodas. Deslizando, desloca as mentes empedernidas pelos campos de soja da região, e dá-lhes relevos estéticos. Carregou a tocha olímpica. Gosta de gatos. Para Diego, invoco os Secos e Molhados, “rompi tratados, trai os ritos. Quebrei a lança, lancei no espaço. Um grito, um desabafo (...) E o que me importa é não estar vencido”.

Oscar – O único dos participantes que terá um pseudônimo, por questões de ordem ética. Seu desejo, era como os demais, poder usar seu nome verdadeiro. Escolhi este nome por conta de Oscar Wilde, que escreveu umas das cartas mais incríveis que já li, publicada sob o título

de “De profundis”. O nosso Oscar também é remetente de uma carta, não estava em um cárcere vitoriano como Wilde, mas também vivia sob amarra no próprio teto. Oscar é namorado de Will, e, justamente, por intermédio dele, se integrou a nossa pesquisa. Diferente dos demais participantes, Eu e Oscar nos vimos por duas vezes presencialmente e outras tantas por áudio e vídeo. Oscar é sóbrio, compenetrado, voz rouca e complacente. Tem uma beleza helênica, mente e corpo equilibradamente sedutores, espadaúdo. É bucólico, ama animais. Acredita que o medo amarga as pessoas e as fazem infelizes. Aprendeu a dizer a verdade como prática de liberdade e de aproximação com as pessoas que ama. Quer cuidar das terras da família. Ama Will. Tem três irmãs. Em Oscar, o que mais me chama a atenção é sua capacidade de não se ressentir. É um insurgente contra suas amarras, mas não contra o mundo. Para Oscar, ofereço uma frase do seu homônimo aqui, dizia Wilde, “aquilo que destrói meu corpo, constrói minha alma”.

2.6 Homossexualidade: derivas, (des)territorialidades e interseccionalidade

“Cedo ou tarde, você vai aprender, assim como eu aprendi, que existe uma diferença entre conhecer o caminho e trilhar o caminho.”
(Irmãos Wachowski, por Morpheus)⁸²

Objetivando compreender melhor o campo de pesquisas sobre os estudos da homossexualidade em cidades pequenas, revisei a literatura especializada, em nível nacional, no portal Periódico Capes, juntamente com meus orientadores.⁸³ Pareceu-me que apresentá-la aqui na integralidade não contribuiria para o fluxo da discussão que irei desenvolver ao longo do texto. Naturalmente, a revisão ampliou o próprio escopo da categoria homossexualidade, suas possibilidades e potencialidades epistemológicas, teóricas e práticas, em suas facetas políticas.

Com a revisão, objetivava evidenciar possíveis publicações de estudos alhures sobre a temática da homossexualidade e sua relação com os territórios não urbanos, cidades pequenas e transversalizadas pelo modo de vida rural. Busquei, sem êxito, estudos que lançassem um olhar para os processos teóricos e de linguagens produzidas a respeito disto, e, desta forma, superá-los, ultrapassando fronteiras e cartografando novos ou antigos processos. A revisão demonstrou que há um verdadeiro silêncio sobre as vivências e experiências da homossexualidade naqueles

⁸² WACHOWSKI, Sisters. **The Matrix**. 1999 (Filme).

⁸³ MARTINS, Emerson; TONELI, Juracy F.; BEIRAS, Adriano. Derivas analítico-metodológicas da homossexualidade: uma revisão integrativa da literatura especializada no Brasil. In: **Saúde & Transformação Social**. Florianópolis, v.7, n.3, p.147-165, 2016.

contextos. Contudo, pareceu-me válido publicar os trabalhos encontrados para evidenciar o recorte territorial e analítico destes estudos e destacar que focam em estudos de uma cultura gay⁸⁴.

Esta revisão integrativa levou-me a suspeitar da existência de uma dupla violência ou pouca atenção acadêmica para a temática da homossexualidade em cidades pequenas, a saber: primeiramente, no que concerne a homossexualidade, ocorre um desprezo pelas práticas políticas de liberdade e pelos processos de resistência subjetiva às normatividades. Tais estudos fundam-se em uma crença de uma “cultura gay”, por assim dizer, que pressupõe dados corpos configurados em classe (consumismo), faixa etária (juventude), beleza (padronizações) e masculinidades (heteronormatizadas ou estigmatizadas); em segundo, já no que diz respeito às cidades pequenas, transversalizadas pelo rural, privilegiou-se historicamente uma invenção do campesinato, das cidades não-urbanas, como geralmente fundadas na tradição, propriedade e família, em uma generalização fundada no matrimônio, na economia familiar, na devoção religiosa, na submissão à comunidade e aos bons costumes.⁸⁵ Nesta mesma revisão, percebe-se que tanto questões históricas⁸⁶, econômicas e até culturais são abordadas e delimitam seu *locus*; pouco ou raramente focalizaram os aspectos políticos e de resistência nos territórios de cidades pequenas.

⁸⁴ COSTA, Horácio et al. (Org.). **Retratos do Brasil Homossexual**: Fronteiras, Subjetividades e Desejos. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo: imprensa Oficial, 2010, 452 p.

⁸⁵ FERREIRA, Paulo Rogers da Silva. **Os afectos mal-ditos**: o indizível das sexualidades camponesas. 2006. 173 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

⁸⁶ MOTT, Luiz. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Um único artigo sobre a homossexualidade em regiões não-urbanas e em cidades pequenas foi produzido no Brasil, em nossa revisão no periódico Capes. O estudo trata da sexualidade de homens ribeirinhos⁸⁷, em Bragança, Amazonas, e sua relação com práticas homoeróticas, fronteira, ruralidade (pesca do caranguejo), imaginário, simbolismo e misticismos. Nesse trabalho, os autores abordam como a mitologia do “Ataíde”, um encantado, de enorme falo, que “ataca” homens que trabalham sozinhos no manguezal, se relaciona e expressa práticas de gênero que organizam cultural e laboralmente aquele coletivo, extrapolando a lógica binária de organização entre masculino e feminino. Demonstrem, ainda, como o mito pode ser um entrecruzamento de práticas, desejos, representações de realidades, de histórias, de espaços, de tabus, e muitos outros significados, tornando possível falar de coisas que não são ditas e inclusive delimitar as possibilidades do dito e das vivências, de suas autorizações e interdições.

Em outro artigo, internacional, mas traduzido para o português, as questões de território e da vivência da homossexualidade em contextos rurais⁸⁸ é discutida teoricamente por meio de uma ecologia *Queer*. Tal texto versa sobre práticas no interior dos Estados Unidos, em meados do século XX, desconstruindo o entendimento moderno de que a

⁸⁷ SILVEIRA, F.L.A. SOUZA, C.S. Silveira FLA, Souza CS. Imaginário, trabalho e sexualidade entre os coletores de caranguejo do salgado paraense. **Revista Estudos Feministas**, 22(3). 2014; 22(3): 755-80. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300003>, acessado em 18 de agosto de 2015.

⁸⁸ MORTIMER-SANDILANDS, C. Paixões desnaturadas? Notas para uma ecologia *queer*. **Revista Estudos Feministas**. Apr; 19(1). 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010426X2011000100014&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 19 De agosto de 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100014>.

comunidade LGBTTT não é natural em termos de sexualidade, mas uma degeneração urbana. A autora, por meio da literatura e da história do movimento LGBTTT e do movimento ambiental, ambos na América do Norte, demonstra como a heterossexualidade foi naturalizada historicamente no processo de regulação social da sexualidade, produzindo um importante exercício intelectual sobre a biologização, medicalização, patologização e categorização normativas naturalizadas.

Em tempo, fora do Periódico Capes, e da revisão, fiz uma busca na revista *Bagoas*, que tem no seu escopo principal os estudos gays. Encontrei dois artigos que resultavam de investigações a respeito da homossexualidade em cidades pequenas. No primeiro, em uma pesquisa de iniciação científica, Santos e Teixeira Filho ⁸⁹ problematizam os sentidos que homens homossexuais deram às experiências de regulação de suas sexualidades residindo em uma cidade pequena; apontando para uma ambiguidade da vivência da homossexualidade no armário, sendo que, segundo este estudo, ela poderia suscitar tanto de regulação, por meio da vigilância, como de resistências, no sentido de produzir modos possíveis para aqueles homens viverem naquela cidade. Já o texto de Ferrari e Barbosa ⁹⁰ foca na construção discursiva dos participantes e na problematização do falar sobre si e na atribuição dos lugares da homossexualidade e de homossexuais naquela cidade pequena.

⁸⁹ SANTOS, Daniel Kerry; TEIXEIRA FILHO, Fernando Cartografias do Armário: estratégias do desejo em uma cidade do interior paulista. **Revista Bagoas**, vol. 8, n. 11, 2014

⁹⁰ FERRARI, Anderson, VIVEIROS BARBOSA, José Gabriel Couto de. HOMOSSEXUALIDADES MASCULINAS E CIDADE PEQUENA. . **Revista Bagoas** , vol. 8, n. 11, 2014

Os estudos analisados na revisão bibliográfica apontam para a invisibilidade da interseccionalidade dos homossexuais, principalmente, no que concerne à etnia, geração e território. Nota-se que a problematização naqueles estudos centram-se na exclusividade da discussão da homossexualidade em sujeitos urbanos, jovens, brancos e de classe média. A invisibilidade da homossexualidade para os negros, indígenas, velhos, adolescentes, e, indiretamente para as questões territoriais. Os esparsos estudos voltados para a interseccionalidade ressaltam os efeitos desse hiato nas pesquisas e de possíveis danos na saúde física, mental e social da população LGBTT.

Paradoxalmente, percebe-se que não há um diálogo entre movimento negro ou indígena com os movimentos LGBTT. Os estudos destacam a importância de pesquisas e políticas públicas que levem em consideração a interseccionalidade também de identidades homossexuais de homens negros, entendidas como produzidas em contextos diferenciados de preconceitos e discriminação, tanto em termos de sociabilidade como em termos acadêmicos. Marques ⁹¹ destaca o papel da virilidade, quase animalizada, atribuída aos homens negros, os quais deveriam preservá-la como um fator de distinção positiva por meio da heterossexualidade ⁹², haja vista que a homossexualidade estaria associada a uma simbologia de fragilidade,

⁹¹ MARQUES, J. Notas sobre um itinerário bibliográfico: onde estão os homossexuais negros?. **Em Pauta**. 9(28), 2011): 2011. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/2941>, acessado em 18 fev. 2016.

⁹² KATZ, Jonathan Ned. **A Invenção da Hetero Sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro Publicações, 1996.

colocando desta forma o homem negro em uma dupla condição de estigmas.

Um dos estudos analisa discursivamente os efeitos nos leitores de jornais brasileiros sobre uma tese acadêmica da possível homossexualidade de Zumbi, de Mott, publicada em 1990. No estudo, são analisadas cartas enviadas aos jornais O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, O Globo e o Jornal do Brasil, sobre três temas publicados em 1995 naqueles editoriais. No que diz respeito ao tema acima, houve 15 cartas, nas quais os leitores manifestam a busca pela exclusividade de ícones simbólicos para suas causas e uma concepção de que os mesmos não podem servir a dois movimentos. Paradoxalmente, percebe-se que o movimento negro se posicionou contra a tese da homossexualidade de Zumbi, o que reafirma inúmeros preconceitos contra a comunidade gay. O texto faz interessantes reflexões, a partir das cartas dos leitores, sobre as questões da política, do público e do privado, em relação à sexualidade.⁹³

No que concerne à homossexualidade de indígenas, e do próprio ativismo destes, nota-se que no Brasil não há um devido aprofundamento, e que, inclusive, é permeada por invisibilizações nos estudos que versam sobre a homossexualidade nesses grupos étnicos.⁹⁴ Em outros países, como os Estados Unidos da América e Canadá, os movimentos de indígenas homossexuais se configuram como processos

⁹³ MOTT, Luiz. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

⁹⁴ FERNANDES, E. R.. Homossexualidade indígena no brasil: desafios de uma pesquisa. **Novos Debates** 2015 jan; 2(1), 2015..): Disponível em: <http://novosdebates.abant.org.br/index.php/numero-atual/114-v1-n2/novas-pesquisas/119-homossexualidade-indigena-no-brasil>, acessado em 20 de abril de 2015.

anticoloniais e de produção de saberes, a exemplo do movimento “*two-spirit*”²⁴. Ainda sobre os conflitos entre as temáticas raça/etnia/racismo e homossexualidade/homofobia, veja-se a crítica à concepção de *Check Anta Diop*, o qual inspirou uma corrente filosófica chamada de Afrocentrismo, contestando francamente as contradições de pensamentos e correntes que se auto intitulam libertadoras.⁹⁵

Sobre a homossexualidade em ambientes de trabalho, uma interseccionalidade pouco explorada, dois estudos, um em nível corporativo e outro nas forças armadas, percebe-se em um dos estudos⁹⁶ que há uma intersecção entre o “humor” com referência à orientação sexual (homossexualidade masculina e feminina) e o espaço corporativo de empresas, tanto como meio de manifestação de discriminação e também como estratégia de socialização em relação a si próprios (homossexuais), como na relação com grupos heterossexuais. Os autores destacam a importância da politização do humor, do cuidado com a linguagem, do comprometimento e engajamento das organizações e sociedade como um todo no combate às discriminações de toda ordem.

O outro estudo sobre homossexualidade e trabalho, na realidade, tem seu enfoque na diversidade sexual nas forças armadas, território bastante polêmico e permeado por tabus, e apresenta um índice de

⁹⁵ BUSSOTTI, L., TEMBE, A. A homossexualidade na concepção afrocentrista de Molefi Kete Asante: entre libertação e opressão. **Revista Ártemis** jan-jun; 17(1), 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/download/20084/11126>, acessado em 19 de agosto de 2015.

⁹⁶ IRIGARAY, H. A. R.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Humor e discriminação. **Revista de Administração Contemporânea** - RAC, Sept-Oct, 14(5), 2010.

análise a partir de dados desta temática em países europeus, no Canadá e nos EUA. Para a autora, há uma diversidade grande entre esses países sobre a integração de mulheres ou mesmo de inclusão ou incorporação/punição/exclusão de pessoas homossexuais (homens/mulheres). Parece-lhe que há uma tendência em relação ao grau de aceitação/tolerância; quanto maior a diversidade de gênero, maior a tolerância à orientação sexual e vice-versa.

Em nossa revisão⁹⁷, nota-se também que a questão da família⁹⁸, da homoparentalidade e das disputas por direitos fundamentais, giram em torno da pertinência das demandas por reconhecimento social e jurídico. Aborda-se nestes estudos as implicações dos discursos religiosos, midiáticos, individuais e dos movimentos sociais para o reconhecimento das uniões de pessoas do mesmo sexo na célula social “família” e “paternidade/maternidade”.⁹⁹ Os estudos sobre parentalidade homossexual masculina ou homoparentalidade e conjugalidade¹⁰⁰ ganham destaque. No que concerne ao olhar de homossexuais sobre a noção e significação de família, em um estudo

⁹⁷ MARTINS, Emerson; TONELI, Juracy F.; BEIRAS, Adriano. Derivas analítico-metodológicas da homossexualidade: uma revisão integrativa da literatura especializada no Brasil. In: **Saúde & Transformação Social**. Florianópolis, v.7, n.3, p.147-165, 2016.

⁹⁸ ALMEIDA, Miguel Vale de. **A chave do armário**. Homossexualidade. Casamento. Família. Florianópolis: UFSC, 2010. 225 p.

⁹⁹ SELL, Teresa Adada. **Identidade homossexual e normas sociais**: histórias de vida. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: EDUFSC, 2006. 255 p.

¹⁰⁰ ROLIM, R., & RODRIGUES, F. O assassinato de um homossexual diante de um tribunal da Capital da República em meados do século XX. **Revista Estudos Feministas**, 21(1), 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100017/24653>, acessado em 18 de agosto 2015.

¹⁰⁰ MELLO, Luiz. Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. **Cadernos Pagu** (24), 2005. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a10.pdf>, acessado em 20 de agosto de 2015.

fenomenológico ¹⁰¹, dois casais formados por pessoas do mesmo sexo discutem as possibilidades e atendimentos dessa nova configuração de família por parte do pessoal da saúde. No caso específico da adoção por homossexuais, um estudo, de 2001, demonstrava e alertava sobre a necessidade de um debate sobre família, adoção e orientação sexual, para que haja avanços tanto cultural como juridicamente.

Um trabalho mais recente, apresenta o estado da arte da homoparentalidade, tanto no Brasil como fora dele, no período de 2000 a 2011 ¹⁰². Indica que nacionalmente predominam estudos sobre família homoparental e que, no contexto internacional, os estudos são mais voltados aos pais homossexuais e aos filhos destes. Ambos os estudos são vinculados à Psicanálise e destacam a necessidade de pesquisas empíricas e de outros referenciais teóricos, no Brasil, frente às possibilidades criadas pelas jurisprudências e a união estável de gays e lésbicas ¹⁰³.

No que concerne às referências sócio-antropológicas, sobre os estudos da sexualidade em cidades pequenas atravessadas pela ruralidade, verifica-se, na revisão, que estes estudos têm reduzido

¹⁰¹ SALOMÉ, G. M., ESPÓSITO, V. H. C., MORAES, A. L. H. O significado de família para casais homossexuais. **Rev. bras. Enferm.** 60(5), 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000500014&lng=en, acessado em 18 de Agosto de 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672007000500014>

¹⁰² SANTOS, Y. G. S.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Homoparentalidade masculina: revisando a produção científica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 26(3), 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000300017, acessado em 20 de agosto de 2015.

¹⁰³ CUSTÓDIO, C. J. Homoparentalidade: um direito em construção. **Espaço Jurídico: Journal of Law**, 2012; 13(1), 2012): 91-102. Disponível em: http://journaldatabase.info/articles/homoparentalidade_um_direito.html, acessado em 18 de agosto de 2015.

homens, mulheres e crianças, ao patriarcado, ao estilo de família, à propriedade e à tradição. Esses textos, quando se desterram das discussões em torno do gênero masculino, apontam a reflexões restritas à participação das mulheres na produção agrícola e ao lugar de fragilidade destas e das crianças na estrutura sócio-econômica-política do cenário camponês. Há discussões, na literatura, que abordam as mudanças socioculturais nas relações de gênero e intergeracionais no oeste catarinense ¹⁰⁴ e, outros, em que se aborda a questão da juventude rural, da sexualidade e do próprio gênero em uma perspectiva para se pensar a identidade ¹⁰⁵. São questões que pensam o gênero ainda sobre uma perspectiva binária e vinculada ao sexo biológico, em sua maioria, invisibilizando outras possibilidades de relação com o corpo, o desejo, a sexualidade e o próprio gênero.

Sobre o campesinato, observa-se que não o lugar da diferença. Na maioria daqueles estudos é circunscrito as relações binárias e de oposição entre os gêneros, que solapam questões relativas aos desejos fora da economia e da resposta às exigências históricas e de lutas de classes. Recorrentemente, vê-se a tríade família-terra-trabalho como modo de vida destacado nestes estudos. ¹⁰⁶ Parece-me que ocorre nos estudos sobre a vida nas sociedades rurais algo semelhante com o que as

¹⁰⁴ RENK, A.; BADALOTTI, R. M^a.; WINCKLER, S. Mudanças sócio-culturais nas relações de gênero e inter-geracionais: o caso do campesinato no Oeste Catarinense. *In.*: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Orgs.) **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010.

¹⁰⁵ PAULO, M^a. De A. L. de. Juventude rural, sexualidade e gênero: uma perspectiva para pensar a identidade. *In.*: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Orgs.) **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010.

¹⁰⁶ CAMACHO, R. S. Algumas considerações acerca do modo de vida camponês. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**. v. 10, n. 10, 2014.

feministas negras denunciavam nas décadas de 70 sobre o feminismo estadunidense, no afã de combater o patriarcado, pouco se dizia sobre as hierarquias outras presentes nas questões de gênero. Nos textos sobre sexualidade/gênero/orientação nas cidades pequenas também ocorre algo semelhante.

Onde estão as mulheres e homens negros, as mulheres e homens com uma sexualidade ditas desviantes? Quando aparecem, são abordados como celibatários, como seres assexuados, que por algum objetivo maior, seja a devoção à igreja, à família ou mesmo às lutas patronais/sindicais, abandonam qualquer experimentação variante à norma do desejo. De todo modo, parece-me importante compreender como atuam, mesmo que indutivamente, os marcadores sociais de diferença (raça/cor, classe, gênero, idade) nos vários contextos, observando-se justamente a interseccionalidade desses marcadores e a performatividade do macho viril e da heteronorma como algo desejável. O gênero, as formas de consumir, a classe, o construir o corpo e a identidade, são categorias a serem perseguidas. Em boa medida, estive alerta para as várias faces da violência e de como ocorre o assujeitamento daqueles que não se adequam à (hetero)norma na cidade estudada.

“Os contextos de cidades pequenas” se destacam como fonte inspiradora de compreensão de territórios de vivência da homossexualidade fora do urbano. Estes contextos territoriais, as cidades pequenas, em geral, são circunscritos em idealizações de um espaço estático e restrito. Eu adentrei neles com a compreensão de que são espaços perpassados por questões históricas e culturais, portanto, dinâmico e plural. O território é uma dimensão produzida histórica e

politicamente, pela disputa e pela relação entre sujeitos e os espaços, formando uma totalidade social e cultural, unidade e também diversidade. A ação humana interfere no espaço e produz território, O lugar constitui-se em uma construção histórico e social. O território, então, faz-se de processos de subjetivação que se exprimem em discursos, discursividades e normatividades que afetam as diversas dimensões da vida humana. Santos ¹⁰⁷ nos fala de uma teoria do lugar que recoloca nos processos cartográficos as questões sociais e humanas.

¹⁰⁷ SANTOS, M. **A natureza do espaço** – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

3 FEMINISMOS E OS ESTUDOS SOBRE HOMENS E MASCULINIDADES

*“Minha vela queima dos dois lados; Não vai durar à
noite inteira; Mas ah, meus inimigos, e oh, meus amigos –
Que bela luz ela dá!”*
(Edna St. Vincent Millay)¹⁰⁸

Em 2015, travei um intenso debate sobre se homens podem ser feministas em uma das cadeiras que estudam gênero. Minha interlocutora afirmava veementemente que não. Eu, entretanto, deveria ter argumentado que o problema não é “ser feminista”, mas, parafraseando Foucault, “fazer-se feminista”. Estou convencido que sim, é possível como homem fazer-me feminista, ou na medida de minha cisgeneridade, ter aspirações transformadoras feministas. Aliás, não seria todo o movimento feminista uma aspiração ao feminismo? Pergunto-me isto, pois, não tenho dúvidas de que quero escrever uma tese feminista, no sentido de que não haja suspeições sobre minha atenção às desigualdades de gênero e de suas interseccionalidades. Por outro lado, entendo também que a sexualidade deve ter seu caráter político desvelado. A este respeito, buscarei problematizar a homossexualidade em contextos não urbanos, intuindo que muitas daquelas desigualdades também estão ali presentes, mas que carregam a gênese de uma ruptura com o modelo heteronormativo e generificado.

109

¹⁰⁸ LIRA, José. Edna St. Vincent Millay: versões de uma efêmera beleza. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 7, 2001, p. 142.

¹⁰⁹ CHAGOYA, Melissa Fernández. Tendencias discursivas en el activismo de varones profeministas en México: algunas provocaciones a propósito del “cambio”

Aponto alguns marcos teóricos e históricos das teorias feministas da primeira e segunda onda e das teorias feministas pós-estruturalistas na problematização dos estudos sobre homens e masculinidades e de sua viabilidade como ferramenta analítico-metodológica para a temática da homossexualidade em cidades pequenas e atravessadas por contextos de ruralidade, conservadorismo e forte religiosidade. Em consonância com Butler (2006) quando afirma que

sería un error suscribir una noción progresiva de la historia por la cual se entiende que diferentes marcos van sucediéndose y suplantándose unos a otros. No se puede narrar una historia sobre cómo uno se desplaza del feminismo al queer y al transexual. Y no se puede narrar tal historia sencillamente porque ninguna de esas historias pertenece al pasado: esas historias continúan ocurriendo de formas simultáneas y solapadas en el mismo instante en que las contamos. En parte se dan mediante las formas complejas en las que son asumidas por cada uno de esos movimientos y prácticas teóricas.¹¹⁰

A revisão e a problematização que apresento sobre os estudos de masculinidades e o próprio conceito de masculinidade tem um objetivo analítico-metodológico. Explícito como tais estudos contribuem/contribuíram para uma crítica e superação de que os homens ou certa dominação por eles impostas não podem ser compreendidos apenas pela entidade “homem” ou por certa hegemonia. Esta crítica possibilita compreender que as relações entre homens-homens, homens-mulheres, mulheres-mulheres, é que produzem dominações, hierarquizações, relações de poder, de subordinação e de resistência.

en los hombres. **Conexões Psi**. v. 2, n. 1. 2014. Disponível em <http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/conexoespsi/article/view/324>.

¹¹⁰ BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006, p. 17.

Além de explicitar estas assimetrias, os estudos sobre homens e masculinidades também destacam o caráter múltiplo e diverso das subjetivações, sugerindo

que los mecanismos por los que la masculinidad se crea y se reproduce también necesitan ser cuestionados y transformados y, además, sostienen que la mayoría de los hombres, a pesar de todo el poder que tienen sobre las mujeres, son infelices y no se sienten poderosos ¹¹¹.

Nesta medida, as linhas que seguem inscrevem de maneira objetiva o percurso de leituras que percorri. Intentei apropriar-me da categoria masculinidades e das possibilidades de sua utilização no estudo sobre a homossexualidade em/de homens em cidades pequenas, de seus processos de subjetivação e dos atravessamentos territoriais, culturais, sociais, estéticos, políticos e éticos.

¹¹¹ KIMMEL, Michel. Los estudios de la masculinidad: CARABÍ, Àngels y ARMENGOL, Josep M. (eds.) una introducción. In.: **La masculinidad a debat**. Barcelona: Icaria, 2008, p. 17.

3.1 Feminismos: 2ª onda, negras lésbicas e marxistas

“Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda”.
(Cecília Meireles)¹¹²

Anuncio anteriormente a escolha de enfoques feministas para se pensar as masculinidades e os estudos daí derivados. Isto se dá por algumas razões. Primeiramente, porque foi um tipo feminismo que vislumbrou o gênero ou o esquema sexo-gênero como um sistema de classificações e de relações de poder e de desigualdade. Em segundo, porque foi no seio do feminismo de segunda onda, estadunidense, que os estudos sobre masculinidades começaram a se desenvolver, pelas feministas negras, lésbicas e marxistas.

Viveros afirma que

las teorías feministas han tenido una importancia muy grande para el surgimiento y desarrollo de los estudios sobre hombres y masculinidades. Aunque no siempre el foco de atención de estas teorías han sido los hombres o las prácticas masculinas, sus desarrollos teóricos en relación con el género han permitido repensar y redefinir la masculinidad, visibilizar a los varones como actores dotados de género y propiciar el

¹¹² MEIRELES, c. **Romanceiro da Inconfidência**. Vol. Único. Editora Nova Aguilar S/A: Rio de Janeiro, 1977, (on line). Disponível em <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/5628/material/CEC%C3%83%C2%ADLia%20Meireles%20-%20Romanceiro%20da%20Inconfid%C3%83%C2%Ancia%20%5BRev%5D%5B1%5D.pdf>

surgimiento de nuevos movimientos sociales en torno a estas reflexiones.¹¹³

Teorias feministas também desenvolveram o conceito de diversidade, em uma perspectiva que pensa o gênero sem invisibilizar os inúmeros marcadores sociais, culturais, geracionais, etários, de classe e outros, como constituintes da masculinidades em suas diferenças e também em suas semelhanças.¹¹⁴ e ¹¹⁵ O gênero masculino foi caracterizada por algumas feministas, na primeira onda,

como algo intrinsecamente perjudicial para las mujeres y los demás varones y fue injuriada sistemáticamente como algo abyecto. Estas corrientes pretendían alcanzar la equidad de género aboliendo o transformado radicalmente a los hombres y a la masculinidad.¹¹⁶

Acreditava-se em uma possível pedagogia que obraria mudanças nas masculinidades, erradicando processos de humilhação e dominação vividos na infância. Este feminismo sofreu críticas no sentido de que a equidade na educação dos filhos, por homens e mulheres, exigiria uma mudança nos estilos de vida masculina e que portanto não surtiriam efeito nos termos que aquelas teóricas pensavam.

Houve também feministas que exploraram os nexos entre

¹¹³ VIVEROS, Mara. Teorías feministas y estudios sobre varones y masculinidades. Dilemas y desafíos recientes. In: **La manzana de la discordia**, Año 2, No. 4. Diciembre, 2007, p. 34

¹¹⁴ KIMMEL, Michel. Los estudios de la masculinidad: CARABÍ, Àngels y ARMENGOL, Josep M. (eds.) una introducción. In.: **La masculinidad a debat**. Barcelona: Icaria, 2008.

¹¹⁵ CONNELL, Robert W & MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidades Hegemônicas: repensando o conceito. In.: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

¹¹⁶ VIVEROS, Mara. Teorías feministas y estudios sobre varones y masculinidades. Dilemas y desafíos recientes. In: **La manzana de la discordia**, Año 2, No. 4. Diciembre, 2007, p. 26.

masculinidade, nacionalismo e violência, traçando uma relação com determinadas práticas maternas na primeira infância. Essa perspectiva foi criticada, e quiçá superada, principalmente por desconSIDERAR a origem destes sistemas de violência e de realização da heteronormatividade pelo poder conferido pela força física.¹¹⁷

A partir deste debate engendrou-se interconexões “*entre las diferencias de género y otras jerarquías sociales y relaciones de poder desde la mitad de los años ochenta el marco del debate se desplazó de la diferencia de género a las diferencias entre mujeres*”¹¹⁸. Para a autora, com este deslocamento para a diferença entre as mulheres, as chamadas feministas negras, as lésbicas e também as marxistas tiveram grande influência em destacar marcadores e interconexões entre etnicidade, nacionalidade, classe social, identidades racializadas e as orientações sexuais. Percebe-se que, a partir deste debate, as masculinidades receberam um olhar lançado pelas feministas negras; buscaram compreender, sem perder de vista as questões das mulheres enquanto negras, como os homens negros vivenciavam as relações de dominação em suas comunidades e suas lutas contra o racismo e, por consequência, contra o sexismo, e pela consideração da luta conjunta que travaram pela dignidade humana precariamente atribuída aos negros e negras. Kimmel destaca a influência destas feministas em relação ao reconhecimento de

que la homofobia, por ejemplo, es uno de los principios organizadores de lo masculino. La

¹¹⁷ VIVEROS, Mara. Teorías feministas y estudios sobre varones y masculinidades. Dilemas y desafíos recientes. In: **La manzana de la discordia**, Año 2, No. 4. Diciembre, 2007.

¹¹⁸ Ibid, p. 27.

homofobia explica no solo la manera em que entendemos las relaciones entre hombres heterosexuales y homosexuales, sino también cómo funciona la construcción de la masculinidad.¹¹⁹

É no final da década de 1980 e início da de 1990 que a noção de masculinidades, tomada como uma categoria, mais crítica inclusive, passa a ser amplamente utilizada em diversas áreas do conhecimento e profissionais. Neste período, começa-se a estudar com maior ênfase a dimensão cultural das masculinidades e sua interface com imposições institucionais. Tais estudos vinculam-se também à crítica feminista, à teoria dos papéis, aos estudos psicanalíticos sobre “identidade de gênero” e aos estudos sobre homossexualidade.

¹¹⁹ KIMMEL, Michel. Los estudios de la masculinidad: CARABÍ, Àngels y ARMENGOL, Josep M. (eds.) una introducción. In.: **La masculinidad a debat**. Barcelona: Icaria, 2008, p. 16.

3.2 Feminismos: o conceito de masculinidades

Não posso envergonhar-me do homem que sou. Há um menino em mim que me observa e ele tem nos olhos (qual a cor?): todas as manhãs e tardes e manhãs com sol e chuva.
(Torquato Neto)¹²⁰

O cenário, a partir da década de 1990, leva à formulação do conceito de masculinidade hegemônica, como aquela masculinidade que se situa hierarquicamente dominadora de outras masculinidades subordinadas e de todas as outras possibilidades de posições sexuadas, inclusive as femininas. Nesta perspectiva,

a masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. Homens que receberam os benefícios do patriarcado sem adotar uma versão forte da dominação masculina podem ser vistos como aqueles que adotaram uma cumplicidade masculina.¹²¹

Nesta mesma época, alguns estudos sobre masculinidade marcaram as discussões e reflexões a respeito do tema; no que tange a esta noção relacional entre possibilidades de ser homem como expressão de um dado discurso hegemônico - heterossexual, burguês, monogâmico

¹²⁰ ROSA, Rogério M. **AFETOS DA DOCÊNCIA: POR UMA CARTOGRAFIA DA INFÂNCIA BAILARINA** (Tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Santa Catarina (PPGE/UFSC)) Florianópolis: UFSC, 2016, p. 8.

¹²¹ CONNELL. Robert W & MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidades Hegemônicas: repensando o conceito. In.: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013, p. 245.

e cristão - e outras masculinidades fora dessa discursividade – homossexuais, por exemplo. Destaco dois destes trabalhos acadêmicos: “XY: Sobre a identidade masculina”, de 1993, escrito por Elisabeth Badinter, e “*Masculinities*”, de 1995, de Raewyn Connell, à época Robert W Connell.

Em Badinter, a ideia de “masculinidade é um conceito relacional, pois só é definida com relação à feminilidade”.¹²² A autora analisou as alterações que os movimentos políticos, econômicos e sociais produziram sobre os modos de ser homem; para ela, há uma “crise da masculinidade”, representando a queda do patriarcado e uma nova experiência da masculinidade, a qual comportaria relações entre homens e mulheres mais horizontais. Afirma a autora, “as dificuldades da masculinidade são patentes, sobretudo, em nossos dias e em nossas terras [ocidente], onde o poder que lhe servia como couraça se enche de rachaduras. Sem as suas defesas milenares, o homem expõe seu sofrimento, com frequência em carne viva”¹²³.

Esta noção de crise da masculinidade encontrou críticas que residem principalmente à amplitude do alcance desta noção. Alguns autores afirmam que mesmo em masculinidades subalternas ainda há a manutenção das regulações da masculinidade hegemônica¹²⁴ e que as transformações na modernidade não destituíram o ideário de masculino,

¹²² BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 10.

¹²³ BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 36.

¹²⁴ TÍLIO, Rogério. O jogo discursivo na vida afetiva: a construção de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Discurso de Identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

senão colocou-o sob suspeita, sobre flexibilizações e visibilizações de certas masculinidades.¹²⁵ Para Oliveira, em um

primeiro momento pode parecer que a “modernidade” produziu somente um modelo de masculinidade, afirmação equivocada frente aos inúmeros modos de viabilização dos corpos masculinos. Na verdade, a “modernidade” foi produtora de diversos modos de se viver o masculino, contudo torna visível apenas uma. Colocando todas as outras possibilidades na margem, na periferia de uma masculinidade hegemônica.¹²⁶

As formulações de Badinter tem um bom escopo para esta “visibilização” de outros corpos masculinos e certamente de outras formas de se viver a masculinidade. Ao menos do ponto de vista teórico-conceitual, começam a surgir ferramentas analíticas para se problematizar, em nível acadêmico e também político, realidades de homens que não se encaixavam no esquema do patriarcado e dos papéis sociais, como, por exemplo, os homossexuais.

Já Connell¹²⁷ ao apresentar suas análises sobre masculinidades, recorre às Ciências Sociais - mais propriamente à Antropologia, à Sociologia e à História -, dialoga com o pensamento Foucaultiano e com o construcionismo social - que crítica o viés biológico dado à masculinidade. A autora coaduna com Badinter no que concerne à masculinidade como um fenômeno dinâmico e ligado ao corpo, ao tempo e ao espaço: uma “precária construção”. Connell considera que

¹²⁵ OLIVEIRA, L. Corpos que escapam: ação cultural como resistência. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 34, n. 2, p. 61-71, dez. 2008.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 54.

¹²⁷ CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1995.

“uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela, uma vez que há ‘diferentes formas de usar, sentir, e mostrar os corpos masculinos’”.¹²⁸

Para Connell¹²⁹, o mundo social é construído para além das repetições individuais, o que implica em perceber que a masculinidade não se funda individualizadamente, mas, nas relações sócio-histórica-econômicas-culturais. A autora, no texto de 1995, também inova ao evocar a responsabilidade dos estudos científicos darem visibilidade às masculinidades e também feminilidades desviantes. Vejo aqui um posicionamento político que considera a possibilidade de resistência e transgressão, algo que contribui para o olhar que pretendo lançar sobre a homossexualidade em cidades pequenas.

Connell¹³⁰ defende que há masculinidades, com “s”, pois, a autora se fundamenta justamente na concepção da masculinidade como “uma configuração de práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de ‘masculinidades’ ”¹³¹. Este reconhecimento dos vários e possíveis tipos de masculinidades e de sua não fixidez possibilita que homens na contemporaneidade se diferenciem e legitimem as suas masculinidades entre si, para si e para o mundo. Em contraponto, a masculinidade hegemônica refere-se à forma de masculinidade predominante nas

¹²⁸ CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1995, p. 139.

¹²⁹ Id.,Ibid.

¹³⁰ Id., Ibid.

¹³¹ Ibid., p. 188.

sociedades ocidentais, que são mais valorizadas e impostas em certas circunstâncias históricas.

Percebe-se, ao longo destas décadas de estudos sobre masculinidades, que muito se avançou, inclusive em relação ao que seja propriamente a masculinidade ou suas teorizações. Connell e Messerschmidt ¹³², ao reverem o conceito de masculinidade hegemônica, por exemplo, afirmam que a masculinidade, considerando todo o escopo e *know how* sobre estes estudos, mantém seu caráter de pluralidade, de hierarquização e de dinâmismos histórico-culturais. Para essas autoras, se deve rejeitar qualquer caráter essencialista da masculinidade e do próprio gênero. Afirmam também que, ao pensarmos as hierarquias de gênero, deve-se compreender que a hegemonia de dada masculinidade se dá nas dinâmicas mútuas do gênero, do poder e de outras dinâmicas sociais. A própria masculinidade hegemônica ocorre de maneira geográfica, em níveis locais, regionais e globais; manifestando-se nos corpos de maneiras particulares em termos de uso e de representação.

Outro estudo importante foi o livro de Penteadado e Gatti ¹³³, composto por vários ensaios sobre masculinidades e suas ressignificações conceituais e sociais. Recorre a um estilo de pesquisas fundamentado em estudos de gênero, da crítica pós-estruturalista e dos estudos culturais, utilizando para tal diversas formas de linguagens,

¹³² CONNELL, Robert W & MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidades Hegemônicas: repensando o conceito. In.: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

¹³³ PENTEADADO, Fernando Marques; GATTI, José (Org.) **Masculinidades e ressignificações Masculinidades**: teoria, crítica e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

como o cinema, a literatura, a arquitetura, os desportos, a fotografia e outras manifestações culturais.

Sobre as trajetórias escolares no ensino médio de jovens gays e da produção de masculinidades associada aquele espaço, há um estudo que associou alguns autores, articulando-os em torno da sua temática: de Joan Scott, aproveita o conceito de gênero; de Jeffrey Weeks, o de sexualidade; de Pierre Bourdieu, o *habitus*; de François Dubet, a experiência social e escolar; e de Agnes Heller, o preconceito. O autor destaca que o Ensino Médio é um espaço paradoxal, pois nele, há tanto situações de acolhimento, como de violência, exclusão e negligenciamento, de constituição de uma identidade homossexual, bem como de homofobia, de reforço da heteronormatividade, mas também de transgressão. Para o autor, são os movimentos feminista e GLBTT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) que tem possibilitado essas resistências e afirmações.

A partir de interrelações entre as experiências de masculinidade dos autores e de fontes teóricas pós-estruturalistas, pode-se vislumbrar as diferenças entre os estudos de gêneros e suas contendas com o pensamento eurocêntrico e moderno, tanto para a cultura como para o sujeito, que é desvelado e alijado de sua teleologia, consciência e identidade. Evidencia-se no livro como conceituações duras sobre a masculinidade tem sido ressignificadas. Tais ressignificações passam por denunciar e desconstruir os binarismos vários, demonstrando a partir de vivências e teorias como a identidade, tão buscada graças a esses binarismos, é contestada no meio cultural, social e subjetivamente. O livro é dividido em “Parte I: Literatura/Imagens”, “Parte II: Políticas/Culturas” e “Parte III: Ardores/Espelhos”. Na primeira parte,

temos ensaios teórico-críticos sobre literatura e cinema; na parte II, narra-se a masculinidade nas artes performáticas, no cinema norte-americano e do embasamento militar e pedagógico a que os esportes estão submetidos; na última parte, o mote é a construção do desejo masculino e sua relação com a arquitetura, em especial, dos banheiros masculinos. Outros estudos que levam banheiros e também vestiários que cabe problematiza os vestiários (masculinos) como extensão da natureza pública de uma masculinidade hegemônica ¹³⁴, sendo um espaço privilegiado para a instituição de normas heterossexuais masculinas e para práticas desejantes homossexuais dos sujeitos, além da ocorrência de uma mistura entre pornografia e voyeurismo erótico.

Estes e outros estudos sobre masculinidades foram importantes para superar a noção de papel social como um conjunto de expectativas e comportamentos relativos. Resta também a crítica que tal noção ainda é marcada pela hierarquização e dicotomização, homem x mulher, inobservando a questão da constituição subjetiva dos sujeitos, das relações de poder e de produção. Avançando na construção do conceito de masculinidades, as teorias feministas pós-estruturalistas ¹³⁵ destacam a partir da teoria de gênero as inevitáveis influências da heteronormatividade compulsória e de sua construção discursiva do binarismo homem x mulher.

Retomando a questão dos estudos sobre masculinidades, o

¹³⁴ CAMARGO, W. X. Notas etnográficas sobre vestiários e a erotização de espaços esportivos. **Revista Artemis**, 2014; 17: 61-76. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/17989/11130>, acessado em 11 de dez de 2015.

¹³⁵ WILLIAN, James. **Pós-estruturalismo** (trad. De Caio Liudvik) 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

feminismo pós-colonial coincidia com o feminismo negro no que tange a masculinidade como construção histórica e culturalmente específica. Percebe-se, segundo Viveros ¹³⁶, que até os anos de 1980 havia por parte de alguns feminismos, negro e pós-colonial, uma agenda que se colocava como feminista, antirracista e anti-imperialista, fato que não afastou aquelas teóricas e ativistas de observarem as masculinidades por uma perspectiva diferente e esclarecedora sobre os processos de dominação das mulheres e de outras identidades de gênero. De alguma maneira, prepararam terreno para os chamados estudos pós-críticos, pós-modernos e os *queer*, especialmente, em relação às críticas ao binarismo, aos movimentos identitários, ao esquema sexo-gênero; buscando uma desnaturalização, uma desconstrução da própria categoria de gênero.

¹³⁶ VIVEROS, Mara. Teorías feministas y estudios sobre varones y masculinidades. Dilemas y desafíos recientes. In: **La manzana de la discordia**, Año 2, No. 4. Diciembre, 2007.

3.3 Masculinidades e os estudos sobre homossexualidade

“O amor comeu meu nome, minha identidade, meu retrato. O amor comeu minha certidão de idade, minha genealogia, meu endereço. O amor comeu meus cartões de visita. O amor veio e comeu todos os papéis onde eu escrevera meu nome”.
(João Cabral de Melo Neto)¹³⁷

Muitas pesquisas buscam compreender e localizar historicamente o surgimento das identidades sexuais modernas, apontando para uma desconexão dos estudos sobre homossexualidade e de gênero. Este fato é influenciado por questões históricas¹³⁸, políticas e de formação de ambos os campos, que buscam especificidade dos estudos de gênero e dos estudos gays e lésbicos no Brasil e suas relações com os estudos de gênero¹³⁹. A Homossexualidade, como uma dessas identidades sexuais^{140 e 141}, é refletida também como existência e subjetividade e como um processo em que os sujeitos homossexuais (ou assim identificados) podem ser excluídos ou sancionados.

Essa complexa relação entre os feminismos, estudos de gênero e estudos de masculinidades, produziram algumas críticas sobre o

¹³⁷ MELO NETO, J. C. Os três mal-amados. In.: MELO NETO, J. C. **Obras Completas**, Editora Nova Aguilar S.A: Rio de Janeiro, 1994, p. 59.

¹³⁸ GREEN, James e TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005.

¹³⁹ GÓIS, João Bôsko Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, 11(1), 2003. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100021>

¹⁴⁰ CARRARA, Sérgio, & SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu**, (28), 2007. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100005>

¹⁴¹ KERN, Francisco Arseli; SILVA, Andre Luiz da. A homossexualidade de frente para o espelho. **Psico**. Porto Alegre; 40(4): out.-nov. 2009.

<http://caioba.pucrs.br/face/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/4939/4938>

conceito de masculinidades. Noriega ¹⁴² destaca algumas delas ao fazer uma interessante discussão entre a relação ao acesso de homens ao conhecimento, em termos epistemológicos, e a exclusão dos mesmos deste conhecimento. A primeira vista, isto parece paradoxal, já que historicamente na modernidade, o conhecimento tem sido produzido por homens e para os homens. O autor destacará esta exclusão nos próprios estudos sobre masculinidades.

Na realidade, em toda a sua argumentação, Noriega busca demonstrar que a masculinidade hegemônica priva do conhecimento tanto homens que estão dentro da norma, bem como aqueles que fogem/desviam dela. Para ele, os homens podem estar excluídos do conhecimento quando: há generalização da expressão “homem”, como ideia de “ser humano”, pois, esta engloba a própria noção de homem como sujeito genérico; é impossibilitado aos homens conhecer que não pela razão; é omitido deles sua condição de construto social e histórico como sujeito genérico; não representam a masculinidade hegemônica e, portanto, são tomados por sua feminilidade, fato que inclusive justifica que seus corpos mesmo que masculinos estejam suscetíveis àquelas violências produzidas e impostas às mulheres.

Esta digressão é uma abertura para que Noriega teça uma crítica sobre as lacunas nos estudos de gênero relativos às masculinidades, em termos metodológicos e analíticos. ¹⁴³ O autor demonstra que muitos

¹⁴² NORIEGA, Guillermo Nuñez. Los “hombres” en los estudios de género de los “hombres”: un reto desde los estudios queer. In: J. C. R. Rodríguez; G. U. Vázquez. (Ed.). **Masculinidades**. El juego de género de los hombres en el que participan las mujeres, (pp. 43-57) . Madrid: Plaza y Valdes, 2008.

¹⁴³ NORIEGA, Guillermo Nuñez. Los “hombres” en los estudios de género de los “hombres”: un reto desde los estudios queer. In: J. C. R. Rodríguez; G. U. Vázquez.

estudos, nos estatísticos - também aqueles que incluem marcadores sociais, como renda, classe, geração e outros -, são produtores de uma homogeneização e de uma essencialização do ser homem, da masculinidade, colocando-os em posições sociobiológicas, fundadas estritamente no sexo anatômico; bem como, em grande medida fazem um desserviço à visibilidade de masculinidades desviantes. Em suas palavras, referindo-se a estatísticas de suicídios entre adolescentes e de sua incidência sobre a comunidade LGBTTT, afirma que “*se le otorga a esa persona el estatus de 'hombre' post-mortem, por cuya negación muy probablemente murió*”.¹⁴⁴

Tais considerações tocam em uma questão importante para o este estudo, haja vista, que estive preocupado com a vivência da homossexualidade de homens em cidades pequenas. Há perigo e ambiguidade no próprio termo “homem”. O que há de homens nos sujeitos homossexuais? Eles próprios se consideram homens? Noriega¹⁴⁵ destaca como os estudos sobre masculinidades não problematizam o conceito de homem, de masculino, como um construto em disputa; mas, que, por outro lado, colaboram para a essencialização e remetem ao esquema sexo-gênero e ao patriarcado.

Os participantes da pesquisa destacaram como essa reorganização em torno de uma masculinidade hegemônica associava seus corpos à homossexualidade por parte dos grupos. Seus corpos passam pelo dilema de que uma feminilização os faria gays ou de por serem gays, feminizam-se. Evidentemente, alguém poderia argumentar

(Ed.). **Masculinidades**. El juego de género de los hombres en el que participan las mujeres. 2008, p. 4

¹⁴⁴ Id., Ibid., p. 32.

¹⁴⁵ Id., Ibidem.

que o gênero não está ligado a orientação. Entretanto, socialmente, ainda estão muito colados. Se por um lado, “ser gay, sem parecer” é autorizado, por outro, para sê-lo, exige-se algum tipo de informe, na maioria das vezes, por meio dessa feminilização/afeminização. Destaque-se aqui o caráter misógino fundante dessas posturas.

Esse conflito sempre se instala em termos de tensão, quase nunca como confronto direto. Ou seja, indica-se que a norma/lei está sendo transgredida, que não se espera e não se incentiva um desvio da masculinidade hegemônica. As sanções subjetivas fluem em todos os espaços, de modo muito particular, nos discursivos. As piadas, as ironias, as indiretas (o não-dito) constituem um oceano no qual se está imerso, no qual se faz necessário respirar, o resultado é a agonia e o sufocamento. Como qualquer um que se afoga, há duas opções, tentar respirar em baixo da água ou emergir para um ambiente mais favorável. Os participantes da pesquisa sempre ressaltam a necessidade de produzir estes ambientes, nos quais o destaque da existência de masculinidades e não de uma masculinidade é fator primordial.

No que diz respeito aos estudos sobre masculinidades que se utilizam de métodos qualitativos e quantitativos, de questionários e entrevistas, Noriega ¹⁴⁶ indica um equívoco que a primeira vista parece ser metodológico, mas que na realidade se torna ontológico, político e epistemológico. O autor destaca que muitos destes estudos “esquecem” de questionar a seus investigados se

¹⁴⁶ NORIEGA, Guillermo Nuñez. Los “hombres” en los estudios de género de los “hombres”: un reto desde los estudios queer. In: J. C. R. Rodríguez; G. U. Vázquez. (Ed.). **Masculinidades**. El juego de género de los hombres en el que participan las mujeres, 2008, p. 04.

son “hombres”, o desde cuando sienten que son “hombres”, o si alguna vez han sentido que algunos piensan que no son “hombres, o que significa para ellos ser “hombres, o cómo se sienten en relación a su “hombria”, o quiénes no son “hombres”, o si son “hombres” nomás o son “muy hombres”, poco “hombres”, “hombres de verdad”, “hombres a güevo”, u “hombres-hombres”.¹⁴⁷

Neste estudo, segui o ponto de atenção sugerido por Noriega (2008), que destaca que os investigadores de estudos de gênero e masculinidades não fazem tais perguntas, pelo simples fato de que consideram e assumem a condição de homem ou de masculinidade como um dado incontestável, percebido pelas vestimentas ou mesmo pelos ditames sexo-gênero, por exemplo.

Para Noriega, a masculinidade como uma categoria do pensamento precisa ser investigada centralmente ou como parte destas pesquisas, que poderiam demonstrar como as práticas, valores e ações de dados homens não são apenas uma enunciação do ser homem, mas sim seus atos e relações reflexivas sobre a suas própria masculinidade, construindo sentidos para a própria noção de ser homem.¹⁴⁸ Estas subjetivações se dão em campos de disputas, constituem jogos de verdade.¹⁴⁹ O autor também recoloca as pesquisas sobre masculinidade em um platô político, pois destaca as influências destas investigações

¹⁴⁷ NORIEGA, Guillermo Nuñez. Los “hombres” en los estudios de género de los “hombres”: un reto desde los estudios queer. In: J. C. R. Rodríguez, G. U. Vázquez. (Ed.). **Masculinidades**. El juego de género de los hombres en el que participan las mujeres, 2008, p. 38.

¹⁴⁸ Id., Ibidem..

¹⁴⁹ FOUCAULT, M. **A história da Sexualidade**: A vontade de saber. Trad. Maria Therez da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 23ª impressão. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2013.

nas tomadas de decisões pessoais e comunitárias, que incluem tanto a comunidade científica, como os pesquisadores/as, quanto as questões de governabilidade.

Esta perspectiva de masculinidades me auxiliou como ferramenta analítico-metodológica capaz de problematizar a homossexualidade em/de homens em cidades pequenas, voltando-me sobremaneira para as questões de alteridade, subjetividade, éticas, estéticas e políticas. Ao questionar os participantes sobre como se viam em relação ao seu gênero, também desejava afirmar minha escolha de aproximação daqueles corpos, vistos por mim como masculinos. Ainda que suas respostas sempre tenham se atrelado a sua orientação sexual, destacam também sua consciência de diferenças em suas masculinidades e de sua posição distintiva da masculinidade hegemônica.

Em tempo, outra perspectiva de estudos sobre masculinidades que possibilitou reflexões para o entendimento desta categoria, e de sua utilidade para meu estudo, é aquela sobre autoria de violências produzidas por homens contra mulheres. Estes estudos têm refletido sobre a formação da subjetividade masculina e de suas especificidades, *“con el propósito de poder pensar en estrategias de cambio, en núcleos o campos de significación y sentido importantes para la construcción de estrategias y herramientas en el trabajo con el autor de la violencia”*.

¹⁵⁰ Tais estudos me auxiliaram a pensar analogias entre a violência produzida a partir da matriz heterossexual, sem contudo perder de vista às questões da diversidade e multidimensionalidade das relações de

¹⁵⁰ BEIRAS, A. CANTERA, L. **Narrativas personales, construcción de masculinidades** – aportaciones para la atención psicosocial a hombres autores de violencia. *Psico*, 43 (2). 2012, p. 252.

gênero. Destaque-se aqui as questões de subjetivação e de práticas culturais em relação à construção/normatização das masculinidades e sua relação com as violências, que são “*parte constituyente de la masculinidad tradicional*”.¹⁵¹

Ao se problematizar a prevenção, a sensibilização e a conscientização em torno das questões da violência contra a mulher, faz-se necessária redobrada atenção para que não se produza uma dicotomização, essencialização generificante e individualização a respeito dos produtores de violência. Quero dizer com isso que a violência não é exclusividade de um gênero, apesar de sua reiteração; ela é demarcadora de posições em relação aos assujeitamentos produzidos histórica, cultural, econômica e socialmente, por processos de subjetivações que suscitam determinadas contingências a também determinados sujeitos históricos. Portanto, aqueles estudos sobre masculinidades destacam a questão relacional entre sujeitos e comunidade.

A partir de interrelações entre as experiências de masculinidades e de fontes teóricas pós-estruturalistas, psicanalíticas, antropológicas e da Psicologia Social, vislumbrei as diferenças entre os estudos sobre homossexualidade e suas contendas com o pensamento eurocêntrico e moderno. Conceituações duras sobre as masculinidades têm sido ressignificadas, denunciando e desconstruindo os binarismos. Demonstram, estas interrelações, a partir de vivências e teorias, como a

¹⁵¹ BEIRAS, A. CANTERA, L. **Narrativas personales, construcción de masculinidades** – aportaciones para la atención psicosocial a hombres autores de violencia. *Psico*, 43 (2). 2012, p. 252.

da “identidade”, tão buscada graças a esses binarismos, são contestadas no meio cultural, social e subjetivamente.

Nesta perspectiva, lancei um olhar sobre algumas facetas da construção da noção de masculinidades e suas implicações nas maneiras de pensar as relações de gênero e a homossexualidade, em termos epistêmicos, metodológicos, analíticos, sexuais e históricos. Há por parte de alguns pesquisadores, aos quais me inscrevo, uma preocupação política, estética e ética sobre estas temáticas, mas que não foram abordadas com a profundidade devida nesta breve problematização. Resta dizer que entendo a questão das masculinidades (e seus estudos) como um complexo mote para se pensar as inúmeras inquietações em relação às subjetivações e às (est)etizações da vida e dos processos a que homossexuais estão assujeitados. Os estudos sobre masculinidades auxiliam a compreender as infindáveis e diferentes maneiras e estratégias de viver o masculino, a homossexualidade, o feminino - por que não? -, desconstruindo e dando relevo às subordinações, responsabilidades, hegemonias, normatividades, racismos, sexismos, culpas, vergonhas e outras hierarquizações.

4 POLÍTICA E SUBJETIVIDADE

*Por causa da burrice e imbecilidade humana, os
maiores deuses lutam em vão.
E a luta deles não muda nada para você.
(Celso Martins, meu pai)¹⁵²*

Quando era criança meu pai sofreu um grave acidente de trabalho, e, por conta disto, nos mudamos de Urubici, na serra catarinense, para Palhoça, no litoral e região da Grande Florianópolis. Essa mudança de território, de espaço, de lugar, foi sem dúvidas a coisa mais marcante da minha infância. Eu tinha 9 anos, à época, e ao descermos a serra, estava encantado com as nuvens entre as montanhas, era uma beleza que eu não conhecia. O motorista do caminhão de mudanças me disse que aquilo era o mar, ou, talvez, eu tenha entendido isso. Acreditei que as nuvens entre as montanhas era o mar por meses, até que finalmente fui levado a uma praia. Eu nunca vou me esquecer do sentimento de revolta, por ter acreditado que as brumas catarinenses eram o mar, ser solapado pela revolucionária sensação dos meus pés na areia, pela invasão da imensidão azul esverdeada do mar nos meus olhos. Por anos, tive a deliciosa fantasia que meus olhos eram uma extensão de todo aquele verde, que de alguma forma eu estava conectado ao mar. No dia em que vi o mar, aprendi que as verdades que o mundo nos conta, ainda que lindas, podem mudar; são versões do mundo, são as estórias contadas pelos mais velhos, as incompreensões de uma sentença compreendida limitadamente, ou mesmo, são a medida para se estar no mundo.

¹⁵² MARTINS, Celso. Comunicação pessoal, 1996.

Quase todas as minhas lembranças da infância são posteriores a minha vinda para o litoral, este território tão marcadamente diferente do interior do estado, de onde eu vinha. Na escola primária que fui estudar, eu e meus irmãos erámos os únicos negros, os “negões”. Acredito que foi ali, naquela comunidade escolar que comecei a viver o que entendo por território. Os territórios, como já dito, são espaços em que ocorrem hierarquizações, prescrições, resistências e transgressões. Estas, por sua vez, são estabelecidas e partilhadas estéticamente e discursivamente pelos sujeitos que transitam naquele espaço/tempo delimitado física e politicamente.

Três décadas se passaram, e aqui estou eu, no litoral, em uma “escola”, em um território, perseguindo/apresentando os processos de subjetivação de homens gays de um outro território, também no interior, Realeza, no sudoeste do Paraná. Estou aqui visibilizando, cartografando relevos produzidos pelos gestos, pelas linguagens, pelas práticas, pelas (des)territorializações, pelas marginalizações, pelas fronteiras e pela normatividade. Ao olhar para a subjetivação política de sujeitos, de homens gays, quero compreender como se instaura o dissenso, o desencantamento da ordem estabelecidamente heterossexual e binária; quero identificar o lugar da presença, o peso que as homossexualidades e seus modos de vida produzem nas situações de dominação e como reconfiguram a ordem do sensível; entender como a alteridade potencializa politicamente a produção de diferentes modos de participação na comunidade, no território e na constituição do sujeito.

4.1 Discurso, dissenso e política

A constituição do sujeito tem a ver com as práticas de resistências e de transgressões instauradas por determinados sujeitos na experimentação de suas sexualidades, vivências, relações e processos. O modelo heteronormativo, os dispositivos da sexualidade e as formas de controle e vigilância, produzem sujeitos referenciados por uma heterossexualidade compulsória.¹⁵³ Nesta perspectiva, a resistência e a transgressão aos biopoderes¹⁵⁴ são possibilidades de produzir suspensões, desvios, deslocamentos, possibilidades e subjetivações, que por sua vez, engendram-se pela presença e pela diferença. Essas resistências fazem com que os sujeitos experimentem novas formas de ações éticas e políticas, novas bases sociais comunitárias e novas possibilidades de experimentação do desejo, inclusive, o sexual, desenvolvendo uma estética fundada em relações não-normativas para si e para os outros a partir da politização da (homos)sexualidade.

Neste contexto, problematizo o discurso, em uma perspectiva foucaultiana, como aquilo que possibilita pensar a subjetivação política como espaço de construção, de contestação e de resistência das/às contingências dos significados sociais (dos sentidos de ser: homem, criança, homossexual, idoso, pobre, negro, mulher, proprietário, num dado espaço/tempo/geografia) e como organizador das próprias ações políticas. Foucault alerta que

¹⁵³ MISKOLCI, Richard. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, Dec. 2006. Disp. Em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a06v14n3.pdf>, acess. Em 28 Oct. 2012.

¹⁵⁴ FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a.

ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala.¹⁵⁵

Estas restrições ou aberturas prévias, de que nos fala Foucault, colocam os sujeitos políticos em um comum e também estabelecem divisões definidoras dos lugares que sujeitos comungam ou não. De alguma forma, a tradição filosófica política buscou o consenso em relação a estas ordens discursivas, impondo, inclusive, algumas como dominantes e/ou hegemônicas. Ainda na perspectiva foucaultiana, afirma Scott, o *discurso* “é uma unidade histórica, social e institucional específica de enunciados, termos e categorias” e “fazem apelo às suas verdades e produzem formas de organização social”.¹⁵⁶ Em Rancière, a comunidade política é o território em que as interações não buscam o entendimento, mas justamente explicitar quais “regiões do discurso” estão abertas ou fechadas.^{157, 158, 159, 160 e 161}

¹⁵⁵ FOUCAULT, M. **A ordem o discurso**. São Paulo: Edições Loyola. 2009, p. 37.

¹⁵⁶ SCOTT, Joan. Igualdade versus diferenças: o uso da teoria pós-estruturalista. *Debate Feminista* (Cidadania e Feminismo), número especial, 203-222. Ano: 1999, p. 206-7.

¹⁵⁷ RANCIÈRE, J. **O Espectador Emancipado**. Orfeu Negro: 2010.

¹⁵⁸ RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO experimental. Ed. 34. 2009.

¹⁵⁹ RANCIÈRE, J. **Sobre políticas e estéticas**. Tradução Manuel Arranz. Museu d'Art Contemporània de Barcelona. 2005b.

¹⁶⁰ RANCIÈRE, J. **Políticas da Escrita**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1996.

¹⁶¹ RANCIÈRE, J. **O desentendimento: política e filosofia**, tradução de Ângela Leite Lopes, São Paulo, Editora 34, 1996.

Destaca-se que o pensamento de Rancière ¹⁶² estrutura o político em duas perspectivas de agenciamento do mundo comum, as quais ele chamou de polícia e de política. Essas duas estruturas disputam, batalham entre si, por um comum, por um sensível. Esta divisão, que não deve ser vista como dicotômica, trata-se de uma tentativa de Rancière de se posicionar em relação à tradição da filosofia política, no sentido de clarificar que o seu entendimento de política não coaduna com as perspectivas da ação política como controle (criminalização da homofobia, por exemplo), como puramente resposta às demandas da comunidade (união homoafetiva, por exemplo), como espaço público pré-definido (ocupação de cargos políticos por gays, por exemplo), como espaço do consenso, pois, para ele, todas estas manifestações são da ordem da polícia, de uma institucionalização dessas demandas.

A polícia é um termo retomado dos trabalhos de Foucault sobre uma forma específica de governamentalidade ^{163 e 164}, que diz respeito a uma técnica de governo própria do Estado Moderno, que não é nem judiciário, nem militar, nem totalmente político, mas que objetiva o controle dos corpos, assegura a ordem, o trabalho, a segurança, a saúde e a economia das populações que se encontram na ordem capitalística. Em

¹⁶² RANCIÈRE, J. **O desentendimento**: política e filosofia, tradução de Ângela Leite Lopes, São Paulo, Editora 34, 1996.

¹⁶³ FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

¹⁶⁴ FOUCAULT, M. Técnicas de Si. In: **Dits et écrits**. Tradução de por Karla Neves e Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimard, Vol. IV, pp. 783-813. 1994. Disponível em: <http://metodologiaangel.files.wordpress.com/2010/10/foucault-michel_astc3a9cnicas-de-si_1982.pdf> Acesso em 27 ago. 2012.

Rancière ¹⁶⁵, a polícia são os mecanismos que sustentam e produzem, no campo do comum, o visível e o invisível como ato deliberado de impedir a desordem. Na polícia, os dissensos e os litígios são vistos como problemas que devem ser gerenciados por um estado, por um governo.

Nas palavras de Rancière, a polícia é “o conjunto dos processos pelos quais se operam a agregação e o consentimento das coletividades, a organização dos poderes, a distribuição dos lugares e funções e o sistemas de legitimação dessa distribuição”. ¹⁶⁶ Em termos foucaultianos, trata-se da governamentalidade ¹⁶⁷ e ¹⁶⁸, do governo não como instituição liberal, mas sim como atividade - não mais como a garantia da soberania do príncipe -, mas, sim como suposta segurança que o Estado proporciona, utilizando-se de uma racionalidade capaz de justificar, legitimar e constituir a própria origem, necessidade, viabilidade e eficiência desses governos modernos e uma determinada configuração do sensível em acordo com ela.

A governamentalidade, nos termos foucaultianos, resultou em uma preocupação especial com: a sexualidade de mulheres consideradas históricas por instituições também criadas na modernidade (biomedicina); a consideração de que as crianças também estão no mundo sexual, mais diretamente pela possibilidade da masturbação; o

¹⁶⁵ RANCIÈRE, J. **O desentendimento**: política e filosofia, tradução de Ângela Leite Lopes, São Paulo, Editora 34, 1996.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 14.

¹⁶⁷ FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

¹⁶⁸ FOUCAULT, M. Técnicas de Si. In: *Dits et écrits*. Tradução de por Karla Neves e Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimard, Vol. IV, pp. 783-813. 1994. Disponível em: <http://metodologiaangel.files.wordpress.com/2010/10/foucault-michel_astc3a9cnicas-de-si_1982.pdf> Acesso em 27 ago. 2012.

comportamento reprodutivo, por meio de técnicas de controle de natalidade no âmbito da família monogâmica; e a patologização individualizante de sexualidades desviantes da norma, chamando-as de perversões sexuais, tal como, a homossexualidade.

O Estado moderno surge, assim, pela possibilidade de governo do desenvolvimento das forças do próprio Estado, interiormente (pelo uso da lei) e internacionalmente (pelo uso da força bélica). A isto Foucault chamará em algum momento de polícia ¹⁶⁹, de maneira mais restrita, de governamentalidade no controle da população. Por outro lado, é também a partir destas disposições de controles que se instauram possibilidades políticas e de subjetivação. Afirma Foucault, “a política não é nada mais nada menos do que o que nasce com a resistência à governamentalidade, a primeira sublevação, o primeiro enfrentamento”¹⁷⁰. É daí, como em Rancière ¹⁷¹ e também para Mouffe ^{172, 173 e 174}, que a política se constitui de atos precários e momentâneos, do contrário, torna-se polícia.

A partir da observação das democracias liberais, Foucault passará a ampliar a questão do governo dos vivos (crianças, família, Estado, Si), em duas acepções, a do governo dos outros e a do governo

¹⁶⁹ FOUCAULT, M. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

¹⁷⁰ Id., *Ibidem*, p. 287.

¹⁷¹ RANCIÈRE, J. **O desentendimento**: política e filosofia, tradução de Ângela Leite Lopes, São Paulo, Editora 34, 1996.

¹⁷² MOUFFE, C. Por uma política da identidade nômade. In.: **Debate Feminista** (Cidadania e Feminismo), número especial, 2000

¹⁷³ MOUFFE, C. **Democracia, cidadania e a questão do pluralismo**. Política & Sociedade, Florianópolis, v. 1, n. 3, p. 11-26, out. 2003.

¹⁷⁴ MOUFFE, C. **O regresso do político**. Lisboa: Gradiva, 1996

de si ¹⁷⁵. Para ele, esses governos não estão dissociados, e justamente por isso há implicações sobre a temática da resistência. Ressalto que é a partir dessas considerações que as técnicas de si passam a ser o mote das análises de Foucault. A partir daí a governamentalidade, ou os domínios da polícia (dos governos enquanto política), começa a ser conceituada como um território em que se articulam estratégias na mobilidade, reversibilidade e transformação das relações de poder. Recoloca-se a questão relacional entre política e ética. A governamentalidade, reafirma o autor, é “o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si” ¹⁷⁶. Na mesma direção, Rancière chama a atenção para isso quando afirma que “a política não é feita de relações de poder; é feita de relações de mundos” (1996, p. 54). Quer dizer, a política ocorre onde houver (produção de) subjetividade.

Neste sentido e ampliando para uma perspectiva rancièriana ¹⁷⁷, percebe-se que a estética e a política são organizações do sensível, de construção e inteligibilidade das maneiras de visibilizar, de visualizar, de dizer, de fazer e de pensar. Tal perspectiva, demonstra que a manutenção ou questionamento do poder ocorrem no mesmo nível, na partilha. Não se pode definir um momento fundante da comunidade, segundo Rancière. Há sempre um jogo entre a representação jurídica e a representação estética, e, por sua vez, regimes políticos (de

¹⁷⁵ FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

¹⁷⁶ Id., Técnicas de Si. In: **Dits et écrits**. Tradução de por Karla Neves e Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimard, Vol. IV. 1994.

Disponível em: <http://metodologiaangel.files.wordpress.com/2010/10/foucault-michel_astc3a9cnicas-de-si_1982.pdf> Acesso em 27 ago. 2012, p. 02.

¹⁷⁷ RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO experimental. Ed. 34. 2009.

governamentalidade) são caracterizados por como incentivam a multiplicidade de manifestações dentro da comunidade.

A política, bem como a estética, se fundam, como diria Rancière, no mundo sensível, na partilha do sensível, em um “sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência do comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas” .¹⁷⁸ Tal noção permite que se compreenda a formação da comunidade política como o encontro discordante das percepções individuais, o que evidencia que não são os espaços institucionalizados, como o parlamento, onde de fato pode ocorrer a política. Ela ocorre nas práticas utilizadas pelos sujeitos para estarem no mundo, um mundo que muitas vezes não encontra comunicabilidade, por se estar sensivelmente em esferas diferentes.

Saliento que para Foucault (1995), nesta argumentação, a resistência não é uma forma de luta contra o poder, mas, contra seus efeitos de verdade e de estados de dominação em espaços/territórios que foram forjados, paradoxalmente, por relações de poder. Para Foucault,

sem dúvida, o objetivo principal hoje não é de descobrir, mas de recusar o que somos (...) Poder-se-ia dizer, para concluir, que o problema ao mesmo tempo político, ético, social e filosófico que se coloca para nós hoje não é liberar o Estado e suas instituições, mas liberar a nós mesmos do Estado e das instituições que a ele se prendem. É preciso promover novas formas de subjetividade,

¹⁷⁸ RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO experimental. Ed. 34. 2009.

recusando o tipo de individualidade que nos impuseram durante muitos séculos.¹⁷⁹

Nesta ótica, fazer política, então, é opor-se às verdades de um individualismo liberal, religioso ou qualquer discurso dogmático e teleológico. O que Foucault parece propor é uma recusa à polícia, à governamentalidade, a esse aparato técnico-político utilizado no controle dos corpos e das populações, ao assujeitamento ao conhecimento especializado, médico e disciplinar. Para Foucault, é um “sujeito de verdade” que falta à contemporaneidade e não um “sujeito da verdade”. Nesta perspectiva, Foucault¹⁸⁰, na tentativa de “esboçar” as maneiras de como na cultura ocidental produziu-se o saber sobre si, opera uma associação entre ética e técnicas de si, derivadas de análises históricas. No caso, objetivada nos “jogos de verdade” que fabricaram a biopolítica¹⁸¹: economia, biomedicina, criminologia e outras. Surge uma prática governamental que se ocupa daquilo que é próprio da população, uma permanente intervenção do Estado na vida social.

Já as técnicas de si são, entre outras, representantes de uma “matriz da razão prática”.¹⁸² Elas permitem

¹⁷⁹ BOAS, Crisoston Terto Vilas. **Para ler michel foucault**. Revisão: Arnaldo de Almeida; José B. Donadon Leal. 1ª Edição: 1993: Imprensa Universitária da Ufop. 2ª Edição - Eletrônica – 2002, p.102.

¹⁸⁰ FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

¹⁸¹ FOUCAULT, M. **O nascimento da Biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). (Edição estabelecida por Michel Senellart ob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana). Trad. Eduardo Brandão. Revisão da Trad. De Claudia Berliner. Martins Fontes: SP. 2008b. Disponível em: <http://gambiarre.files.wordpress.com/2011/01/foucault-nascimento-da-biopolitica.pdf>, acessado em 10 de março de 2014.

¹⁸² FOUCAULT, M. Técnicas de Si. In: **Dits et écrits**. Tradução de por Karla Neves e Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, p. 783-813.

aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade.¹⁸³

Na modernidade, há um processo de individuação calcada em uma subjetivação ética do indivíduo. Imediatamente, parece que Foucault está propondo um sujeito individualista e que desconsidera determinados avanços coletivos das democracias modernas, novamente, o debate sobre comunitarismo e individualismo. Todavia, estas discussões estão circunscritas em torno da governamentalidade, isto é, da relação entre o governo dos outros e o governo de si ^{184 e 185}, implicando certamente na questão da resistência.

Para Foucault ¹⁸⁶, a tradição cristã buscou perpetrar uma “renúncia do sujeito a si mesmo”, pela verbalização, pela confissão, por um tipo específico de veridicção. Há um deslocamento analítico por parte de Foucault, notadamente nos cursos a partir de 1981, passa a observar as relações que se operam entre o si e os outros, as técnicas de dominação individual e as possibilidades de dizer e visibilizar o sujeito e a subjetividade. Em outras palavras, Foucault nos incita a buscar os modos de ação dos sujeitos sobre si, por meio das técnicas de si, e, visibilizando-os, para estabelecer rupturas com as forças dominadoras.

Disponível em: <http://metodologiaangel.files.wordpress.com/2010/10/foucault-michel_astc3a9cnicas-de-si_1982.pdf> Acesso em 27 ago. 2012.

¹⁸³ Id., Ibid., p. 02.

¹⁸⁴ Id., Ibidem, 2008b.

¹⁸⁵ Id., A Governamentalidade. In: MACHADO, R. (Org.). **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 2004c.

¹⁸⁶ Id., Ibidem.

Destaca a ascese (*askesis* – ascese filosófica) como “uma prática da verdade. A ascese não é uma maneira de submeter o sujeito à lei: é uma maneira de ligar o sujeito à verdade”.¹⁸⁷

Em uma perspectiva semelhante, Rancière pensa que a política, e sua base eminentemente estética, ao produzir o dissenso, também, possibilita o surgimento de “ações de resistência que buscam encontrar maneiras de transformar o que é percebido como fixo e imutável”¹⁸⁸, ligando o sujeito à verdade, criando um mundo comum. A política, então, constitui-se de “lutas para transpor a barreira entre linguagens e mundos, na reivindicação de acesso à linguagem comum e ao discurso na comunidade, provocando uma ruptura das leis naturais de gravitação dos corpos sociais”.¹⁸⁹

Entendo que, em termos de proposta de resistência, tanto em Foucault como em Rancière, há um apelo para a objetividade da política como possibilidade precária de subjetivação. Em ambos, a possibilidade de dizer/experienciar ou não dizer/não experienciar (os desejos, as demandas, os danos, os sofrimentos, as alegrias, o sentimento de pertença ou de exclusão), colocam os sujeitos na cena do conflito e do dissenso, produzindo uma estética.

A homossexualidade, nessa medida, seria uma das possibilidades invisibilizadas pelo dito e também pelo não dito. As prescrições e subjetivações estão na ordem da produção discursiva e, por

¹⁸⁷ FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. 2010, p. 253.

¹⁸⁸ MARQUES, J. Notas sobre um itinerário bibliográfico: onde estão os homossexuais negros?. **Em Pauta**. 9(28), 2011; 2011.

¹⁸⁹ RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO experimental. Ed. 34. 2005a., p. 19.

consequente, na ordem da linguagem; na perspectiva pós-estruturalista, esta é entendida como constituição de sentidos e significados: sempre múltipla e cambiante.¹⁹⁰ O dito, nesse caso e também o não dito, ambos engendram e/ou tensionam significados a respeito do que seja a homossexualidade. A linguagem, assim, organiza práticas culturais e possibilita aos sujeitos a compreensão do mundo ao seu redor, bem como de si mesmos. O que parece estar em jogo, aqui, é a compreensão de como a linguagem, na condição de sistema circunstanciado de signos, não só produz modos de vida, bem como também forja subjetividades coletivo/singulares¹⁹¹, fabrica diferenças.

A diferença, como constituinte do sujeito, então, encontra-se também no âmbito da linguagem e há uma indissociabilidade entre ambas.¹⁹² A tradição estruturalista ancorou-se na ideia de que os significados são produzidos binariamente, em uma divisão do sensível que estetiza um prisma epistemológico e ontológico que sugere a representação de uma dada categoria como positiva. Neste caso, a heterossexualidade, por exemplo, apoia-se na negação ou opressão de algo que se apresenta como antítese dela.¹⁹³ Cilada dos binarismos à parte, isso significa que a análise complexa dos significados implica em entrar no meio dessas oposições e esmiuçar/tensionar/fissurar/multiplicar suas (im)possibilidades de negociação. Rancière defenderá o mundo como um espaço de partilha, a

¹⁹⁰ SCOTT, Joan. Igualdade versus diferenças: o uso da teoria pós-estruturalista. *Debate Feminista* (Cidadania e Feminismo), número especial, 203-222. Ano: 1999.

¹⁹¹ Id., Ibid.

¹⁹² Id., Ibid.

¹⁹³ KATZ, Jonathan Ned. **A Invenção da Hetero Sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro Publicações, 1996.

qual consiste na fixação ao mesmo tempo de

um comum compartilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nesta partilha.¹⁹⁴

Os discursos - esses grandes grupos de enunciados, como diria Foucault -, no contexto contemporâneo, naturalizam a heterossexualidade, impõem-na como norma compulsória - por meio da educação, da cultura e das instituições -, engendrando processos de subjetivação. De todo modo, parece-me que esse processo de assujeitamento está por todo lugar, construindo formas de ver, ouvir e dizer as coisas do mundo, produzindo estéticas, éticas e políticas. Neste sentido, em alguma medida, as demandas dos movimentos homossexuais, em suas primeiras reivindicações históricas, mas, certamente, ainda muito presente na atualidade, estão fundadas sobre a conquista de condições e direitos de exercício de uma sexualidade diferente, em detrimento, claro de uma postura condizente com a matriz heterossexual. Para Canguilhem, “uma norma só é a possibilidade de uma referência quando foi instituída ou escolhida como expressão de uma preferência e como instrumento de uma vontade de substituir um estado de coisas insatisfatório por um estado de coisas satisfatório”.¹⁹⁵

¹⁹⁴ RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO experimental. Ed. 34, 2005^a, p. 15.

¹⁹⁵ CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2a. edição. Tradução de Maria Thereza R. de Carvalho Barrocas, 1982, p. 212.

4.2 A posição de sujeito como efeito de práticas de resistência

Há neste processo de normalização/normatização da homossexualidade uma ênfase na divisão dicotômica e binária, na heteronormatividade e na concepção do que sejam os homens de verdade ¹⁹⁶ - os legítimos -, reforçando a lógica de uma masculinidade hegemônica. Subjetivamente são produzidas significações e invisibilizações de narrativas para dar o caráter da dominação como aceitável e praticável. Tais processos impossibilitam aos homossexuais um enfrentamento ético e político das violências que aquelas relações de poder engendram, bem como, despolitizando as possibilidades de subjetivações outras e da criação de estratégias para resolução de conflitos, de desconstrução dos discursos dominantes e da mudança de paradigmas e hegemonias.

Alguns estudos, como os *queers*, por exemplo, tem demonstrado que há masculinidades diversas, difusas, borradas, fronteiriças. Não absolutamente fora da subjetividade e matriz heterossexual, que, por sua vez, impõe práticas normativas, destacando os aspectos discursivos e paradoxais das opressões impostas às mulheres e aos sujeitos fora da/dessa normatividade, tais como os homossexuais. Entendo que as masculinidades são produzidas a partir de um efeito performativo, que ocorre portanto no corpo ¹⁹⁷ - no sentido de reiteração ritualística constituída por meio das dimensões da linguagem e da cultura.

¹⁹⁶ WELZER-LANG, D. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo, pp. 107-128. In MR Schpun (org.). **Masculinidades**. Boitempo Editorial-Edunisc, São Paulo-Santa Cruz. 2004.

¹⁹⁷ BULTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

Para Foucault ¹⁹⁸, o corpo ou “essa luta pelos corpos” é “que faz com que a sexualidade seja um problema político”. Em uma perspectiva de governamentalidade, o corpo é uma instrumentalização, resigna uma necessidade de submissão e docilização. Também para Butler ¹⁹⁹, o corpo é residência dos discursos e mistura-se a eles, é engendrado nas e pelas contingências históricas e culturais. Não está totalmente passível às forças docilizadoras. Há uma generificação dos corpos, o discurso de gênero binário e heteronormatizado é imposto às existências. Vale ressaltar que para a autora, tanto o sexo quanto o gênero são construtos históricos, são discursividades. O caráter político que o corpo adquire ao se pensar corpos que não se encaixam na generificação e ao privilégio ontológico de ser “homem” ou “mulher”.

Esse domínio do corpo pela governamentalidade leva à possibilidade de que os corpos não sejam mais percebidos como sujeitos ou povos, mas como população, seus fenômenos e variáveis específicas, traduzido por taxas, estatísticas e expectativas. ²⁰⁰ Encontra-se justamente aí, no controle policial dos governos e na vontade de saber e em sua relação com o fazer o sexo conhecido, a questão da necessidade do dispositivo da sexualidade. Nas palavras de Gebara, “onde o erótico é negado, estabelecem-se relações de domínio, controle, exclusão e opressão” ²⁰¹. As instituições políticas, jurídicas, religiosas, médicas, se

¹⁹⁸ FOUCAULT, M. **Ditos escritos**. Editora Forense. Vol. V. 2004b.

¹⁹⁹ BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

²⁰⁰ FOUCAULT, M. **A história da Sexualidade**: A vontade de saber. Trad. Maria Therez da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 23ª impressão. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2013.

²⁰¹ GEBARA, Ivone. “Apresentação. A dança de Eros ou o desejo do É...” Estudos Bíblicos, n. 38, p. 11-15, 2001. s/p.

disponibilizaram, ou talvez tenham sido criadas para isso, a controlar o mais íntimo e privado que se possa alcançar com a produção de enunciados e consequentes “verdades” daquilo que é dito e do não-dito.

Nesta ótica, algumas vivências são/se tornam mais típicas de grupos, de contextos e de interações, considerados desviantes da norma, demonstrando que há uma espécie de hibridização dos sentidos de masculinidades produzidos na contemporaneidade. Percebe-se que há manifestações de modelos de sociabilidade, de modos de subjetivação masculina, que questionam a hegemonia heterossexual - mesmo que não abandonem a relação de domínio: dos homens sobre as mulheres; ou de heterossexuais sobre homossexuais; ou de um tipo de masculinidade imposta aos próprios homens, ou a quem quer que seja (ou a que corpo que seja).

São modos de subjetivação que fabricam/engendram “desvios”, resistências, que se opõem ao plano (hetero)normativo da regulação, dos dispositivos de sexualidade e resistem às dicotomias de gênero. Estas experiências subjetivas são possibilidades de produzir fissuras, borramentos e fraturas nas relações de poder, produzindo resistências, transgressões, politização e estetização. Essas experiências são fabricadas no contato com o mundo globalizado, as mídias, os conflitos religiosos e de toda ordem, a volatilidade econômica, a concentração de poder político, as tecnologias, a produção acadêmica, entre outros.

A política surge na resistência daqueles que por possuírem uma diferença, no caso em tela a homossexualidade como posição de sujeito, são contingenciados a afirmar-se como subjetividade possível e também como contraponto a territórios pré-existentes e inóspitos. Diz Rancière, “antes de ser um sistema de formas constitucionais ou de relações de

poder”, a política é sim “uma certa divisão das ocupações, a qual se inscreve, por sua vez, em uma configuração do sensível” (1995, p. 8). Para ele, ocorre a política quando uma parte da comunidade, os “sem parte”, se diferencia de outra parte da comunidade questionando o lugar de quem fala, o que se fala, pronunciando-se a respeito de questões comuns.²⁰² São regimes de expressão diferentes e separados são colocados em diálogo.²⁰³ A política não se confunde com a negociação de interesses e sentimentos comuns de grupos e indivíduos, mas justamente na instabilidade desses sujeitos políticos e na presença do ato dissensual e por sua diferença, desfazendo a polícia e seus mecanismos de controle.

Importante salientar que ao destacar o sujeito e a subjetivação da política como tema central, não se está querendo destituir o social, o histórico e o cultural, dado que tais esferas são inegavelmente constituintes. Quero evidenciar os tensionamentos que ocorrem na subjetivação na relação de sujeitos com outros sujeitos e com o seu entorno, história e cultura. Para Rancière²⁰⁴, esse tipo particular de subjetivação, a política consiste em: negar a fixidez da “identidade”, a qual rotula e impõe o apagamento e a invisibilização, quando não a patologização e/ou criminalização das subjetivações fora da norma; potencializar a comunicabilidade, buscando-se evidenciar ao outro a existência de um dano, compartilhado ou não pelo outro; também

²⁰² RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO experimental. Ed. 34. 2005a.

²⁰³ Id., **O desentendimento**: política e filosofia, tradução de Ângela Leite Lopes, São Paulo, Editora 34, 1996.

²⁰⁴ Id., **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004b.

produzir territórios comuns em que as falas anteriormente caladas poderão ser ouvidas. Destaque-se que os sujeitos políticos são constituídos no dissenso, em mundos fraturados, no quais as produções de subjetividades são insistentemente questionadas e invalidadas, retirando as relações de poder da centralidade da política, recolocando-a no nível do sensível, da percepção do sonoro como palavra ou ruído.²⁰⁵

Lembre-se que problematizo aqui, auxiliado por Foucault e Rancière, o pensamento clássico sobre política, que calcado em esquemas dicotômicos do pensamento oculta as diferenças e impedem de pensá-las de forma múltipla, plural e não essencialista. Tal constituição do poder político evidencia as impossibilidades de uma comunicabilidade entre as necessidades destacas aqui. O pensamento liberal, desde o século XVIII vinculado aos estatutos da racionalidade e do sujeito – teleológico, racional, biologizado –, tem sido o grande articulador das questões chamadas políticas, produzindo uma ideologia voltada ao pragmatismo de Estado, ao consenso, ao individualismo, à conciliação e à deliberação.

A reflexão que faço justamente recoloca o sujeito político como um sujeito em ação, na experiência. Nesta perspectiva, a fala de Rafael, um dos participantes da pesquisa, afirma que não é “politizado”, mas que é “político, sim”, afirma ele:

eu acho que eu tenho muito para crescer ainda e participar de movimentos, que apanhar ainda para aprender a ser politizado... E ser político, político é você participar ativamente, sabe? Acho que isso sim... A questão política, eu sempre fui líder de turma e líder de grêmio, eu sempre estive

²⁰⁵ RANCIÈRE, J. **O desentendimento**: política e filosofia, tradução de Ângela Leite Lopes, São Paulo, Editora 34, 1996.

envolvido nisto. É uma coisa que eu gosto de me envolver.

Essa diferenciação que Rafael faz entre ser político ou ser politizado destaca a relação precária de tornar-se sujeito na resistência. Rafael intui uma concepção de política na qual a participação por si só não é suficiente para, em suas palavras, politizar. Faz-se necessário um complexo de experiências e encontros, criação e invenção de práticas que subjetivem o sujeito na política. Os enunciados “crescer”, “participar”, “envolver-se”, colocam a política como algo a ser construído ao longo da vida, refinando o olhar e as ações. Neste contexto, precária, instável e momentânea, é a subjetivação política para os sujeitos.

Os sujeitos políticos - não como identidade, mas como agentes de transformação de si, que ocupam diferentes posições de sujeito em situações diferentes - reivindicam uma discussão que visa definir, esclarecer ou marcar uma posição frente ao outro sobre os seus interesses ou demandas; justamente, o sujeito vincula-se e produz essa politização das subjetividades, perseguida por Rafael. Não se perca de vista que sem a resistência, sem a contestação das verdades normativas, subjetividades assujeitadas aos interesses normativos e institucionais são fabricadas para sujeitos desviantes, tais como os homossexuais.

Mouffe^{206, 207 e 208} ao propor a distinção entre o político e a política, visa implementar o conceito de democracia radical, como

²⁰⁶ MOUFFE, C. **Democracia, cidadania e a questão do pluralismo**. Política & Sociedade, Florianópolis, v. 1, n. 3, p. 11-26, out. 2003.

²⁰⁷ Id., C. Por uma política da identidade nômade. In.: **Debate Feminista** (Cidadania e Feminismo), número especial, 2000.

²⁰⁸ Id., C. **O regresso do político**. Lisboa: Gradiva, 1996.

espaço do e para o dissenso, dá pistas de como esses territórios de visibilização de sentidos, de normatividades e de dominações, podem ser produzidos na contemporaneidade. O uso da noção de democracia radical, de Mouffe, também me será útil para pensar o político como este território do dissenso e das lutas pela liberdade e igualdade. Para a autora, o político estaria em uma dimensão ontológica, caracterizada pelo antagonismo, pelo conflito, pela luta pela liberdade e/ou igualdade, presente nas sociedades humanas; a política estaria em uma dimensão ôntica, identitária, relacionada às práticas e fatos de uma política voltada para a organização das ações (partidos políticos, sindicatos, igrejas, associações de classe, entre outras), conformando-as a uma determinada e específica ordem, uma governamentalidade. Para Mouffe ²⁰⁹, importa o reconhecimento de que as lutas pela liberdade e/ou igualdade são por definição – e determinantes - o espaço do político pelas/para as diferenças, experiências e existências plurais.

Historicamente, as teorias clássicas de poder se remetem à origem, à legitimidade, aos limites e ao exercício do poder em termos de direito. Para mim, a questão da política, aquela que não se refere à igualdade liberal e republicana oitocentista, está no exercício de aproximar e distanciar sujeitos, por meio de uma regulação constante, instaurando a comunidade política. Nessa medida, o que chamo de “comunidade política” vincula-se a um território de contendas, de conflitos e dissensos. Neste território, os atos estéticos, comunicacionais e políticos são requeridos, instituindo possibilidades de igualdade de existência. Constituem-se, por meio dos sujeitos e de suas ações,

²⁰⁹ MOUFFE. C. Por uma política da identidade nômade. In.: **Debate Feminista** (Cidadania e Feminismo), número especial, 2000.

questionamento das normas e dos consensos, partilhando-se imagens, falas, discursos e experiências que visibilizam e dividem as diferenças e os mundos comuns até então invisibilizados.

Rancière afirma que:

há ordem na sociedade porque uns mandam e os outros obedecem. Mas, para obedecer a uma ordem, são necessárias pelo menos duas coisas: deve-se compreender a ordem e deve-se compreender que é preciso obedecer-lhe. E, para fazer isso, é preciso você já ser o igual daquele que manda. [...] A desigualdade só é, em última instância, possível pela igualdade. Existe política quando pela lógica supostamente natural da dominação perpassa o efeito dessa igualdade.²¹⁰

O desafio reside, sobretudo, na visibilização de estratégias políticas ou modos de vida que descontroem e funcionam como mecanismos de resistência às poderosas tendências que explicam o mundo em termos binários e reducionistas, que tentam impor uma ordem e uma igualdade, as quais são fictícias. Logo, uma possível resolução do dilema da diferença pode ter como fundamento a compreensão de uma igualdade que se apoia nas diferenças. Scott afirma que se faz necessário a defesa de “diferenças que confundam, desorganizem e tornem ambíguo o significado de qualquer posição binária fixa”²¹¹; que politicamente promovam o dissenso, escrachem as desigualdades e visibilizem os danos.

Destaque-se primordialmente a concepção da política como uma relação precária do sujeito na relação consigo e na relação com os

²¹⁰ RANCIÈRE, J. **Políticas da Escrita**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1996, p. 31.

²¹¹ SCOTT, Joan. Igualdade versus diferenças: o uso da teoria pós-estruturalista. **Debate Feminista** (Cidadania e Feminismo), número especial, 203-222. Ano: 1999, p. 222.

outros. A política são práticas de liberdade que não são um estado permanente ou revolucionário. Mas que visam transformar e reparar danos sofridos por sujeitos que não se enquadram ou sujeitam-se às expectativas das normas. No capítulo que segue, problematizei as experiências de jovens homens homossexuais/gays nas suas relações de poder, nas hierarquias, nas experiências de exclusões, nos diversos processos de naturalizações de verdades, e, claro, nas resistências e práticas políticas de liberdade por eles criadas/negadas/inventadas/fabricadas.

5 FAZER-SE GAY COMO EXPERIÊNCIA POLÍTICA

*“os homens jamais têm acesso ao referente nu; o fenômeno que se inscreve na sociedade e na história, tal como é vivido, sofrido, tolerado, incensado, institucionalizado”
é e*

“sempre foi interpretado de saída, para inscrever-se em todo um dispositivo que ele próprio informa em seu sentido”.

(Paul Veyne)²¹²

O poder, para Foucault, existe na relação e não como uma forma unitária de dominação ou substancia.^{213 e 214} Aproprio-me das noções lançadas pelo pensamento foucaultiano e rancièriano para problematizar reflexões a respeito do sujeito, da política, do poder e dos processos de constituição dos sujeitos das/nas relações de poder. Poder e liberdade são indissociáveis, são uma “provocação permanente” constituída da ação de uns sobre as ações dos outros.²¹⁵ Ao cartografar esses sujeitos, seus momentos, suas experiências e seus discursos, vislumbrei as interpretações e contraposições que agenciam na resistência à racionalidade da matriz sexo/gênero, ao consenso sobre as masculinidades, à normatividade da heterossexualidade – mas, também, da homossexualidade -, à vigilância e ao controle presente nas cidades

²¹² VEYNE, P. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. [trad. Marcelo Jacques d morais] – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 84.

²¹³ FOUCAULT, M. A Governamentalidade. In: MACHADO, R. (Org.). **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 2004c.

²¹⁴ Id., **A história da Sexualidade**: A vontade de saber. Trad. Maria Therez da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 23ª impressão. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2013.

²¹⁵ Id., O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

pequenas.

O problema das relações entre o sujeito e a verdade se circunscreve, para Foucault, nos quadros gerais de uma análise histórica, apresentada por ele nos cursos de 1981 e 1982, sobre o cuidado de si na Antiguidade clássica ou tardia. A partir desses cursos, Foucault orienta-se para os processos de subjetivação considerados em si mesmos, afirma ele, “é preciso ser para si mesmo, e ao longo de toda a sua existência, seu próprio objeto”²¹⁶ de constituição ética de si. Desde então Foucault busca compreender o “ocupar-se consigo” (o “*epiméleia heautoû*”, literalmente, o “cuidar de si”) e sua conexão com o “conhecimento de si” (“*gnôthi seautón*”), cria uma hermenêutica das práticas de si. Vislumbrei o encontro com sujeitos reflexivos frente às formas de assujeição e dominação: compreendo-os pela via da subjetivação.

O reconhecimento e a constituição de si mesmo pelo próprio sujeito desdobra o poder, isto é, há poder dos outros sobre outros e também há poder de si sobre si. Para mim, esta é a inspiração maior em Foucault, compreender as experiências - e quiçá participar delas - de sujeitos que resistem à (hetero)norma e operam reflexivamente sobre si, sobre as verdades que se contam do mundo, do sujeito, do desejo e da própria verdade. Que movimentos, que caminhos, que experiências, que inquietudes existenciais são e foram agenciadas pelos participantes desta cartografia ocorrida em uma cidade pequena?

A homossexualidade ainda que em um período histórico tenha sido relegada ao anormal, emerge na vida dos participantes da pesquisa como possibilidade de desejo e de existência, como prática e cultura,

²¹⁶ FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 601.

como experiência, em uma clara contestação/ruptura/desinência das contingências da época vivida. A homossexualidade manifesta-se como uma historicidade insurgente, antagonica, transitória, fictícia, fluída e política. As resistências, como as entendo, são por excelência atos políticos; as estratégias produzidas instauram um território de experiências que politizam e estetizam o dizer, o fazer, o sentir e a própria existência. Destacarei, ao longo desta análise, a experiência desses sujeitos homossexuais e sua potência para pensar a política ou sua estetização como resistência, como as práticas políticas de liberdade contra a normatização, contra o assujeitamento, contra os dispositivos e contra seus processos de subjetivação assujeitados.

No item 5.1, “Do ‘você é gay(?)’ ao ‘eu sou gay’: tornar-se quem se é”, tratei dos processos de subjetivação em torno da orientação sexual, afetiva e erótica no que concerne às práticas de autoreconhecimento, de visibilização, de enfrentamento das normatividades para si e das contingências impostas pela comunidade, pela construção de territórios de dissenso e de constituição de comunidades políticas. Destaquei as experiências de amigos dos sujeitos gays participantes da pesquisa na visibilização da verdade de suas existências para si e para os outros.

No item 5.2, “Pôr a nossa cara no sol’: olhar sobre si e práticas de resistência”, abordei como os sujeitos participantes da pesquisa se colocaram frente à complexidade e necessidade do voltar-se para si, do fazer-se, do mostrar-se para a comunidade e do resistir nas experiências de visibilidade. Tais acontecimentos demonstram a existência de danos e produzem sentidos e visibilizações dos homossexuais como sujeitos que compartilham um mundo comum com os sujeitos da (hetero)norma.

Análises enunciados que surgiram nas narrativas dos sujeitos participantes, tais como: “peraltear na praça”, “por a cara no sol”, “não deixar morrer”, “ligar o foda-se”, dizer “eu sou gay”, “eu sou um professor gay”, “estou namorando”. Em suma, apresento os processos e práticas que, a meu ver, permitiram subjetivações políticas em torno das experiências, do cotidiano, das interpretações da verdade, de si e dessas próprias interpretações. Destaquei práticas políticas de liberdade e igualdade que foram fabricadas pelos sujeitos nas cidades pequenas para superar o sobrepesamento de se viver nelas. Nas cidades pequenas, as possibilidades da experiência homossexual estão restringidas pelos jogos de interpretação de si e das verdades disponibilizadas para tal, pois, há uma transversalidade entre si dos laços laborais, sanguíneos, afetivos e vicinais.

No item 5.3, “‘bebeu, beijou; bebeu, transou’: desejo, prazer e estratégias de socialização em cidades pequenas”, surgem as questões em torno da sociabilidade, do lazer e do público. Observou-se que há uma “vontade de lazer” ligada às possibilidades de vínculo, de produção de amizades, de compreender a realidade como algo que está em constituição. Esta vontade de lazer desconstrói, por meio dos encontros, convicções estéticas, éticas, artísticas e do encontro em si. Tratei das mudanças operadas nos territórios de socialização com a chegada da UFFS e seus corpos de fora, com experiências “de fora”; dos efeitos destes encontros sobre as concepções da heterossexualidade, e, conseqüentemente, da homossexualidade. Neste item, vários cenários da experiência de viver a homossexualidade em cidades do interior são delineados e tomam um relevo importante na compreensão do “fazer-se gay” naqueles territórios (Clubes de cerveja, a Universidade, as Escolas,

os projetos de extensão acadêmicos, a sala de aula, os bares, a praça, a Internet). Estes cenários contribuíram para o entendimento e reconhecimentos dessas configurações estéticas, como necessário à constituição de uma comunidade política, na qual se estabelecem certas possibilidades de comunicação, de afirmação da diferença, de partilha. Em tempo, este item aborda e problematiza a morbidade do uso de alcoólicos como um sintoma de uma sociedade normativa e que exige dos/as sujeitos/as expectativas que os/as jovens não conseguem cumprir; e, são, conseqüentemente, uma tentativa de superar essas amarras subjetivas como a baixo autoestima, símbolos de virilidade e por aí vai.

No item 5.4, “Amizades, amores e sexo: ‘a coragem da verdade’ como produção de subjetividades”, problematizei como a heteronorma produz efeitos nas experiências e relações eróticas, românticas, amorosas e sexuais, dos sujeitos pesquisados. Para tal, refleti sobre as noções de masculinidade hegemônica, de virilidade, do pênis como bastião último da heterossexualidade e do binarismo. Apresentei, neste item, como essa complexa e imbricada relação entre o desejo, o corpo, as verdades e a cultura, explicitam a dominação da norma e as dificuldades de borrar ou ultrapassar as fronteiras pré-estabelecidas. Refleti sobre como determinadas práticas sexuais, como a passividade, por exemplo, podem ser políticas, no sentido de confrontar e abandonar tabus em favor de uma existência, em favor da verdade dos desejos e da superação de valores compulsórios e heteronormatizados. Abordei ainda questões de homonormatividade e convivência entre os sujeitos homossexuais. O processo de “descoberta” da sexualidade dos pesquisados foi permeado por dúvidas, sensações complexas e ambivalentes. Fui levado a refletir sobre como as relações e as práticas,

de liberdade ou de assujeitamento (sofrimento), podem tornar o desejo uma questão política. A homossexualidade aqui surge como um resultado, como uma produção do desejo, que ignora/enfrenta/resiste/sucumbe as/às verdades da norma.

O item 5.5, “Cartas e infâmias: sobre se, ou não se, deixar governar pelo ressentimento”, organiza-se em torno de três movimentos de análise de duas cartas/documentos. No primeiro movimento, apresento uma visão mais geral dos enunciados presentes nestas cartas: homofobia, família, heterossexismo e condições de resistência. É um movimento no qual intentei uma aproximação do afeto com que me atingiram as leituras das cartas. O caráter cultural, histórico e afetivo das questões em torno da sexualidade está no nível da luta, da evidência do dano, dos agenciamentos para transformações discursivas. Nos movimentos seguintes, analisei as cartas/documentos na ordem cronológica de suas respectivas emissões. No subitem “Carta de uma Megera”, missiva enviada pela irmã do namorado de um dos participantes (chamado Oscar), destaquei, a partir de fragmentos desta, modos de vida e práticas culturais assujeitadoras e ressentidas; abordando o caráter político da homofobia e do heterossexismo, ou da necessidade de se politizar frente a eles. Analisei, também, fragmentos da carta resposta de Oscar, buscando problematizar como ele subjetivou-se e organizou-se perante aos enunciados que a carta da irmã coloca e de suas próprias experiências e práticas de constituição de sujeito. Ocupei-me em apresentar processos vinculados à inventividade e à resistência ao ressentimento como efeito da experimentação da homossexualidade como posição de sujeito e como prática política de liberdade e igualdade

5.1 Do “você é gay(?)” ao “eu sou gay”: tornar-se quem se é

“o inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço”.
 (Ítalo Calvino)²¹⁷

Foucault, na hermenêutica do sujeito, problematiza as relações históricas entre subjetividade e verdade. Ao fazê-lo, demonstra suas diferenças com relação à modernidade e ensina-nos a importância política de nos ocuparmos - pessoal, acadêmica e politicamente - com as práticas, processos e éticas de resistência ao poder: na relação de si para consigo. A pesquisa me inundou de experiências, de acesso a “arquivos” de outros a respeito da importância da amizade, do refletir e do “tornar-se”, no que concerne a viver a homossexualidade em cidades pequenas.

Assim, a fórmula “tornar-se quem se é” não pode ser compreendida como o percurso que conduz à atualização de uma essência. Ela não é da ordem de um imperativo ou de uma finalidade, mas é antes, a descrição de um processo inteiramente imanente: a vida é o percurso no qual alguém se torna (vai se tornando, não cessa de se tornar) quem é (...) o encontro fortuito com as

²¹⁷ CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

circunstâncias de uma vida vai transformando, esculpindo um “eu”.²¹⁸

As experiências dos participantes da pesquisa, do trabalho que operaram em si próprios, das proposições que fizeram sobre o que deviam fazer de si mesmos para fabricar a integridade de si como sujeitos, aparece na narrativa de Jeraldi, quando perguntei a ele se havia se apaixonado na adolescência, disse-me ele:

Menino, eu acho que não, porque eu era tão inocente para me apaixonar por um menino ... tão inocente. É, eu fui me descobrir menino com 15 anos. Menino com corpo e com órgãos sexuais. Masturbar, eu me masturbei a primeira vez com 15 anos. Talvez por isso que eu não, não, talvez por eu não ter contato com meninos. Foi uma coisa meio que descoberta completamente. Descobri meu corpo . (JERALDI, DC, 2015)

Como Jeraldi mantinha pouco contato com meninos, acabou descobrindo a masturbação lendo uma coletânea de psicologia freudiana, sob o conceito de onanismo. Foi descobrindo aos poucos que não era “errado” a masturbação, mas ao mesmo tempo guardava um pouco de culpa, pela criação religiosa que havia tido, e, claro, pela eficiência dos discursos higienistas e médicos. Destaque-se aqui o sucesso do projeto do “governo dos vivos”: a produção de um corpo dócil. Sim, Jeraldi não era uma criança “onanista” por inúmeros motivos, mas o que me interessou foram os resultados sobre a sua sexualidade, uma sexualidade desviante, e que, portanto, ou deveria ser corrigida ou mantida inerte.

²¹⁸ ROCHA, Sílvia P. V. **Tornar-se quem se é: a vida como exercício de estilo**. In.: LINS, Daniel (Org.). Nietzsche/Deleuze: arte, resistência: Simpósio Internacional de Filosofia - 2004. Rio de Janeiro: Forense; Fortaleza: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

Essa tênue relação de Jeraldi com a sexualidade suscita-me a noção de “sujeito de desejo”. Nela, por séculos e por ocasião de diversos discursos e propósitos, seja a ascese grega, a ascese cristã ou a ascese liberal, o desejo foi considerado aquele impulso degenerado que devia ser contido, sabido, controlado e, se necessário, punido. Desde Santo Agostinho há uma negatização do ato sexual valorizado pelos gregos clássicos até os estoicos como relacional e social. Na patrística, o sexo passa a ser algo da relação consigo mesmo, uma individuação que deveria ser perscrutada pelo próprio indivíduo, confessada e purificada, por meio inclusive da abnegação. Diz Foucault

ter-se-á passado então para um regime no qual, justamente, a relação do sujeito com a verdade não será apenas comandada pelo objetivo: “como tornar-se um sujeito de veridicção”, mas terá se transformado em: “como poder dizer a verdade sobre si mesmo”²¹⁹.

O fantasma da confissão ao outro, não como cuidado de si, mas como controle, como um tipo de instrumento para a ascese necessária à salvação, ainda nos assombra de muitas formas. Considero que a noção de corpo dócil esteja mais presente do que a de pecado na constituição de sujeito de Jeraldi; sua relação quase preguiçosa com o corpo durante a adolescência foi mais um efeito da dominação heterossexual como dispositivo do que o medo da danação eterna. Isto se observa também na experiência de Diego, que em sua relação com a questão da homossexualidade foi, segundo ele, bastante tardia, aos 23 anos. Ele conta que:

²¹⁹ FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. 2010, p. 323.

quando eu morava em Santa Catarina, eu acreditava que eu era hetero. Porque isso era uma coisa que era praticamente imposta para mim: casamento, filhos. Por mais que eu acreditasse que eu poderia ser homossexual, eu tentava colocar na minha cabeça que aquilo ali não era verdade. Porque eu estaria indo contra os princípios da minha família . (JERALDI, DC, 2015)

O universo da orientação sexual estava muito distante das práticas pessoais, sexuais, culturais e simbólicas, de Jeraldi e de Diego. Isso reverberou de outra maneira em Diego. Pois, como patinador, acabava tendo que lidar com isto de maneira um pouco distinta. Para Diego, negar a homossexualidade que podia existir em si era uma estratégia de sobrevivência, de convivência. Sua família havia feito uma espécie de contrato para que ele patinasse, isto é, poderia patinar, desde que não se tornasse, o que “todos os patinadores são”, gay. Ou seja, menos que a questão sexual, o que estava em jogo, para Diego, era a construção de uma carreira, a qual sempre estava por um fio, pela ficção de que ele era gay. Tanto isso era pertinente, que quando finalmente saiu da cidade para trabalhar como professor de patinação, a mãe o fez prometer que voltaria para a cidade e provaria que eles, a cidade de Iporã do Oeste, estavam errados sobre ele, sobre sua orientação. Enfim, não estavam.

Furlani ²²⁰ em uma de suas pesquisas ocupa-se de analisar como duas coleções de livros paradidáticos de educação sexual para crianças

²²⁰ FURLANI, Jimena. **O bicho vai pegar!** : um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livrosparadidáticos infantis. (Tese de Doutorado - Guacira Lopes Louro. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação). UFRG: Porto Alegre. 2008. Disponível em

são organizados no que diz respeito à produção das diferenças sexuais e de gênero. Por meio da desconstrução do modo como o gênero e a sexualidade estão apresentados naquelas coleções, a autora demonstra como nos artefatos escolares e em algumas práticas pedagógicas de Educação Sexual, em qualquer nível de ensino, são dispositivos produtores de normatização, e também de demarcação dos sujeitos e das práticas “desviantes”, “não-autorizadas”, consideradas “anormais”. Este estudo problematiza a relação sexual, diferentes famílias, anticoncepção, masculinidades e feminilidades, homossexualidade, masturbação, abuso sexual, HIV/AIDS, sexo seguro, educação sexual, sujeito infantil. No que concerne mais propriamente à homossexualidade, o texto problematiza e desconstrói os vínculos entre a identidade de gênero e a orientação sexual; denuncia a raridade da discussão da diversidade sexual, de gênero e de orientação sexual. Também apresenta as reificações heteronormativas presentes nas coleções, concernentes aos estereótipos de gênero e de orientação sexual.

Jeraldi, também afetado por essas concepções destacadas por Furlani, diferentemente de Diego, lidava com isto de outra topologia. Afirma ele,

eu pensava assim, “gente do céu, como é que essas pessoas (de sua cidade) (pensam isto)?” É que, imagina, as pessoas falarem que você é gay com 9 anos. Gente, eu nem sabia que eu tinha pênis (...) (risos), mal sabia que o meu funcionava com 9 anos ... Eu não sabia que fazia gozar, que fazia as pessoas sentirem prazer loucamente com isso. (risos) É que uma ereção, sim, ela dá prazer, mas ela não dá prazer de um gozo, por exemplo.

Então, se você não se estimular, você nem sabia que aquilo ali é para estimular, entende? então, como é que você vai ser gay? . (JERALDI, DC, 2015)

Jeraldi explica que sua orientação sexual não era um tema que ele se debruçava, porque não sentia interesses sexuais pulsantes. Por outro lado, o relato também nos faz pensar a diferença de gênero desviante e orientação sexual desviante. Somos interpelados já desde muito pequeno, antes mesmo de ter claro uma orientação sexual, sobre a questão do desvio de uma norma de gênero masculino, de como deve ser um homem, por transgredir dita norma e seus signos locais.

Ao chegar para estudar na UFFS, encontrou pessoas que o interpelaram sobre isto, possivelmente por ser um homem que apresentava traços e características consideradas femininas ou alusivas a uma expressão de homossexualidade. Afirma ele, “alguém que disse ‘você é gay, né? Você parece gay. Você é gay?’. Eu falei, ‘oh, as pessoas muito abertas a isso’, entendeu? Eu falei, ‘eu acho que sou, não sei, talvez’, assim, desse jeito. Porque eu não sabia mesmo, nem nunca tinha nem pensado”.

Jeraldi afirma que sua resposta é incentivada pela forma alegre como foi perguntado. Não havia julgamento de valor, ao menos negativo. Ele sentiu-se seguro e pode defrontar-se com uma subjetividade a que não estava acostumado. A franqueza da pergunta e a franqueza da resposta, ainda que ele não pudesse precisa-la. Conta ele,

é mais assim, tu sabes, elas perguntaram de uma forma, não perguntaram estamos aqui nós dois e perguntaram. Elas chegaram na frente de um monte de gente, entende? Daí, então, desde aí eu percebi. E quando as pessoas me chamam de gay lá em Salgado Filho, não era uma cara feliz (entendi, digo eu). Era como uma coisa ruim,

como uma chacota mesmo. E aqui (Realeza) já não . (JERALDI, DC, 2015).

Ao se defrontar com este dizer alegre, Jeraldi começa a se imbricar com sua sexualidade, “porque não era uma coisa ruim aqui eu dizer que eu era (gay). Não tinha o mesmo impacto que aconteceria lá (cidade natal)”. Passa a contemplar-se, vislumbrar-se como sujeito de um desejo gay, homossexual. Foucault, ao analisar a terceira parte das “Questões Naturais”, de Sêneca, e ao falar sobre a morte, fala também de liberdade. Diz ele, utilizando-se do filósofo estoico, “ser livre é fugir da servidão a si mesmo”. O “talvez” de Jeraldi indica essa liberação do endividamento adquirido pelas tantas vezes que foi interpelado pelo mesmo enunciado “você é gay”, agora, sobretudo, como uma questão, dando-lhe espaço para dizer sobre si e ser ouvido pelos outros, um momento de partilha do mundo sensível ²²¹, um momento político. Suponho que o “talvez” signifique, para Jeraldi, seu compromisso em dedicar-se sobre esta interpelação, mas não mais como um peso, um compromisso, e sim como uma ocupação de si que liberta e traz alegria, uma partilha. Destaque-se também nesta partilha a própria significação de ser gay para as pessoas de Realeza. Jeraldi torna-se gay a partir do outro, na experiência do outro e das configurações locais de inteligibilidade da diferença.

Os sistemas de oposições fixas, de modelos convencionais, escondem o grau no qual assuntos aparentemente apresentados como

²²¹ RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO experimental. Ed. 34.

opostos são interdependentes.²²² E é neste dissenso, nesta desarmonia, nesta visualização da instabilidade, presentes no enunciado “você é gay(?)”, proposto como comum, estrutural e natural, que se torna possível a coexistência de diferentes (sujeito da norma e desviante) no mesmo território. A partir da instauração deste dissenso, não há mais a dominação de uma diferença pela outra, ainda que de forma precária, como todo momento político. No momento em que os sujeitos questionam sobre a orientação de Jeraldi, partindo de um modelo convencional, estão na realidade estabelecendo fissuras nas oposições fixas que perpetuam uma visão unívoca de mundo heteronormatizado, sedimentada num sistema linguístico estereotipado.²²³

O enunciado “você é gay” como pergunta permite que um mundo comum²²⁴ se constitua, pois, retira-se da norma a distribuição do sensível, reconfigurando as fronteiras das relações entre ver, ouvir, dizer, fazer e pensar. É no dissenso que se estabelece uma resistência à subjetivação política da norma e ao apagamento e incorporação das diferenças. Por isso, Rancière afirma que “a política é assunto de sujeitos, ou melhor, de modos de subjetivação”²²⁵ e ela “só existe mediante a efetuação da igualdade de qualquer pessoa com qualquer pessoa”.²²⁶

Essas fissuras abertas nas verdades seculares sobre a sexualidade, sobre as relações, sobre os modos de vidas possíveis, são efeitos das

²²² SCOTT, Joan. Igualdade versus diferenças: o uso da teoria pós-estruturalista. *Debate Feminista* (Cidadania e Feminismo), número especial, 203-222. Ano: 1999.

²²³ Ibidem.

²²⁴ RANCIÈRE, J. *Políticas da Escrita*. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1996.

²²⁵ Id., Ibid., p. 47.

²²⁶ Id., Ibid., p. 71.

experiências e dos fluxos que a vida proporciona. Quando Diego migra, de Iporã do Oeste para Realeza, não esperava encontrar algo muito diferente das práticas culturais que já vivia, haja vista a similitude das cidades, mesma colonização, religião, população. Nada seria como antes na nova vida de Diego, conta ele:

o meio onde eu vivia era um meio que não tinha muita informação. Quando eu vim morar em Realeza, na verdade foi um choque de realidade. Porque as primeiras pessoas com quem eu fui morar, foram 3 homossexuais, que estudavam na UFFS. Então, eu já cheguei e dei de cara com uma pessoa que estava namorando um outro menino. Isso para mim foi uma coisa muito estranha, foi um baque, sabe? (DIEGO, 2017, DC).

A acolhida de Jeraldi pelas meninas e a chegada de Diego à Realeza, ressaltam a importância fundamental que outros sujeitos em uma relação horizontal, desempenham na constituição de sujeitos não assujeitados ou na criação de possibilidades de subjetivação política das diferenças e de práticas políticas de liberdade e de verdade. Foucault afirma que “em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui e é constituído pelos outros como sujeito que pronuncia um discurso de verdade”²²⁷. Destaco a fala de Diego:

todo esse processo que eu passei aqui em realeza, tanto como professor, como patinador, como pessoa pública aqui no município. Isso foi amadurecendo muito a minha mente. "N" situações que foram acontecendo na minha vida, no decorrer da minha vida inteira até hoje, pelo fato de eu querer minha felicidade. (DIEGO, 2017, DC).

²²⁷ FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983-1984). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 04.

A busca da felicidade por Diego - como este estado de liberdade e igualdade - pressupõe, por sua parte, criar práticas e cuidados de si e de seus interlocutores que privilegiem a disponibilidade de ouvir a verdade desses outros sujeitos, que, se apegados a verdades fixas e culturais, cerceariam a possibilidade de dizer a verdade, fragilizando-a e imobilizando-a. Por outro lado, esta comunicabilidade não ocorre com a relação de Diego e sua família. Ele conta que:

no início de 2015, em janeiro, assumi para a minha família e foi um processo bem complicado, porque a minha família me rejeitou bastante, né? Tanto que devido eu ter convivido com o pessoal da universidade, ter conhecido pessoas, então, isso me motivou bastante a contar para a minha família. Na verdade, assim, se fosse hoje, se eu não tivesse falado naquela época, tivesse tido coragem. Eu acho que eu teria demorado bem mais tempo. Na época, foi uma coisa bem clara que eu tive, que eu era homossexual e que eu tinha que contar para a minha família. Porque a partir disso eu iria ser bem mais livre, porque não tinha muita coisa que iria me impedir de fazer as coisas que eu gostaria de fazer (DIEGO, 2017, DC)..

A alteridade e a convivência com a diferença levam Diego a voltar-se para si. Naquele momento, aqueles sentidos adquiridos pela experiência, fabricam e recriam posições para melhor se pensar e repensar uma identificação com modelos, que muitas vezes presentes no imaginário como negativos e não-aceitáveis, que não mais ignoram as acusações, mas ressignificam-nas como possibilidade de vida e de existência.

No caso em tela, Diego avança sobre seu próprio imaginário e simbólico, em um ato político de resistência e aceitação de si, para

justamente se valer deles na sua constituição como sujeito. Esse voltar-se para si é também um voltar-se para os dispositivos, aqui, o da sexualidade. Volta-se contra a família, produzindo assim artefatos estilísticos que promovem uma existência como consequência da experiência estética de um cuidado de si e de partilha. Diego teve que lidar com enunciados como luto, suicídio e ameaças de morte. Ele narra que a família se afastou das pessoas da comunidade, o pai ameaçou se matar e o irmão ameaçou-o de morte, disse-lhe que “se um dia tu voltar aqui (em Iporã) com um namorado, vocês dois vão sair da cidade juntinhos, em um caixão”.

Neste processo de subjetivação por meio da resistência, da política, Diego não abandona a complexidade da relevância do que importa para os dispositivos, mas passa a exigir de si mesmo uma veridicção das verdades e normas ali existentes, fabrica-se sujeito da sua verdade. Opera negociações consigo e com a própria família na direção de manter sua liberdade, de “correr atrás do que queria”. Diego afirma,

Saí de lá (de Iporã do Oeste), justamente, por isso, porque eu não queria viver aquela realidade. Aquilo não era para mim. O que eles queriam que eu fizesse, não era aquilo que eu queria ser. E eu não queria ser uma pessoa infeliz. Então, eu vi meus pais sofrendo a vida inteira e eu não queria sofrer desta maneira. Não que hoje a minha vida seja mil maravilhas, mas, porque existem dificuldades sempre. Então, não existe uma vida perfeita. A vida é cheia de altos e baixos. Mas foi um processo bem longo, quase três anos que eu falei para a minha família, até agora eles me toleravam (DIEGO, 2017, DC)..

Diego apresenta uma clareza grande sobre seu próprio papel em fazer-se um sujeito, um sujeito feliz. Percebe que para tal, a verdade e o dedicar-se sobre si, sobre que tipo de sujeito queria ser, é uma tarefa

para uma existência, para uma vida inteira. Não guarda ilusões sobre uma vida perfeita, mas processual. Diego entende que as verdades precisam ser experimentadas em um jogo que não desocupa os sujeitos de se posicionarem, ainda que para isso, sua existência precise tornar-se palco de intenso refazer, de fluxos de reflexão, de negação/privação de pessoas que se ama, e não mais como resultado causal de sua condição de gênero, sexual biológica ou das expectativas da família e da comunidade.

Atualmente, Diego narra que na sua última visita à sua cidade, na páscoa de 2017, sentiu um grande avanço e aproximação da família, principalmente, com a mãe. Ele fala, “ela (a mãe) nem me escondeu mais. Saímos na cidade e tal”, “voltamos a ter diálogo”. A coragem, a paciência e o compromisso, consigo mesmo de Diego, tem produzido transformações positivas em suas relações. São fluxos sentimentais, éticos e políticos que se (re)fazem justamente na alteridade, na amizade, no voltar-se para si. Ensina-nos Foucault, “encontrar a si mesmo em um movimento cujo momento essencial não é a objetivação de si em um discurso verdadeiro, mas a subjetivação de um discurso verdadeiro em uma prática e em um exercício de si sobre si”.²²⁸

As falas de Will, a respeito de suas experiências com o enunciado “você é gay”, são destacadas. Ele acredita que a relação entre seu desejo e sexualidade voltados para meninos data dos seus 7 anos de idade. Afirma que hoje, ao rememorar as brincadeiras eróticas com esse amigo, percebe que gostava do mesmo sexo desde então. Da infância até a juventude, relacionava-se mais com meninas e com meninos que hoje se

²²⁸ FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes. 2004, p. 401.

reconhecem também como gays. Para ele, a fuga das piadinhas, das acusações, das exigências de certa virilidade e cultura que ele não compartilhava, nos esportes, por exemplo, foram definidoras nos seus ciclos de amizades.

Foi também na amizade que pode relacionar-se sem pesos com sua sexualidade e reelaborar suas próprias verdades sobre si. Ele me conta que em uma conversa com seu melhor amigo, que morava em outra cidade para fazer “cursinho pré-vestibular” e estava passando o final de semana na casa dos pais, sucedeu-se o seguinte em uma de suas caminhadas, seu amigo perguntou-lhe:

"você é gay?". Aí foi aquele, “noooossa, meu amigo está me perguntando se eu sou gay? (risos)”. Porque até então não eram meus amigos que me falavam esse tipo de coisa. Aí, ele, "você é gay?", e eu fiquei assim em estado de choque, caminhando. Aí eu olhei para ele e falei assim, "ah, eu não sei. O que você acha?". Daí ele falou assim, "ah, eu acho que você é gay". Aí eu perguntei para ele, "e você?". Aí ele falou assim, "eu sou gay". Aí a gente ficou se olhando, aí tudo veio, parece que tudo veio na minha cabeça, aí eu fiquei lembrando das brincadeiras da escola, de todo mundo me chamando de gay, daí eu comecei a pensar nas coisas, mas tipo, (...) imagina, sempre tive amigas, não tinha amigos, heterossexuais, né? Meus amigos eram todos gays, porque eram mais efeminados também. E todas essas coisas assim, e aí ficou aquela coisa. Aí a gente foi embora, e a gente ficou discutindo o final de semana inteiro. Aí no outro final de semana a gente estava junto, daí falei (para meu amigo), “não, sou gay” (WILL, 2015, DC).

No momento em que Will diz para seu amigo, “não, sou gay”, esta dizendo a si mesmo, e ainda que produza uma interjeição negativa, “não”, parece-me que estaria afirmando-se frente a toda a negatividade

até então depositada sobre sua homossexualidade. Como tenho destacado, a importância da amizade no caminho de aceitação da diferença novamente se impõe. O que antes era uma acusação, “você é gay”, fadada à renúncia, torna-se inspiração e processo de um olhar para si. Um fazer-se visibilizado por si e para si. Configura-se em um processo de subjetivação e individuação que resiste aos saberes e poderes instituído.

Voltando à narrativa do fazer-se gay de Jeraldi, do exercício de si sobre si, é importante apresentar Dalva. A primeira turma da UFFS começou em 2010, no primeiro semestre, e Dalva era uma das estudantes: transgressora, inteligente, devassa, cosmopolita e livre. Ela alugava um apartamento no centro da cidade, nele, ela produzia festas que estão nas memórias da maioria das pessoas que com ela se relacionaram, nos dois anos que morou em Realeza e cursou veterinária. Dalva é importante para entender parte de várias experiências relacionadas à descoberta e experimentação da sexualidade. Narra Jeraldi:

quando eu beijei o primeiro guri [eu disse, “eu sou gay”]. Não, talvez não, antes. Eu acho que quando eu beijei a Dalva eu sabia que eu era gay. Só que ficar com a Dalva foi uma coisa legal para mim, foi maravilhoso. Porque a gente ficou e conversar com ela foi muito legal depois. Porque aí ela me perguntou se eu era gay, eu disse que eu não sabia, que eu não tinha ficado com um cara ainda. Aí a gente deitou na varanda e ela falou, ela falou assim, “você já chupou um pau?”. Eu falei, “não”. Ela falou, “não é bom, é bom, mas não é tão bom assim, é melhor ser chupada”. Ela disse assim para mim, aí eu fiquei pensando, aí ela disse, não se preocupe, “se você for gay, você vai chupar um pau, você vai fazer isso”, nessas palavras ela falou. E aí ela foi conversando comigo, daí ela contou várias coisas que ela fez e que ela já tinha

ficado com menina, mas que ela achava que não era lésbica. Tudo isso. Daí tipo, ter uma conversa assim para mim foi legal, ser tratado com tanta normalidade. Eu acho que para eu me identificar como gay, eu acho que foi bom. (JERALDI, 2015, DC)

Este fragmento da conversa com Jeraldi é um encontro poderoso com o discurso verdadeiro, com o dizer-a-verdade, com a parresía²²⁹. A franqueza, a coragem e o desprezo pela convenção nas palavras proferidas por Dalva é, em meu olhar, um grande exemplo contemporâneo das práticas de si e de dizer-a-verdade, identificadas por Foucault na antiguidade greco-romana. Isto não tanto por Dalva fazer Jeraldi pensar na homossexualidade como sua posição ou como algo possível de ser pensado, ainda que pelo exercício de imaginar a chupada de um pênis, não pelo conhecimento de si que a conversa pudesse ter produzido; mas, pelo exercício no desejo presente na homossexualidade, seja de Jeraldi ou da sua própria. Dalva não se faz objeto para uma verdade, mas, caminha com Jeraldi como sujeitos em formação vinculados ao dizer-verdadeiro. Foucault adverte, “é preciso que esta verdade afete o sujeito, e não que o sujeito se torne objeto de um discurso verdadeiro”.²³⁰

Sem embargo, as práticas sexuais e a experiência que se adquire no contato franco da amizade são fundamentais para a relação com uma posição de sujeito desviante da norma. A amizade, as conversas que

²²⁹ FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II. Curso no collège deFrance (1983-1984). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: EditoraWMF Martins Fontes, 2011.

²³⁰ Id. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. 2010, p. 217.

vem com ela, e a franqueza da nudez, possibilitam um encontro íntimo e inventivo com as verdades blindadas pela norma.

Rafael, por outro lado, tem uma relação distinta sobre se dizer gay ou homossexual, afirma ele,

eu nunca cheguei para alguém e disse, eu sou heterossexual, assim como eu nunca cheguei para alguém e disse eu sou homossexual, eu não vejo que isso seja importante, assim como eu nunca neguei. Se alguém me perguntar, eu não vou negar. Entendeu? (RAFAEL, DC, 2015)

Rafael, importante lembrar, é o único dos participantes que já residia em Realeza antes da chegada da universidade. Outro fator importante é que possui uma masculinidade bastante adequada à hegemônica, o que lhe permite um outro estatuto, que o coloca sob menos suspeição e portanto também é menos cobrado no parecer gay. Por outro lado, em realidade, Rafael irá confrontar-se com seu assumir-se gay em outros territórios.

Em Realeza, parece-me que indiferente da adequação da masculinidade, um sujeito homossexual, ainda que não “pareça”, também sofre com contingências e suscetibilidades à violência, em razão ao evidente conservadorismo heteronormativo e a pertinente vigilância. Esses processos de resistência, de estetização e de politização, como deslocadores das problematizações do ser gay ou parecer gay ou se dizer gay, atuam na clássica distinção de ser discreto e de suas benesses.

a discrição – enquanto signo de masculinidade – parece assegurar a inteligibilidade social desses homens, “autorizando” sua própria existência. Desse modo, seus corpos tornam-se viáveis não

apenas na cultura, mas, sobretudo, no espaço de trocas de parcerias afetivas e sexuais.²³¹

Por outro lado, na relação indivíduo e coletivo, em boa medida, alguns estudos tem indicado a enunciação do "assumir-se" homossexual, como ato individual, como uma demanda do movimento gay²³², como ato coletivo.²³³ A literatura especializada tem ressaltado que em muitos casos as demandas individuais e as demandas dos movimentos sociais revelam territórios de encontros e desencontros entre o movimento social²³⁴, comunidade acadêmica²³⁵ e pessoas LGBTT, por sua pluralidade intrínseca. Nem todos os sujeitos homossexuais possuem a demanda do assumir-se ou da revelação, ainda que resguardem, como no caso de Rafael, a importância de certas interpelações nas relações sociais.

²³¹ LOPES, Charles Roberto Ross. SEFFNER, Fernando. **Seja gay... mas não se esqueça de ser discreto**: produção de masculinidades homossexuais na Revista Rose (Brasil, 1979-1983). Seffner, Fernando (orientador) (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/32309>, acessado em 17/08/2015)

²³² MOTT, Luiz. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

²³³ KRONKA, Graziela Zanin. **A homossexualidade nas bancas de jornal**: a enunciação do "assumir-se" homossexual na imprensa especializada (Dissertação de Mestrado – Orientadora: Maria Cecília Perez Souza-E-Silva. – Programa de Pós-Graduação em Linguística, na Universidade Estadual de Campinas) Campinas, SP., 2000. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000206277>, acessado em 19/08/2015

²³⁴ FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?**: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

²³⁵ RAMOS, S., CARRARA, S. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, 16(2), 2006. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312006000200004>, acessado em 20 de agosto de 2015.

De algum modo, essa dissidência do movimento gay e de alguns dos participantes da pesquisa, apontam para alguns impedimentos e possibilidades da participação política nos movimentos LGBTTT. Um dos estudos ²³⁶ da revisão de literatura destaca a emergência da ampliação do campo político e da participação política nas sociedades atuais, além de seu vínculo à democracia. No caso, os autores destacam a necessidade: de criação de uma agenda política governamental; de traçar um perfil dos políticos e de suas significações frente às temáticas LGBTTT; de conscientização individual sobre os direitos dos LGBTTT pela sociedade em geral e pelos próprios LGBTTT. Os apontamentos feitos pelos autores acima estão no nível de uma política institucionalizada: uma governamentalidade, para Foucault; uma polícia, nas palavras de Racière.

Parece-me, como para Ferrari ²³⁷, que o movimento gay no Brasil ²³⁸ e sua ligação com as possibilidades derivadas de sua existência como processo educativo prescindem de mais análises sobre o potencial político de engajar-se/resistir às normatividades e aos discursos hegemônicos. Isto porque o sentido de produção de um conhecimento, ulterior aos seus integrantes e à homossexualidade, destaca as questões da intimidade e de sua relação com passado-presente e público-privado.

²³⁶ COSTA, F.A., MACHADO, F.V., PRADO, M.A.M. Participação política e experiência homossexual: dilemas entre o indivíduo e o coletivo. **Interamerican Journal of Psychology**, 42(2), 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000200014&lng=pt&nrm=iso, acessado em 20 de agosto de 2015.

²³⁷ FERRARI, A. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. **Rev. Bras. Educ.** 2004 Apr; 25(105-15). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100010&lng=en&nrm=iso, Acessado em 25 De agosto de 2015.

²³⁸ MOTT, Luiz. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Em relação ao público e privado, destaca-se um fator interessante do familialismo. Rafael não considera o quarto e casa na qual vive, seus. Para ele, o quarto em que dorme na casa dos pais pertence a eles. Rafael não trata da questão de sua orientação diretamente com sua família, ainda que a considere acolhedora e respeitosa. Afirmou várias vezes que sua mãe é uma feminista, por suas escolhas e posições nas relações matrimoniais e na comunidade, e que seu pai é um homem nascido em uma família “às avessas”, com mãe “puta” e uma vida juvenil de situação de rua. Por essas características, acredita que não seria um problema uma “revelação”, mas não considera necessária, o faria se isso produzisse situações novas e mais libertadoras, mas não se sente oprimido em casa. Seus namorados já dormiram em sua casa e almoçaram com os pais, que em tese sabiam da relação de namoro com ele.

Para Rafael, as ações que contestam mais diretamente o sexo como algo exclusivamente do âmbito do privado contribuem para uma visão do sexo como algo ruim, e, que, portanto, devem ser feitas no âmbito do privado. Rafael entende que o sexo deve estar na intimidade, como possibilidade de ser um momento único para quem tem essa experiência. Afirma ele, “eu vejo o ato sexual como algo que esta na intimidade, não porque é algo feio, algo ruim, eu acho que é porque é um momento íntimo mesmo”.

A lógica de tornar o sexo algo estritamente do privado contribui para argumentações de que a orientação sexual do desejo também o seja, promovendo uma inviabilização das relações homossexuais de maneira mais pública. De alguma maneira, essa lógica se corrobora nos discursos e práticas das experiências homossexuais de outros nas cidades natais de

nossos participantes. Todos os participantes da pesquisa frisaram as poucas referências positivas de homens gays naquelas cidades. Jeraldi afirma que em sua cidade natal há um “destino” para os homens e mulheres. Afirma ele,

se eu fosse homossexual e casasse, se eu quisesse (estar com homens), eu teria que ter uma relação por fora. Tipo, na minha cidade tem um homossexual, na minha comunidade. ... E ele sempre teve cabelo comprido, às vezes, parece meio trans, sabe? Mas ele é homossexual, se diz homem. (...) (ele transa com) os amigos dele, que ele traz. Sei lá, de outra cidade. É que é estranho, aí entra numa coisa assim, é difícil, eu ficava com a cabeça muito confusa quando eu conversava isso (com minha mãe), né? porque eu sabia que os homens solteiros da época dos meus pais, dos meus tios, que eles iam lá, sabe? Eles frequentavam a casa dele e tinham sexo com ele. (JERALDI, DC, 2015)

Isto pode justificar como era confusa a ideia da homossexualidade a partir dos exemplos que Jeraldi acessava em sua cidade. Afirma ele ainda,

eu nunca vi isso como uma coisa que eu achasse interessante [ficar com homens heterossexuais]. É que para mim é meio ilógico. Eles não são homossexuais, sabe? Eu nunca via isso. Porque eu pensava, o que seriam homossexuais? então, todos são? eu não conseguia abstrair direito essa informação. . (JERALDI, DC, 2015)

Jeraldi fala dos afetos “mal-ditos”²³⁹, desses jogos que ocorrem no interior, da negociação tácita entre comunidade e sujeitos desviantes, que são autorizados a fazer suas práticas, sem, em consequência, torna-

²³⁹ FERREIRA, Paulo Rogers da Silva. **Os afectos mal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas.** 2006. 173 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

las públicas. No caso, uma complexa relação entre público e privado, perniciososa e atenta. Ele conta como ocorria:

E este homossexual ele se dá bem com todo mundo na comunidade, sabe? É uma questão a se conversar.... É muito estranho... Ele vai na igreja. Sabe, parece que ele tem um lugar naquela sociedade, entende? Todo mundo sabe que ele é homossexual. (...) Então, tipo sem ninguém ver, mas tipo, mais adolescentes, eu acho que é uma coisa assim, jovens e adolescentes. . (JERALDI, DC, 2015)

Nesta medida, pensar o público e o privado remete às situações colonialistas e exploratórias ocorridas no processo de formação do Estado-nação brasileiro. Estas situações ainda se perpetuam nos grandes centros e possivelmente mais marcadamente nas cidades do interior, nas cidades pequenas e em comunidades transpassadas pela ruralidade, religiosidade e conservadorismo, como é o caso da comunidade de Jeraldi. O privado e o público ²⁴⁰, sociologicamente falando, estão íntima e perversamente interligados. Eles produzem um sistema hierárquico de dominação que incorpora as dimensões da sexualidade heteronormativa, da reprodução sexual, da relação heterossexual, de transmissão de herança, tanto em questões de gênero, como socioeconomicamente, reafirmando uma sociedade extremamente patriarcal, heteronormatizada e binária.

Ainda que todos saibam o que tal morador de Salgado Filho faz no privado, enquanto, ele não desafia as regras da heterossexualidade, não casa com outro homem ou não assume no discurso sua

²⁴⁰ AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Soc. estado.**, Brasília, v. 15, n. 2, Dec. 2000.
Disp. <http://www.scielo.br/pdf/se/v15n2/v15n2a06.pdf>, access on 26 Oct. 2012.

homossexualidade, as sanções limitam-se a sua clausura simbólica e experiencial. Quero dizer, há uma aparente condescendência com aquele morador, mas que de fato as sanções são não-ditas, mas existem no impedimento lacunar de que viva publicamente seus amores, suas relações erótico-sexuais, suas amizades homossexuais; seu maior castigo é viver das migalhas pastorais.

Politicamente, em relação a se envolver eroticamente com homens ditos heterossexuais, Jeraldi afirma que,

é que eu vejo assim, quando uma pessoa diz que não é gay, e tenta ficar como hetero, se defendendo. Eu via isso muito com amigos meus (aqui de Realeza), amigos que são gays, e que parece que dizer que é gay é um xingamento, então, eu comecei a não gostar muito disso. (JERALDI, DC, 2015)

Ele se posiciona contra os discursos refêns da normatividade, que agem nos corpos e no desejo. Sobre isto, Rafael afirma que a lógica nas cidades pequenas é “castrar” o desejo e os modos de vida dissidentes, não combatendo-os, mas extenuando-os, deixando-os na escuridão do não-dito.

Rafael, na tentativa de explicitar como isso ocorre, relembra-me que teve a possibilidade de morar, de fazer um estágio, no litoral catarinense, em Florianópolis, na UFSC, por seis meses. E ao perguntar-lhe “como foi [tal experiência]?”, disparou:

nunca transei tanto na minha vida (risos altos). Olha, eu tinha que ligar desmarcando o negócio, porque eu precisava ir para a aula. Eu transava de manhã, de tarde e à noite... Eu estava lá para conhecer pessoas (risos). Isabel (professora orientadora) mesmo quem disse isso (risos), ”vá se fazer conhecido”, (risos) mas eu acho que não foi nesse sentido (risos), depende de como você

encara as coisas (não dá para entender, ria demais). (RAFAEL, DC, 2015).

“Fazer-se conhecido”, fazer-se homem, tornar-se gay. O processo de intercambio de Rafael é primordial para entender o próprio processo de interesse, de desejo e de normatização ocorrido nas cidades pequenas. Ele foi alguém que sempre subjetivou seu desejo naqueles que são “de fora”; de repente, tem a possibilidade de sua diáspora, ainda que com tempo restrito, seis meses. A busca pelos corpos resultava em encontros de conhecimento e autoconhecimento. Possibilidades de viver amizades intensas, ainda que até o gozo. Uma zona de liberdade, anônimo, sem vigilância, sem o peso de ser pioneiro em nada. Podia acordar em uma vida com poucas obrigações, muitas possibilidades, uma população universitária do tamanho da população de sua cidade, e ainda tinha muito mais. “Em todos os lugares. Na balada, bares, na própria universidade, em todos os lugares” (RAFAEL, DC, 2015) ele se fazia conhecido. Rafael sabia que envolvimento mais profundos com outros homens lhe trariam demandas com as quais não poderia lidar. Criou então uma estilística do encontro, profundo enquanto durasse, mas sem arrependimentos e promessas, apenas presença e fluid(o)ez.

Por outro lado, nota-se também que a anonimidade pode promover e arregimentar desejos, criar vínculos e dobrar determinismos e normas, ainda que reféns destas mesmas objetividades e dispositivos. Neste caso, para além dos possíveis castigos ou danos, encontra-se a noção de gozo, de proveito daqueles encontros. As práticas de busca por sociabilidade e prazer configuram-se em uma genuína forma de praticar uma política, pela desobediência, não só da heteronorma, mas, substancialmente, da homonormatização.

Em outros territórios do seu intercâmbio, Rafael buscou e se aproximou do grupo de estudos de gênero na Sociologia e inclusive participou do “Margens”, orientado por uma professora do curso de Psicologia da UFSC e de uma pesquisa na temática. Neste período, não pode doar sangue e escreveu uma carta para o Hospital Universitário da UFSC. A questão girava em torno de uma portaria que impede a doação por homens que tem sexo com outros homens ou por pessoas que tiveram contatos com esses. “Aí eu fiz um manifesto, fiz uma carta e a gente encaminhou. Não sei também em que pé está, isso foi mais ou menos no final da minha estadia lá. Passei pelo centro acadêmico da Biologia, foi assinado por outros centros acadêmicos”. A normatividade ocorre também por aquilo que não é dito, ou que não aparece como discurso, ou melhor, ocorre pela presença de uma discursividade positiva do sujeito da norma, no caso, de uma exaltação da heterossexualidade.

Há inúmeras situações discursivas de dominação que urgem serem confrontadas com o intuito de produzir deslocamento dos sentidos desses discursos sobre homossexualidade e sua reorganização frente ao discurso hegemônico da heteronormatividade. A heteronormatividade²⁴¹ que é essa hierarquização dos exercícios de poder estabelecidos pelas relações de gênero e sexuais, subjetivadas sob supostas identidades estáveis, fixas e essencializadas, e que desconsideram o caráter histórico, cultural, social, econômico e performativo destas relações. Para Rafael, em relação à heterossexualidade:

²⁴¹ BULTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

você acaba naturalizando isso [a heterossexualidade] como normal. E ainda mais em uma cidade pequena, onde isso é reforçado... eu acho que é meio que involuntário, sabe? Aí, você está lá em um almoço de família e "cadê as namoradinhas?", aí, e "a namorada?". Nesse sentido que vai reforçando, situações como estas. (...) Eu fui me descobrir homossexual em 2010, quando eu dei o primeiro beijo em um menino. (RAFAEL, DC, 2015)

A narrativa de Rafael ressalta que duplamente se instaura uma produção de verdade, pois: primeiramente, destaca-se o ideal da sexualidade voltada ao sexo oposto, na qual o homem é valorizado em sua virilidade e masculinidade protetora, progenitora e superior a qualquer feminilidade. Em segundo, as produções discursivas voltadas ao público homossexual reproduzem esses discursos heteronormativos e misóginos sob uma roupagem de resistência e criação cultural alternativa.

Estudos ²⁴² e ²⁴³ destacam que a produção de sujeitos gays (hetero)normalizados ocorrem não apenas nas discursividades orais, mas que também se pode observar isto em inúmeros periódicos, revistas de saúde ou de moda, voltados para o público gay. Nestes, os diferentes

²⁴² KRONKA, Graziela Zanin. **A encenação do corpo:** o discurso de uma imprensa (homo) erótico-pornográfica como prática intersemiótica. (Tese de Doutorado – Orientadora: Maria Cecília Perez Souza-E-Silva. – Programa de Pós-Graduação em Linguística, na Universidade Estadual de Campinas). Campinas, SP, 2005. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000373829>, Acessado em 19/08/2015.

²⁴³ LOPES, C. R. R., SEFFNER, F. **Seja gay... mas não se esqueça de ser discreto:** produção de masculinidades homossexuais na Revista Rose (Brasil, 1979-1983). Seffner, Fernando (orientador) (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/32309>, acessado em 17/08/2015)

domínios semióticos [escrito (verbal) e fotográfico (não verbal)], buscam uma mesma grade semântica, na qual toda a disposição cenográfica, de luz, de narrativa, naquela revista estudada, objetivava destacar a genitália masculina desnudada, dotada de ereção, tamanho e potência. Acima de tudo destacar o pênis como heterossexual, afastando aquelas enunciações da imagem de homossexual afeminado, segundo padrões normativos e binários.

O tema dos discursos heteronormativos, nas sociabilidades juvenis, tem sido abordado em inúmeros estudos sobre a homossexualidade e a homofobia^{244, 245 e 246}. Em uma das pesquisas, analisa-se como a homofobia na escola se configura como violência de gênero, que vislumbra, na realidade, salvaguardar a heterossexualidade masculina, centrando-se na efeminização da homossexualidade, associando-a a uma visão misógina deste feminino.²⁴⁷ Outro estudo demonstrou que nas culturas gays juvenis urbanas, há muitas

²⁴⁴ MONTEIRO, S., VARGAS, E., CECCHETTO, F., MENDONÇA, F. Identidades, trânsitos e diversidade sexual em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro (Brasil). *Cadernos Pagu* 35, 2010. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332010000200004>, acessado em 20 de agosto de 2015.

²⁴⁵ GONZAGA, L., PRAÇA, A., LANNES, D. As representações sociais acerca de GAY entre estudantes da periferia do Rio de Janeiro. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 11(2), 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1807-1384.2014v11n2p162>, acessado em 21 de agosto de 2015.

²⁴⁶ TAQUETTE, S.R., VILHENA, M.M., SANTOS, Úrsula Pérsia Paulo dos, BARROS, Mônica Maria Vianna de. Relatos de experiência homossexual em adolescentes masculinos. *Ciênc. saúde coletiva*, 10(2), 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000200018&lng=en. Acessado em 19 de agosto de 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000200018>.

²⁴⁷ SANTOS, H., FERREIRA, M., SILVA, S. "Gay mas não bicha": de uma heteromasculinidade hegemônica a uma proliferação de masculinidades gays. *Revista Iberoamericana de Salud y Ciudadanía* . 2 (2), 2013.

possibilidades e que estas apresentam manifestações que opõem os “gays normais”, ou seja, heteronormalizados, às “bichas”, fabricando manifestações mais *queers* que resistem às normatizações e performatizam politicamente outras possibilidades ²⁴⁸.

A normatividade para aquilo que se compreenda como homossexualidade, também surge no cenário das cidades pequenas, com outros elementos e características, mas, ainda assim normativa. Jeraldi fala dessas dificuldades de ser gay entre os próprios gays. Anuncia uma normatividade tão cruel e institucionalizada quanto a da heteronormatividade. Afirma ele,

é que existem as bichas más, né? que é aquele negócio da bicha que vai te humilhar. Um outro gay que vai te humilhar, né? vai fazer aquele negócio, que vai te julgar por uma coisa que tu estejas fazendo, isso acontece sempre. ... eu acho que é um traço da humanidade mesmo (risos), eu acho que tem esse tipo de pessoas em todos os grupos. Até na igreja deve ter aquele padre que te, que fica tipo, então, sempre tem. Mas é que essas pessoas geralmente são bastante influentes, né? Então, elas levam todas as outras em uma chacota. Isso acontece em qualquer grupo. Então, aquela pessoa é gayzorcizada. É que as bixas más, elas são más de verdade, elas não tem medo de ser má. (JERALDI, DC, 2015)

Essa normatividade também opera de maneira criativa, do tipo, se muitos gays estão reunidos, há a necessidade de permanecer a alegria, o festejo,

²⁴⁸ REIS C., PARAÍSO, M. Normas de gênero em um currículo escolar: a produção dicotômica de corpos e posições de sujeito meninos-alunos. **Revista Estudos Feministas**, 22(1), 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2014000100013>, acessado em 21 de agosto de 2015.

é uma maravilha, tem um gay gritando, tem um gay dançando, tem um gay falando com um sotaque totalmente diferente, sabe? E usando palavras diferentes, um dialeto totalmente diferente. E aí, se tiver, por exemplo, um “hetero” no meio já não faz tanto assim. Entende? (JERALDI, DC, 2015)

Ele se questiona

quanto tempo a gente se preocupa com esse negócio de ser macho, de ter que fazer alguma coisa porque é macho, sabe? ... eu não costumo me preocupar em não parecer. Mas talvez quando eu esteja andando na rua à noite sozinho, talvez, eu mude a minha expressão. Talvez, é porque por uma questão mais.... segurança, talvez. (JERALDI, DC, 2015)

Suas narrativas indicam a pertinência da desconstrução do binarismo de gênero e das normatividades (tanto da hetero como da homo), e da problematização analiticamente da constituição das performatividades de gênero ainda circunscritas à matriz sexo-gênero e às normatividades hegemônicas. Essa desconstrução também demonstra o potencial político da homossexualidade, como tal posição de sujeito, de alguma forma, te coloca no mundo e obriga a ser mais posicionado politicamente. Apesar da ingerência biomédica e religiosa no desejo, exige dos sujeitos homossexuais a criação de espaços políticos, de fissuras na norma. Entendo que a homossexualidade coloca o sujeito em uma posição de resistência ou de assujeitamento, e, neste sentido, as práticas políticas de liberdade se encontram com as práticas de cuidado de si, de voltar-se a si e reconhecer-se como sujeito inteiro e merecedor da sua existência.

Como já aludi, Jeraldi nunca esteve dentro de um padrão heteronormativo, inclusive, preserva um padrão que facilmente se

confundiria com uma certa ingenuidade, que não lidava ou se confrontava com a heteronormatividade. Intuo que o que ocorria era por efeitos do dispositivo da sexualidade. Havia um regime de dominação e assujeitamento em seus processos de subjetivação. Afirma que

conflitos eu acho que teve sim, de certa forma. Porque imagina, você está sendo julgado por algo que eu nem é, ou que nem sabe ainda, entende? Neste ponto, claro que de certa forma, quando menor, eu acredito que logo que isso começou, eu acho que eu sofria. Depois disso, não me lembro disso me afetar muito. Porque eu já estava acostumado. Para mim, me chamar de gay era uma coisa tão normal, não tinha problema nenhum com isso. (JERALDI, DC, 2015)

Aponta como a heteronormatividade é delimitadora da experiência gay. Conta-me ele,

depois de tanto tempo ser chamado de gay, eu não me importava mais, para mim era normal. [eu não entendia ser gay} do jeito que eu entendo hoje. É porque é assim, para mim, ser gay, a minha primeira versão, eu achava que era um homem se relacionar com outro homem. Para mim, isso era ser gay. Só que para minha sociedade e para os meus colegas, não era isso. Era ser afeminado e ter a voz fina, isso era ser gay para eles. (JERALDI, DC, 2015)

Tanto delimitações, como a própria vivência, de/da homossexualidade, de ser gay, são históricas e culturais. Elas estão vinculadas às normatividades e às significações atribuídas por situações sociais interdependentes e que vão além das questões de classes, de práticas culturais, de etnias, das orientações religiosas, da sexualidade, das relações de gênero, de geração e do território, entre outros elementos vinculados à produção de subjetividade. Inclusive, a própria orientação sexual. No caso do fragmento acima de Jeraldi, fica explícita como para

a comunidade em que vivia, em Salgado Filho, o desejo já se fazia no ser sujeito-Jeraldi, ainda que o ser sujeito-Jeraldi ignorasse isso em termos de desejos ou de posição de sujeito. Ressalte-se que naqueles jogos de poder era preciso impedir que esse “desejo”, enquanto força latente em Jeraldi, não se transformasse em ato, em atração por outro sujeito do mesmo sexo ou gênero, e muito menos em um desejo com potência de vida. Essa fala é um ponto bem importante para problematizar e pensar a diferença, o fato do gay nas cidades pequenas ser o *queer*, o efeminado, antes de quaisquer desejos efetivamente pelo mesmo sexo. E isso gira em torno de gênero e masculinidades primeiramente.

No caso de Rafael, ele acreditava que o fato de nascer em uma sociedade heteronormativa e em uma cidade pequena foi importante para que por muitos anos não lidasse claramente com sua orientação homossexual. Mesmo que suas práticas sexuais tenham sido mais prematuras, se comparadas com Jeraldi. Nesta medida, a subjetivação é compreendida por Rafael como processo. Afirma ele,

eu me vejo como homossexual, mas eu não acho legal essas classificações, até porque eu não garanto que se eu conhecer alguém interessante do sexo feminino, eu não vá [me interessar afetivo-sexualmente], e eu não me consideraria bissexual também. Então, atualmente, eu sou homossexual, mas pode ser que isso mude. (RAFAEL, DC, 2015)

Rafael, nesta perspectiva, procura destacar aquilo que sabe sobre si, mas não em detrimento da verdade sobre si. Sujeito moderno que é, vincula-se ao conhecimento de si, mas o submete ao cuidado de si; pois, assume sua posição de sujeito como verdade e modo de vida,

mas não se fixa nela, e sim se vincula ao presente, sem delimitar possibilidades para sua existência. Não se limita à demarcação de fronteiras, mas, constitui-se dos movimentos produzidos pelos seus encontros e experiências. Novamente, destaque-se que são as práticas culturais e os processos de subjetivação que instauram, inauguram e mantêm os espaços como políticos, como território de visibilidade da diferença, mas, também da normatização, da vigilância, do controle.

As ordens e normatividades são discursivamente impostas e objetivadas nos e para sujeitos, que por sua vez se constituem na relação de adequação, assimilação, antagonismo, conflito, aceitação (não necessariamente nessa ordem). Diz Nietzsche,

as naturezas ativas, bem-sucedidas, não agem segundo a sentença “conhece-te a ti mesmo”, mas como se pairasse diante delas o mandamento: quer um si mesmo, e assim te tornarás um si mesmo. O destino parece ter-lhes deixado sempre ainda a escolha; enquanto os inativos e contemplativos meditam de como, daquela vez e de uma vez por todas, ao entrarem na vida, escolheram.²⁴⁹

Entendo que posições do sujeito que se configuram fora da norma colocam situação de escolhas para os sujeitos, no sentido nietzschiano do termo. Ou adequam-se ou resistem, resultado primeiro e consequente da existência do poder. Evidentemente, não é o caso discutir aqui questões como se essa operação ocorre consciente ou inconscientemente. Fatalmente, não é isso que importa. A questão aqui são as experiências que esses sujeitos encontram-se. São seus dilemas em seguir em frente por meio da descoberta da transitoriedade dos

²⁴⁹ NIETZSCHE, F. **Humano demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p 336.

processos de objetivação. A escolha de resistir coloca ao sujeito a contingência de visibilizar a verdade de sua existência para si e para os outros, pela construção de territórios de dissenso e de constituição de comunidades políticas. São as práticas que se utilizaram para inventar-se como sujeitos, para fazer-se o que se é, que importa.

5.2 “Pôr a nossa cara no sol”: olhar para si e práticas de resistência

“*Senhor, apenas não tire de mim o que não pode me dar*”:
(*Diógenes, o cínico*)²⁵⁰

Retomo a noção de política como um processo de subjetivação e remeto à discussão para as questões da igualdade, como um “ponto de partida, uma opinião ou um pressuposto que abre o campo para uma possível verificação”,²⁵¹ e da liberdade, requerendo necessariamente o reconhecimento das diferenças e não a cisão de ambas em pares opostos/dicotômicos. Scott se pergunta “como fazer para reconhecer e utilizar a noção de diferença sexual e, ao mesmo tempo, ter argumentos em favor da igualdade?”. A resposta à sua própria questão é dupla. Primeiro, seria necessário “desmascarar as relações de poder construídas ao colocarmos igualdade como antítese da diferença”; e segundo, seria urgente “rejeitar as consequentes construções dicotômicas nas decisões políticas”.²⁵²

Na Sociologia e na Ciência Política, aprende-se que as ordens estabelecidas ao longo do processo histórico são positivas e desejáveis, e, porque não dizer, também inevitáveis, tais como as relações vicinais, a família, o partido, a política, a própria democracia. A forma como as verdades são aqui compreendidas, tais ordens e instituições são tidas

²⁵⁰ Diógenes, O cínico. (on line) Disponível em <https://scribatus.wordpress.com/2009/05/11/alexandre-e-diogenes-o-grande-e-o-cinico>.

²⁵¹ RANCIÈRE, J. **O Espectador Emancipado**. Orfeu Negro: 2010, p. 168).

²⁵² SCOTT, Joan. Igualdade versus diferenças: o uso da teoria pós-estruturalista. *Debate Feminista* (Cidadania e Feminismo), número especial, 203-222. Ano: 1999.

como resultado de escolhas em um cenário de disputas de poder. O que quer dizer, que são menos essenciais ou transcendentais, e mais instáveis, precárias, passíveis e contingenciais que a ciência moderna propala. Para Laclau, há uma “primazia do político em relação ao social”.²⁵³ Se por um lado o social se funda em produzir e manter estruturas como naturais e essenciais, buscando uma ordem e estabilidade; por outro, o político desmascara, como possibilidade de resistência e transformação daquilo que se intitula como um ente. Pensar a orientação do desejo desviante é localizar os sujeitos como seres de ação e de liberdade: políticos. Isso porque para Foucault não há essência nos sujeitos humanos, e a liberdade é a condição de resistir às dominações, às verdades, ao poder, constituindo-se a si mesmos por uma ascense inventiva, cética e reflexiva. Afirma ele,

o poder não é o mal. O poder são jogos estratégicos. Sabe-se muito bem que o poder não é o mal! Considerem, por exemplo, as relações sexuais ou amorosas: exercer poder sobre o outro, em uma espécie de jogo estratégico aberto em que as coisas poderão se inverter, não é o mal; isso faz parte do amor, da paixão, do prazer sexual. (...) Acredito que é preciso colocar esse problema em termos de regras de direito, de técnicas racionais de governo e de êthos, de prática de si e de liberdade.²⁵⁴

No caso de minha pesquisa, as noções históricas e processuais do gênero e do poder aparecem quando os participantes narram como suas diferenças na expectativa de sua masculinidade, ou de uma

²⁵³ LACLAU, E. Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo. Buenos Ayres: Nova Visión, 1993. p. 50.

²⁵⁴ FOUCAULT, M. **Ética, Política e Sexualidade**: Ditos e escritos. Vol. V, 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 284/285.

masculinidade aparente no corpo e nas relações, se fizeram presentes e foram marcantes. Um dos participantes da pesquisa, Diego, importante dizer havia recentemente, à época da entrevista, em 2015, se identificado como um sujeito homossexual. Em nossa primeira entrevista, em 2015, ele faz referência e uma crítica às chamadas “bichas”. Para ele, estas manifestações performáticas, “estridentes, enlouquecidas e que fazem de tudo para chamar a atenção”, prejudicam a imagem dos demais gays, dizia ele. Faz-se importante dizer, que ao final de nossa conversa, manifestei meu desconforto e discordância da forma como ele referia-se aos homossexuais que ele considerava “bichas”. Disse entre outras coisas, que achava que ele precisava ser mais atento ao reproduzir determinadas falas, pois, elas eram homofóbicas, e expus meus argumentos. Diego, pareceu-me, recebeu bem minhas ponderações. E ainda naquela conversa, ele próprio elabora que a existência “bicha” é responsável por ganhos de direitos e de possibilidades de sociabilidades para os gays. Dá-se conta ao longo da conversa que nosso encontro não aconteceria se as “bichas” não tivessem preparado o terreno para existências/manifestações outras da homossexualidade.

Dois anos depois de nossa primeira conversa, voltamos ao assunto, e sua narrativa é encantadora:

a partir do momento que eu me assumi para a minha família, digamos assim, que foi a parti daí que eu tive mais liberdade para me expor quem eu era. Então, hoje eu posso dizer que eu sou muito bicha. Devido ao fato de que na verdade, as bichas são vistas, como eu via, sabe? A gente tem muito preconceito, também dentro do meio LGBTTT pelo fato de ser uma pessoa mais efeminada. Porque ainda existe aquela visão de que se você é homem tem que ter uma postura heteronormativa, ainda

que você seja gay, de que você não pode ser afeminado. (DIEGO, 2017, DC)

As reflexões de Diego contestam as verdades seculares propaladas para a masculinidade, mas também para a homossexualidade. Ele se posiciona contrário à visão de que tem que ser refém de um tipo de masculinidade ou de homossexualidade. Ainda que reconheça a atuação política da posição de sujeito homossexual. Para ele, é a *performance* “bicha” que desempenhou historicamente a atuação política, a presença gay, manifesta no estereótipo do gay efeminado e efusivo, constitui o enunciado da resistência e da transgressão à norma. Vale destacar que o caráter desses corpos desviantes, as bichas, são manifestação de uma estética que contesta a padronização dos corpos, que marca a diferença e a recoloca no nível da luta, por seu enfrentamento diário pela liberdade e pela igualdade de existência.

Diego ainda afirma que

a partir do momento que eu fui conhecendo pessoas novas, vendo por exemplo o meio “*drag*”, foi um meio que me abriu para essa visão de ser bicha, né? Então, festas que eu fui também me deram essa liberdade para eu me identificar comigo mesmo. Então, há esse preconceito pelo fato de a gente (as bichas) “pôr a nossa cara no sol”, como a gente diz, enfrentar todos os problemas que a sociedade traz para a gente e a gente quer que as coisas sejam justas e iguais, né? Por que a gente é inferior ao heterossexual, por exemplo? Então, como eu te falei, a partir de muitas experiências que eu passei, isso abriu muito a minha cabeça. Então, eu vejo que tudo que eu faço é porque eu quero os mesmos direitos que as pessoas ditas normais tem. (DIEGO, 2017, DC)

Diego requer para si igualdade, liberdade e direitos. Não se trata apenas de questões civis, o que Diego reivindica com sua postura bicha

é um lugar na comunidade política, de participação, de presença, fora das sombras. A expressão enunciado “por a cara no sol” agencia a saída da clandestinidade, denuncia a sujeição de outros sujeitos que padecem dos mesmos preconceitos e exclusões. É um chamado para a luta contra a invisibilidade e heteronormatização da homossexualidade. Igualdade, inferioridade, normal, enunciados que são arrancados do lugar comum e instauram um território de experiências, de vivências, de aprendizado e deslocamentos. Um cenário político. “As muitas experiências” que Diego fala do/em seu processo de constituição como um sujeito de si não se reduzem ao individual. Elas são vivências que transcendem a subjetividade. São efeitos das relações de saber e poder, e claro atravessadas por outros sujeitos. São práticas coletivas associadas à transformação.²⁵⁵

A narrativa de Diego demonstra um cuidado de si e uma coragem para dizer-a-verdade como resultado da experiência política de reconhecer seus processos de subjetivação como diferentes e não aberrações. Afirma ele,

então, a gente como bicha, digamos assim, seria uma maneira de a gente mostrar que as pessoas estão erradas sobre a gente. Que aquela visão que se tinha antigamente, de todo homossexual ser aidético, de ter um monte de problemas. Essa visão tem que terminar, a gente tem que ser visto como pessoas normais, porque a gente é normal. A gente não é nenhuma aberração. (DIEGO, 2017, DC)

Diego apresenta o dano e busca estratégias, das quais enfrentar os discursos heteronormatizados pela encarnação da enunciação “bicha”,

²⁵⁵ FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos**. Vol. I, Editora Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2002b.

se torna urgente em sua concepção. As disputas por espaços, saberes, estetização e modos de subjetivação, toda elaboração de significado, inclusive, daqueles em relação à (homo)sexualidade, a ser bicha, é atravessada por variantes contingenciais políticas, culturais, históricas, ideológicas, científicas e outras. Diego reconhece as possibilidades de que esses significados sejam negociados, questionados e/ou disputados dentro de um campo de “forças discursivas”. Os significados discursivos são efeitos de saber/es que se incrustam em “nós” e nos fazem sujeitos no mundo comum, não só por meio de formas textuais, mas também de organizações disciplinares que os representam e nos interpelam para a ocupação desses lugares que os sujeitos ocupam, geralmente canonizados ou estigmatizados. Parece-me que nesta perspectiva, a proposta de Diego, de já ser a hora de se rebelar contra um tipo de discurso sobre a homossexualidade, é também a proposta de criação de um território em que a subjetivação que engendre possibilidades nos sujeitos de ressignificarem de maneira multidimensional, fluída e diferentemente do discurso heteronormativo. Inclusive, que isso englobe tanto os sujeitos que satisfazem a norma, esses aspectos discursivos, quanto os desviantes.

Diego inspira-nos a pensar em uma estética que pressuponha a diferença, não para hierarquizar, mas justamente para resistir à dominação e inferiorização. Continua ele,

então, eu vejo que hoje as pessoas me consideram mais bicha, mas é pelo fato de que eu abri a minha cabeça e eu quero que as coisas sejam justas com a gente. Que as pessoas parem de morrer, entendeu? Porque tem muita gente morrendo. Uma travesti, a expectativa de vida é de 35 anos. Então, por que disso? Porque você não pode ser quem você realmente é. Como a gente comentou,

a gente não tem como escolher o que a gente quer, porque se a gente pudesse escolher, a gente não escolheria (ser homossexual), pelo fato de a gente saber que existe muito preconceito e que a gente sofre muito com isso. (DIEGO, 2017, DC)

Diego destaca o fato de que acredita que muita coisa tem mudado, que o acesso à informação, às estatísticas e às diversas mídias, contribui para que as pessoas homossexuais ou heterossexuais possam repensar suas posturas e conhecimentos. Ao tratar da homossexualidade como uma não escolha, no sentido, de não se poder escolher ser um sujeito homossexual ou heterossexual, aponta para o sofrimento e o preconceito como uma constante na vida dos homossexuais. Por outro lado, também evidencia a constituição dos sujeitos como processuais, como resultado de práticas, processos e lutas. Diego, com suas palavras apaixonadas, faz escolhas onde é possível fazê-las. Esta constituição faz-se em um jogo de forças em que o curso dos eventos vai organizando e orientando as ações de sujeitos que se subjetivam na diferença, mas, certamente, pela normatização. Assim, não faz sentido falar em escolhas ou decisões, mas compreender certos resultados desses jogos de força; dos efeitos do poder.²⁵⁶ Diego, enquanto sujeito cada “vez mais bicha”, coloca-se como corresponsável por este fazer-se sujeito e por criar efeitos que privilegiem a vida, que promovam estratégias de proteção e de desprecarização. As problematizações que as narrativas de Diego expõem-no às experiências e ao mundo. Evidenciam como ele subjetiva-se politicamente ao destacar que sua existência clama por justiça, pela produção de discursos e práticas que

²⁵⁶ FOUCAULT, M. **Os Anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

promovam a liberdade e a igualdade.

Certamente, os discursos e práticas que cerceiam e violentam sujeitos fora da normatividade ocorre em todos os tempos da vida de um sujeito. Will aponta como essas expectativas em termos generificados o afetaram, destacando que há exigências dos considerados meninos desde a infância. Afirma ele, que há uma relação entre gênero e heterossexualidade muito marcada,

essa questão (da heterossexualidade e do gênero) é imposta pela sociedade atualmente. Ah, um homem heterossexual tem que jogar futebol, tem que gostar de futebol. Se vai gostar de jogar vôlei, é veado, é gay, alguma coisa assim. É uma coisa que a gente escuta. Eu não acredito nisso, conheço, eu tenho amigos homossexuais que são fanáticos por futebol. Faz barraco no facebook porque o time perdeu e porque o outro está xingando. E que vai de caçar confusão, eu tenho amigos homossexuais que são assim. Tem outros opostos que não fazem nenhuma atividade física, no meu caso. E tem outro que se dedicam à luta (risos, porque se referia a mim, pois, sou professor de Jiu-Jitsu em Realeza). Outros que se dedicam também ao esporte que seria predominantemente heterossexual. E tem outros que fazem dança, patinação artística, nada a gente pode generalizar. Eu sou dessa opinião, não gosto de generalizações (WILL, 2015, DC).

A distância que Will toma de determinados esportes, por exemplo, manifesta como o corpo destaca-se nas possibilidades de comunicação e de expressão. Por um lado, o próprio não gostar, não expor o corpo a determinadas práticas e exercícios, se faz como um processo de resistência em um jogo de abandonar o que é prescrito, uma subversão pela auto exclusão. Por outro lado, a participação de um corpo tido como desviante em esportes “predominantemente heterossexuais” destaca a possibilidade da subversão pela imposição da

presença e da diferença em esportes que se apresentam desta forma. No meu caso, fundei um *Dojô* de Jiu-Jitsu na cidade de Realeza, do qual muitas pessoas não participam, porque o instrutor é gay. De toda forma, o *Dojô* tem muitos/as atletas e é um centro de treinamento de campeões internacionais. Os excelentes resultados em competições têm atraído novos/as participantes, que antes tinham “certo preconceito”, como eles dizem, mas que aprenderam a confiar no meu trabalho. Não posso furtar-me aqui de destacar que fazer Jiu-Jitsu é um território de conflitos, de pedagogia e de fazer-me gay como resistência.

Percebe-se, a partir do fragmento anterior da fala de Will, que ele parece coadunar com a conceituação de gênero como algo que está para além da organização simples em torno da anatomia sexual, do sexo biológico. Esta concepção relaciona-se mais propriamente a um efeito das relações de poder que articulam entre si elementos como força física, gênero, classe, raça, idade, prática e orientação sexual e outros.²⁵⁷ A discursividade produzida na/pela matriz sexo/gênero produz questões relacionais em todas as fases da vida dos sujeitos. Ao afirmar isto sobre as colocações de Will, não estou reduzindo a linguagem à sua instrumentalidade ou ao seu contexto simples, ou mesmo imaginando que se pode apreender a sua totalidade. O que quero ressaltar é que certos enunciados, como o “esporte de menino” ou “de menina”, agem e operam exigindo um corpo²⁵⁸ e que estão históricos e culturalmente localizados.

²⁵⁷ BULTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

²⁵⁸ PINTO, J. P. **Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades**. DELTA, São Paulo, v. 23, n. 1, 2007. Available from <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502007000100001>. access 29Oct.2012.

No que concerne a essas questões de gênero, e, estabelecimento de relações e subjetivações, Jeraldi narra que, durante sua infância, identificava três tipos de meninos. Os que seriam e foram seus amigos indiferente do que diziam sobre sua sexualidade ou masculinidade. Os que foram seus amigos enquanto permanecia a dúvida sobre sua orientação, desde que não parecesse “muito gay”. E, por fim, os que não seriam seus amigos de maneira nenhuma por identificarem nele a homossexualidade imediatamente, por suas diferenças como masculino. A categorização criada por Jeraldi é a forma que ele encontra para destacar como uma masculinidade fora da norma é definidora nas relações sociais e, por conseguinte, também nas subjetivas. Destacando a necessidade de desconstrução destes discursos.

Jeraldi também relembra que, a partir da terceira série primária, não se identificava com as brincadeiras ditas de meninos, preferia o convívio com as meninas. De alguma maneira, essa e outras falas de nossos participantes, evidenciam a aproximação das meninas como uma estratégia de sobrevivência e de produção de significados no seio dos grupos sociais que participavam. Isto porque percebiam a hostilidade e violência que esses mesmos grupos territorializavam para si. Jeraldi identifica que foi também nesta época que tem as primeiras lembranças de “bullying”.

é porque aí a partir da 3ª série os meninos perceberam que eu não estava com eles, eu estava com as meninas. E é na terceira série que começaram os primeiros namorquinhos, sabe? ah, eu estou gostando daquela menina. E, eu acho que ter um menino no meio das meninas era meio que curioso, ou era estranho para eles, logo as meninas que eles estavam interessados. Aí que começou, a primeira vez. Eu acho que a primeira coisa que me chamaram foi de gay. (DIEGO, 2017, DC)

As falas dos entrevistados demonstram como a violência é para além da proibição de ser homossexual, de ser bicha, de ser gay, priva-se uma conexão com essas existências ou imputa-se uma orientação sexual subsidiada por uma diferença de expressão de gênero. Tais privações também são observadas na violência contra mulheres e contra o feminino em si, como algo que está hegemônica e moralmente incorporado por muitos homens. Estas violências se colam ao fato de haver uma construção subjetiva acerca de ser homem. Ela implica em reconhecer o homem como um ser violento ou como autor de violência.

De toda forma, olhar para como as masculinidades não hegemônicas são marcadas pelo estigma do “equivoco” e do “a ser corrigido” contribui sobremaneira para a desconstrução de um modelo de masculinidade hegemônico e para a visibilidade de outras maneiras de ser homem. Contribui para o rompimento de análises que mantêm o binarismo homens e mulheres, macho e fêmea, homossexuais e heterossexuais. A literatura tem demonstrado que os estudos de gênero estão muito centrados na reflexão sobre a sexualidade normativa. Superficializa-se as reflexões sobre as experiências mais concretas de muitos homens e muitas mulheres que estão fora da norma, além de não estabelecerem uma consistente relação entre gênero e a vivência da sexualidade.

Estas experiências de masculinidades fora da norma promovem uma distinção e diferenciação frente aos processos de subjetivação. Destaca-se a fala de Jeraldi sobre o tratamento de igualdade em termos de gênero recebido por parte do pai (padrasto) e de sua mãe. Uma indistinção de gênero no que tangia às questões domésticas e públicas,

na comparação com suas irmãs, como sair para se divertir, por exemplo. Afirma ele:

eu fui tratado igual as minhas irmãs, então, as privações que elas tinham, eu tinha também. As minhas irmãs, não existia tratamento especial por eu ser um menino. Entende? Daí às vezes eu penso, nossa, por um lado negativo, e por um lado positivo. ... O lado negativo é porque, por exemplo, se fosse uma criança mais liberal, e ele (padrasto) tratasse todos como uma família trata seus meninos, os meninos, teriam, ah, os meninos podem sair para ir em um baile. Não que hoje, hoje eu agradeço por não ter ido. (DIEGO, 2017, DC)

O distanciamento do essencialismo, do que se pode ou não fazer como “menino” ou como “menina”, pode promover a experiência, experimentação, de masculinidades desviantes sem muito sofrimento. Isto, haja vista que “as masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular”.²⁵⁹ No caso, a família tem centralidade nisto, já que o contato e o nível de resposta, responsabilidade e de *feed back* do que somos, é sempre intenso e cenário de acolhimento e sofrimento.

Por outro lado, Will nos exemplifica que até o fim da adolescência se ligava a sua orientação sexual por conta dos xingamentos e exclusões que sofria por acreditarem que ele era gay, em uma alusão clara de sua masculinidade não hegemônica. Embora, ele mesmo não havia questionamentos existenciais sobre sua orientação.

²⁵⁹ CONNELL, Robert W., MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidades Hegemônicas: repensando o conceito. In.: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013. p. 250.

Afirma ele, “aquilo (a homossexualidade) ficou adormecido, então, só por meio desses xingamentos que eu sentia, mas eu nunca tinha parado para pensar alguma coisa assim, “será que eu sou gay? Será que eu não sou? Era só esse *bullying*, mas eu ignorava”. Já para Jeraldi, “porque, para mim, imagine, desde os 9 anos as pessoas me chamarem de gay, entrar na universidade e alguém me chamar de gay, não tinha a menor importância, já me chamavam de gay mesmo”. Destaque-se o fato de que não se tratava de uma prática da orientação homossexual, mas por terem corpos que não coadunavam com a masculinidade hegemônica, com as verdades da heterossexualidade compulsória.

Mas, afinal, o que é o agir com a verdade? Pergunta que mobilizou grande parte de toda a filosofia clássica e que jamais perderá seu peso na busca paradoxal do que seja em realidade a própria verdade. Palavras complexas: ação, real(idade) e verdade. Por ora, as tomemos pelo que têm em comum, há a realidade e a verdade de si e a dos outros, e por ação aquilo que podemos fazer a respeito de nossa realidade/verdade na relação com a verdade do outro. Neste sentido, pode-se: resistir, assujeitar-se ou assujeitar, dependendo ao regime de verdade a que se está vinculado.

Nesta perspectiva, as possibilidades de um corpo assumidamente ou atribuidamente homossexual pode ser a transgressão e a fuga de códigos que demarcam o corpo masculino hegemônico, auxiliando na compreensão de como são diversas e múltiplas as formas de subjetivar as masculinidades e as verdades sobre si. Ilustremos essas possibilidades da relação com a verdade de si e dos outros com a descrição que Will faz de como foi “denunciado” a respeito de sua orientação sexual para sua família. Ele conta-me que após um trabalho

noturno, quando tinha 16 anos, dormia e fora acordado pela mãe.

era domingo à tarde, daí a família sempre senta lá na calçada, olhando o movimento, porque não tem nada para fazer (em Altonia, sua cidade). Estava minha mãe, minha tia e o meu padrasto, estavam sentados lá fora. E aí eu fiquei assim, quando eu cheguei, estava todo descabelado, de pijama. Saí lá no portão, aí foi assim, eu fiquei chocado, fiquei assim [fez silêncio e uma cara] (risos) em estado de choque, assim, em pânico. Eu não sabia o que fazer. Aí eu olhei, estava lá no portão, sozinho, aí eu saí do portão assim para a calçada, quando eu olhei tinha, tipo assim, 3 carros, cheios de gays, na frente da minha casa, do outro lado da Avenida. E aí, assim, a cidade pequena, estavam ali. Ele (um colega de trabalho) começa a falar assim, "vamos para o rio com a gente", tipo normal, né? (WILL, 2015, DC)

Ainda que dentro de casa não tivesse sido abordada ou houvesse alguma posição formal sobre um filho gay, Will intuía que aquela cena produziria jogos de verdade que ele estava lidando desde aquele momento. O fato é que o colega de trabalho de Will era homossexual, ou pelo menos, as pessoas de sua família pensariam isto dele, por preencher determinados estereótipos e apresentar uma masculinidade *sui generis*. A abordagem da mãe foi instantânea, chorosa e de juízo imediatos. Diria ela, “eu não acredito que você é gay. que desgosto para a família, imagina se seu avô sabe disso? Vai ser o fim da família”. (WILL, 2015, DC).

Muito frequentemente, masculinidades não hegemônicas são associadas à homossexualidade, àquelas masculinidades consideradas afeminadas são (res)significadas e justificadas por práticas, comportamentos e valores, os quais são revelados naquelas interações. Percebe-se que essas performatividades, masculinidades femininas, nas

relações de gênero são arregimentadas²⁶⁰ e ²⁶¹ e justificam as crenças sobre a natureza da homossexualidade. Tornam-se princípios organizadores do preconceito homofóbico e, todavia, mais importante, apontam para a necessidade da sociedade civil organizar-se em torno da superação de determinados processos de invisibilidade e estigmatização da homossexualidade e das possibilidades de resistência e enfrentamento.

A reverberação de um evento tão simples, quase heraclítico, o convite para Will ir banhar-se em um rio, afetaria sobremaneira a ele e a toda sua família, mobilizando outras conversas com outros parentes por parte da Mãe, com uma tia especialmente. Que, segundo Will, ainda que não tenha sido acolhedora, foi considerada por ele menos violenta e “mil vezes melhor” que a conversa com a mãe. Foucault afirma que,

quem não teve ainda cuidados consigo encontra-se nesse estado de *stultitia*. Portanto, a *stultitia* é, se quisermos, o outro polo em relação à prática de si. A prática de si tem que lidar – como matéria primeira, por assim dizer – com a *stultitia* e seu objetivo é dela sair”.²⁶²

Para Foucault, o *stultitia* é o estado daquele que não conhece, ou melhor dizendo, não pratica o fazer-se si, é escravo de si e da moral, das

²⁶⁰ ALMEIDA, M. B., SOARES, A.S. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Movimento**, 18, 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/20826/17386>. Acessado em 19 Agosto de 2015.

²⁶¹ PEREIRA, A.S.L.S., ALFAIA, A.J.B., SOUZA, L.E.C., LIMA, T.J.S. Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol. **Psicologia & Sociedade**, 26(3), 2014. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3819>. Acessado em 19 Agosto de 2015.

²⁶² FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 118.

verdades não refletidas e está dominado pela norma do pedagogia, da religião, do direito ou da economia, entre outras instituições. A preocupação da mãe era com o que a comunidade iria pensar, preocupava-se com o “porvir”, não com o desejo ou a individualidade do filho, com o seu presente, com o modo de subjetivação, com as verdades que são constituintes do filho e só a ele dão conta. Foucault afirma que o homem (ou mulher)

voltado para o porvir, não atenta àquilo que se passa no presente e considera que, por ser imediatamente sorvido no passado, o presente não é verdadeiramente importante. Por conseguinte, o homem do porvir é aquele que, não pensando no passado, não pode pensar no presente e encontra-se, assim, voltado para um porvir que só é nada e inexistência.²⁶³

A submissão à verdade sem reflexão, fixada no porvir, impede que a mãe resista às verdades que lhe foram endereçadas e apenas aja. Sem veridicção, sem o exercício esperado daqueles que amam e, portanto, cuidam, resta à mãe um cuidar irreflexivo, disperso, incapaz de liberar-se da dominação da norma, não se ocupa da subjetividade do filho, ocupa-se com a fantasia da verdade instituída pelos dispositivos de controle, no caso aqui, da sexualidade.

A primeira consequência deste comportamento assujeitado é levar Will um psiquiatra, que ia à cidade uma vez por semana. A literatura especializada tem indicado que a perspectiva biomédica^{264 e}

²⁶³ FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 418.

²⁶⁴ NUCCI M. F., RUSSO, J. A. O terceiro sexo revisitado: a homossexualidade no Archives of Sexual Behavior. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, 19(1): 2009. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000100007>, acessado em 20 de agosto de 2015.

²⁶⁵, incluía-se a psiquiatria aqui, que busca “explicar” a homossexualidade por um argumento de natureza (biológica ou psíquica), produzem estudos que se utilizam do argumento “irrefutável” da condição natural, portanto, de não escolha dos indivíduos. Importante ressaltar, que tal concepção pode ser uma cilada política e gera uma necessidade de reflexão e parcimônia nas relações teóricas entre discurso biomédico, a ciência e a política. Pois, estes mesmos argumentos podem levar a intervenções de toda ordem sobre estes sujeitos, em uma perspectiva de cura e patologização. Em geral, estes estudos concluem, a partir de várias referências científicas em torno da determinação de certos componentes biológicos e genéticos na orientação homossexual, que não há uma explicação definitiva sobre tal determinação, apesar de inúmeras teorias a respeito já terem sido formuladas.

Parece que, ainda que à época, Will não tivesse muitos recursos argumentativos, tentou convencer a mãe que não tinha “problemas psiquiátricos”, nem depressão ou questões mentais. Ele quis afastar sua suposta homossexualidade dessa perspectiva biomédica. Todavia, não obteve sucesso e já na “Clínica Integrada”, espaço público em que a psiquiatra atendia, Will depara-se com outras pessoas na sala de espera, a maioria, segundo ele, eram pessoas com deficiências mentais. Will se perguntava se a mãe acreditava que ele tinha problemas mentais. No contato com a psiquiatra, a especialista tentou mostrar para a mãe a “normalidade” do filho, fazendo uma analogia com “tribos de surfistas

²⁶⁵ ALVES E. F., TSUNETO L. T. A orientação homossexual e as investigações acerca da existência de componentes biológicos e genéticos determinantes. **Scire Salutis**, 3(1): 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.6008/ESS2236-9600.2013.001.0006>, acessado em 24 de setembro de 2015.

ou de roqueiros” e enquadrou Will na tribo dos “*emos*”. Ainda sugeriu que a mãe levasse-o a psicólogas, mas isso nunca aconteceu. A partir dali, houve um “silenciamento” por parte da mãe dessa situação.

Esse contexto de acusação/diagnóstico/consulta/medicalização a que Will foi submetido, de fato, revela a crença em uma racionalidade, ainda que terceirizada (terapeuta/psiquiatra) e colocada no governo dos outros. A patologização da homossexualidade, mesmo que por uma via transversal, e, apesar de ter sido excluída taxonomicamente dos manuais como o Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV, sigla em inglês), ainda ocorre. Inclusive, nos meios especializados, como no caso da Psiquiatria ²⁶⁶. Destacando-se assim um sintoma da complexidade do tema da homossexualidade no meio especializado da saúde. Mostra-se necessária, portanto, uma revisão desde a formação até a atuação dos/as profissionais e dos/as psiquiatras em relação à homofobia velada e explícita, produzindo assim políticas de combate ao preconceito e a utilização de práticas menos preconceituosas. ²⁶⁷

O silenciamento que segue por parte da família de Will, não é o silêncio pitagórico, o “silêncio pedagógico, que é o silêncio em relação à palavra do mestre, que é o silêncio no interior da escola e em oposição à palavra permitida aos alunos mais avançados” ²⁶⁸. Esse silêncio

²⁶⁶ GUERRERO, R.E. Homofobia y psiquiatria. **Rev. Colomb. Psiquiatr**, 36(4), 2007. Disponível em <http://www.scielo.org.co/pdf/rcp/v36n4/v36n4a10.pdf>, acessado em 02 de novembro de 2015.

²⁶⁷ SANTOS, E.C., CALVETTI, P.U., *et al.* Percepção de Usuários Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, Transexuais e Travestis do Sistema Único de Saúde. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**,; 44(2), 2010. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28420641004>, acessado em 15/10/2015.

²⁶⁸ FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. 2010, p. 371.

configura-se em uma espécie de redução da realidade, de encolhimento de uma verdade sobre si para torná-la suportável, não presentificável. Relega-se o cuidado ao silêncio, em uma tentativa de esquecer, de esperar que a “fase” passe e tudo tome seu lugar no sistema, dentro daquela verdade cristalizada sobre o que seja desejo e sujeito, dentro da (hetero)norma.

Como adverte Foucault ²⁶⁹, um sujeito que se dedica a si desenvolve “discursos verdadeiros” ou “discursos racionais” para enfrentar suas lutas. Will quebrará o silêncio com uma nova conversa sobre sua orientação sexual com a mãe, quase 8 anos depois dos eventos narrados, isto aconteceria uma semana antes de nossa primeira entrevista. O namorado de Will, chamado Oscar, pertence a uma família, segundo Will, “muito mais tradicional, muito tradicional e do interior de uma cidade do oeste de Santa Catarina”. Para Will, a orientação sexual do namorado era um segredo para a família de Oscar e que isto gerava muitas situações difíceis de encontros, muita tristeza por parte do namorado; pois, o mesmo ainda morava com a família. As irmãs mais velhas de Oscar promoveram uma campanha persecutória contra o rapaz. Para Will, à época,

a situação dele [Oscar] esta cada vez pior, cada vez ele fica mais reprimido com a situação. Às vezes eu fico preocupado que ele caía em uma depressão profunda, porque eu vejo que ele não está mais aguentando. Porque é uma situação, assim, trabalhar lá no sítio, que é um trabalho pesado, acordar muito cedo para trabalhar, para ir à faculdade, voltar para o sítio e trabalhar até às 8 da noite e ter uma vida social. Uma vida íntima,

²⁶⁹ FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. 2010.

uma vida amorosa e uma vida de amigos, de festas, que todo mundo tem. E ele não tem. Além disso, as irmãs ficam pressionando para ele não se assumir (gay). (WILL, 2015, DC).

Entre as estratégias, uma das irmãs adicionou a uma rede social a mãe de Will, o que o deixou apavorado. Criando as possibilidades para Will quebrar o silêncio e conversar com a mãe, em uma tentativa de impedir que a “revelação” de sua homossexualidade ocorresse por outras pessoas e meios. Will já havia planejado apresentar Oscar à família como namorado, mas, não pretendia colocar no nível da revelação. Assinale-se a escolha pela palavra revelar, tão cara a tradição cristã por expressar aquilo de mais importante que se deve saber por meio da bondade e benevolência divina. Interessante perceber que aqui a produção de um discurso verdadeiro ocorre baseado também no porvir. Diferentemente das preocupações prosaicas e persecutórias da mãe, Will via o porvir por meio de uma reflexão que visa um cuidado de si e de posse da verdade. Foucault afirma, sobre essa forma de lidar com o porvir, que

este exercício não consiste em considerar um porvir possível de males reais para com ele nos acostumarmos, mas em anular ao mesmo tempo o porvir e o mal. O porvir, porque dele nos fazemos uma representação como já dado em uma atualidade extrema. O Mal, porque nos exercitamos a não mais considera-lo como tal.²⁷⁰

Com a pressão externa, Will resolveu ligar, contar para a mãe que estava namorando e que “não pretendia fazê-lo por telefone”, mas que algumas circunstâncias do namoro o forçaram a fazê-lo à distância.

²⁷⁰ FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. 2010, 438, p. 542.

Novamente, a mãe clama pela sanidade do avô, e fica sabendo que o avô já sabia e que inclusive, havia sido por iniciativa do próprio avô. Foucault observa que a *stultitia* “é essa vontade de algum modo limitada, relativa, fragmentária e cambiante” e “na medida mesma em que ela se define por essa não relação consigo, não pode ser feito pelo próprio indivíduo”²⁷¹. Foucault afirma que se faz necessário um outro que intervenha, interfira e intermedeie a transição do não poder cuidar de si (*stultitia*) para vontade do cuidado de si. Na análise de Foucault o indivíduo que estaria apto para tal tarefa, de intermediador, era a figura do filósofo, que também advertidamente foi transformando-se ao longo dos séculos, perdendo esse caráter intrínseco ao *métier* do filósofo. Foucault afirma que,

à medida que vemos desenvolver-se o personagem do filósofo, à medida que vemos acentuar-se sua importância, vemos também que, cada vez mais, ele perde sua função singular, irreduzível, exterior à vida cotidiana, à vida de todos os dias, à vida política (...)de sorte que a profissão de filósofo se desprofissionaliza na mesma medida em que se torna mais importante.²⁷²

Dissolvida a figura do filósofo, tome-se a analogia da importância do outro, ainda que não tão sábio, no processo de produção de práticas do cuidado de si e da subjetivação política como prática de resistência a realidade presente e futura.

No caso em tela, Will para viver mais plenamente, evitar sofrimentos de outros e para responsabilizar-se por seus processos de subjetivação, de forma que se mantenha livre, preocupa-se

²⁷¹ FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. 2010, p. 128

²⁷² Id., *ibid.*, p. 129.

reflexivamente duplamente: de um lado, a família do namorado e, de outro a própria família de Will. A primeira família atuando ativamente e a segunda passivamente. Will precisa dizer sua verdade para, primeiro, demover a mãe de suas verdades assujeitadas, de sua *stultitia*, a respeito dele e de sua sexualidade, distinguindo a verdade do erro, promovendo uma veridicção mesmo do seu sujeito e de sua posição como sujeito homossexual, como filho homossexual. E em segundo, ao dizer a verdade de si, com essa veridicção enfrentar aqueles, no caso a família do namorado, que tentam impedi-lo de viver completamente e de amar quem ele tenha escolhido e ser amado por aquele. De alguma maneira, contar a verdade, dizer-a-verdade à sua família, que ele ama “outro homem”, é pedagógico, por sua força transformadora, mas também político porque afirma sua diferença no mundo e os danos que a heteronorma lhe impõe.

Neste processo de enunciação da verdade de si que Will e na assimilação desta por sua família, uma nova preocupação é elaborada pela mãe e pela tia: a homofobia. Aqui, há uma dupla enunciação a partir da homofobia: por um lado, desvela-se um traço importante na relação com a verdade, um traço inaugural - que o acolhimento da verdade do outro cria cenários, possibilidades, territórios, demandas e posições -, de que a homossexualidade, o ser gay, só começa com a revelação. Will destaca à mãe, com o objetivo de tranquilizá-la, que “não é porque estou te contando hoje, que eu acordei gay hoje”. Não obstante, agora o medo de que o filho seja identificado pela comunidade, desloca-se e toma um espaço mais legítimo, no sentido, do acolhimento e do cuidado, de proteção ao preconceito e contra à homofobia; Por outro lado, nota-se que o discurso ainda é o do

conhecimento sobre o sujeito e não o da subjetividade. Nesta segunda enunciação, a verdade sobre o sujeito ainda se mantém atrelada à norma, à consequência, aos sistemas peritos e não à existência do sujeito na sua integralidade, no seu desejo.

Destaque-se que os sujeitos homossexuais que reivindicam a visibilidade, evidenciando sua diversidade e seu não acesso à justiça - no momento em que se visibiliza sua presença em mundo comum, o caso de Will e sua família -, necessitam de modos particulares da própria subjetivação de si e da política. Estes modos de subjetivação prescindem da instauração do dissenso, no sentido de tornar visível os prejuízos e barreiras impostos pelas verdades instituídas e pela tomada do sujeito nesta verdade exclusivamente. A família de Will, em especial sua mãe, se torna a comunidade política em que Will, enquanto homossexual reivindica a sua visibilidade como sujeito inteiro e não apenas na violência da homofobia ou no ato sexual. Will cria um território no qual, visibilizado, está mais protegido, pois, ao menos naquela comunidade política, com sua família, adquire um estatuto de sujeito, portanto, de legitimação de sua existência, goza de cidadania e das proteções que tal condição lhe deveria garantir.

Por outro lado, Diego destaca como as questões de sua vivência posição de sujeito homossexual estão conectadas também às suas relações laborais. Diego é professor de patinação em realza, ensina na Rede Municipal de Ensino Fundamental. Ele precisa desconstruir muitos discursos tanto no nível cultural, como um patim rosa disponível para um menino, ou no nível pessoal, por ser um “professor gay”. Em contrapartida, Diego percebe que para cada desconstrução que ele opera, há outros professores que reconstroem aquelas verdades seculares. Ele

entende que o campo do trabalho, no caso uma escola, é um campo de conflito, de luta política. Ele se autodenomina um “professor gay” e que isso tem efeito sobre suas práticas. Por exemplo, Diego conta que um dos professores, técnico como ele, aponta para os estudantes que tem em comum, ou mesmo para aqueles estudantes que poderiam ser escalados para o time de patinação, que “ele acha que o que eu (Diego) faço errado” está associado “a eu ser homossexual”. Na relação com essas e outras situações, o processo de construção de Diego como um sujeito inteiro, passa pelo desenvolvimento como profissional e com sua identificação como homossexual, passa por um voltar-se para si e suas práticas, revendo suas possibilidades de atuação e sobremaneira de transformação daquela realidade a partir do que ele é.

Diego destaca que:

a patinação foi uma coisa que me permitiu me abrir bastante para os meus alunos. Então, isso me deu muita força para eu agir com a sociedade também. Se fosse acontecer qualquer tipo de preconceito para cima de mim, os alunos iam cobrar isso: "por que estão fazendo isso com o professor Diego?". Eles tem muito claro quem eu sou. E isso é bem gratificante, e hoje isso é possível eu ter esse tipo de abertura com eles. (DIEGO, 2017, DC)

Destaque-se que Diego atribui que tem avançado contra o ressentimento na produção de sua liberdade e na produção e no tratamento de igualdade, isto assegurado por essa relação de verdade consigo e com os outros, por meio de práticas de exaltação de sua verdade, de uma subjetivação distintiva da norma. Ao desconstruir normas que se instauram como manifestações transcendentais da verdade e da vontade - “os bons costumes”, “a família”, “o pecado” -,

instaura-se também um poder de dominação, que por sua vez não se estabelece em polos, mas em jogos, como já evidenciei. Pelo olhar de Foucault ²⁷³, o poder deve ser pensado pelas técnicas que fabricam a dominação, que são diferentes do poder. Ou seja, faz-se necessário compreender como os sujeitos operam nessas relações, que discursos produzem, que argumentos e enunciados agenciam.

O poder opera na ordem do discurso e do governo e é neste sentido que se pode pensar em territórios de resistência e de exercícios de liberdade. Diego deixa bem claro como para ele é uma questão política de se colocar como homossexual, de que essa posição de sujeito também é parte relacional desse lugar que o faz profissional e não como uma derivada casualmente ou subalternamente à outra. Diego destaca que aprendeu a lidar com a verdade que construiu sobre sua homossexualidade. Tal aprendizado auxilia-o a ser um profissional melhor, no enfrentamento dos preconceitos colocados na profissão de patinador e da docência. Para Diego, os esportes são muito excludentes, segundo ele, “um gay não faz futebol porque não se sentiria bem e heteros não fazem patinação”, o que para ele constitui-se em um tabu que priva as pessoas de oportunidades e de autonomia por meio das possibilidades dos esportes.

Os exercícios de se fazer profissional, gay e livre, destacam como opera a despolitização dos sujeitos e as ferramentas de controle. Necessariamente, do outro lado da dominação, a saída salutar é resistência, transgressão e visibilidade às subjetivações fora da norma.

²⁷³ FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

No caso de Diego, ter clareza de sua sexualidade, orientação sexual e posicionamento político, auxilia-o a identificar as estratégias de controle que se estabelecem em seus territórios de experiência. Sem dúvidas, essa reflexão sobre si também me auxilia na prática de Jiu-Jitsu.

Parte dessas estratégias de controle passam pelas possibilidades de vigilância e controle sobre os sujeitos e dos efeitos sobre as experiências dos sujeitos consigo e em sua comunidade. Rafael afirma que há grande vigilância e cerceamento da liberdade em Realeza. Explica-me ele que

eu (Rafael) sou de realeza mesmo. A minha família é família de pioneiros, meus bisavós foram pioneiros da cidade. Eles vieram de Pato Branco, mas, são gaúchos. Como eu sou neto de pioneiro, então, eu sempre tive uma vida mais visada pelos outros que por mim mesmo. Isto é interessante até pela questão de, da minha questão de como eu me vejo afetivo-sexual hoje. Né? Muitas vezes, você acaba se cuidando, porque eu não me importo comigo, mas eu me importo com a minha família. E porque tem esses valores na cidade, então, eu acabo me [cuidando]. (RAFAEL, 2015, DC)

Em relação aos comentários ou às sanções dos cidadãos realezenses poderiam fazer, Rafael diz: “eu não me importo comigo” e que “acaba se cuidando”. No segundo enunciado, sobre se cuidar como uma forma de proteção da família, que, eventualmente poderia ser atingida por sua condição sexual, parece haver um certo assujeitamento, no sentido, de que ao não ser quem é o tempo todo, medidas as proporções, obviamente, coaduna com as verdades sociais sobre a homossexualidade ser uma degeneração ou algo incorreto. Já no primeiro enunciado, Rafael ao dizer que não se importa consigo, na

realidade, está justamente afirmando que o faz por saber-se e fazer-se em suas práticas “afetivo sexuais” de maneira integral.

Rafael destaca, na realidade, territórios, quando se refere a essa experiência de “não se importar consigo”. Ao narrar suas experiências em Florianópolis, apontou a poderosa possibilidade de se viver mais integralmente os desejos, pois, segundo ele, “Lá [em Florianópolis] tem alguns (espaços de vigilância), mas é diferente, sabe? É outro espaço, a cidade é outro espaço. Andei de mão dada com outro homem na rua, sabe? e as pessoas também não se importam com isso, coisa que aqui não... (em Florianópolis) foi normal”. A experiência de viver o “normal”, no sentido de não ser vigiado, se torna algo desejável na estética e na ética de vida de Rafael. Ter experimentado possibilidades de uma integralidade maior em relação à vivência de seu desejo homossexual se mostrou para ele como um processo de liberdade, de emancipação, de sossego. Ainda que em Realeza também dê as mãos aos seus namorados, sempre homens “de fora” da cidade, tal circunstância tem um preço, uma visibilidade ainda desconcertante para ele. Rafael afirma que, em Florianópolis, “andar de mãos dadas” é um gesto presente nas relações, não elaborava sobre isto, fazia, em ato. Ainda que, possivelmente, andar de mãos dadas ainda seja também uma contestação em Florianópolis, isso não subjetiva Rafael em termos de enfrentamento, segundo ele. Afirma, “não que eu não tenha essa liberdade aqui [em Realeza], só que aqui as pessoas vigiam, lá não”. Em contrapartida, em Realeza ele considera que tal ato de dar as mãos seja contestação. Em Realeza, tanto o afeto, quanto a resistência, também estão de mãos dadas, aparecem como uma transgressão, um

enfrentamento, e, precisa ser negociado, com o parceiro e com a comunidade.

A condição de ser julgado, vigiado, produz em Rafael um efeito contrário, ele não quer saber sobre a vida daquelas pessoas, a força desejante de seu olhar resiste à vigilância. Na tentativa de não ser confundido com os olhares impertinentes, não olha, ou se olha, busca ignorar ou buscar os “meninos de fora”. Afirma ele, “é que como eu sou neto de pioneiro, enfim, então, tudo que você faz é comentado na cidade, hoje eles não falam mais tanto, também liguei um foda-se aí nisso. Quando você se esconde, aí quando você faz mesmo, o negócio para”. De maneira muito relevante, Rafael, “ao ligar o foda-se”, toma uma postura por ter sua vida desprecarizada, desconecta-se da postura anterior de se cuidar pelos outros. Compreende que tornar sua vida visível, de coloca-la ao sol, é um ato de construção de si, de cuidado de si. E com esta prática de cuidado de si apresenta-se uma maneira menos indigente de se relacionar com o outro, liberta-se a si e ao outro também.

Na “fábula da liberdade inteligível”²⁷⁴, expressa-se uma importante contribuição nietzschiana da vontade, e por conseguinte do agir humano, que está intimamente ligado à dimensão moral das relações humanas e sociais, em suas diversas manifestações históricas. Há uma quebra com o paradigma da racionalidade tanto para o nível da ação como da própria moral. Nesta perspectiva, observa-se que os processos de individuação e de memória, histórica e comunitária, produzem um imbricado nó para o sujeito. A liberdade, nos termos liberais, não é um estatuto essencial para o ser humano, mas, uma

²⁷⁴ NIETZSCHE, F. **Humano, Demasiado Humano**. Um livro para espíritos livres. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras (Vol. I). 2000.

concessão comunitária para aqueles/as que responderem adequadamente à norma; para todos/as os/as outras/as, a responsabilidade, a culpa e a punição é que são reservados, seja por uma ação externa ou interna. Por isso, vinculo-me a concepção foucaultiana de poder, do poder como uma relação e não como exclusivamente dominação, ainda que algumas manifestações do poder assim ocorram. Para Foucault, “a liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade”.²⁷⁵

Justamente por esta interdependência entre liberdade e ética é que ignorar a vigilância, ou transgredi-la, é um ato político por excelência. Pois, esta interdependência alerta para o fato de que há vidas não vividas ou ingeridas pela presença do outro, pela imposição da verdade do outro. As sanções e as punições, como já aludi, em uma perspectiva estrita da liberdade, produzem nos sujeitos expectativas dramáticas e por vezes paralisadoras. Rafael acredita que demorou para se fazer um sujeito possível de si por conta do:

medo, pelo medo das pessoas falarem... fofoca, conversa entre si, contar... Eu acho que a partir do momento que eu comecei a sair com o povo da universidade, comecei a ir para a praça, e comecei a peraltear lá na praça, eu acho que a partir desse momento [as pessoas pararam de falar].
(RAFAEL, 2015, DC)

No caso dos participantes da pesquisa, percebe-se que a heteronormatividade não é colocada em suspensão. Nota-se que não há um rompimento com regras de masculinidades ou de hierarquização do desejo. Muitas vezes foi assimilada, no sentido, de ser reinterpretada,

²⁷⁵ FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 267.

promovendo fluxos de desejo e eroticidade, implicando em um movimento paradoxal, pois, é também uma transgressão, são jogos de verdade. Nesses jogos, a angústia da convivência configura-se também no medo. De não ser aceito, o medo de fazer os familiares e amigos sofrerem, de sofrer sozinho, de não se reconhecer como sujeito. Vê-se que a contestação da racionalidade, da universalidade e do consenso, por si só não produz a aceitação da diferença, nem pelos sujeitos desviantes em si ou pela comunidade.

Inclino-me a pensar que o lugar e as ausências dos discursos e seus efeitos sobre as subjetividades dos homossexuais nas cidades pequenas passam não pela cultura (gay). Mas, principalmente, pelas relações de poder, pelos jogos de veridicção e de resistência instaurados na existência e na busca por superar o dano sofrido pelo fato de encontrarem-se fora da norma. Alguém poderia se perguntar, mas qual a diferença destes jogos de poder com os que existem no espaço urbano das grandes cidades? A diferença se encontra nas estratégias disponíveis para enfrentar a normatividade e na consequência de não poder fazer uso de outras, como anonimidade, mercado de lazer exclusivo, disponibilidade de outros sujeitos engajados em promover igualdade. Nas cidades pequenas, os laços laborais, sanguíneos, afetivos e vicinais, são intertranspassados entre si; ali, os sujeitos estão mais vulneráveis e a dominação é mais presente, pela vigilância e controle. Portanto, restringem-se os jogos de interpretação de si e das verdades disponibilizadas.

Frente às tentativas de dominação, nota-se nas experiências dos sujeitos participantes da pesquisa a complexidade e necessidade do voltar-se para si, do fazer-se, do mostrar-se para a comunidade e do

resistir. O assujeitamento tende a ser dirimido como possibilidade unívoca e passa-se a produzir práticas políticas de liberdade. E é neste sentido que os participantes me ajudam a pensar que tais processos de visibilidade, de “peraltear na praça”, de “por a cara no sol”, de “não deixar morrer”, do “ligar o foda-se”, do dizer “eu sou gay”, “eu sou um professor gay”, “estou namorando”, são processos. São atos políticos pela contestação e constituições que engendram, pelo esmero e pelo cuidado de si que perpassa pelo reconhecimento dos interlocutores, das relações e dos territórios, pela fabricação de éticas imersas na existência e na experiência dos sujeitos.

A homossexualidade como posição de sujeito em cidades pequenas ajuda-me a compreender os processos e práticas que permitem subjetivações políticas em torno das experiências, do cotidiano, das interpretações da verdade, de si e dessas próprias interpretações. São acontecimentos que demonstram a existência de danos e que produzem sentidos e visibilizações dos homossexuais como sujeitos que compartilham um mundo comum com os sujeitos da (hetero)norma e, portanto, que prescindem de certa tensão e de enfrentamento.

5.3 “Bebeu, beijou; bebeu, transou”: desejo, prazer e estratégias de socialização em cidades pequenas

“É preciso estar sempre embriagado. Isso é tudo: é a única questão. Para não sentir o horrível fardo do Tempo que lhe quebra os ombros e o curva para o chão, é preciso embriagar-se sem perdão. Mas de que? De vinho, de poesia ou de virtude, como quiser. Mas embriague-se”.
(Charles Baudelaire)²⁷⁶

Bares, baladas, saunas, *pubs* e restaurantes, por todo lado nas grandes cidades cresce o mercado segmentado aos homossexuais no Brasil. Há uma intensa produção de subjetividades que buscam resistir ao hegemônico, nos quais um movimento ambíguo de inclusão e de exclusão vai construindo categorias, em geral, baseadas em identidades sexuais ou orientações sexuais vão (re)definindo a elas próprias, denunciando normatividades, segmentações e produções, em meio à complexidade sociocultural.^{277, 278 e 279} Percebe-se o projeto normativo visibilizado nesse mercado configurado por práticas performativas (produção de existência de realidades), em grande medida, proposto como espaços de liberdade para sujeitos homossexuais. A sociabilidade

²⁷⁶ BAUDELAIRE, C.. Embriagai-vos. In.: **O spleen de Paris**: pequenos poemas em prosa. Ed. Imago, 1995, p. 21.

²⁷⁷ FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes**. O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, USP, 2006.

²⁷⁸ Id. Sobre "guetos" e "rótulos": tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. **Cadernos Pagu**; 28: 227-255. 2007. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100011>, acessado em 20 de agosto de 2015.

²⁷⁹ POCAHY, F. **A Velhice como Performativo**: Dissidências (Homo)Eróticas. Ex aequo 2012; 26: 43-56. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000200005&lng=pt&nrm=iso, acessado em 19 agosto 2015.

de homossexuais, no sentido sexual e erótico, modernamente foi relegada a espaços do privado, do clandestino e da anonimidade, isto em todos os lugares. Desde o século XX, ocorrem processos de criação de novas segmentações no mercado de lazer sexual, no que concerne à valorização, incorporação e performatividade, de estereótipos relacionados à virilidade nas relações afetivo-sexuais entre homens, averiguando-se forte influência de modelos internacionais desses locais no Brasil. Tais contextos e estudos evidenciam o (des)controle de práticas corporais (uso de drogas recreativas ilícitas, de álcool, de preservativos), do consumo, da assepsia, da “erotização politicamente correta”, das doenças sexualmente transmissíveis, entre outros.

Historicamente, a homossexualidade e a sexualidade no ocidente estão vinculadas e são perpassadas por esse intenso caráter heteronormativo²⁸⁰ e, por conseguinte, sexualidades “desviantes” são marcadas pela dissimulação e possível migração para lugares mais cosmopolitas na busca por “um mundo de estranhos. O que permite preservar o anonimato e, portanto, a liberdade, no lugar das pressões sufocantes das redes de entre conhecimento que caracterizam a vida nas cidades pequenas”²⁸¹.

Interessam-me os gays que não migraram para o urbano e como as transformações do mercado voltado ao público homossexual se configuram em cidades pequenas. Mais que isso, entender como espaços

²⁸⁰ BULTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

²⁸¹ ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008, p. 297.

²⁸¹ FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. 2010, p. 34.

de socialização e lazer são criados, transformados, ocupados e experimentados pelos gays em Realeza e região. Nesta perspectiva, Rafael acredita que de 2010 para 2015 muitas mudanças ocorreram em Beltrão, de 70 mil habitantes, vizinha à Realeza, cidade em que morou antes em 2010. Para ele, houve uma mudança da sociedade, no que concerne aos cenários de lazer que antes eram mais fechados e não ofereciam festas exclusivas para o público LGBTT. Acredita que uma das principais fontes de encontros em ambas as cidades, Realeza (menor) e Beltrão, ainda ocorreriam pela internet. Com o surgimento das redes sociais ou de sítios especializados em encontros virtuais, essa anonimidade se transvirtualiza, diga-se, em outro nível. Rafael acredita que essas mudanças de aceitação e respeito à comunidade se ampliaram na última década e que isso permitiu que o público LGBTT ocupasse determinados espaços de maneira mais objetiva e identitária. Espaços antes ocupados por heterossexuais passaram a se tornar mais mistos em relação à orientação sexual, mas que outros espaços também foram criados exclusivamente para o público LGBTT. Rafael observa que mesmo estes espaços são também mistos em termos de gênero e orientação sexual.

Em Realeza, mesmo em 2015, em geral, os espaços de lazer eram, em tese, segmentados para os heterossexuais, talvez, justamente, por haver um não-dito sobre os homossexuais como consumidores, ou mesmo, pelos comerciantes ignorarem a existência de homossexuais com poder comercial de compra. Destaque-se que a praça configura-se, principalmente, no contexto de chegada da universidade, como um dos espaço de liberdade criados pelos estudantes e nativos, e sem dúvida um território de resistência e de produção de subjetividades.

Para Rafael, “Realeza não tinha um lugar [de encontros] e a praça antes era um lugar inóspito também. E com a vinda da universidade, Realeza não oferecia nem um ponto de encontro... para conversar, para beber, falar sobre Platão”. Em Realeza, como na maioria dessas cidades pequenas, as condições de lazer, diversão, cultura e sociabilidade, são muito restritas e restritivas. Em 2010, por exemplo, não havia casas noturnas e nem bares com música ou atividades direcionadas ao público jovem. Paradoxalmente, a ausência de estabelecimentos noturnos, à época, era uma política da prefeitura municipal, ou, melhor dizendo do prefeito, que produzia um discurso voltado ao combate ao uso de alcoólicos. O prefeito, denunciado como uma figura violenta, e *sui generis*, está sendo processado, entre outros crimes, por 34 estupros de vulnerável. Efeitos paradoxais de uma cultura de repressão e controle.

Em Realeza, os participantes destacaram o “Bar do Jack”, que já não existe mais, como um espaço em Realeza que não foi pensado exclusivamente para os gays, mas que foi se tornando um ponto de encontro, no qual os gays, bissexuais e lésbica da cidade e de cidades vizinhas socializavam-se. Rafael ressalta que o bar era recente e que historicamente, pelo menos após a chegada da Universidade, a praça (calçadão) e a casa da Dalva se tornaram os lugares em que os gay se encontram, ainda que a internet sempre tenha sido o gatilho para estes encontros.

Os estudos sobre homossexualidade destacam a internet como um território outro que aparece de maneira muito pertinente nas relações urbanas. Todavia, não abordam os processos e estratégias utilizadas nas cidades pequenas. Estes estudos focam sítios de relacionamentos para homens gays. Analisam as características dos perfis favoritos ou

favoritados, suas representações de corpo, tensões entre “identidade sexual”, ser gay e “identidade de gênero”²⁸². O estudo refere-se à cena de construções de masculinidades e subjetividades, na forma que homens encontraram para viver sua sexualidade e orientação sexual, suas vicissitudes, dilemas, entrecruzamentos e negações, seja da homo ou da bissexualidade e por muitas vezes de uma masculinidade heteronormatizada²⁸³. Outro estudo identifica como uma cibercultura é utilizada como ferramenta política contra a heteronormatividade e a misoginia, a chamada técnopolítica, substituem a estratégia de tomar a comunidade LGBTT como minoria identitária.²⁸⁴

Notadamente, nas cidades grandes e, segundo afirmaram os participantes da pesquisa, também nas cidades pequenas, as vivências na rede virtual são estabelecidas e outras redes virtuais e não-virtuais são criadas a partir delas. Possivelmente, os usos das redes virtuais nas cidades pequenas sejam utilizadas distintamente dos usos dos territórios urbanos, e cada vez mais análogas por conta da emergência da cibercultura e dos *smartphones* e aplicativos (*Apps*) voltados exclusivamente para homens gays, por exemplo.

A globalização intensificou as redes de comunicação através de inovações tecnológicas, o que tem sido de fundamental importância para a ação de grupos e sujeitos descontentes com sua

²⁸² SELL, Teresa A. **Identidade homossexual e normas sociais**: histórias de vida. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: EDUFSC, 2006. 255 p.

²⁸³ MISKOLCI, R. *Machos e Brothers*: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Revista Estudos Feministas** 2013; 21(1): 301-24. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100016>, acessado em 20 de agosto de 2015.

²⁸⁴ GOULART, Lucas A, & HENNIGEN, Inês. Condições e possibilidades de uma tecnopolítica de gênero/sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, 22(1), 2014. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2014000100012>.

dinâmica. A internet é um mapa aberto, conectando pontos, multiplicando entradas e saídas, colagens e perambulações.²⁸⁵

A possibilidade de criar uma comunicabilidade, livre da vigilância, da repressão e inclusive de algumas verdades muito presentes em nós, é muito salutar. Por outro lado, o registro e estudo dessas redes, em princípio, são dificultados pelo próprio hiato de disponibilidade de literatura e pela “invisibilidade” derivada do contexto ultra repressor e conservador, geralmente, presente nos contextos de cidades pequenas. Como se sabe, basicamente, as redes sociais não virtuais delinham-se por um conjunto de relações consideradas importantes para um determinado sujeito na promoção de bem-estar em momentos adversos, podendo ser compostas por familiares, vizinhos, amigos, profissionais acessados, entre outros, que apresentam a capacidade de oferecer apoio tão efetivo como duradouro, bem como o sentimento de competência ao enfrentamento de dado problema^{286 e 287}.

Nesse sentido, as redes sociais virtuais liberam do compromisso de reciprocidade, de afiliação, de identidade, de responsabilidade e de obrigações que são inerentes a proximidade física, consanguínea, laboral ou territorial. Nesta perspectiva, as redes sociais virtuais são uma possibilidade de (entre)encontros comunicacionais e sentimentais. Rafael afirma que

²⁸⁵ OLIVEIRA, L. Corpos que escapam: ação cultural como resistência. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 34, n. 2, p. 61-71, dez. 2008, p. 63.

²⁸⁶ ORLANDI, R. Participação da rede social significativa de mulheres que vivem e convivem com o HIV no enfrentamento da soropositividade. 2011 (Tese defendida na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis), 2011.

²⁸⁷ AMORIM, C. M. de & SZAPIRO, A. M. Analisando a problemática do risco em casais que vivem em situação de sorodiscordância. **Ciência Saúde Coletiva**. 2008.

eu acho que isso também está relacionado à própria questão da rede. Eu acho que a comunicação é que fez esse *interlink*. Por exemplo, se não fosse a rede eu não teria ficado com tantas pessoas. Uma que eu não teria coragem de chegar e conversar pessoalmente, nesse sentido, não sei se tu me entendes? (RAFAEL, 2015, DC)

Nas redes virtuais o sujeito é anônimo, por excelência, , só precisa dizer de si o que lhe convier, lhe interessar, acreditar ser interessante para o outro, que não lhe cause medo, que lhe dê o tempo suficiente para confiar e assim por diante. Se por um lado, isto pode parecer leviano, e em alguma medida serve exatamente para não produzir vínculos e integralidade, por outro, pode ser uma prática estratégica de mapear possibilidades e territórios que se pode trilhar com mais intensidade e segurança, rompendo justamente com a exclusão e com verdades fragmentadas.

Nas cidades grandes, alguns estudos, ocorridos em saunas e bares gays, tem possibilitado compreender a heteronormatividade e a homonormatividade como regimes discursivos, os quais atuam na produção e reificação de uma cultura hetero, sexista e geracionalmente voltada ao jovem. No caso de Realeza, na qual os espaços de socialização, ao menos nem todos, foram criados com intuito comercial ou segmentado, suspende-se, ao menos diretamente os ditames da cultura hetero e sexista, mas ainda mantem-se voltado ao jovem.

De toda forma, a questão geracional é importante aqui. No que diz respeito aos trabalhos que levam em conta a interseccionalidade, percebe-se um destaque para os homossexuais idosos e em relação aos

dilemas do envelhecimento ²⁸⁸. Em Realeza, cidade em que desenvolvi minha pesquisa, não há gays idosos ou mais velhos que 40 anos. Os participantes afirmam não conhecer ou ter notícias de homens gays idosos na cidade. Isto configura-se em um grande sintoma da diáspora gay e da violência a que estes corpos estão submetidos: desde a busca por cidades maiores ou distantes da cidade natal, até o caso de suicídios e homicídios, ainda que não comprovadamente como crimes de ódio. Os gays mais velhos ou migraram e passam férias em Realeza, ou vivem a homossexualidade de maneira clandestina ou mesmo não a experimentam, por conta das sanções a que supostamente estariam sujeitos.

Observe-se, para além das questões de interseccionalidade, que os espaços de encontros que eram amigáveis aos gays, em geral, segundo a literatura, possuem uma característica bastante comum nas cidades universitárias: as bebidas alcoólicas como mote desses encontros. Estes estudos ^{289, 290, 291 e 292}, ocorridos em várias regiões, cursos e universidades do país, demonstram consequências nefastas na vida

²⁸⁸ POCAHY, Fernando. A Velhice como Performativo: Dissidências (Homo)Eróticas. **Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n. 26, 2012. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 ago. 2015.

²⁸⁹ PEDROSA, Adriano Antonio da Silva et al. Consumo de álcool entre estudantes universitários. **Cad. Saúde Pública**, v. 27, n. 8, p. 1611-1621, 2011.

²⁹⁰ STAMM, Mariestela; BRESSAN, Liamari. Consumo de álcool entre estudantes do curso de enfermagem de um município do oeste catarinense. **Revista Ciência Cuidado e Saúde**, v.6, n.3, p. 319-324, Jul/set. 2007.

²⁹¹ ANDRADE, Arthur Guerra de et al. Use of alcohol and other drugs among Brazilian college students: effects of gender and age. **Rev. Bras. Psiq.**, v. 34, n. 3, p. 294-305, 2012.

²⁹² BARBOSA, Felipe Lacerda et al. Uso de álcool entre estudantes de Medicina da Universidade Federal do Maranhão. **Rev. Bras. Educ. Méd.**, v. 37, n. 1, p. 89-95, 2013

daqueles/as estudantes: como dependência química/social, suscetibilidade a acidentes automobilísticos, de trabalho, à violência física, a abusos/estupros, entre outras. Por outro lado, também o consumo de bebida é aprendido pelos jovens como algo positivo, pois, socialmente se prolifera as noções de que essas bebidas desinibem, que se tornam mais fortes ou sensuais, que ficam mais corajosos e melhoram as relações interpessoais. De uma maneira ou de outra, a bebida e sua morbidade são um sintoma de uma sociedade normativa e que exige dos/as sujeitos/as expectativas que os/as jovens não conseguem cumprir; e, são, conseqüentemente, uma tentativa de superar essas amarras subjetivas como a baixo autoestima, símbolos de virilidade e por aí vai. Naturalmente, é um tipo de resistência assujeitada, porque não se abandona as verdades de um tipo de identidade, de virilidade; apenas, busca-se de ferramentas que contribuam para a concretização daquela identidade assujeitada.

Metaforicamente, a bebida é este Mefistófeles moderno, uma promessa de juventude, sagacidade e conquista dos amores que se deseja. Por essa liberdade, entrega-se a alma. Em minha pesquisa, destaque-se a relevância que as bebidas tinham nos encontros na cidade de Realeza. Rafael diz, “eu procurava beber [na praça e bares da cidade] (risos), o que viesse com isso, era lucro. Eu pelo menos nunca fui com a intenção de encontrar alguém”. De alguma forma, esta declaração destaca a dificuldade de entender a legitimidade de buscar novos encontros, sendo o embriagar-se não mais legítimo que os encontros, mas, primeiro. No caso, a fala de Rafael destaca como que, para ele um homem gay em constituição, a perspectiva do encontro romântico era

também uma proibição objetiva. Em termos subjetivos, talvez a “estatística”, justificasse os meios.

A respeito disto, afirma Jeraldi que os processos de contatos homoeróticos, para ele, ocorreram de maneira paulatina e regados à bebida:

bebeu, beijou; bebeu, beijou outras pessoas, mas em dias diferentes. E aí no outro dia bebeu, beijou, bebeu, transou... É que beber era um motivo para sair de casa. Como tudo acontece aqui em Realeza com os universitários, né? Até, agora (em 2015), a gente já faz coisa diferentes (do que em 2011). Mas até então, beber era um motivo para sair de casa. Aí foi isso. (JERALDI, 2015, DC)

A bebida funciona como disparador dos encontros, ou, ao menos dos inícios das socializações. Em muitas experiências pessoais, participei destes encontros, nos quais não bebia alcoólicos, ou o fazia com grande parcimônia, tanto por gosto pessoal como pela condição de ser docente da maioria deles. Com o passar dos anos, observei que o consumo de bebida paradoxalmente havia diminuído entre os estudantes. A bebida alcoólica teve, e possivelmente ainda tem um fator de transgressão, de rompimento com as regras. Jeraldi corrobora minha impressão dizendo que,

hoje (2015), por exemplo, eu não faço mais o que eu fazia antigamente. Antigamente, eu saía para beber para perder a noção do que estava fazendo, para perder a realidade. Hoje já não, já não (se) bebe qualquer coisa, não bebe mais qualquer balalaica da vida para ficar transtornado. Hoje você já vai sair para beber, ah, vamos beber vinho, tipo, já faz... principalmente, agora ... A gente bebe vinho, ou coisas assim que não vão fazer tanto mal, que você vai ficar conversando. Na época, era mais louco mesmo, ah, vamos sair para

fumar, vamos perder a noção (risos) (JERALDI, 2015, DC)

Segundo Jeraldi, a bebida servia a esse desgoverno, a esta perda de “noção”. Esta noção que imputa um tipo de comportamento, que responsabiliza o jovem por ser quem não é. No caso, se a bebida podia fazer esse serviço de liberação dessas noções, de perdê-las, então, a bebida era uma aliada contra todos os dispositivos e governos dos outros. Com o passar do tempo, e mais cientes de suas próprias verdades, próprias noções, por conta das experiências que os reforçaram na posição de sujeito gay, outros mecanismos e práticas são articulados e experimentados, tais como “as conversas”, o estar junto, o encontro e suas ligações intersubjetivas ali produzidas.

Os encontros passam a ter um caráter maior de partilha e de resistência, perpassado por novas compreensões estéticas, de comunicabilidade e das próprias experiências dos sujeitos homossexuais como produtores de si e de práticas de produção de subjetividade, além de um maior reconhecimento e aceitação da diferença como subjetivante. Observe-se a experiência relatada por Jeraldi ao afirmar,

é uma coisa que eu comecei a pensar há um ano e meio para cá, sabe? São coisas que tu vais criando **coragem** para ... por exemplo, agora nas minhas conversas em sala de aula, eu acho que até mesmo no PIBID (Programa de Iniciação à Docência), se surgisse, eu falaria, “ah, o meu namorado”, entende? E é uma coisa que eu demorei para dizer, “ah, o meu namorado, ah”. Porque é uma coisa que tu vais construindo e aos poucos tu vais percebendo que não. A minha relação com o [meu namorado] também, ela vem avançando em algumas coisas. Logo no início, mas não que fosse algo que a gente pensava isto, mas que foi evoluindo com o tempo. A questão de pegar na mão, de se abraçar, e eu acho que só vai, vai, e

cada vez evoluindo mais. (grifo nosso).
(JERALDI, 2015, DC)

Ele destaca a coragem para participar de um conjunto comum e também de perceber do que é permitido inicialmente pela norma. A subjetivação e seu caráter performativo constituíram-se em processos complexos, sistemicamente abertos e retroalimentados pela cultura, pela sociedade e pelas experiências individuais. Tais processos levam em conta “o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas”. Consideram as experiências que se circunscrevem na ordem da interpretação dos territórios, de si e dos outros, na quais certas divisões e posições estão inscritas “em uma configuração do sensível”, como chamou Rancière.²⁹³

Observa-se ainda que para Jeraldi é importante a identificação do outro, sejam seus colegas de classe, no grupo do PIBID ou nas relações de lazer. Isto ocorre, tal identificação dessas configurações estéticas, como necessário à constituição de uma comunidade política, na qual se faz necessários estabelecer certas possibilidades de comunicação e de afirmação da diferença. Os avanços, as ações, que Jeraldi avalia ter conquistado naqueles espaços passam pelo enfrentamento dos inúmeros dispositivos que o assujeitam - à exterioridade (seja a cultura hegemônica, entre outros) e/ou ao biológico (a definição do sexo, associado às genitálias, por exemplo), ao currículo acadêmico - e que delimitam o lugar do próprio desejo, das práticas, atos, e, claro, dos diversos e múltiplos processos a que os sujeitos estão submetidos. Estes enfrentamentos são lutas para superar as limitações

²⁹³ RANCIÈRE, J. **Políticas da Escrita**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1996, p. 08.

impostas pela linguagem e pelos discursos da norma que fabricam a base comunicacional, ética e estética, de práticas políticas de liberdade.

Em Realeza, a temática da relação religião / homossexualidade é bem presente. Para Rafael, a religião, católica, no caso, tem “um papel importante, histórico. Eu reconheço este papel, mas... um papel no sentido de desenvolver a cidade”. Realeza, segundo Rafael, foi criada por conta de um “caminhão altar”. Conta que a cidade de Realeza não era para ser geograficamente onde se encontra, e sim mais próximo ao Rio Iguaçu, diz ele: “E aí lá no começo, eles montaram um caminhão altar lá na praça, onde é a igreja atual. E a partir disso, daí se estabeleceu uma comunidade ao redor desta carreta altar. Aí a serraria veio depois e tudo que veio com ela”. (RAFAEL, 2015, DC)

No caso de Realeza em 2010, os estabelecimentos se resumiam a pizzarias e lanchonetes, que não eram muitas. Todavia, isso não era empecilho para que muitas festas ocorressem na cidade. Algumas delas bastante tradicionais, contando com edições antigas, como os “bailes do Chopp”, as festas do “Country Club” e outras que continham o apoio da prefeitura e dos órgãos de segurança. E, claro, havia outras festas, outros encontros, outros clubes, que não eram autorizados.

A esta altura faz-se importante reafirmar que em Realeza ocorria um intenso cerceamento de agrupamentos juvenis, por parte da figura do então prefeito, uma governamentalidade nos termos foucaultianos, com controle do território e da população, por meio, principalmente, da polícia militar, mas algumas vezes com pessoal da saúde e da educação. As chamadas “rondas da polícia” ocorriam nas principais praças, bosques e calçadão. Deliberadamente, os jovens, se reunidos após alguns horários noturnos, eram abordados e, sem muita diligência,

dispersados. Houve ocasiões em que mesmo isso ocorria dentro das casas, a polícia adentrava-as e obrigava a dispersão dos convivas. Se esses encontros em público continham bebidas alcóolicas e dispositivos sonoros, eram confiscados. Ainda assim, os jovens continuavam se encontrando e buscando alternativas. Pelas redes sociais, marcavam encontros em que os locais eram revelados momentos antes, como sítios, quiosques particulares ou de associações. Isso garantia certo “sossego”, até que a polícia descobria e literalmente “acabava com a festa”.

A bebida era sempre compartilhada, uma referência que tem estatísticas nefastas e mórbidas em Realeza e região, contabilizando um índice de mortes altíssimo entre os jovens, pela madrugada, devido à associação de tráfego e bebida alcoólica. Essa configuração de se manter invisível à polícia, e aos olhos do prefeito, fazia com que os jovens também buscassem diversão e lazer em cidades maiores “próximas”, como Francisco Beltrão e Cascavel, a 70 km e 100 km, respectivamente. O retorno, às vezes de regiões muito mais próximas, era e tem sido fatal para muitos deles. Os acidentes automobilísticos nos finais de semana são recorrentes e fazem parte do imaginário comunitário e da mídia local, que sempre notícia quase que em tempo real. Rafael afirma a respeito da violência no trânsito que “Realeza não oferece lugares para as pessoas se divertirem, lugares criativos, para as pessoas se reunirem, e as pessoas acabam buscando isso em outros lugares, em outras cidades”.

As questões de lazer em Realeza sugerem o estabelecimento de resistências, porque não se conformam com o estabelecido, com a realidade acabada e pela pobreza simbólica do que seja diversão na

cidade. Há uma vontade de lazer que está ligada às possibilidades de vínculo, de produção de amizades, de compreender a realidade como algo que está em constituição. No caso, as produções subjetivas fabricadas nos encontros de amizade, desconstroem percepções e convicções vinculadas às estéticas, à ética, à arte e ao encontro em si. Os encontros das pessoas que viviam na cidade e a chegada da universidade, com seus/as estudantes e servidores/as, deslocaram, deslizaram e agenciaram processos de subjetivação que estavam no nível da imanência, do ato, do imponderável. Ou seja, promoveram ações da ordem da resistência, haja vista que resistência não necessariamente é oposição ou busca pela revolução, se não, uma força em ato produtora de subjetivações distintas, que pode inclusive trabalhar pela norma, resiste também quem busca a conservação, não apenas quem a contesta, são jogos de verdade e de criação e de cuidado de si.

Particpei de muitas dessas festas, desses clubes de cerveja, nas quais conheci e me aproximei de muitos dos meninos que participaram desta pesquisa. Aliás, nestas festas ou posterior a elas, os “*after*”, alguns públicos e outros mais privados, muitos vínculos eram criados, muitos tabus foram confrontados, muita gente se descobria. Em um desses clubes de cerveja acabei tendo uma inserção maior, pois, era justamente o que os e as estudantes da UFFS estavam mais ligados. Vou chama-los aqui ficticiamente de Clube Matanza, ou somente “os Matanzas”.

Os matanzas já se reuniam antes da chegada da universidade a Realeza, contudo, era um grupo mais restrito, que começou se reunindo para ouvir e tocar rock de garagem e beber cerveja. Então, alguém se responsabilizava em recolher “a grana” e comprar cerveja, às vezes, nas cidades argentinas ou paraguaias, onde se encontrava cervejas de melhor

qualidade e com um preço interessante. Quando não era possível, compravam no atacado de bebida que há na cidade. Com a UFFS e um dos membros dos Matanzas sendo estudante, surge a oportunidade de as festas se tornarem mais “interessantes”. Dessa forma, uma reunião de amigos roqueiros passa a ser uma espécie de festa semanal e itinerante com bem mais pessoas, que compartilhavam menos o desejo pela música e mais o desejo pelo encontro e pela quebra da rotina bucólica realezens e uffsiana.

Estes espaços foram reterritorializados e possibilidades subjetivas foram agenciadas, agregadas. A sociabilidade nestas festas possuíam e possuem características que se mostravam muito distintas das festas mais comerciais e urbanas. Praticamente, os anfitriões, os Matanzas, se conheciam desde crianças, possuíam entre si um conjunto de diferenças em suas trajetórias de formação profissional e de classe, alguns eram profissionais liberais, outros estudantes e outros comerciantes. Compartilhavam posições políticas, filiação religiosa, gosto musical, gênero e orientação sexual: eram católicos, de direita, homens e heterossexuais. Essas características e as similitudes foram se modificando com a chegada da UFFS e da participação dos e das estudantes, técnicos/as e professores/as.

Os encontros no clube dos Matanzas se tornaram espaços de encontros entre a comunidade de Realeza e a comunidade da UFFS. A participação das mulheres acrescentava possibilidades de criação de afetos outros, mais sexuais e eróticos. E é por isso que as festas dos Matanzas estão descritas aqui, não eram apenas as relações heterossexuais que estavam potencializadas ali, ao menos, na sua totalidade e nas ramificações do desejo que se instauravam.

Nelas, muito se via de homoerotismos ²⁹⁴, tipicamente, apoiados na pouca sobriedade que a bebida proporcionava. É importante dizer que entre os homens, poucos, como eu, permaneciam abastêmios ao longo da noite. Essa condição de não beber era pouco compreendida pelos Matanzas e pelos convidados e convidadas, aos poucos havia uma tentativa de me inserirem no seu mundo, como diziam. Levados ou isentados pela bebida, produziam aproximações afetuosas, mais evidentemente “discretas”, homem a homem. Era um processo de sedução lento, capcioso e até perigoso. Era preciso muita atenção para não confundir um ato de fraternidade entre homens heterossexuais e um convite para uma amizade distintiva, homoerótica, eu diria. Por muito tempo, acreditei que aqueles movimentos, aqueles olhares cheios de lascívia, aqueles desequilíbrios ébrios que sempre gravitavam e encontravam outros corpos, eram mera trivialidades.

A vigilância era constante e ocorria de muitas formas. O “bando”, como chamo os grupos que se criavam nas festas, tensionava que a festa sempre continuasse em bando. Por exemplo, se dois homens se afastavam para fazer qualquer coisa - conversar, mijar, aconselhar ou se aconselhar -, em poucos minutos a dupla já havia se transformado em um trio, um quarteto, novamente, um bando. Eu me sentia muito sem intimidade nesses encontros, enquanto a maioria estava ali, nunca se podia ter uma conversa a dois, era como que uma proibição tácita, “estamos em grupo”. Naturalmente, nas relações heterossexuais, quando um casal homem-mulher se afastava, o bando era mais condescendente. Certamente, esse fluxo organizacional não pretendia exclusivamente

²⁹⁴ GARCIA, Wilton. **A forma estranha**: ensaios sobre cultura e homoerotismo. São Paulo: Pulsar, 2000.

impedir um encontro erótico entre dois homens, mas preserva uma das características de pequenos grupos sociais, o conhecimento dos dilemas e problemas dos indivíduos que dele pertencem. A solidariedade ali parecia dar-se mecanicamente, menos subjetividade, estavam no jogo mais os valores e os dilemas comuns.

Ser diferente, ou desviante, produzia uma infinidade de comportamentos e estratégias que contemplavam, inclusive, o segredo. Quanto mais confiavam em você, mais próximos e contundentes os gestos homoeróticos ficavam, não públicos, mas indicavam zonas de fuga, espaços em que a vigilância poderia ser sobreposta, suspensa e suspensa. De fato, muito se assemelhava a rituais de fraternidades, nas quais um dos critérios é jamais revelar, ao menos para a comunidade externa a fraternidade, seus códigos, seus membros e seus potenciais membros. Ali o dispositivo da sexualidade, expresso na heterossexualidade, exacerbava-se em normatividade, em um refluxo da matriz sexo-gênero, em condição de inclusão, de pertencimento, de oportunidades, de aceitação e de convivência. Como ocorria com a mulher de Herodes, não bastava ser heterossexual, precisava parecê-lo.

Discretamente, permitam-me o trocadilho, essa padronização, essa exclusividade da heterossexualidade pública, liberava, paradoxalmente, aqueles corpos em espaços de intrafronteiras. No caso, homens mais afeminados não sofriam diretamente algum tipo de rechaço, inclusive, entre os Matanzas gozavam de uma certa liderança e centralidade no grupo. Aqueles trejeitos que normalmente são “denunciativos de uma sexualidade desviante”, ao menos, no clube dos Matanzas, não era definidor da orientação, e não era mesmo. Um homem mais delicado ou mais sensível não era tomado por

homossexual, e de fato, muitos não eram/estavam e não são/estão, ou não se reconhecem nesta posição de sujeito, sem vínculos afetivos com uma posição de sujeito homossexual. Na realidade, menos importante que esta ligação entre feminilidade/homossexualidade, e todas as acepções misóginas que isto engendra, é a aceitação desta diferença e a não produção de sanções para esses homens que é pertinente para a análise.

Cabe ressaltar, fui descobrindo que muitos dos homens de Realeza poderiam ser desviantes em termos de orientação sexual. Jaz na condição de uma heterossexualidade exclusiva a eminência de vivências e práticas subjetivas de um cem números de outras possibilidades de se viver a sexualidade e orientações sexuais. O disparador para essas possibilidades eram variados: a jaqueta esquecida no banco de trás do carro depois de uma carona para o bando; a briga com a namorada e a necessidade de conversar sobre a possível fossa amorosa; o quarto de hospedes que se encontrava vazio; a tempestade que se aproximava; o convite para ver fotos do nascimento de um potro; a esquina escura em que se parava para urinar. Visibilizada a heterossexualidade, estabelecida a confiança, instaurada a zona de pouca visibilidade comunitária e a possibilidade de se estar fora do bando, em dupla, podia-se perder em experiências com outros homens.

Há muitos relatos entre os participantes da pesquisa de como essas festas e o pós delas foram importantes para se encontrarem, se apaixonarem, se confrontarem, amarem e serem amados. A prática de amar no silêncio não é tampouco benevolente ou condescendente. Muita dor e restrições vêm junto com o pacote. Mas como já afirmei, a entrada da comunidade da UFFS nessas festas proporcionou ou potencializou

esses movimentos que já aconteciam, desses encontros entre homens publicamente, e depois intimamente, travestidos de amizade não erótica, se é que isso existe.

Aqueles corpos que estavam longe de casa, alguns de outras cidades tão pequenas quanto Realeza, outros de megalópoles, inauguraram uma nova identidade, não heterossexual, que ignorava a condescendência e tolerância com as afetações e, justamente, as exacerbavam, as tornavam suas e distintivas do padrão. Esses corpos de fora, da experiência “do fora”²⁹⁵, não conheciam, ou abandonavam a etiqueta de demonstração do desejo subserviente à heterossexualidade.

É Jeraldi quem destaca a importância do acesso a um território em que a alteridade, a diferença e possibilidades de liberdade, operam significativamente nos processos de constituição do sujeito. Essa comunidade política proporciona a Jeraldi as condições materiais/simbólicas para, atualmente, como ele diz, “fazer-me gay”, “me posicionar em alguns espaços como gay”, pois, ele compreende que essa visibilidade tem um fator pedagógico. Vejo na sua narrativa, na visibilidade de certa “bichisse”, um efeito político, estético e ético. Afirma Jeraldi,

eu acho que eu faço isso [fazer-se gay visivelmente] dentro da sala de aula, eu acho que eu faço isso bastante. (...) Eu acho que a gente cresceu juntos (com a turma do curso de Ciências Biológicas) e eu acho que a minha presença ali dentro fez levantar muitos diálogos legais com eles. Na minha turma da universidade, eu acho que por eu estar ali dentro e sempre surgir esses

²⁹⁵ LEVY, Tatiana S. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Editora Civilização Brasileira. 2011.

temas. (...) eu penso isso, “não quero me conter”.
(JERALDI, 2015, DC)

Ele destaca que como homossexual busca entender melhor a questão da visibilidade e da sexualidade. Para tal, este processo foi constituído por estudos, participação em congressos, e, por estar disponível para ser presente, com o corpo e mente. Jeraldi afirma que espaços acadêmicos que habita são frequentemente problematizados em temáticas como da sexualidade e da orientação sexual. Ele acredita que isso ocorre por sua presença, diz Jeraldi, “estar ali dentro como um exemplo disso [de ser homossexual], às vezes, (como) um exemplo de visibilidade, e também às vezes dando exemplos”. Segundo narra, essa postura mais crítica e por vezes identitária, contribui para discussões e diálogos sobre homossexualidade, além das discussões sobre de gênero, violência de gênero, misoginia e outras temáticas.

Já Rafael acredita, em relação à universidade e à sexualidade, que a universidade não influencia diretamente, pois, ela está para além das instituições em si. Ele acredita que a influência está justamente “na liberdade, as pessoas se sentiram mais livres para assumirem o que elas são (depois da vinda da UFFS). Eu acho que houve uma liberação, digamos assim. A vinda de pessoas novas também traz novas ideias e novos pensamentos. Eu acho que isso foi interessante. Eu acho que foi o maior ganho para a cidade”. E isto está associado à “universidade e as pessoas que vieram” com ela. Jeraldi, por exemplo, ressalta as similitudes entre Realeza e Salgado Filho, afirma que são cidades muito parecidas em termos de dogmas, práticas e sociabilidades. Destaca que ele e seus amigos são ligados direta ou indiretamente à UFFS, e que por meio da universidade podem produzir algo diferente daquilo que a

cidade apresenta-lhes. Afirma também que mesmo ao se relacionar com pessoas distantes da universidade, que estas pessoas se vinculam a ele como universitário e que isso faz muita diferença nas abordagens e especificidades comunicacionais e de sociabilidade.

Os participantes estudantes destacaram ainda a atuação dos/as professores/as da UFFS, particularmente, os/as pertencentes ao chamado Domínio Comum (Ciências Sociais e Políticas, Filosofia e Produção textual), voltado para às humanidades, mas também das áreas de Psicologia e Didáticas nas licenciaturas, entre outros professores isolados. Afirma Jeraldi, a respeito das discussões e problematizações concernentes à diferença, “porque a gente está na UFFS, né? Os nossos professores sempre estão ali com esses temas polêmicos, né? Puxando”.

Com o passar dos anos da UFFS na cidade de Realeza, corpos que se auto intitulavam homossexuais, gays, bichas, começam a ter visibilidade e notoriedade. Homens que não pretendiam e não usufruíam da heterossexualidade estavam cada vez mais nos encontros dos clubes, nas ruas, nos comércios, nas escolas como professores e estagiários. Um ruído alto, um não dito abandonado pela presença. Já não havia mais a certeza e unanimidade da heterossexualidade. O clássico slogan utilizado em um dos sites de notícia da cidade, “em Realeza tudo acontece”, havia se feito carne, e o pecado da carne não mais se esgueirava entre as madrugadas, sombras e silêncios dos campos de centeio e soja. Transar já não prescindia mais do beber. Agora, a carne ignorava o pecado e passeia sob a luz do dia, com a cara no sol; certamente, não sem pagar um preço, um preço caro, para alguns, a existência.

5.4 Amizades, amores e sexo: “a coragem da verdade” como produção de subjetividade

A força secreta de sua etimologia banha a palavra com uma outra emoção: alegria, angústia, felicidade, dor. Essa compaixão (no sentido de soucit, wspotczucie, Mitgefuhl, medkansla) designa, portanto, a mais alta capacidade de imaginação afetiva – a arte da telepatia das emoções. Na hierarquia dos sentimentos, é o sentimento supremo”.
(Milan Kundera)²⁹⁶

Para Foucault, uma verdade que se pretenda universal é efeito de processos de dominação, um construto histórico, discursividade, instrumentalidade. “Não há relação de poder sem a constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”²⁹⁷. Combater tais verdades, resistir ao governo dos outros e a relações consideradas injustas pelos sujeitos, é em grande medida libertar-se ou fabricar práticas de liberdade. E, por conseguinte, os sujeitos mover-se-iam em contextos específicos de possibilidades políticas, éticas e de relações de poder.

Jeraldi e Rafael narram que a sua atuação no estágio obrigatório, nos grupos de estudos, ocorre no sentido de produzir um diálogo que respeite a diversidade: a sexual e de orientação de desejo, e que supere alguns discursos. Rafael utiliza como exemplo disto o uso de preservativos, afirma que ele, em poucas oportunidades, pelo efeito da

²⁹⁶ KUNDERA, Milan. **A Insustentável Leveza do Ser**. Companhia de bolso. 2008, p. 20-1.

²⁹⁷ FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 26-7

bebida, ou por conta de sua autoestima, já deixou de usar o preservativo. O que Rafael destaca é que entre as adolescentes, suas alunas, há uma dificuldade em negociar o uso do preservativo por conta do que ele considera uma baixa autoestima, principalmente, pelas meninas que moram “nas linhas da cidade”, nas partes exclusivamente rurais.

Pode-se inferir que a “baixa autoestima” que fala Rafael está correlacionada com “aquilo que é designado como ‘o sujeito’” e de como esses sujeitos, precários ou assujeitados - os gay ou as adolescentes interioranas, no exemplo de Rafael –, se constituem e se reconhecem enquanto sujeitos ²⁹⁸, tornando o reconhecimento de si como homens e mulheres de desejo um território de disputas e conflitos. Nestes territórios, a complexidade da negociação se aprofunda. Rafael destaca, com o exemplo do uso do preservativo, como o discurso da norma (uso do preservativo) para sujeitos desviantes ou assujeitados é duplamente violento, ora pela prática higienista, ora por se ter menos recursos para poder negociar sua autopreservação.

Para Rafael, o uso do preservativo está muito associado às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e para ele essa visão deve ser superada por uma visão do cuidado:

eu acho que aqui [em Realeza] sim. Eu não vejo isso, eu vejo mais como uma questão de cuidado com o outro. Mesmo que seja por um *apps*, eu acho que não existe diferença de você conhecer uma pessoa hoje ou há dez anos. Eu acho que o cuidado com o outro deve acontecer com o outro, é uma questão humana. E isso foi uma das coisas que eu sempre tive, sabe? Indiferente se eu

²⁹⁸ FOUCAULT, M. **A história da Sexualidade**: A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2013.

conheci hoje, é o cuidado. E mesmo que eu tenha um relacionamento monogâmico e um parceiro único, o que vai ser difícil (risos). (RAFAEL, 2015, DC)

Sugere-se a partir da narrativa que ao Rafael considerar o uso dos preservativos como cuidado do outro, que se transgrida o próprio discurso biomédico sobre o uso dos preservativos. O cuidado com o outro está justamente em transformar esse conhecimento de si, biomédico e castrador, em um cuidado de si e do outro. Nos jogos de veridicção desse discurso, opta-se pela preservação da vida, abandona-se a perspectiva da doença pela da saúde. O participante afirma que “eu não me vejo como casado, tendo essa vida (de casado). Quem sabe no futuro, mas eu não penso muito nessas coisas. E mesmo que eu estivesse em um relacionamento, preservativo eu usaria de qualquer forma, não reduzo os DST ao sexo”. O uso de preservativos, no caso, está relacionado a um cuidado de si e dos outros, de valorização do corpo. Rafael aponta para a criação do “tabu” de que o preservativo não precisa ser usado por pessoas monogâmicas ou que o uso destes denunciaria a não monogamia do parceiro ou parceira. Para ele, esse discurso impede as pessoas de promoverem o cuidado e confundem essa não verdade com promiscuidade e fidelidade. Nesta perspectiva, ele se auto intitula promíscuo, esclarecendo que

as pessoas associam a promiscuidade a algo ruim, creio que por causa disso, mas aí é falta de cuidado, é outra coisa, e não a promiscuidade em si... [ser promíscuo é] ter vários parceiros... Então, todo mundo é meio promíscuo, depende como você coloca, como você vê a promiscuidade. Eu acho que se você associa isto, as pessoas associam muito que se você é promíscuo você vai morrer de Aids, de sífilis, vai morrer... Não existe grupo de riscos, eu acho que se você tem uma vida, você

está exposto. E por isso que eu não vejo a promiscuidade gay também [como grupo de risco]. (RAFAEL, 2015, DC)

Contesta-se politicamente essa questão do grupo de risco e da associação ao número de parceiros com uma promiscuidade nociva, a exemplo desta fala e de sua manifestação pública de desagrado sobre a doação de sangue. De maneira mais radical, os participantes de um estudo sobre masculinidades transgressivas ²⁹⁹ também fazem uma problematização do discurso da prevenção, assim, contestam o uso do preservativo, abdicando dele em suas práticas. O estudo em questão, sobre sujeitos *barebackers*, analisa não apenas a resistência, mas justamente a possibilidade de transgressão e de um descontrole em relação à normatividade das masculinidades e da propalada assepsia em relação ao sexo entre homens, do uso dos preservativos e da busca pelo prazer. O autor destaca como os sujeitos “barebackers” se colocam de maneira mais livre e contestadora, problematizando a dinâmica homoerótica, os signos de masculinidade e as implicações do sexo desprotegido. No discurso dos sujeitos *barebackers*, nota-se uma busca pelo aumento do prazer, mas também como experiência transgressiva, um quase ignorar das técnicas de controle dos corpos, da medicalização, do medo das doenças e dos limites do que seja viver.

Ainda que de maneiras opostas, tanto o discurso *bareback* quanto o discurso do cuidado de si e do outro problematizam os discursos sobre o sexo. Rafael acredita que o sexo é uma forma de conhecer pessoas,

²⁹⁹ SILVA, L. A. V. Masculinidades transgressivas em práticas de *barebacking*. **Revista Estudos Feministas**. Dec; 17(3): 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000300003&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 19 de agosto de 2015.

que é “algo que você busca em alguém interessante; se você achar, você achou; rolou de transar, rolou; se não achar, não achou”. Como já demonstrei acima, Rafael acredita que as tecnologias virtuais, os aplicativos de encontros, tais como *Grindr*, *Hornet* e *Scruf*, auxiliam bastante nas aproximações entre homens gays nas cidades pequenas. Ele narra que não usa os *apps* com pessoas de sua cidade, mas com pessoas de cidades vizinhas e quando viaja.

Muitos estudos abordam a homossexualidade no ciberespaço e como os corpos são construídos em uma comunidade on-line (ou virtual - Orkut - www.orkut.com) de homens que buscam outros homens para relacionamento afetivo e sexual. A autora focou nos *avatares* (ou corpos virtualizados) dos membros, nas discussões em relação à homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade, à saída do armário no espaço virtual. Nos fóruns da comunidade do Orkut, analisada pelo estudo, observou-se que os discursos sobre sexo, fetiches, masculinidade/feminilidade e posições adotadas no intercurso sexual. Uma excelente discussão sobre gênero, misoginia e preconceito contra a efeminização de “homens” ocorre na descrição da inserção no campo, haja vista ser uma pesquisadora em uma comunidade para homens.

As possibilidades de criação de espaços de liberdade no meio virtual possuem uma imensa complexidade, não só a moral e a legislação cibercultural, mas a própria moral individual dos participantes da comunidade variam muito em torno de questões de aceitação, masculinidade e possibilidades de vivência das experiências gays. Rafael faz uma ligação e uma ruptura entre o sexo propriamente e os meios para consegui-los, resistindo a ser tomado por fragmentos normativos de si, por certos signos de virilidade e masculinidade.

Isto evidencia-se na maneira como ele se utiliza os *apps*, versão moderna dos sítios de encontros na internet para os *smartphone*. Pois, destaca que envia fotos de outros homens, das genitálias, quando o outro usuário do *apps* solicita os famosos “*nudes*”. Problematiza que entende que no momento da troca de fotos há uma espécie de confiança, e que ele a burla e que não tem arrependimentos por isso. Parece-me que há uma resistência entre dizer de si por uma parte de seu corpo, seja o pênis ou as nádegas ou outra parte. O ato de enviar fotos “*fake*” é uma tentativa de não ser objetificado por suas genitálias? Ao perceber essa objetificação, ele participa daquele jogo, ainda que não concorde com ele, e desnuda a normatividade por trás dos “*nudes*”? Acredito que ao enviar a foto de qualquer pênis, evidencia-se a fragilidade e a normatização que há em parte do desejo gay e, inclusive, ressalta o desprezo pela existência inteira do sujeito.

Rafael entende que a relação se estabelece a partir do encontro real: se o encontro rolar, se o sexo ocorrer, se uma amizade se iniciar, para Rafael, o que pesa, o que importa, é que resulte em verdade. Ele entende que o sexo é uma atividade que deve ser vivida na intimidade e integralmente, que não é algo que precisa ser público ou publicizado. Exemplifica com o fato de não fazer filmes ou fotos de suas transas, porque, para ele, o sexo é íntimo e não deve extrapolar o momento.

A vivência da sexualidade, do sexo, dos relacionamentos, em Realeza pelos participantes da pesquisa tem colocado desafios muito cotidianos a eles, no sentido que a resistência ocorre em muitos territórios e responde a muitas demandas da posição de sujeito gay. Isto se dá pelo contexto da cidade pequena, o assumir-se homossexual se torna uma atividade de tempo integral. A precariedade da legitimidade

da posição de sujeito encontrada por alguns dos participantes é ainda evidenciada na narrativa de Jeraldi sobre os espaços públicos de lazer. Para ele, o Bar do Jack era um dos espaços comerciais mais amigáveis aos gays. Mesmo lá, as demonstrações de carinho entre homens se configura como,

uma questão muito íntima, eu me sinto bem lá, sim, para fazer isso. Porque todas as pessoas que vão lá sabem que eu sou gay, sabem que o Jota [namorado] é gay, sabem da gente. Praticamente, todos, mas se tiver alguma [pessoa que não sabe], também não tem problema, vai ficar sabendo. Mas não é assim, por exemplo, se fosse para pensar um gay jovem que chegou agora, se for ver nem todos os lugares são muito [amigáveis]. Tipo a praça, a praça não é tão amigável assim. (JERALDI, 2015, DC)

Como já dito, o participante nativo de Realeza era Rafael. Também para ele a sociabilidade, principalmente, no que concerne a relacionamentos, é um enfrentamento diário. Afirma que “a cidade (de Realeza) me sufoca. Eu cresci a minha vida inteira aqui, eu passei a minha vida inteira aqui... eu acho que o meu sufoco tem a ver com as pessoas daqui mesmo, eu acho que eu tenho uma certa aversão às pessoas daqui”. Para Rafael, há um abismo comunicacional com as pessoas de realeza, sente-se *outsider*³⁰⁰, não coaduna com a forma de subjetivação dos sujeitos. Para ele,

tudo, a questão, vai desde a questão financeira, entendes? Se você não tem um carro, você não é socialmente aceito, você não é ninguém, você não é. Se você tem dinheiro, sempre meu pau é maior do que o teu, a gente tem que medir isso e ver quem (bebeu) mais. E se tu vais conhecer alguém,

³⁰⁰ BECKER, Howard S. **Outsiders**. *Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

também, as pessoas da região, se você vai conhecer ela é assim, se você tem carro a conversa continua, se não, a conversa termina, para por ali. (RAFAEL, DC, 2015)

Em sua visão sobre os “de fora”, Rafael acredita que estas relações econômicas pesam menos. Narra que nas conversas que teve em Florianópolis, em seu estágio, conhecia pessoas em diferentes espaços, e as conversas orbitavam em outras temáticas, sobre o ser, sobre o mundo, sobre o cotidiano, sobre quem se é e não sobre o que se tem. Inclusive, explica que não conheceu muitos lugares gays, como algumas baladas, saunas e *cruising bars* (em geral, bares com quartos escuros e cabines em que se faz sexo livremente). Não foi a estes lugares porque não tinha dinheiro, mas que isso não foi um limitador para seu lazer, conviver e conhecer, fazer amigos, e, inclusive, ter muito sexo. Ainda que com um orçamento apertado, se podia estabelecer uma boa cena de sociabilidade, fato que, segundo ele, não ocorria em Realeza. Rafael também destaca a importância do campus da UFFS nas possibilidades de viver em Realeza. Segundo ele, com a chegada da universidade algo muda, não apenas nas questões de ensino e formação. Haja vista existir outras faculdades na cidade e nas cidades vizinhas anteriores à UFFS. Nestas faculdades contrerterreâneas os professores/as, os/as/as técnicos e os/as estudantes não são “de fora”.

Jeraldi, como Rafael, não encontra um ponto de comunicação erótico em sua cidade natal, fala sobre não compartilhar do mesmo gosto musical, da estética, das práticas culturais. Em realidade, os quatro participantes da pesquisa afirmaram que não têm desejo por homens que sempre estiveram em suas cidades natais, que não conseguem estabelecer comunicação afetiva, sexual. Em contrapartida, a afirmação,

que segue, de Rafael, parece-me que é corroborada pelos demais. Ele afirma em relação aos “de fora”, que a “maneira de você se vestir, a maneira de você andar, a maneira de, a própria conversa, a mente das pessoas é diferente. Eu cresci sendo vigiado por todo mundo, lógico que eu não vou [achar] as pessoas bonitas daqui, nunca” (RAFAEL, DC, 2015). Destaque-se que nenhum dos participantes namorou homens de suas cidades natais, todas cidades pequenas. Para eles, isto pode sugerir uma maneira de manter em segredo sua homossexualidade, mas, destacam veementemente que em realidade é um efeito vinculado aos seus desejos.

Os participantes namoram, ou já namoraram, em Realeza. Seus relacionamentos têm muito a destacar sobre a experiência da homossexualidade em uma cidade pequena. Exatamente por isso, descreverei alguns deles e seus efeitos na constituição de sujeitos dos participantes. Começarei por Rafael.

Seu primeiro relacionamento homossexual ocorreu com um estudante da UFFS. E foi um processo de autoconhecimento e de muitas ambiguidades. Em 2010, Rafael irá conhecer Rike (pseudônimo) e um emaranhado de desejos, culpa, estratégias e experiências, passaram a ser o cotidiano de Rafael. O processo de relação com Rike passou por uma aproximação virtual, associada a encontros casuais na rua, e, finalmente, pelo encontro na casa do Will. Deste encontro: dúvidas, sensações complexas e ambivalentes começam a surgir para Rafael. Conta-me,

e ele ficou uma semana sem entrar no “msn”, a gente ficou uma semana sem conversar. Uma semana depois ele entrou e me chamou de novo para ir na casa dele, e eu fui, porque eu tinha gostado dele, normal. O Primeiro dia foi meio complicado, dois dias depois, porque você fica meio com, você não sabe se você sente nojo ou se

you are enjoying it, right? (RAFAEL, 2015, DC)

Após todo um processo de aproximação, sedução e conquista, configuraram-se as aberturas para uma nova maneira de Rafael se relacionar com sua orientação, seu desejo, com sua existência. Ele, ao descrever seu primeiro encontro sexual com Rike, enfatiza sua relação de ambiguidade com os sentimentos derivados daquele encontro. Segundo ele, seu sentimento era de nojo por “ter transado com homem, dele (Rike) ser um menino” e “ao mesmo tempo foi legal, foi interessante. Eu achava ele bonito, ele é uma pessoa interessante”, o que pesava não era o desejo, mas sim o gênero. Rafael até então se relacionava afetivamente com mulheres.

Rafael explica que transar com o Rike foi diferente de que quando transava com mulheres, “porque ele era uma pessoa interessante”.

aconteceu [a transa], foi algo que eu achei interessante e que rolou. entende? ah, no outro dia foi, porque aí começa a bater, né? Poxa, você criou a tua vida inteira para não acontecer e aconteceu isso. Aí, você, sente. Ao mesmo tempo que você sentia nojo, nossa, transei com um homem”. (RAFAEL, 2015, DC)

Provoco-o perguntando se Will era mais interessante por que era homem. A resposta afirmava que o “interessante” estava relacionado às afinidades na conversa, como uma identificação. Rafael reúne duas palavras com mesmo radical, “interesse” e “interessante”, o significado da segunda palavra só foi compreendido por mim quando ele usou a primeira. Ao falar de Rike, Rafael sempre o qualificava como “interessante”, me intrigava a persistência da palavra e com certa

dificuldade acolhia-a como suficiente resposta para minhas perguntas. De fato, o eram, eu só não o sabia. Ao utilizar a palavra “interesse” em uma de suas respostas, como uma enunciação de desejo, compreendi claramente o significado da palavra “interessante”, Rike era desejante, no gerúndio, por assim dizer. Tratava-se de desejo, desde o primeiro momento. O desejo se inscreve no sujeito e o recoloca em outra posição. Uma posição que provocará ruídos e transformações nas possibilidades de amar, de orientar o desejo, de viver.

Parece-me que o desejo sem a experiência é território fecundo para o sofrimento. Ao dizer isso, um amigo psicólogo disse-me que alguns dirão que “desejo sem a experiência é “falta””. Todavia, não acredito na “falta” como subjetivadora. Para mim, são as relações e as práticas, de liberdade ou de assujeitamento (sofrimento), que se deve problematizar. Nesta perspectiva, o “interessante” no desejo se torna político, transformador. Aquilo que desperta a necessidade de reorganizar o dia, os passos, o que esperar e pelo que planejar. A verdade aqui não tem mais o mesmo tom societal, ensinado de outrora, verdade quando afetada pelo desejo é refém dele e só pode ser fiel a ele. A homossexualidade aqui surge como um resultado, uma produção do desejo. Esta produção ignora as verdades cristãs e heteronormatizadoras, por sua posição de sujeito desviante. Rafael só podia seguir em frente com novos caminhos, pelos quais, antes do interesse, do desejo, não poderia trilhar: não houve falta, houve produção.

O contato, a convivência e mais transas com o Will foram dirimindo a sensação de “nojo” sentida na primeira vez, por Rafael. Ao destacar uma questão que lhe parece importante, ter ocupado uma posição “ativa” sexualmente na relação com Rike, evidencia que nem

todas as verdades heteronormatizadas foram superadas. Ele acredita que tal atividade ajudou a não serem insuportáveis as ambiguidades advindas de seus encontros. Rafael acredita que

teria sido mais danoso, porque eu não estava preparado também, sabe? Porque por mais que eu tivesse curtido, mas até então eu não me via como homossexual. E eu acho que se eu tivesse sido passivo neste momento eu acho que teria sido bem mais danoso para mim do que no sentido, de que eu não estava preparado e que não teria sido algo legal, entende? Não teria sido tão bom quanto, como foi (RAFAEL, DC, 2015)

O “mais danoso” é o que não quer calar, é a manifestação completa da norma. As reminiscências de Rafael denunciam como o processo de relação com a masculinidade hegemônica, com a virilidade, com o pênis como bastião último da heterossexualidade e com suas verdades, se manifestam de maneira absolutamente violenta e binária. Rafael afirma que ter se relacionado sexualmente com outro homem em uma posição “ativa” ajudou-o a ter um sofrimento menor, suportável, neste processo. Esse vínculo à posição de “ativo” ressalta a manutenção topológica e heteronormatizada do *status* homem viril.

Essa complexa e imbricada relação entre o desejo, o corpo, as verdades, explicitam o dominação da norma e as dificuldades de borrar ou ultrapassar as fronteiras pré-estabelecidas. Ser ativo, ocupar o lugar de macho, mostrou-se uma triste alternativa para se viver o desejo, mas, também remete à transformação, ao deslocamento e à vinculação ao processo de desconstrução. Evidentemente, não se está discutindo aqui o ser penetrado ou penetrar, no que concerne ao desejo de cada sujeito, como posição sexual. Discuto, sim, a valorização moral a respeito disto, no qual o pênis e seu uso é o símbolo das relações hierárquicas de

gênero, no qual o detentor do pênis, ou que faça uso dele, é superior e mais forte, ademais de suas referências misóginas. Por outro lado, o da “passividade”, aponta muito do simbólico e do esperado dos homens nas relações sexuais e sociais, ou seja, manter-se hierarquicamente inferior é de muitas formas político. A passividade pode ser política, no sentido de confrontar e abandonar tabus em favor de uma existência, em favor da verdade dos desejos e da superação de valores compulsórios e heteronormatizados.³⁰¹

A normatividade opera em todos os lugares, as verdades em relação ao sexo é rodeada de mitos e tabus, por suposto. As expectativas a respeito do sexo, de suas possibilidades, do saber sobre sentir “prazer loucamente com isso”, como diz Jeraldi, de como será a “primeira vez”, são parte do imaginário da maioria das pessoas e gera inúmeras idealizações e possibilidades. Will afirma que “não queria que a primeira vez fosse uma coisa que eu iria me apaixonar, entendeu? “Porque, nossa, porque foi um sexo tão bom, que, nossa, eu quero todo dia”, entendeu? eu queria que fosse horrível mesmo”. De maneira inusitada, Will problematiza as verdades que são ditas e como proteção, tinha a esperança de que, sua primeira vez, ou o sexo em si, fosse ruim ou mesmo traumático; pois, então, teria um bom argumento para não se defrontar com as possibilidades do desejo. Will teve duas primeiras vezes, como ele narra, uma com o amigo que o fez pensar em si como homossexual, mas, por ter sido leve e prazerosa, ele não queria que fosse sua “primeira vez”. Uma outra “primeira vez”, a que ele contava às pessoas, que foi com um desconhecido encontrado no “Orkut” e que

³⁰¹ GUY, Hocquenghem. **A Contestação Homossexual**. Brasiliense Editora, 1980.

foi uma péssima experiência, como ele tinha idealizado. Na realidade, novamente, a ficção produz suas reverberações nos corpos e nas verdades que os sujeitos vão construindo para suportar o mundo.

Outra experiência interessante para se pensar o lugar do sexo, da amizade e também do amor é certamente o relacionamento de Jeraldi, que namora um jovem que foi seu antigo *homemate*, por dois anos, nos quais foram amigos, sem sexo. Jeraldi explica que foi apaixonado por Jota durante todo o período em que moraram juntos, todavia, Jeraldi afirma que “ eu sabia que ele era hetero. Então, eu não podia estar apaixonado por ele. Então, eu o via como um melhor amigo. Eliminei isto de mim. Ficar na presença dele era muito bom, então, como eu não podia, eu o respeitava muito”. Recordo-me que quando conversamos sobre isto, eu e Jeraldi, não me saía da cabeça uma música, transcrevo os versos a seguir,

A placer, puedes tomarte el tiempo necesario
 Que por mi parte yo estaré esperando
 El día en que te decidas a volver
 Y ser feliz como antes fuimos
 Sé muy bien
 Que como yo estarás sufriendo a diario
 La soledad de dos amantes que al dejarse
 Están luchando cada quien
 Por no encontrarse
 Y no es por eso
 Que haya dejado de quererte un solo día
 Estoy contigo aunque estés lejos de mi vida
 Por tu felicidad a costa de la mía
 Pero si ahora tienes
 Tan sólo la mitad del gran amor que aún te tengo
 Puedes jurar que al que te quiere lo bendigo

Quiero que seas feliz
Aunque no sea conmigo.³⁰²

Utilizo-me desta música, na tentativa de expressar a doçura de Jeraldi, em todos os campos, mas, em particular, ao narrar sua relação com outros homens. Jeraldi é poético, engraçado e apaixonado. Em sua prerrogativa de se relacionar, encontra uma generosidade e alteridade admiráveis. Jeraldi descreve as estratégias que utilizava para não sucumbir ao seu desejo e respeitar o suposto desejo do seu, então, colega. Jeraldi, conta:

Então, por exemplo, eu gostava muito de lavar a louça com ele, ficar lavando a louça com ele. Esses momentos, então, eram legais. A gente brigava muito, mas não eram brigas, eram briguinhas. Porque nessas brigas a gente podia se tocar de certa forma, entendes? (JERALDI, 2015, DC)

Jeraldi buscava estratégias, nas quais, ciente do seu desejo, tinha claro que não poderia avançar sobre a verdade de seu amigo, seria uma traição, um desrespeito, como afirma. Então, por meio da convivência havia muito gozo, também havia sofrimento,

no começo (eu sofria). Mas depois, não. Depois eu sublimei isto. Tanto que eu, de certa forma, consegui deixar de gostar, de ser apaixonado por ele, neste caso. Me apaixonei por outra pessoa, pelo Pablo, que era o meu namoradinho. (JERALDI, 2015, DC)

³⁰² DÍAZ, Chago. Aunque no sea conmigo. In: **Café Tacubo**. <https://www.vagalume.com.br/cafe-tacuba/aunque-no-sea-conmigo-con-celso-pina.html>.

Para ele, o limite da amizade e das relações eróticas devem existir, afirma ele:

se a minha relação é de amizade, e a gente sabe que é, que fica claro entre a gente, então, eu não vou tentar nada de mais, não vou ser inconveniente. Acho que esta seria a palavra, não que às vezes a gente seja... Não que seja inconveniente, mas surgiu uma situação que você acha que dá para investir, sem ser inconveniente. Eu tinha tudo isso em mente, eu não queria estragar a amizade por causa disso. (JERALDI, 2015, DC)

Uma virada sentimental estava por acontecer. Outro amigo comum não estava tão convencido da heterossexualidade de Jota e investia muito em construir uma relação amorosa com ele. Jeraldi estava seguro de que as investidas do amigo em Jota seriam inúteis, mas não foram. Por volta de 2013, Jota estaria em uma relação com este terceiro. Jeraldi contou-me que a imagem de um relacionamento, para ele, se baseia na parceria, que se associa ao aprendizado e possibilidades de crescimento, destaca o poder da amizade na relação erótica. Quando soube que Jota estava com outro homem, segundo ele, “surtou”. Entendeu que não deveria mais esperar e se “declarou” para Jota. Desde então começaram a se aproximar ainda mais e namoram até hoje.

Parece-me que Jeraldi conhece o amor na presença e no presente, que não tem fantasias a respeito de um amor que tudo perdoa e é eternamente monogâmico, para ele, “é exatamente a questão do amor, não sabemos se nos amamos a esse ponto. De eu te amar, mesmo você ficando com outra pessoa. E é algo que não adianta pensar nisso”. A normatividade da monogamia, ressignificada, colocada à parte do sacrifício, fundada na experiência de produzir verdades com e no outro e em si. Por outro lado, Jeraldi faz uma diferenciação entre amor e sexo,

ainda que “por enquanto” , até aquele momento da entrevista, ele pensa no amor que sente por Jota colado a muitas outras coisas, também ao sexo, mas para além dele. Jeraldi pensa na noção de amar a Jota como uma “referência” que deseja ter sempre. Encara a possibilidade de ter relações erótico-sexuais com outros rapazes enquanto está namorando, e sobre isto fala no plural, pois, inclui seus debates e problematizações que faz com Jota. Afirma ele:

a gente acredita, a gente pensa o seguinte: Se eu tiver vontade de ficar com outro cara, eu estou sentindo vontade. Então, se você estiver com vontade, você fica com outro cara. E se eu tiver vontade, se a vontade existir, se a vontade surgir, você faz isso, como vai ficar a relação depois? A gente não sabe. A gente sabe até esse ponto. (JERALDI, 2015, DC)

A relação entre Jeraldi e Jota parece fundar-se em práticas de liberdade e de produção de verdades. O encontro de um com o outro é baseado em aprendizado, ensino, troca, reciprocidade, alento. São muitos os adjetivos que se pode usar para como estes dois jovens homens se permitem viver suas sexualidades, sem arrependimentos, sem dívidas, compromissados com a presença, a verdade e as transformações que operam um no outro. Na relação um com o outro experimentam a igualdade, a existência na integralidade, o reduto de uma subjetividade fundada na superação de preconceitos e crescimento pessoal. Ortega ³⁰³ propõe, a partir de Foucault, a resistência como estética de existência. Promovem uma estética da existência nas séries de TV que assistem, nos livros que compartilham nus, nos trabalhos acadêmicos, nos projetos

³⁰³ ORTEGA, Francisco. Amizade e estética da existência em Michel Foucault. RJ: Graal, 1999.

que são incentivados um no outro. Desta maneira, articula-se

a existência de forma imediata numa modalidade de nomadismo em que se perambula de revolta em revolta. As novas formas de organização e ação baseadas na participação, na igualdade, no respeito às diferenças, na alegria e no desejo já anunciam o que se busca. A ênfase na ação direta como fim, e não como meio, traz implícita essa ideia do processo como agente transformador.³⁰⁴

Tal resistência produz um processo cultural, que ao alargar a expressão das diferenças, potencializa a vida como fluída, dinâmica, mutável, híbrida, complexa. A resistência vinculada ao devir e com fronteiras borradas e atuantes na dobra³⁰⁵ pode ser uma temática vigorosamente inspiradora, possibilitando excursionar e incursionar os processos de subjetivação e os sentidos atribuídos a essas práticas culturais, a esses modos de ser, de existir e de sentir.³⁰⁶

³⁰⁴ OLIVEIRA, L. **Corpos que escapam:** ação cultural como resistência. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 34, n. 2, p. 61-71, dez. 2008, p. 63.

³⁰⁵ DOMENECH, R. A Dobra: Psicologia e Subjetivação. In: Org. SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos:** nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

³⁰⁶ *Ibidem*.

5.5 Cartas e infâmias: sobre se, ou não se, deixar governar pelo ressentimento

*Sou um guardador de rebanhos.
 O rebanho é os meus pensamentos
 E os meus pensamentos são todos sensações.
 Penso com os olhos e com os ouvidos
 E com as mãos e os pés
 E com o nariz e a boca.
 Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
 E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
 Por isso quando num dia de calor
 Me sinto triste de gozá-lo tanto.
 E me deito ao comprido na erva,
 E fecho os olhos quentes,
 Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
 Sei a verdade e sou feliz.*
 (Alberto Caieiro/Fernando Pessoa)³⁰⁷

No decorrer da pesquisa, um dos participantes, Will, relatou que o namorado, Oscar, havia recebido uma carta de uma de suas irmãs. Segundo Will, a irmã narra na carta uma visão "linda" de Oscar, mas que definitivamente não corresponde "a quem ele é", um sujeito homossexual. Para Will, o que a tal carta narra é uma manifestação deliberada e autoritária de uma moralidade presente nos discursos que fundamentam e constituem a família "tradicional brasileira: branca, heterossexual e cristã". Oscar, por meio de outra carta, irá responder a irmã. As referidas cartas foram-me disponibilizadas por Oscar e devidamente autorizadas a compor parte do escopo da análise da tese.

Este capítulo se organiza em torno de três movimentos de análise. No primeiro movimento, apresento uma visão mais geral dos enunciados presentes nas cartas: "Homofobia, família, heterossexismo:

³⁰⁷ PESSOA, F. O guardador de rebanhos. In.: PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. (org.) Maria Aliete Galhoz. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

condições de resistência”. É um movimento em que expresse uma aproximação dos afetos que me atingiram com a leitura das cartas. O caráter cultural, histórico e afetivo das questões em torno da sexualidade estão no nível da luta, da evidência do dano, dos agenciamentos para transformações discursivas. Nos movimentos seguintes, analisarei os documentos/cartas na ordem cronológica de suas respectivas emissões. No item “Carta de uma Megera”, missiva enviada pela irmã, destaquei modos de vida e práticas culturais assujeitadoras e ressentidas, abordando o caráter político da homofobia e do heterossexismo³⁰⁸, ou da necessidade de se politizar frente a eles. Em “Sobre o amor à família e aos homens”, analisei fragmentos da carta de Oscar, demonstrando como ele subjetiva-se e organiza-se perante os enunciados que a carta da irmã coloca e de suas próprias experiências e práticas de constituição de sujeito. Ocupei-me em apresentar processos vinculados à inventividade como efeito da experimentação da homossexualidade como posição de sujeito.

³⁰⁸ POCAHY, Fernando (Org.) **Rompendo o silêncio**: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007.

5.5.1 Homofobia, família e heterossexismo: condições de possibilidades de resistência

A homofobia manifesta-se de maneira múltipla e complexa, que se efetiva nas piadas misóginas ou regionalistas, passando pela exclusão de círculos de amigos e da família, chegando muitas vezes até a morte de homossexuais. Uma de suas manifestações mais clássicas, por assim dizer, se encontra nas interpretações religiosas sobre a homossexualidade. O pecado nefando, a punição moral e a purificação, são como uma das matrizes da homofobia. Outra consequência da homofobia é a diagnose de uma debilidade psíquica ou psicológica dos sujeitos homossexuais, submetendo-os, os sujeitos que tem práticas sexuais ou afetos homossexuais, a “tratamentos clínicos” ou “ministeriais”, quando a cura viria por intervenção do divino, em uma mistura autorizada entre a ciência e a religião. A homofobia é uma discursividade que escamoteia uma ideologia da exclusão e opera violentamente contra os sujeitos homossexuais. Desvelar como a homofobia é constituinte da/na vida dos sujeitos homossexuais é fissurá-la e apresentá-la como dano, como cerceamento de direitos de igualdade e liberdade. Enfim, como um fator de sofrimento e medo.

Os ambientes em que o conservadorismo religioso tem mais domínio tendem a produzir representações da sexualidade normatizadas pela heterossexualidade compulsória.³⁰⁹ Sabe-se também que a saúde

³⁰⁹ MARTINS, Edson. O cordel, o homossexual e o poeta “maudito”: novelo de discursos no folheto de Salete Maria e Fanka Santos. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**; 22, 2003. Disponível em:

física, mental e social de homossexuais (homens e mulheres), como de todo ser humano, está ligada às dimensões de qualidade de vida, de religiosidade e de identidade psicossocial, a partir do gênero, idade, classe econômica, etnia e escolaridade, dentre outros marcadores culturais. Um estudo ³¹⁰ demonstrou que um grupo de sujeitos com orientação homossexual, quando comparados a sujeitos de orientação heterossexual de mesma faixa etária e níveis educacional e socioeconômico, apresentam saúde mental e qualidade de vida pior na velhice; apontou ainda que a religiosidade entre os dois grupos, homossexuais e heterossexuais, apresenta-se de maneira diversa.

Surpreendentemente, aquele estudo aponta que homens homossexuais tem uma religiosidade mais acentuada, especialmente aqueles vinculados às religiões espiritualistas (espiritas, afrodescendentes) ³¹¹, utilizando-se de estratégias como o “individualismo religioso” para as experiências sociais relativas à espiritualização. Os homens homossexuais participantes de um outro estudo ³¹² estão, segundo aquela pesquisa, mais submetidos a situações ligadas às experiências de preconceito e discriminação social do que

<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2186>, acessado em 19 de agosto de 2015.

³¹⁰ GHORAYEB, Daniela Barbeta. **Saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial nas homossexualidades**. (Dissertação (mestrado) - Orientador: Professor Dr. Paulo Dalgalarondo - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas, na Universidade Estadual de Campinas) Campinas, SP: [s.n.], 2007.

³¹¹ KATZ, Jonathan Ned. **A Invenção da Hetero Sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro Publicações, 1996.

³¹² SILVA, A. C. A. P. **O idoso homossexual e a gênese do direito ao afeto**. 4(2). Disponível em <http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/137>, acessado em 20 de agosto de 2015.

homens heterossexuais, em qualquer das interseccionalidades verificadas pelo estudo.

Nas cidades do interior, pouco se tem de registros a respeito desta demanda/temática de maneira positivada ou problematizadora. A discussão da homossexualidade, também, está invisibilizada nas escolas e na saúde pública e coletiva, por exemplo. Um dos participantes da pesquisa, Rafael, em seu trabalho de conclusão de curso em Biologia, estudou os casos de atendimento epidemiológico do HIV na região sudoeste (PR), e os materiais em formato educativos. Rafael destacou as relações interdisciplinares entre biologia, saúde, material de divulgação como educativo. No que concerne à sexualidade, ressaltando que esta ainda é ensinada quase que exclusivamente por professores de Ciências ou de Biologia e muito associada ao aparelho reprodutor ou a reprodução em si. Baseia-se na assepsia médica, heteronormatizada e da construção da família saudável e monogâmica.

Como demonstrarei, o franco falar, em ambas as cartas, criam uma reciprocidade que pressupõe, em princípio, a demanda do diálogo. Como adverte Foucault, na ordem do discurso ³¹³, uma história da cultura de si pode ser encontrada nas correspondências com outrem, em cartas sobre o cotidiano ou sobre eventos extraordinários nas vidas de pessoas comuns. A carta da irmã abre passagem para inúmeras ações, que homofóbicas na enunciação, são, um esforço de cuidado do outro e sobre si (família); e, como já abordei em outro item, um cuidado irrefletido e baseado na *Stultitia*. ³¹⁴

³¹³ FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola. 2004

³¹⁴ FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. 2010, 438p. 118.

As cenas de dissenso, na perspectiva de Rancière ³¹⁵, são constituídas a partir da persistência de um dano que entra em conflito com a ordem jurídica, social, familiar e cultural estabelecida - a heteronormatividade, por exemplo. A carta dirigida a Oscar demonstra como operam as estruturas normativas e o discurso pretensamente unívoco da verdade da família heterossexual ou da vida heterossexual. Problematizarei como na carta resposta de Oscar a homossexualidade enquanto posição de sujeitos modifica ou ao menos abala a partilha do sensível a respeito de questões não consensuais em/na comunidade. Por meio da análise dos fragmentos da carta de autoria da irmã de Oscar, na realidade, prepararei o terreno para a interpretação da carta resposta. Demonstrando, assim, as possibilidades de modos de inclusão ³¹⁶ da homossexualidade no mundo comum, das práticas políticas derivadas de sua visibilização e da desconstrução/resistência do/ao familismo heteronormativo.

Foucault remete o “papel” da família ao de “permutador da sexualidade com a aliança”:

transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo da sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança. Esta fixação do dispositivo de aliança e do dispositivo de sexualidade na forma da família permite compreender um certo número de fatos: que a família se tenha tornado, a partir do século XVIII, lugar obrigatório dos afetos; de sentimentos de amor, que a sexualidade tenha,

³¹⁵ RANCIÈRE, J. **O Espectador Emancipado**. Orfeu Negro: 2010.

³¹⁶ RANCIÈRE, J. **Sobre políticas e estéticas**. Tradução Manuel Arranz. Museu d'Art Contemporània de Barcelona. 2005b, p. 51.

como ponto privilegiado de eclosão a família; que, por esta razão, ela nasce «incestuosa»³¹⁷

A família monogâmica e heterossexual desempenha um papel central no dispositivo da sexualidade - em especial, aquelas que tenham entre seus membros sujeitos homossexuais - e da subjetivação política. Foi necessário, segundo Foucault, portanto, engendrar uma transição, a partir do século XVIII, um deslocamento do papel da família, fazendo surgir a noção de população e de seu governo. Cada vez mais, a racionalidade e o aprimoramento das técnicas de governo se vinculam a uma economia política com um caráter institucional especificamente moderno voltado ao controle da população (e das famílias), entre outras esferas e biopoderes.

Na contemporaneidade, há muitos modos e modelos de organização familiar, factualmente, um deles, aquele baseado na heterossexualidade e na monogamia tem espaço privilegiado no *status quo*. Intrínseca e formalmente associado às questões religiosas, a família burguesa, baseada no misticismo sacrossanto, se torna o baluarte de opressão e restrições subjetivas, afetivas, eróticas e sexuais. Nesta perspectiva, as representações sociais relativas à sexualidade tendem a naturalizar e essencializar tais noções. Não obstante, como já ressaltai, o caráter cultural e histórico das questões de gênero e sexualidade estão no nível da luta, da evidenciação do dano, da capacidade que os sujeitos coletivos e individuais têm em agenciar transformações nestes discursos para existirem enquanto livres. O desafio encontra-se, então, justamente

³¹⁷ FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (19982/1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013, p. 119.

em compreender como esses sujeitos posicionam-se frente a estes discursos essencializantes que operam nas relações de poder e nos jogos de verdade.

No item 5.3., demonstrei as consequências práticas e políticas da “revelação” na relação de Will e sua família. Possivelmente, a distância da família que Will goza por estar morando em outra cidade, Realeza, por conta da graduação, impede que ele tenha que lidar com as várias (mesmas) demandas a que o namorado está exposto. Pois, Oscar ainda morava com os pais em um sítio do interior de cidade grande do interior, à época. No namoro entre Will e Oscar, a demanda de que o segundo conte à família sobre a sua orientação sexual-afetiva gera inúmeras dívidas e inconstâncias na relação entre os dois. Justamente por isso, Will incentiva Oscar a ter coragem pela verdade e que conte aos pais.

A carta da irmã é dividida em 4 platôs. Em um deles, ela apresenta a necessidade de estabelecer um diálogo com Oscar e de suas limitações emocionais em fazê-lo pessoalmente. Em outro, um bloco de 5 músicas, com um tom emotivo e regionalista (sertanejo e religioso), busca destacar, o lugar e primazia da família sobre quaisquer outras possibilidades de relações. Em um terceiro, e mais abrangente, a carta promove um recorrido de memórias da irmã, mais ou menos cronológico, desde antes do nascimento de Oscar. Manifestando seu desejo por um irmão, do sexo masculino, haja vista que era uma família de 3 filhas Mulheres. Ainda neste platô, a carta continua destacando acontecimentos sentimentais para a irmã, mesclando-se a trajetória escolar de Oscar. A carta destaca o desejo dela pela união da

“FAMÍLIA”³¹⁸ e a dedicação de todos para proporcionar a melhor educação e conforto para Oscar, particularmente, no período do internato na “Escola Agrícola”. E, finalmente, um último platô, do qual a irmã levanta suspeições sobre Oscar ser Gay, fundamentando os demais agenciamentos enunciativos. Já a resposta de Oscar, também em carta, busca de maneira historicizada responder aos tempos-espacos (platôs) apresentados na carta anterior.

Passo, no próximo subitem, a analisar a carta da irmã.

³¹⁸ Megera, 2015, p. 02.

5.5.2 Carta de uma “Megera”

*“Em todo caso, um acontecimento importante em que se cruzam mecanismos políticos e feitos de discurso”
(FOUCAULT)³¹⁹*

Ficção e realidade quase sempre coincidem, e, talvez seja o caso aqui. Oscar tem 3 irmãs mais velhas e que não se cansam de atormentá-lo, de (mur)murar sobre sua subjetividade. Em umas das versões da mitologia grega, na de Esquilo, havia as “megeiras”, também conhecidas como Erínias ou Fúrias. Eram três deusas irmãs, filhas de Hades e Perséfone: Alecto era a que aterrorizava o sono e perseguia os delituosos morais; Tisífone vingava os assassinatos em família, castigando suas vítimas com a loucura; finalmente, Megera, a mais invejosa e ciumenta das três, castigava, principalmente, os crimes contra o matrimônio. Megera era a mais obstinada das deusas, perseguia suas vítimas eternamente, sibilando nos ouvidos suas faltas. Na mitologia antiga, eram consideradas deusas justas, mas sempre implacáveis. Na modernidade, as megeiras são figuras que personificam a perseguição, a inveja e a vingança. Justamente por isso, chamarei aqui a remetente, da carta para Oscar, de Megera.

A carta escrita por Megera possui um caráter analítico político, por conta da homofobia que ela encerra. Em torno da homofobia impera o discurso da tolerância. Relega-se a experiência da homossexualidade a uma questão privada, e sua publicidade é tolhida e questionada. Isto associado à heterossexualidade compulsória e a discursividade de

³¹⁹ FOUCAULT, M. **A vida dos homens infames**. In: FOUCAULT, M. *Estratégia, poder-saber*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 211.

normalidade que ela opera. Os efeitos dessas associações reiteram, no imaginário popular, noções de que o desejo heterossexual é a possibilidade unívoca de expressão do desejo em si, fidelizando-se a matriz sexo-gênero, do macho e da fêmea, em um sexismo que se confunde com a própria homofobia. Nesta perspectiva, destaque-se a sexualidade e seu caráter normatizante, adquirido na modernidade, tais como o dispositivo da sexualidade ³²⁰ e ³²¹, e, a heterossexualidade compulsória ³²², como um emaranhado de valores, discursos e tecnologias que engendram/instituem instituições, como família heterossexual.

A família, neste contexto, é retomada como uma dádiva, uma “benção do Senhor”, por isso, não pode ser abandonada, trocada, sob a pena de não se ter as benesses reservadas aos retos e puros. É nesta contextualização que a carta da irmã segue, baseando-se na concepção de família heterossexual. Para tal, há a sugestão de que Oscar escute 6 músicas ³²³ ao longo da leitura da carta, todas relativas às questões familiares e de paternidade.

A primeira música é de Michel Teló. Fala da gratidão que um filho deve ter pelos pais e da segurança que a família proporciona. A segunda, de Rick e Renner, é como um diálogo entre pai e filho, no qual ambos fazem declarações de reciprocidade e de parceria. Na música 3,

³²⁰ FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro: Graal, 1999.

³²¹ FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

³²² WITTIG. Monique. **O Pensamento Hétero** (1980). In. : <http://mulheresrebeldes.blogspot.com.br/2010/07/sempre-viva-wittig.html>, acessado em 14/06/2014

³²³ Megera, DC, 2015, p. 01.

“Pai, te amo”, também de Rick e Renner, fala de um filho que resignado, retorna ao pai para se aconselhar, já que havia abandonado o mesmo em busca de suas paixões. É uma música em tom de despedida, como se o pai estivesse pronto para partir. Por um lado, esta música fala da necessidade e da importância de ter partido, mas, também, da importância do retorno ao seio seguro da família. Destaque-se que nesta música há um reforço de certa masculinidade, quando o filho, que por algum motivo chorava, lembrava o “grito do pai”: “engole o choro que é mais bonito, menino que chora pro céu não vai”. Na quarta música, “velho pai”, narra-se um filho que acolhe o pai em sua tristeza, que o questiona sobre sua tristeza. O filho aqui se coloca como aquele que irá cuidar do pai, que não vai abandonar-lhe, principalmente, por gratidão. Na música 5, “11 vidas”, de Lucas Lucco, apresenta-se o roteiro da importância do pai na vida do filho. Na última música, “hino da família”, a estrutura é de uma prece de agradecimento a Deus pela família. É um clamor para que Deus o oriente na edificação e presença em sua família.

Paradoxalmente, todas as músicas falam de apoio, de segurança, de esteio e de uma certa liberdade dada por Deus, e, em contrapartida, inferiorizam as “escolhas” afetivo-sexuais do filho, ainda que isto seja um não dito. As músicas fazem um apelo à relação pai e filho, desta conexão divina entre dois homens. Por um lado, como veremos, na carta, Megera parece clamar pela relação de pai e filho entre Oscar e seu pai, supostamente perdida, por conta da homossexualidade de Oscar. De muitas formas, Megera acusa-o de abandonar o pai e de trair a família. Por outro lado, a escolha das músicas parece querer indicar o único tipo de amor possível entre dois homens, o de pai e filho.

Há um esmero no processo de escrever sete (7) laudas por parte de Megera. É um empreendimento que exigiu um exercício de introspecção, de escolha de “fatos” e de versões, de localização de temporalidades, da escolha nos recursos que darão a intensidade desejada (como reticências, caixas altas em algumas das palavras e na explicitação do gênero/sexo) por ela na leitura que Oscar faria. Como demonstrarei mais detalhadamente no próximo item, Oscar, por sua vez, no labirinto das escolhas enunciativas da irmã, segue segurando o fio do seu desejo para não se perder. Opera sobre o dito (da irmã na carta) e o reapresenta do lugar de sua experiência, de seus sentimentos. Oscar utiliza-se do dobro de laudas que a irmã escreveu-lhe, 14, para diferir, para discordar, para reescrever sua própria história, fundamentando-a no não governo dos outros sobre si.

Os discursos propalados no sentido da exclusividade da família monoparental são tentativas, muito eficientes, inclusive, de construção de saberes e verdades sobre o sujeito e sobre a própria família. Isto porque estas instituições operacionalizam as relações do poder pelo exercício das relações de saber. Para a família, mas creio que em outras instituições também, ocorre um jogo de alianças que se articulam sobre inúmeras categorias sentimentais, tais como incentivo a projetos individuais dos sujeitos, bem como a contestação e boicote desses projetos.

Na carta, Megera segue narrando a mudança de comportamento de Oscar sobre seu ponto de vista e como suas suspeitas sobre o irmão ser Gay só aumentavam. Depois de uma viagem de fim de ano de Oscar. Megera escreve que “os dias foram se passando e você que não saia daquele computador ou celular só falando com aqueles teus amigos, que

pra mim isso não é amigo e sim coisa do Diabo, onde até a mãe começou a desconfiar”.

A “acusação” de mudança de comportamento de Oscar é extensão das explicações ou consequências de um comportamento não desejado pela família. Segundo a irmã, ele estava mais introspectivo e voltado para as ferramentas de comunicação e informação do que para os contatos diretos com a família. A irmã também indica que o surgimento de amigos diabólicos, que eles não conhecia, transformou a Oscar. Faz-se importante dizer que tais explicações se voltavam menos para a comunicação e muito mais para as suspeições de Oscar ser gay. Na sutileza homofóbica, acusa-se Oscar, tornando-o uma vítima, culpabiliza-se um terceiro, as diabólicas amizades. Este movimento não é de condescendência, mas de eximir a família da “contribuição” nefasta na constituição de Oscar.

A matriz heterossexual estabelece uma normatividade que configura e impõe exclusivamente a possibilidade de “identidades” estáticas, fixas e previsíveis, nas quais o sexo suscita o gênero, e/ou o sexo e gênero produzem práticas de desejo, excluindo tacitamente outras possibilidades. Estas, não raramente, são patologizadas, criminalizadas, “corrigidas” cirurgicamente e tantas outras punições.³²⁴ Esse controle discursivo e seus dispositivos, de muitas maneiras, são denunciados por estudos sobre masculinidades e ligados às lutas identitárias e pós-identitárias. Estes estudos, ao qual me vinculo ética e politicamente, convergem às concepções de desconstrução da naturalística do gênero,

³²⁴ TONELI, M^a J. F. Diversidade sexual humana: notas para a discussão no âmbito da psicologia e dos direitos humanos. **Psicol. clin.**, RJ, v.20, n.2, 2008 .
Disp. <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n2/a05v20n2.pdf>, access 06 Nov, 2012.

buscando a dissolução dos diversos binarismos. Histórica e epistemologicamente, o sexo, as práticas culturais, a orientação do desejo, os processos de subjetivação, o corpo e o próprio gênero são reiterados por uma “heterossexualidade compulsória”.³²⁵

Escreve a Megera, “enfim você se formou o dia da tua formatura, sei que nesse dia teve algo estranho mais tudo bem era tua formatura”... “Mas por ironia do destino penso que aí (aprovação no vestibular da UDESC) começaram a mudar as coisas”. A carta seguirá um tom acusatório cada vez mais severo, evidenciando pesos, materialidades, estratégias de reprodução de masculinidades, em detrimento de outras masculinidades. Masculinidades como a de Oscar e de sujeitos que vivem a homossexualidade. São tecnologias e dispositivos de normalização. A estratégia utilizada pela irmã é de ir mostrando a Oscar a nocividade da aproximação dele com a homossexualidade, com os flertes com outros homens, com o engajamento em viver experiências com outros homens, com a consequente erotização de seu corpo e da assunção de uma masculinidade não hegemônica.

Connell³²⁶ desenvolve uma discussão sobre o corpo como o espaço/superfície em que se inscrevem/materializam os códigos sociais. Para a Connell, “o corpo é inescapável na construção da masculinidade, mas esse inescapável não é fixo. Não há “o corpo”, mas corpos no plural e na diversidade, cada um deles com uma trajetória no transcender do tempo”³²⁷. Connell e Messerschmidt³²⁸ afirmam que ao longo dos

³²⁵ BULTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003

³²⁶ CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1995.

³²⁷ Ibid., p. 49-50.

estudos sobre masculinidades teceu-se uma crítica em relação à marginalização ou naturalização do corpo nestes. As autoras opõem-se a esta crítica que supõe o corpo como assentado em uma dicotomia sexo-gênero. Para elas, isto é alarmante, pois,

o atravessamento entre corpos e processos sociais foi um dos temas centrais da pesquisa sobre masculinidades, desde seu início. Um dos primeiros e mais influentes programas de pesquisa no novo paradigma foi a abordagem de Messner sobre a masculinidade de atletas profissionais, na qual o uso de “corpos como armas” e a permanência de danos nos corpos dos homens foram examinados. A construção da masculinidade em um contexto de incapacidade, os corpos laborais de homens da classe trabalhadora, a saúde e a doença dos homens e a violência interpessoal de meninos estão dentre os temas de pesquisas que demonstram como os corpos são afetados por processos sociais. Discussões teóricas exploraram a relevância de uma “nova sociologia do corpo” para a construção da masculinidade. (MEGERA, DC, 2015, p. 01)

As masculinidades que diferem da hegemônica, por exemplo, são expressões desses modos de subjetivação diversos, são uma desterritorialização do corpo. Já para Foucault (e Butler), o corpo não é essa superfície em que se inscrevem os códigos sociais, mas sim uma produção destes códigos, também na sua própria materialidade. Essa produção de corpos generificados, simbolizados, significados e que ocupam posições no discurso, são corpos que se encontram em disputa, em conflito.

³²⁸ CONNELL, Robert W & MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidades Hegemônicas: repensando o conceito. In.: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

A Megera conta que muitas foram as conversas entre ela e as demais irmãs, no sentido de que “o Oscar não teria coragem de fazer isso com nós, com a nossa família inteira”. As suspeitas não cessavam e ela e outra irmã decidiram conversar com a mãe sobre o assunto, por acreditar que a mãe seria mais forte que o pai. No começo da conversa, a mãe teria dito que,

não, que você (Oscar) nunca iria fazer ou ser assim, que TODAS as noites o que mais ela pedia para Deus é que você levasse uma namorada pra apresentar pra eles, mais depois ela foi falando que temia muito mais, estava achando que tinha alguma coisa errada, pois você só ficava no quarto, não falava com mais ninguém, e que ela tinha ido mexer no teu computador e celular e tinha visto umas coisas estranhas, fotos, sabe disso né. (MEGERA, DC, 2015, p. 01)

O enunciado de que Oscar “não teria coragem de fazer isso”, ser homossexual, expressa a concepção de que a homossexualidade é uma escolha que estaria condicionada a confrontar a família ou coloca-la sobre suspeita. Há um medo generalizado pelas mulheres da família e uma perseguição a Oscar, que fica expresso também em outros trechos da carta. Os desejos da mãe, substanciados em preces, estão voltados para que Oscar corresponda aos papéis sócio-sexuais pré-estabelecidos e, claro, heteronormatizados.

As subjetivações nos sujeitos que não se encaixam ou não correspondem às visões naturalistas e estruturalistas de masculinidade requerem daqueles sujeitos outra relação com o “corpo”. Requerem que eles superem tais dicotomias racionalistas e estruturalistas, historicamente presentes na definição do que seja ser homem ou mesmo ter um corpo de homem ou do que se espera de um homem. No caso de Oscar, espera-se que ele se torne progenitor e repasse o sobrenome da

família. Isto se consubstancia na carta pela caixa alta reservada ao enunciado “NAMORADA”. A Megera utiliza-se do discurso hegemônico para reduzir as possibilidades do sujeito à heterossexualidade, ignorando o corpo como processo de construção/expressão/variação subjetiva e de objetivação das práticas sócio-histórico-econômico-culturais, dos biopoderes ³²⁹, do discursivo, do biológico, do psíquico e da cognição. E neste sentido, “a hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão”. ³³⁰

Na sequência, segundo os fatos narrados pela Megera, dias depois da conversa, a mãe entraria em um estágio vegetativo e não diagnosticado, por vários dias. Megera segue afirmando que tal condição clínica da mãe é “estresse” e “esgotamento nervoso” pós “conversa com ela sobre você (Oscar) ser g... não gosto nem de pensar e muito menos falar essa palavra”. Aqui seria a segunda vez que a Megera expressaria sua convicção sobre o irmão ser gay. Ela não escreve a palavra toda, apenas “g” seguido de reticências. É uma tentativa de demonstrar quão vergonhosa é a condição a que Oscar, deliberadamente, e sem preocupações com os outros, estava se submetendo. Importante lembrar que à época da carta, agosto de 2015, Oscar já namorava Will, e justamente essa relação é que havia sido o ponto máximo do afrontamento impetrado por Oscar. Há ainda a grave atribuição ao irmão

³²⁹ FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a

³³⁰ CONNELL, Robert W & MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidades Hegemônicas: repensando o conceito. In.: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, 2013, p. 245.

da doença da mãe não diagnosticada. Destaque-se que até este ponto da carta, Oscar havia sido não só acusado de abandonar, confrontar a família, mas, principalmente, de ter levado a mãe a convalescer.

A carta de Megera segue dizendo que teve uma conversa com Oscar quando a mãe já havia voltado a casa, mas, ainda doente. Afirma que Oscar

tinha contado pros teus amigos sobre a mãe (ter adoecido) e que até então não tinha te caído a fixa de como a mãe estava. Mais tenho certeza que aquele dia te pesou a consciência, pois você tinha ido pra lá (viagem a outra cidade) fazer ou ficar com quem não devia, e querendo ou não era o motivo da mãe estar como estava. (MEGERA, DC, 2015, p. 02)

Megera ainda se pergunta e afirma:

Onde está aquele Oscar que sentava com a gente, conversava, brincava. Gostaria tanto de saber onde ele foi, e porque veio esse Oscar rancoroso, de mal com a vida (família), sempre burrento, bravo, não conversa com ninguém, não senta junto de nós nem para fazer as refeições, pra conversar contar uma história, falar como foi o seu dia, nada. (MEGERA, DC, 2015, p. 01)

Segundo a narrativa, há um isolamento por parte de Oscar que abala e consterna a família. É, em termos religiosos, como se Oscar estivesse possuído por um outro ser, um outro ente. E claro, esta nova identidade não era passível de ser acolhida, nem participar daquela família. Megera afirma que o que lhe “dói no fundo da alma é ver como (Oscar) se tornou MENTIROSO, pra mim (a irmã) isso é a pior coisa do mundo, e quando começa a descobrir as tuas mentiras a gente começa a perder toda a confiança”. E continua, “e você um cara que frequenta a igreja grupos de jovens, Rondon, viajou por toda a parte do mundo já, e

vem fazendo isso, coisas que são totalmente foras dos princípios da igreja, que já viu tantas realidades”.

Megera agencia características conjunturais para estabelecer uma relação lógica entre a homossexualidade e um caráter e uma personalidade, degenerados. Situações, inclusive, que tem uma gênese no social; na impossibilidade tácita de Oscar dizer-lhes aonde ia, por exemplo, em uma característica da personalidade de Oscar, intrínseca e optada por ele. Sabe-se que subjetivamente os segredos, além da produção de inúmeras “flexibilizações da verdade”, omissões e até mentiras, promovem situações de confronto, de conflitos sociais e pessoais. As lacunas constituídas por esses segredos organizam as relações, fabricando um tipo de atenção desconfiada e persecutória. A intimidade passa a ser violada, os julgamentos e punições são o mote dessas relações.

Nesse sentido, há uma dupla violência nesta situação, pois a posição de sujeito homossexual é negada e diminuída, e na tentativa de experimentá-la o sujeito passa a ter que viver em um mundo de sofismas e isolamento, em uma tentativa de não ser descoberto. É nitidamente o triunfo da norma a produzir pessoas que não se voltam para si em termos de reflexão e cuidado, mas, passam a viver com medo do que são, assolados pelas verdades dos outros, dominados, assujeitam-se e por vezes tornam-se abjetos.

Outro recurso utilizado para minar a confiança na integralidade do sujeito é fazendo-o adquirir dívidas simbólicas, além, das econômicas e financeiras, dos auxílios. Por exemplo, a carta afirma que,

como é triste a gente ver isso acontecendo com quem a gente ama muito, que sempre sonhou em ter um futuro bom, que sempre vez de tudo para

ajudar, sempre se preocupando com tudo a teu respeito, e de repente, começa ver que essa pessoa mudou muito e infelizmente para um lado totalmente ruim. (MEGERA, DC, 2015, p. 01)

Nessa mesma economia sentimental, Megera argumenta reiteradamente que Oscar trata mal aos pais, especialmente, ao pai. E na carta, revela a Oscar situações que ele desconhece, mas que estão ligados diretamente aos seus processos, segundo ela. Megera conta a Oscar situações que ela vive e compartilha com os pais, como é o caso da crise de choro que recentemente a mãe havia tido,

achei que ia dar outro negócio nela, tive que fazer ela sentar e se acalmar na frente das meninas que estavam lá brincando, só falando na preocupação que ela tem com você, no medo de você ser G... que ela não aceita isso de jeito nenhum, que isso não é coisa de Deus, pois Deus quer ver as famílias felizes marido mulher e filhos, que o que vai ser deles se isso vim acontecer, que o pai nem desconfia de nada disso, que a vida dela é só rezar e pedir para DEUS que você tenha uma namorada, que a vida deles sempre foi de ajudar todo mundo de irem na igreja, e isso acontecer justo com a nossa família, você não tem noção como eu fiquei. (MEGERA, DC, 2015, p. 04)

A noção de estigma aqui toma uma proporção interessante para enunciar o processo de culpabilização, de demonstração da pureza e retidão da família, que, por um castigo divino sofre as consequências de algum pecado.³³¹ A carta também é uma declaração do quanto à família é afeta a Oscar e de como isto torna ainda mais grave as escolhas que tem feito. Megera afirma que “VOCÊ (Oscar) não tem noção o quanto todos nós te amamos, e vou te dizer uma coisa, o pai é a pessoa que

³³¹ GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC. 1975.

mais te ama e sofre ao mesmo tempo por toda essa situação, de não conseguir ter uma conversa com você, de não poder te ouvir e nem você falar com ele”. “Sabe qual é o maior medo do pai, ele tem muito medo de VOCÊ, que você saia de casa e vai embora. Seria o fim para ele e consequentemente pra mãe também”. A todo momento, a eminente desgraça ou desaparecimento dos pais se torna um recurso para previamente responsabilizar e conectar a homossexualidade por todas as mazelas da família. É como se não houvesse outros “problemas” familiares. E que a felicidade imperava enquanto não havia a mácula da homossexualidade rondando essa família.

Na busca por obter contundentes provas do crime, que Oscar sorrateiramente tem praticado e se *esgayirado*, Megera conta na carta que ao vasculhar a mochila de Oscar, com o objetivo de encontrar uma aliança, que ela teria visto no dedo dele ao buscá-lo em uma rodoviária. Megera teria encontrado não só a aliança, mas também “uma carta em vermelho, assinado por WILLIAN que quando li minhas pernas foram se amolecendo, fiquei sem chão, sem ar, sem saber o que fazer, e a prova da mentira, uma passagem para Realeza Paraná”. Megera ainda conta das confirmações que encontrou no *facebook* do relacionamento dele com Willian.

Lembre-se da noção de poder pastoral ^{332 e 333} para Foucault, na qual a veridicção e a confissão são uma manifestação no indivíduo de

³³² FOUCAULT, M. **A história da Sexualidade**: A vontade de saber. Trad. Maria Therez da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 23ª impressão. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2013.

³³³ FOUCAULT, M. Técnicas de Si. In: **Dits et écrits**. Tradução de por Karla Neves e Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimard, Vol. IV, pp. 783-813. 1994. Disponível em: <http://metodologiaangel.files.wordpress.com/2010/10/foucault-michel_astc3a9cnicas-de-si_1982.pdf> Acesso em 27 ago. 2012.

uma entidade (transcendental ou secular) que cuida e vigia, forçando ao sujeito uma autoanálise e uma confissão, para si e para os outros. Tal processo foi “institucionalizado” no ocidente pelo cristianismo. Esse tipo de pastorado, chamado eclesiástico, centralizou a “missão” de salvar a todos e a cada um individualmente por meio de um governo das almas. Nesse perspectiva, argumenta Foucault que,

o cristianismo exige uma outra forma de obrigação com a verdade, diferente da fé. Requer de cada um que saiba o que é, quer dizer, que se empenhe em descobrir, aquilo que passa em si mesmo, que reconheça suas faltas, admita suas tentações, localize seus desejos; cada um deve em seguida revelar essas coisas seja a Deus, seja aos outros membros da comunidade, conduzindo desta maneira a um testemunho, público ou de caráter privado, contra si próprio. Um laço existe entre as obrigações com a verdade que concernem à fé e aquelas que tocam ao indivíduo. Esse laço permite uma purificação da alma, impossível sem o conhecimento de si (1994, p. 16)

Nesta perspectiva, destaque-se que no curso do desenvolvimento ocidental esta tecnologia de controle passou a ser adotada pelo estado moderno. Estes fatores históricos, como a formação do estado-nação e todo o aparato tecnológico envolvido, associado às reformas religiosas do século XVI, ambas na Europa, produziram, segundo Foucault, uma crise no pastorado. Colocando a questão do governo sob questionamento, sem, entretanto, extingui-lo. Foucault ³³⁴ demonstra que no século XVII a racionalização da prática da soberania e da economia como governo estava restrita por conta desta última restringir-se à família e à casa.

³³⁴ FOUCAULT, M. A Governamentalidade. In: MACHADO, R. (Org.). **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 2004c.

No caso em tela, o espaço rural reproduz características importantes desse domínio relacional entre economia e família. Não por acaso, Megera conclama Oscar a, primeiro, confessar que é homossexual, em segundo, arrepender-se deste desvio, para, por fim, purificar-se no seio da família. O interessante do poder pastoral é que ele pressupõe o conhecimento de si como ferramenta para negação de si, não de um cuidado ou de uma resistência, mas, de sujeição à família, ao amor da família, e, ao amor a Deus e de Deus.

Megera afirma em vários momentos da carta que Oscar não ama mais a família, exceção, a irmã mais o e seu marido. Afirma Megera, “eu percebo ultimamente, não sei se é por eles serem mais novos e te entenderem mais, ou o que”. Há uma explícita invocação da heteronorma como produtora incontestável do verdadeiro sentido da vida. Negar tais responsabilidades deveria ser inadmissível a Oscar, segundo a irmã. Isso fica bastante evidente no fragmento que segue,

tenho certeza que no momento em que você apresentar uma NAMORADA pra nossa família, a emoção vai ser tanta que a mãe vai ficar boa na hora, nunca mais vai reclamar de dor e o pai então se já chora quando você abraça ele, imagina em chegar com uma namorada. Tenho muito medo pelos nossos pais, que eles não vão durar muito tempo, e que não vão ver esse sonho deles se realizando. (MEGERA, DC, 2015, p. 05)

Os problemas vários da família são colocados como desinências da existência gay de Oscar. Justamente, argumenta-se na carta que ele poderia resolver, quase que operando milagres da cura, tanto física como afetiva, se namorasse uma mulher, destaque para a caixa alta para a palavra “NAMORADA”. O desejo de Oscar, quem ele é sua relação amorosa atual com Willian são negadas e devem ser superadas por ele.

Em outro trecho, a irmã narra, “por isso te peço mais uma vez, olhe bem o que esta fazendo, não só contigo e sim com toda tua família que te ama muito, e só quer o teu bem e a tua felicidade”.

A carta é finalizada assim:

te amo muito que você nem tem noção. Rezo todas as noites para que você tome juízo na cabeça, e siga o caminho certo. Não sei qual vai ser a tua reação depois de ler tudo isso, mais saiba que vou estar aqui pronta e te esperando pra te ouvir, pois gostaria muito de conversar pessoalmente com você sobre tudo isso. TE AMO TE AMO TE AMO MEU IRMÃO. (MEGERA, DC, 2015, p. 07)

A carta, em vários momentos, me causou muita raiva e indignação. Particularmente, pela autoridade de verdade que se confere à heterossexualidade, à dúvida que Oscar tem com a família, ao incontestado desvio do bem a que Oscar se enveredou. Seu conteúdo corrobora um discurso sobre a homossexualidade que deve permanecer na invisibilidade, a ponto de não ser colocada na escrita, nas palavras da irmã, “não gosto nem de pensar e muito menos falar essa palavra”. Destaque-se o caráter “menor” atribuído à questão da homossexualidade/gaycidade. A heterossexualidade não é questionada na sua normatividade, e tampouco a matriz sexo/gênero é atacada. Ao contrário, é enaltecida no enunciado de Oscar: encontrar uma “NAMORADA”, escrito em maiúsculas, em contrapartida do enunciado “gay” ser escrito apenas por “g...”, seguido de reticências.

A leitura da carta reforçou em mim a necessidade de criação e construção de espaços e territórios de enunciações que contribuam: para produção de outras verdades sobre a homossexualidade; para a problematização dos discursos homofóbicos e sua desconstrução; e pela

visibilização e posituação do corpo, gênero e sexualidade desviantes. Destaco as perspectivas feministas e pós-estruturalistas são fontes inspiradoras para construção de estratégias interdiscursivas e enunciativas de liberdade e igualdade. Quanto terminei de ler a carta, restou-me solidariedade a Oscar e a Will, e um pouco de indignação, é justo dizer. A Oscar ainda caberia à decisão de responder à irmã, o que fez com verdade e cuidado de si.

No item que segue, abordo fragmentos da carta resposta de Oscar.

5.5.3 Sobre o amor à família e aos homens

“Ceder a uma tentação é a única maneira de nos libertarmos dela. Se lhe resistimos, a alma enlanguesce, adoce com as saudades de tudo o que a si mesma proíbe, e de desejo por tudo o que as suas leis monstruosas converteram em monstruosidade e ilegalidade”.
(Oscar Wilde)³³⁵

Por vezes, a castração, a família, a igreja, os compadres, tem resultados opostos à manutenção e produção de subjetividades previsíveis, heterossexuais e matrimoniais; ainda que sutis e escamoteados pelo segredo e pelo afastamento daqueles que podem denunciar estes desvios. O ideário sócio-antropológico sobre pessoas que vivem em cidades pequenas ou em áreas rurais faz grande referência às relações vicinais, de parentesco, de compadrios, de transmissão da propriedade e da família nucleada e extensa. Confundem ou fazem parecer que o desejo ou desejos do homem e da mulher camponesa se restringe(m) a esse viver o *status quo* de maneira resignada.

Esse hiato ou generalização sobre a sexualidade campesina, que ressurgiu na carta da irmã para Oscar, conclama um território vinculado justamente a este imaginário de uma identidade campesina. Desta identidade do homem do interior, de uma mitigação, do saber sociológico inculcado em nossas mentes, de um saber que hegemoniza pela generalização da norma, ou do desejo de que a norma cumpra-se, institucionalize-se. Este imaginário sobre o homem/mulher do campo ou de cidades pequenas esta preservado mesmo aos olhares mais atentos;

³³⁵ WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução de: Maria de Lurdes Sousa Ruivo. Abril ControlJornal. 2000, p. 16.

Embora não resista às experimentações, aos encontros, aos passeios, às exigências da vida moderna a que as cidades pequenas também estão suscetíveis.

Pela perspectiva da heterossexualidade compulsória, de forma radical, a homossexualidade de homens pode ser pensada como uma das masculinidades existentes; mas, subordinada e privada de inúmeras vantagens de existência e de exercícios de certos poderes presumíveis para a masculinidade heterossexual hegemônica. Como já ressaltou Miskolci, “o movimento homossexual se via [na década de 1980] enredado no dispositivo de sexualidade prometendo liberação ao mesmo tempo em que permitia que ele funcionasse”.³³⁶ Notavelmente, nas últimas décadas e nos grandes centros urbanos (mas também nas periferias e territórios não urbanos), tem havido uma visibilidade/aceitabilidade maior das questões homossexuais, e isto tem colocado aos

homosexuales en una posición no sólo vulnerable, sino contradictoria. Por una parte, pueden vivir abiertamente, casarse y hasta adoptar hijos en algunos países; por la otra, siguen siendo objeto de una homofobia a veces violenta. Por un lado, la “normalización”; por el otro el riesgo, sobre todo cuando no están en aquellos (pocos) lugares en los cuales ya no importa la orientación sexual de las personas.³³⁷

³³⁶ MISKOLCI, R. Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer. In.: **Michel Foucault** : sexualidade, corpo e direito / Luiz Antônio Francisco de Souza, Thiago Teixeira Sabatine e Boris Ribeiro de Magalhães, organizadores. – Marília. : Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 49.

³³⁷ CASTAÑEDA, MARINA. La dignidad gay. In: TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva, PERES, Wiliam Siqueira, RONDINI, Carina Alexandra, SOUZA, Leonardo Lemos de.(Orgs). **Queering**: problematizações e insurgências na Psicologia Contemporânea. Cuiabá, MT: Edufimt.. 2013, p. 27)

Para Castañeda ³³⁸, a “normalização” derivada destes processos de aceitação, mesmo que restrita e territorializada, destaca a possibilidade de se viver a homossexualidade de maneira mais digna e que a sociedade está aberta a assimilações de certa homossexualidade. E, inclusive, de conceder-lhe direitos civis plenos. ³³⁹ A questão reside justamente no fato de que a homossexualidade tolerada pela matriz heterossexual de mundo é aquela assujeitada à heterossexualidade compulsória. Aceita-se uma homossexualidade higienizada e controlada, a qual deve ser o espelho de uma sexualidade binária, fundada na família burguesa e no controle dos corpos. ³⁴⁰ Não há dúvidas de que esta concepção da homossexualidade necessita ser problematizada e colocada em questão, justamente, pela violência normatizante que encerra e pela superficialização política que engendra em torno das lutas e dos movimentos sociais identitários e pós-identitários.

A carta resposta de Oscar apresenta uma resistência à fixidez concernente à homossexualidade heteronormatizada; à “identidade” camponesa; aos cenários e processos da vida em comunidades de cidades pequenas; e, às possibilidades de novos modos de vidas ou de práticas culturais normativas. A diversidade, a efetiva configuração e produção de subjetividades destes homens e mulheres do campo superam não a imaginação sociológica, mas o que seu *corpus* analítico

³³⁸ CASTAÑEDA, MARINA. La dignidad gay. In: TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva, PERES, Wiliam Siqueira, RONDINI, Carina Alexandra, SOUZA, Leonardo Lemos de.(Orgs). **Queering**: problematizações e insurgências na Psicologia Contemporânea. Cuiabá, MT: Edufmt.. 2013

³³⁹ GOLIN, Célio; WEILER, LUIS et al. **Homossexualidade, cultura e política**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

³⁴⁰ FOUCAULT, M. **A história da Sexualidade**: A vontade de saber. Trad. Maria Therez da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 23ª impressão. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2013.

açambarca. Os fragmentos da carta resposta de Oscar à irmã apresentam uma contestação, enquanto homem de cidade pequena, as funções de exclusividade da família, da propriedade e da tradição. Destaca como o discurso heteronormativo da irmã ignora as dinâmicas de existências, de estéticas e dos desejos mais estruturalmente reprimidos, os quais estão muito além de suas economias campesinas ou das ontologias acadêmicas. Fica evidente, na carta resposta, que viver em uma cidade do interior implica em um movimento de resistência que busca a experimentação subjetiva da diferença.

A carta de Oscar começa digredindo sobre a perda do melhor amigo na infância e de como isso afetou no seu comportamento para fazer outros amigos. Isto mudaria com sua entrada na “Colégio Agrícola”, onde Oscar teria feito muitas amizades que carrega “até hoje”. Afirma ele,

no colégio pra mim foi fácil, não conhecia ninguém, mas nenhum de nós 120 alunos conhecia alguém, então estávamos todos na mesma. Logo no primeiro dia fiz varias “amizades”, algumas que carrego até hoje, o pessoal do quarto era como meus irmãos, e minha família, afinal, dormíamos, comemos, tomávamos banho, estudava e trabalhava todos juntos e no mesmo lugar. (OSCAR, 2015, p. 03.)

Ao tornarem-se exclusivamente estudantes, em um território de alteridade, no caso o “Colégio Agrícola”, que funcionava como uma espécie de internato, Oscar e seus colegas vislumbram a possibilidade de encontrar-se com outros sem serem assujeitados por esses eles. Possivelmente, passam a ter uma temporalidade distinta que cria territórios e possibilidades de uma dedicação a si mesmo.

Foucault ³⁴¹ enumera inúmeras tarefas práticas desse ocupar-se de si, tais como os cuidados com o corpo, a satisfação comedida das necessidades, as meditações, as leituras, e outras várias. Entretanto, faz-se necessário lembrar que essas anotações de Foucault são historicamente referenciadas e localizadas. Factualmente, no Colégio Agrícola havia austeridade cristã, pois, era uma instituição confessional, La Sallista. Havia a experimentação de um tipo de ascese que exige certo compromisso de voltar-se para si e de conhecer-se para o bom desempenho das atividades naquela comunidade.

Dito isto, ressalto as possibilidades de vínculo com o social, com o grupo, com os outros, distintivo daquele vivido com a família. Tomemos a amizade como exemplo e as reflexões a partir da amizade epicurista, no entendimento de Foucault ³⁴². Na relação com o amigo - esse outro sujeito, na possibilidade do tempo despendido a ele e com ele - encontra-se a confiança de que não se está sozinho no mundo e a esperança da reciprocidade. A vida no internato, com um mundo de estranhos, intensifica relações intersubjetivas e sociais, trocas sensíveis.

Na sequência da carta resposta, Oscar fala sobre o fim do Ensino Médio e do período de escolha da faculdade. Uma experiência marcada pelas possibilidades de classe, por não poder pagar a faculdade desejada de Medicina Veterinária. À época, tal curso era oferecido apenas em instituições privadas naquela região. Dada à realidade econômica de sua família, optou, com a ajuda de um professor, pela Faculdade de Zootecnia, que se aproximava do desejo primeiro de Oscar e era

³⁴¹ FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. 2010, 438p. 165-7

³⁴² Id., Ibid.

conjuntural e economicamente viável. Isto exigiu da família e dele muitas concessões, como, por exemplo, não ajudar nas atividades da propriedade familiar.

Novamente, a rotina de viver longe de casa e ser estudante em um território inexplorado foram fundamentais no processo de subjetivação de Oscar, conta ele,

quando iniciei [a faculdade de Zootecnia] morava só com a [irmã mais nova] e a [prima], tinha meus horários pra acordar, pra dormir, pra estudar e pra sair pela cidade, ir na casa dos amigos, participar de vários grupos de pesquisa e principalmente me envolver em tudo o que eu podia dentro da universidade, foi o que eu fiz, no primeiro ano busquei fazer amizades e saber realmente o que era uma universidade, como ela funcionava”. (OSCAR, 2015, p. 03)

A amizade com uma mulher desconstruiu inúmeros preconceitos em Oscar,

Nesses 4 anos juntos, ouvi muitas vezes vocês pedindo o que eu fazia tanto com a [minha amiga], e tudo mais, mas sabe, nesses 4 anos, ela serviu como mãe, como pai, como irmão e Irma, sabemos tudo um da vida do outro, e não escondemos nada, brigas eu nunca tive com ela. Mas [ela] não é o principal assunto, só queria mostrar um pouco o quão ela é importante pra mim. (OSCAR, 2015, p. 0)

Oscar encontra na amiga a possibilidade de não manter segredos, de ser quem é. Constituindo, com o exercício da verdade, práticas de liberdade que possibilitam ao sujeito experiências mais autônomas na constituição da subjetividade. Produzindo sobremaneira um cuidado de si que não se submete ao contexto social ou apenas ao conhecimento de si, mas, justamente, assume reflexiva e asceticamente,

em alguma medida, a própria existência, seus jogos de verdade e de relações de poder.

A (ética da) amizade e o (ética do) cuidado de si seriam alternativas de refazermos o tecido social, que na contemporaneidade está fragmentado e disciplinarizado. As relações limitadas por aspectos econômicos e dietéticos são ampliadas para outras possibilidades estéticas, éticas e políticas, por meio destas relações. Por meio destas práticas, o sujeito pode abandonar ou suspeitar, ao menos, das verdades a-históricas e vincular-se a outros modos de vida.

Oscar conta na carta como a amizade de um homem e uma mulher é algo desconstrutor e contestador. Nesta mesma parte da carta, expõe sua compreensão de que para ele um relacionamento erótico com uma mulher não estava no horizonte do seu desejo. Ele narra que nas muitas festas universitárias, “recebia muitas cantadas das meninas, mas não tinha interesse por nenhuma, não conseguia me ver beijando uma menina, porém às vezes bebia de mais e acabava rolando algo com alguém, mas nunca queria nada além” (OSCAR, 2015, p. 05). Nestes encontros, relata que conheceu

uma menina da zoo, que já estava no 8 período na época, mesmo não querendo nada eu tentei manter algo mais serio com ela, porém não aguentei nem 1 mês, eu me sentia mal perto dela, porque eu a estava enganando, não conseguia ter atração nenhuma quem dera desenvolver um sentimento, logo depois terminamos, o que nem havia começado e eu decidi não tentar mais, pois eu sabia que não era aquilo que eu queria pra mim. (OSCAR, 2015, p. 05)

No contexto da cidade em que estudava Oscar, de Realeza e das cidades de onde vieram os participantes, a vigilância e o controle são intensos e incidem diretamente nos comportamentos e ações dos

sujeitos. Nesse sentido, a produção de performances heteronormatizadas podem se configurar em uma fabricação de existência no mundo; Produz-se a partir dessas reproduções, ainda que paradoxalmente, ações que desviam os olhares provincianos, suspendem a identificação da homossexualidade ou de traços do considerado homossexual ou mesmo de uma comunicabilidade que um corpo masculino mais efeminado cria, por mais que o sujeito não seja gay.

Este processo da experiência heterossexual, como possibilidade de surgimento de um desejo pelo sexo oposto, destaca como a presença da heterossexualidade compulsória contingência os sujeitos a relações fragilizadas e fundadas na exterioridade da norma. No caso de Oscar, a verdade de seu desejo afeta sobremaneira sua tomada de decisão ética e, claro, da assunção para si de seus processos eróticos. A experiência produz resistência às normatividades, por meio da constatação de que dadas classificações e diferenciações são conceitos. Portanto, complexos e emergentes de contextos histórico-culturais, necessariamente passíveis de transformações. O educar-se a si mesmo, a reflexão e o enfrentamento dos jogos de verdade, das normas, são, talvez, o campo mais profícuo para se produzir essas novas operações simbólicas de si, da sexualidade e da própria normatividade ³⁴³.

Oscar conta na carta resposta que ao final de 2012 formou-se em Técnico em Agropecuária. Um ano depois, já cursando Zootecnia, resolve voltar para casa para ajudar o pai, que demonstrava dificuldade em realizar determinadas atividades. Relata que, por estar cursando a

³⁴³ DINIS, F. Revisitando o binômio sexo-gênero. **Revista Artemis**. 15(1). 123-34. 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/16643/9509>, acessado em 10/12/2015.

faculdade, teve muita dificuldade em manter o nível acadêmico de quando morava na cidade da Universidade. Em partes, por conta de não haver rede de internet na propriedade da família e toda a lógica cultural que isso desencadeava.

Conta Oscar que “além do fator “viver isolado do mundo”” havia também uma dificuldade na relação que se estabeleceu com o pai, pois, o mesmo não aceitava as sugestões técnicas para a propriedade ou o fazia com muita dificuldade. Oscar vai deixando evidente na carta que adquirira certa autonomia como sujeito e que a tradição e os costumes patriarcais não lhe diziam mais respeito. Afirma ele,

quando eu voltei pra casa eu era outra pessoa, com o mesmo amor pelos meus pais, porem sem os mesmos costumes. Eu sempre tive ciente do porque eles me cobram tanto, sim é que eles me amam e não querem que nada de mal aconteça comigo, ou que eu me envolva com gente do mal, com drogas ou algo do tipo, porém todo dia era a mesma coisa:

- Oscar que horas volta? – Oscar precisa ir na aula hoje? - Oscar se vire e venha mais cedo, porque eu não vou tirar as vacas!! – Oscar vai deixar esse carro aonde? ou quando eu queria sair pra algum lugar, tinha que passar até o numero de telefone de quem estava comigo e o que mais me incomodava era ter que pedir dinheiro pra eles pra poder sair, e no outro dizer onde gastei cada centavo... isso sempre foi o que mais me incomodou, tantas perguntas me deixava estressado, e me incomodava, porque eu não tinha mais aquela coisa de viver dando explicação pra tudo. E assim foi passando e eu levando como podia. (OSCAR, 2015, p. 05.)

O cotidiano produz certos resultados dos efeitos do poder que vão se organizando e orientando as ações humanas, como diria Foucault ³⁴⁴, são assinalados e permeiam transformações/borramentos de fronteiras temporais-espaciais. Oscar, ao ter que voltar a viver determinadas práticas, voltadas para o cuidado com o sítio e sobre as regras do pai, relata a sensação de encontrar-se em uma prisão. Ele é privado de determinados prazeres necessários à reflexão e ao cuidado de si. Sem autonomia, sem intimidade, sem privacidade, sem poder de decisão, sente-se assujeitado e infeliz. Na carta, busca expor seu esforço subjetivo e comunitário para lidar com a cultura dos pais, que tentam controlá-lo, ingerir nos seus tempos e espaços. Os processos legítimos de experimentação da diferença são subtraídos em detrimento de outras linguagens e territórios.

Essas significações e aprendizagens a partir da experiência evidencia-se na trajetória de Oscar quando ele narra seus processos de autoconhecimento, de cuidado de si e da visibilização de suas possibilidades enquanto sujeito do desejo. Ao conhecer um rapaz, Angel, de uma cidade vizinha, em uma festa de um congresso de Biomedicina que ocorreu na cidade em que estudava, ressignifica suas possibilidades de desejo e de vivência de suas relações erótico-afetivo-sexuais. Segundo ele, encontrar “um menino da minha idade mais tímido que eu, mais muito bonito e aquilo me chamou a atenção. Ali começou mais uma “amizade”, começamos a conversar, falávamos de muitas coisas, inclusive sobre gays e afins”. Com o afastamento do mesmo da universidade, perderam a convivência. Contudo, afirma

³⁴⁴ FOUCAULT M. **História da sexualidade**, Volume 1: A Vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal; 2001.

Oscar, “depois de tanto conversar com ele eu me senti muito melhor, pois tinha tido contato com uma pessoa que pensava da mesma forma que eu, tinha os mesmos sentimentos”.

A convivência com uma imagem negativa da homossexualidade provoca em Oscar inúmeras angústias, medos, frustrações e introspecção. Na amizade, no franco falar, na possibilidade de dizer a verdade, Oscar tranquiliza-se. Encontra-se no mundo enquanto um sujeito possível. Resiste, a seu modo, aos valores heteronormativos, moralistas, punitivos que negam direitos humanos, salvaguardados por esse descompasso entre o instituído e as existências. Neste processo não somente a questão da resistência, sobretudo, da estetização, e, conseqüentemente, politização da experiência. Oscar produz-se sujeito de verdade e combate a discriminação, o preconceito e a violência, sofrida por ele. Evidenciando-se a necessária criação de estratégias individuais e coletivas para lidar com o preconceito ³⁴⁵ em sua complexidade. Ressalte-se ainda seu potencial enquanto processo político de lutas e de cidadania.

Oscar retoma na carta a narrativa sobre Angel. Conta ele: “no sábado [do congresso de biomedicina] ele me adicionou no *facebook* e a gente começou a conversar, nos conhecemos melhor.... e assim foi indo, conversávamos meio seguido sobre todos os assuntos, e assim foi por quase 1 mês”. Acompanhando uma professora a uma banca avaliadora de Mestrado, sem dinheiro para a hospedagem, pediu “pouso” na casa de Angel. Prontamente, foi acolhido,

³⁴⁵ MADUREIRA, Ana F. do A.; BRANCO, Angela M. C. U. de A. Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(1), 81-90. 2007. Disponível em, <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722007000100010>.

Ele me levava e me buscava todos os dias na UDESC, saímos em baladas e bares jantar.... e com tudo isso começamos a nos conhecer mais, e acabamos ficando, e fomos ficando mais próximos e foi aí que eu despertei um desejo e um sentimento muito forte por ele e ele por mim”.
346

Com a aproximação de Angel, Oscar começou a se fazer perguntas: “Porém junto com tudo isso [despertar de desejo e sentimento forte] começou a surgir a dúvida e aí e agora como contar pros meus pais? Como vai ser? Como vamos nos ver?”. A esta altura, no relato da carta e da trajetória de Oscar, já não havia mais a possibilidade do assujeitamento, a dúvida era apenas da estratégia que teria que usar para provocar o menor dano possível nas estruturas de verdade dos pais e da família. Entretanto, já não eram mais essas verdades que estavam em questão, pois, o desejo de não ser governado, de governar-se a si mesmo já havia inundado sua vida. Ele busca sair de sua minoridade.³⁴⁷

Oscar Relata na carta como se sentiu a partir daqueles encontros, diz ele, “eu queria aquilo pra mim, eu me sentia a pessoa mais feliz do lado dele, e me sentia bem, porque antes eu só sentia insegurança, tinha medo de tudo e de todos, me sentia perdido, sem saber o que era aquilo que eu sentia”. Relata que se empenhava em pensar em alternativas para ficar mais próximo de Angel, afirma ele: “então pensei em pedir transferência pra veterinária, e por um lado realizar o sonho do pai, de

³⁴⁶ OSCAR, 2015, p. 07.

³⁴⁷ FOUCAULT, M. **Qu'est-ce que la critique?** Critique et Aufklärung. Bulletin de la Société française de philosophie, Vol. 82, n° 2, pp. 35 - 63, avr/juin (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela Lafeté Borges e revisão de wanderson flor do nascimento. 1990. Disponível em <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/critica.pdf>

ter um filho veterinário, e por outro poder ficar mais próximo dele [Angel] e poder ser eu mesmo, sem sentir tanto medo.

Esse medo que Oscar fala na carta é distinto do tipo de medo que sentia antes. Ele explica, que “foi isso que comecei a sentir, medo de vocês, medo de descobrirem algo e me expulsarem de casa, de não querer mais me ver, de me abandonarem”. O medo é presente, pois, em dado momento, os segredos podem ser revelados e consequências podem ser bastante mórbidas. Lembre-se que no ocidente e não só nas sociedades rurais os homens são um investimento, uma questão econômica na relação com a família. Ao nascerem, trazem consigo uma expectativa, uma dívida, ainda mais em uma família de filhas mulheres, o caso de Oscar. E neste sentido a recorrência da associação da homossexualidade, no imaginário social, a questões misóginas e do feminino se torna imperiosa. Como, em geral, no campo as mulheres não herdam as terras, ao menos as produtivas, um homossexual também, por analogia, não seria um herdeiro legítimo.

Oscar, na continuidade do seu relato, conta que tentou a transferência, mas não obteve sucesso, fez vestibular para a faculdade da cidade de Angel e foi aprovado, mas, sem o consentimento dos pais para se transferir, desiste. Continuaram o relacionamento à distância, e Oscar aproveitava todas as oportunidades para ir encontrar Angel. O medo sobre ser descoberto pela família aumentava.

Eu comecei a me perguntar em como seria se eu contasse? E o medo foi aumentando, cada vez mais eu me sentia mais inseguro perto de vocês, porque eu vivia com essa coisa entalada querendo contar, mas ao mesmo tempo eu tinha tanto medo que eu me fazia a pergunta do porque eu era daquele jeito? O porquê eu gostava de homem e não de mulher? Por quê??? (OSCAR, 2015, p. 08)

Na tentativa de entender melhor sua posição de sujeito, a condição de seu desejo, Oscar relata na carta resposta que começa

a pesquisar sobre isso, ler livros, ver na internet, e conforme eu ia lendo mais eu ia me conhecendo e me identificando com tudo aquilo e me aceitando, aceitando que aquele era o meu desejo e que era daquele jeito que eu conseguia ser feliz e ver realmente o que era felicidade”. (OSCAR, 2015, p. 08)

Destaque-se que há trabalhos que problematizam como as representações da homossexualidade ocorrem em outras esferas sociais, ressaltando como a mídia têm tendido a cooptação de jovens para o compromisso com a “tolerância”³⁴⁸ e com as próprias mobilizações LGBTT³⁴⁹. Em outros estudos^{350, 351 e 352}, aponta-se para a importância

³⁴⁸ SCHMIDT, S; STOCKER, P. Comunicação, juventude e diversidade. **Eptic Online**; 15(3): 177-89. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/1364/1365>, acessado em 19 de agosto de 2015.

³⁴⁹ GROSSI, M. P. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **Cadernos Pagu**; 21: 261-80. 2003. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332003000200011>, acessado em 19 de agosto de 2015.

³⁵⁰ MOTT, L. Homo-afetividade e direitos humanos. *Estudos Feministas*; 14(2): 509-21. 2006 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000200011/7762>, acessado em 20 de agosto de 2015.

³⁵¹ CORREA, M. V., ARAN, M. Artigo retirado da Internet. **Physis**. Rio de Janeiro, 14, (2). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312004000, acessado em 20 de agosto de 2015.

³⁵² TAVARES, F. H.; SOUZA, I.A.; FERREIRA, I.E.V. Bomtempo TV. Apontamentos para o reconhecimento das uniões homossexuais face ao paradigma do estado democrático de direito. **Revista Direito**.; 6(2): 443-468. 2010. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1808-24322010000200005>, acessado em 20 de agosto de 2015.

do reconhecimento civil do casamento homossexual ³⁵³ e de outros direitos civis e humanos para a comunidade LGBTT ³⁵⁴, por parte de uma camada da sociedade civil, debatendo as várias formas de perpetração da homofobia e violência nos âmbitos desses direitos. Notadamente, compreender a dinâmica entre as noções de família e homossexualidade tem sido um tema importante nos estudos sobre homossexualidade.

Oscar intuí que há muitos acontecimentos discursivos em torno de seu enfrentamento com a família - a homofobia, a misoginia, ou mesmo manifestações de práticas culturais normativas, hierarquizantes e excludentes. Observa-se no decorrer da leitura da carta que Oscar vai reconhecendo e detectando momentos de interpretação daquilo que é considerado abjeto ou menor para a sua família, ou pelo menos, naquilo que importava nas suas relações familiares e frisado na carta da irmã. Conhecer-se a si mesmo para poder cuidar de si, sem que uma coisa eclipsasse a outra. No caso, Oscar começa pela desconstrução de sua masculinidade, buscando desvelar para si os processos heteronormativos envolvidos. Enfrenta o discurso do não parecer “gay”, que dita a necessidade de uma postura “discreta”, “viril” e com corpo de macho, que se configura em uma possibilidade aceitável da homossexualidade ³⁵⁵ e também para Oscar, que preenche alguns destes requisitos, diga-se.

³⁵³ ALMEIDA, Miguel Vale de. **A chave do armário**. Homossexualidade. Casamento. Família. Florianópolis: UFSC, 2010. 225 p.

³⁵⁴ GOLIN, Célio; WEILER, LUIS et al. **Homossexualidade, cultura e política**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

³⁵⁵ MONTEIRO, M. Corpo e masculinidade na revista VIP Exame. **Cadernos Pagu**; (16): 235-66. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-8332001000100011&lng=en&nrm=iso, acessado em 20 de agosto de 2015.

Dito de outra forma, no processo de produção estética e política de si, na busca por práticas possíveis de liberdade e igualdade, Oscar necessita se desvincular das verdades que desqualificam o que pareça ou possa ser associado a sua homossexualidade.

No desenrolar deste dissenso, deste conflito, com a instabilidade da família de Oscar, ele busca explicações para os marcos da perseguição da família. Para ele, a relação com Angel nas redes sociais e um episódio em que alguém mexe no seu *notebook* e lê conversas suas com Angel teria provocado um posicionamento mais radical e opressor por parte da família. Por conta disso, as irmãs o chamam para conversar, ele conta que:

Ai teve todo aquele rolo que vocês [as irmãs] fizeram, me chamaram pra conversar, na época eu fui certo e confiante pra contar pra vocês, porem na hora da “reunião” vocês falavam de um jeito tão nojento que eu só conseguia sentir raiva de vocês, e acho que foi por isso que eu mais mudei, mudei no jeito de ser, de encarar as coisas, comecei a pensar em mim, pois quem tinha que decidir o que eu queria pra minha vida era eu e não vocês tentar impor. (OSCAR, 2015, p. 08)

Finalmente, neste momento, Oscar começa a demonstrar o porquê de seu afastamento da família.

Estávamos em uma crise de brigas tão sequenciais q eu não conseguia mais ficar perto de vocês, e me obrigava a revidar de alguma maneira, porque a impressão que eu tinha e tenho é que vocês querem me aprisionar, tentar me forçar a ser quem eu não sou, uma forma que eu não me sinto bem e ser, e bancar papel, tentando fazer chantagem emocional usando o pai e a mãe como escudo. (OSCAR, 2015, p. 09)

A propósito do episódio da doença da mãe, Oscar se posiciona de maneira bastante serena e descarta uma relação causal entre as irmãs

terem falado para a mãe sobre a possibilidade de ele ser gay. Inclusive, nesta parte da carta, Oscar expõe outras contendas existentes no seio da família, nas quais os motes não são tangentes a ele, mas, principalmente, das brigas entre as irmãs e os cunhados.

Oscar conta na carta, que a partir do término com Angel, em dezembro de 2014, começa a se sentir “muito sozinho e o medo continuava” assombrando-o. A forma como a relação com a família e com o pai seguiam, Oscar relata que começa a pensar em como seriam as questões de partilha e herança e de seu futuro com o trabalho no sítio. Ele afirma que começa a pensar e a viver um dia de cada vez, em um misto de pouco futuro para a propriedade e com a possibilidade dos pais acessarem sua homossexualidade.

eu sinceramente não sei mais como vai ser meu dia seguinte, eu torço pra mim acordar a cada dia que passa e planejar o meu dia e não o futuro mais, o dia de amanhã, porque eu não sei como vai ser quando eles souberem. Se for positiva a resposta de vocês eu vou fazer de tudo pra alegrar eles novamente, tenho um monte de coisas simples que posso mudar aqui [no sítio da família] e aumentar muito o lucro, uma delas eu mudei essa semana que foi pedir pra uma professora minha ajudar a formular uma Ração e advinha o resultado tá sendo positivo porque as vacas dobraram a produção quase, e eu posso muito mais, o que eu preciso, o respeito e a aceitação de vocês pela minha escolha. (OSCAR, 2015, p. 09)

Já encaminhando-se para concluir a carta, Oscar afirma, “nesses últimos anos eu venho construindo essa certeza, essa escolha, me aceitando da forma que eu sou e essa é a minha escolha, eu não me sinto bem e nem feliz me envolvendo com uma mulher, não sinto atração”. Percebe-se que de maneira muito apropriada, Oscar vai apresentando a conexão entre a sua felicidade e a sua posição de sujeito homossexual.

Afirma-se enquanto sujeito de desejo e de uma verdade construída com esmero e reflexão. Narra ainda que “o que eu quero, eu só quero é ser feliz, sofri pra me aceitar da forma que eu sou, de que eu gosto e porque eu gosto... não quero mais sofrer, ou viver uma vida disfarçada, não sou duas caras pra parecer feliz por fora e estar chorando todos os dias por dentro...”, “como já falei varias vezes o que eu sinto é medo de vocês, muito medo, isso não é de agora. Eu me aceitei homossexual há alguns anos, sim nós [gays] sofremos muito com essa fase, pois tudo é estranho pra nós, eu me sentia como se não estivesse no meu mundo”.

Verifica-se que Oscar intenta demonstrar para irmã, Megera, ou para a família, como esses modos e processos de subjetivação de sua homossexualidade associam-se a uma forma de partilha.³⁵⁶ Associam-se uma experiência estética que é carente de visibilização e de legitimação como diferença, frente às lógicas e aos discursos heteronormatizantes. A “revelação” a que Oscar se refere é em boa medida a afirmação da necessidade de visibilizar esses modos de subjetivação outros que podem constituir o conflito como potencializador do diálogo entre mundos que não são vistos, ouvidos e corroborados pelos discursos disciplinares.³⁵⁷ Oscar busca, a meu ver, a promoção de um diálogo com a família sobre esses mundos invisíveis e negados pela discursividade, destacando a urgência de uma reconfiguração da partilha do sensível entre eles. Sem esse diálogo, sem o reconhecimento do dano que a não aceitação da família de sua expressão como sujeito, as possibilidades de rompimento são eminentes.

³⁵⁶ RANCIÈRE, J. **Sobre políticas e estéticas**. Tradução Manuel Arranz. Museu d'Art Contemporania de Barcelona. 2005b., p. 51.

³⁵⁷ RANCIÈRE, J. **O desentendimento**: política e filosofia, tradução de Ângela Leite Lopes, São Paulo, Editora 34, 1996.

Oscar, parece-me, ao propor a superação e a suspensão das verdades sobre o sujeito homossexual presentes no imaginário de sua família, quer na realidade costurar o tecido social corrompido. Como efeito dessa mudança de postura heteronormativa e de superação da *Stultitia*³⁵⁸, cria-se um espectro de novas verdades; estas, por sua vez, mais reflexivas, menos reativas, mais voltadas à existência e subjetividade de Oscar. Visibilizado como um sujeito íntegro, Oscar passaria a gozar de inúmeros estatutos, dos quais, em uma relação de cuidado de si e do outro, a amizade com a família e o poder “dizer-a-verdade”³⁵⁹ são fundamentais para a reaproximação de ambos. Em suma, efetivar-se-ia práticas políticas de liberdade e de igualdade.

Oscar, em relação à vulnerabilidade sentimental pela qual passa diante da família, afirma que:

quando a gente tem medo de algo, se tem duas saídas, ou brigar e tentar se defender, ou ceder ao medo, eu tento levar as duas coisas juntas, quando alguém faz algo que me afeta e me deixa mais inseguro do que já estou eu me defendo, por isso estou sempre de mau humor perto de vocês, porque estou com medo a todo o tempo quando estou perto de vocês, eu não me sinto seguro, nem em conversar, pois não me sinto bem, tenho medo das perguntas, tipo o que falar quando a mãe pergunta da nora. (OSCAR, 2015, p. 10)

Oscar ainda fala na carta sobre como foram os processos com as pessoas a quem contou sobre sua homossexualidade. Afirma ele:

³⁵⁸ FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. 2010, 438p. 118.

³⁵⁹ FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II. Curso no ollège deFrance (1983-1984). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: EditoraWMF Martins Fontes, 2011, p. 140.

eu gosto de todos, só que com eles [as pessoas que contou sobre ser gay] a coisa mudou, depois que conversei com a [minha irmã mais nova] e contei tudo pra ela eu me senti tão aliviado, pois ela falou que iria me ajudar e que não era pra eu me preocupar que tudo daria certo [...] por isso mudei com ela, não me sinto inseguro em falar as coisas pra ela, e perto dela eu não tenho medo porque ela me passa segurança e me transmite amor, lembra como brigávamos antes ? Não sinto mais vontade de revidar as provocações dela, fico quieto, e assim iria ser se eu conseguisse sentir a mesma confiança de todos vocês, eu sei que eu consigo mudar o meu jeito de ser, e não sentiria mais isso que sinto, já varias vezes eu chorei indo pra faculdade porque não consigo mais dar um abraço no pai e na mãe e pedir a bênção como sempre fiz, pois eu sinto medo deles, é isso, eu sou assim essa pessoa rancorosa e mau humorada com vocês o tempo todo, porque sinto medo e só consigo me sentir seguro sendo assim..... (OSCAR, 2015, p. 11)

Os enunciados “aliviado”, “segurança”, “transmissão de amor” e “confiança” se relacionam diretamente com a possibilidade de dizer a verdade, de poder ser acolhido na integralidade de ser sujeito. O dizer a verdade tem todo esse peso não pela confissão, mas por expressar os processos do fazer-se sujeito. Como afirma Foucault, dizer a verdade é importante

para poder dar-lhe, graças a um discurso verdadeiro, uma certa forma. Esse discurso de prestação de contas de si mesmo deve definir a figura visível que os humanos devem dar à sua vida. Esse dizer-a-verdade defronta não o risco metafísico de situar acima ou fora do corpo essa realidade outra que é a alma; esse dizer-a-verdade defronta agora o risco e o perigo de dizer aos homens o que precisam de coragem e o que lhes custará para dar à sua vida um certo estilo. Coragem do dizer-a-verdade quanto se trata de descobrir a alma. Coragem do dizer-a-verdade

também quando se trata de dar à vida forma e estilo.

É essa estética, essa estilística da existência, que é o desafio da subjetivação política às posições de sujeitos fora da norma. A importância da veridicção e do enfrentamento da verdade por si, advertidamente, não é uma tarefa fácil. Lembre-se que dos 5 participantes da pesquisa, a "revelação" só teve resultados positivos imediatos com Will, até 2015. Diego teve praticamente um rompimento com a família; Já Oscar é perseguido pelas irmãs; e os demais não tem essa demanda ou não acreditam ser pertinente ou possível com suas famílias. A veridicção e a resistência à norma é enfrentada de maneira distinta entre os participantes da pesquisa, mas, não com menor verdade.

Oscar, logo após declarar seu envolvimento amoroso com Will, afirma na carta resposta,

eu preciso da ajuda de vocês e quero vocês sempre ao meu lado, a única coisa que eu peço é que me deixem ser feliz da forma que eu escolhi, vocês podem ter esse medo do que os outros vão falar, que vai ser uma vergonha..... eu não vou mudar meu jeito de ser, não vou mudar a voz e me vestir de mulher, não vou fazer nada disso, eu só estou buscando a felicidade que é o que todos nós almejamos durante a vida, e eu encontrei ela ao lado do Willian e é com ele que eu quero ficar. (OSCAR, 2015, p. 13)

Neste processo de envolvimento com Will, Oscar declara a presença da verdade na relação que constrói com o namorado. Conta que faz terapia escondido da família, mas que foi Will que fez mudar

o Oscar todo rancoroso e coração de pedra que eu tinha virado, eu sinto nele toda a confiança que eu "perdi" em vocês, a gente foi se aproximando e com isso eu fui me apaixonando por ele, pelas suas atitudes, pelo seu jeito de ser, ele é o tipo de

peessoa que eu consigo ficar o dia todo do lado sem enjoar, ele me passa tranquilidade, e quem faz eu todos os dias soltar belos sorrisos, porque eu amo ele, tenho esse sentimento bem separado do que seria apenas uma relação de amizade. (OSCAR, 2015, p. 13)

Oscar, novamente, revela o desejo de que a família aceite seu modo de vida, seu namorado e suas escolhas na busca pela felicidade, por viver uma vida com plenitude, cuidado, amizade e não assujeitada a discursos hegemônicos e excludentes. Oscar produz uma crítica da sua realidade e se posiciona frente a ela. Nas palavras de Foucault, interrograr-se sobre a verdade e seus efeitos produz uma “política da verdade”³⁶⁰. Ao inclinar-me sobre a carta resposta de Oscar, vislumbro atos de fabricação de um sujeito na experiência, de uma reflexão, por parte de Oscar, sobre o cotidiano e suas relações. A verdade como a autoridade de outros, seja da família, da igreja ou da comunidade, fabrica em Oscar a necessidade de criar suas próprias verdades.

Para mim, a posição de sujeito homossexual, sobremaneira, é que cria a busca por uma verdade mais adequada e não violenta, é a diferença. É o desvio da norma que faz Oscar sentir-se obrigado a encontrar sua autenticidade no mundo e frente aquelas verdades. A necessidade de proteger-se de um governo dos outros que causa dano, leva-o a subjetivar-se politicamente. Eleva-se um sujeito, nesses jogos de poder e verdade, que intenta dissolver a solidez da norma como estratégia de vida, de destacar a legitimidade dos seus sentimentos e

³⁶⁰ FOUCAULT, M. **Qu'est-ce que la critique?** Critique et Aufklärung. Bulletin de la Société française de philosophie, Vol. 82, nº 2, pp. 35 - 63, avr/juin (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela Lafeté Borges e revisão de wanderson flor do nascimento. 1990. Disponível em <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/critica.pdf>

desejos. O governo de si em labor pela existência tende a prescrever práticas de liberdade e igualdade.

Sobre a relação entre a resistência, os regimes de governamentalidade e sujeição dos indivíduos a uma verdade pretensamente universal, afirma Foucault:

pois bem, eu diria que a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade; pois bem, a crítica será a arte da inservidão voluntária, aquela da indocilidade refletida.³⁶¹

O surgimento dessa crítica nos processos de constituição de sujeito de Oscar são efeitos da própria produção discursiva. A homossexualidade como posição de sujeito é por um lado resultado de relações de poder opressoras. Ela não é resultante apenas do discurso hegemônico, e, sim de um processo político de reapropriação da própria discursividade homossexual. Tal discursividade reivindica sua diferença como desconstrutora de formas de opressão institucionalizadas³⁶² e escamoteadas. Assim, a homossexualidade vista como experiência estética³⁶³ pode permitir a descoberta de condições de emancipação, produção de discursos libertários e como oportunidade de enxergar e

³⁶¹ Id., Ibid.

³⁶² ADELMAN, M. Paradoxos da identidade: a política de orientação sexual no século XX. **Revista de Sociologia e Política**, (14). 2000. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782000000100009>, acessado em 18 de agosto 2015.

³⁶³ MENDONÇA, C. M. C. Beleza pura. A estetização da vida cotidiana como estratégia de resistência para o homossexual masculino. **Revista FAMECOS**, 17 (2). 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/7549/5414>, acessado em 20 de agosto de 2015.

lutar por uma nova realidade a partir do reconhecimento da existência de seus iguais e da valorização de si.

Não foi uma coincidência que este tenha sido o último capítulo de análise que apresento minhas compreensões acerca do fazer-se gay como prática política de liberdade em cidades pequenas. Justamente, pelo compromisso ético encarnado nesta pesquisa de ser cuidadoso comigo e com os participantes. Primeiramente, porque não se tratava de problematizar experiências de pessoas que conheci ou convivi, como no caso das cenas apresentadas nos capítulos. Com a leitura da carta fui inundado por angústia, raiva, solidariedade, impotência e empatia. Experimentei também potência, coragem e esperança na resistência e na contestação das verdades da heteronorma nas linhas da carta resposta de Oscar. Ao exporem o cotidiano, as histórias e os pontos de vistas sobre aquele mundo comum, tanto Oscar como a própria irmã, criam, cada um há seu tempo, um elenco de saberes, de linguagens, de experiências, de reflexões, de violências, mas, sobremaneira, de experimentações do fazer-se sujeito.

6 ELOGIO À HOMOSSEXUALIDADE

“Ele era, em tudo o mais, uma ótima pessoa: complacente e fiel com os amigos; terno, cortês, condescendente com a mulher; indulgente com os escravos, não se enfurecendo quando via quebrar-se uma garrafa. Seus parentes deram-se ao incômodo de curá-lo com heléboro; mal, porém, ele voltou ao estado que impropriamente se chama de bom senso, dirigiu-lhe esta bela e sensata apóstrofe: “Meus caros amigos, que fizeram vocês?” Pretendem ter-me curado e, no entanto, mataram-me; para mim, acabaram-se os prazeres: vocês me tiraram uma ilusão que constituía toda a minha felicidade”. Tinha sobras de razão esse convalescente, e os que, por meio da arte médica, julgaram curá-lo, como de um mal, de tão feliz e agradável loucura, mostraram precisar mais do que ele de uma boa dose de heléboro.
(Erasmus de Roterdã)³⁶⁴

O que empreendi em minha tese foi a visibilização de modos de vida, de práticas culturais, de processos de subjetivações e de sujeitos que reivindicam, que fazem, vidas mais livres e menos assujeitadas; e, quiçá, isso possa promover e potencializar novas práticas políticas em torno da liberdade e da igualdade. Em tempos de cólera e de retrocesso civilizatório, como o que vivemos no Brasil, acredito que resida justamente aí a originalidade desta tese: resistir!

Olhar para os processos de subjetivação, às organizações políticas, às práticas de cuidados de si, às resistências e aos assujeitamentos, foi uma escolha política antes de acadêmica. Parece-me que mais estudos poderiam destacar essa deficiência política das ciências sociais no campo da homossexualidade. Um campo, o campo, que é muito mais vasto do que essas ciências tem apresentado. A realidade social e a ética exigem que as pesquisas comprometam-se a

³⁶⁴ ERASMO, Desidério. **Elogio da loucura**. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2003.

congregar estudos que privilegiem a visibilização e a intervenção em situações de violências e/ou de cerceamento das diferenças em todos os espaços possíveis.

Evidenciar a lacuna teórica e analítica sobre homossexualidade nos territórios não urbanos foi um dos caminhos percorridos por mim na construção de minha caixa de instrumentos. Por meio deles, alcancei um maior e plural espectro das experiências contemporâneas sobre as noções de homossexualidade, de produção, de propriedade, de sujeito, de subjetivação, de política, de sexualidade e de laços afetivos – para além das vivências do/as urbano/consumo/jovem/relações sexuais.

A homossexualidade de sujeitos que vivem em cidades pequenas problematiza a inclinação, quase que exclusiva, dos estudos a uma cultura gay ³⁶⁵, urbana, individualista, solitária e liberal. Desterritorializa-se, assim, o debate da homossexualidade, em termos que extrapolam a cultura da aceitação, da anonimidade, da heteronormatização dos corpos gays e claro da economização dessa subjetivação.

Nesta tese, não me interessei por como os sistemas peritos - a Medicina, os tribunais, a Pedagogia, a própria Psicologia, e a relação entre essas - caracterizam o anormal ou a anormalidade, abordei os efeitos dessas práticas, desses saberes, dessa normatização em sujeitos desviantes por sua orientação do desejo, isto é, em sua subjetividade. ³⁶⁶ Coadunado a Foucault, e a sua “história da sexualidade”, vislumbrei

³⁶⁵ COSTA, Horácio et al. (Org.). **Retratos do Brasil Homossexual**: Fronteiras, Subjetividades e Desejos. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo: imprensa Oficial, 2010, 452 p.

³⁶⁶ PRADO FILHO, K. Para uma arqueologia da psicologia (ou: para pensar uma psicologia em outras bases). **Psicologia e Sociedade**; 23 (3): 464-468, 2011.

sujeitos atravessados pela potência criativa do prazer e do desejo. Sujeitos que resistem à produção de dispositivos e às tecnologias de controle da alma e do corpo.

Ao fazê-lo, tais sujeitos, fabricam uma ética de si, para si e com/para os outros. Seus corpos (homossexuais) e sua normatização como categoria de análise aparecem, para mim, como possibilidade de resistência. Não perco de vista o alerta que a literatura especializada tem demonstrado: essa intensa reprodução de corpos hegemônicos³⁶⁷, por parte de homens homossexuais, mesmo em espaços de homossociabilidade³⁶⁸; onde, em princípio a transgressão e a positivação do corpo gay, em suas múltiplas e fluídas manifestações, aparece como desejável e desejante. Por outro lado, também as estratégias de resistência se detêm às organizações das práticas e desejos sexuais de forma rígida e normatizada, em torno da dicotomia atividade-passividade, masculinidade-feminilidade. Intentei desnaturalizar a noção de homossexualidade, compreender as experiências desses sujeitos e visibilizar o apagamento de gays e lésbicas nestes espaços não urbanos.

Quis compreender “o sentido dos atos e das palavras de outrem, captar esse sentido com a maior precisão possível (...)”³⁶⁹, mas estive ciente dos limites que esta ambição encerra. As vivências em que me baseei para escrever esta tese me levaram a compreender que a

³⁶⁷ RIOS, L. F. Corpos e prazeres nos circuitos de homossociabilidade masculina do Centro do Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva**. 13(2), 2008.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000200022&lng=en&nrm=iso, acessado em 21 de agosto de 2015.

³⁶⁸ GROSSI, Miriam; LAGO, Mara; NUERNBERG, Adriano (Org.). Estudos in(ter)disciplinados: gênero, feminismo, sexualidade. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010. 432 p.

³⁶⁹ VEYNE, P. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa [trad. Marcelo Jacques d morais] – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 27.

experiência homossexual é política, porque os sujeitos homossexuais que participaram da pesquisa, por meio de interpretações de si mesmo e da positivação desta interpretação, experienciaram a resistência à heteronorma como efetivação de suas vidas; produziram, na existência cotidiana, para si e para outros, práticas de liberdade. Quero dizer, ao meu ver, produziram espaços de subjetivação em que, como pessoas possíveis, possam se pensar, possam ver outras verdades, e não somente aquelas arbitrariamente impostas pela cultura. E a partir dessas experiências, das interpretações possíveis de si na diferença, e, de poder se entender como um sujeito merecedor de felicidade, de relações livres, enfim, de poder fazer escolhas. Escolhas estas que muitas vezes são/foram/serão privadas pelo cerceamento da orientação erótico-sexual-afetiva do desejo.

Ser perseguido por aqueles que se ama; ter uma masculinidade não-hegemônica; não se identificar com o território em que se vive; ser um profissional gay em um meio heteronormativo: (eu, Will, Diego, Jeraldi, Rafael, Oscar, aDR, Roger, Davi ...) são experiências que na relação com o voltar-se para si, com o exercício de reflexão sobre estar no mundo, produzem práticas políticas de liberdade e igualdade. Justamente por isso, o “método” que utilizei vincula-se às possibilidades de desdobramento e de intencionalidade na/da pesquisa. Problematizei questões do cotidiano, de uma espécie de presente que problematiza o passado, um passado lido no e a partir do presente, que traí a tradição e as verdades da norma.

Capturado eu fui pelas imagens das resistências cotidianas dos participantes desta pesquisa. Resistências instauradas na experimentação de suas sexualidades e das relações que, processualmente, foram

estabelecidas. Processualmente, aqueles jovens homossexuais foram colocando-se politicamente, eticamente e agindo frente ao modelo heteronormativo e ao assujeitamento. Claro, não foram sempre políticos, pois, há poder em todo lugar e demasiada humanidade em nós. Nem sempre é possível resistir, em razão própria precariedade da política. Portanto, aquelas imagens auxiliaram-me a buscar outras interpretações para a política, ou para o político. Interpretações que extrapolam àquelas baseadas no binarismo da jurisprudência livre da vontade versus determinismo e nos reducionismos sociológicos do biológico versus causas sociais. Aprendi com a experiência da homossexualidade em cidades pequenas que a problematização entre política e subjetividade é urgente, necessária, para a compreensão e transformação de cenários tão violentos, restritivos e apagadores da diferença.

A resistência, como destaquei ao longo do texto, é um efeito das relações de poder, na qual os biopoderes são (in)tensamente negociados em jogos de verdade, produzindo mudanças nos sujeitos. Nos jogos que aqueles homossexuais vivenciaram, instauraram-se territórios em si e nos outros, ocorrendo um enfrentamento pela presença e pela diferença. Fizeram-se sujeitos, fizeram-se gays, experimentando novas formas de relação com as verdades. Fizeram política, estetizaram suas vidas, partilharam o sensível e o dissenso como território de resistência e de subjetivação.

Este texto foi escrito na primeira pessoa, mas é um texto coletivo. Porque escrita não são apenas as letras. Escrever foi grafar a vida de nós sujeitos desta pesquisa, foram: os risos, os abraços, as lágrimas, os suspiros, as interjeições, os arquejos, os temores, os amores, as partidas, as experiências de todos que emprestaram suas vidas, suas histórias, seu

tempo, seus afetos, suas memórias, seus esquecimentos, suas inteligências. De toda forma, parece-me justo que fique claro que é minha interpretação, meu olhar, sobre esta escrita. Apresentei a perspectiva de que os processos de subjetivação na relação com a heteronorma produzem desvios e resistência ao assujeitamento; transfiguram-se e transgridem as determinações dos diversos dispositivos de controle; denunciam e combatem às violências; constroem movimentos e relevos nas relações de poder; instauram outras possibilidades de ver, dizer, existir.

A cidade, a universidade, a rua, a república de estudantes, são territórios que existem em sua interação e transversalidade, nos encontros, nas intermitências com a alteridade, com a diferenciação e identificação de posição de sujeitos que ora potencializam, ora desorganizam. Imigrante, nativo, estudante, trabalhador, estudante-trabalhador, jovem, homem, gay, bêbado, policial, professor, prefeito. Identidades que se apresentam como totalizantes, mas que se borram nas relações, interceptam-se na sala de aula, na rua, no bar, na casa compartilhada com estranhos, na casa dividida com a família. É a ficção, travestida de fixação que cria o território e o impetra em um primeiro olhar. Aqui entendo o território como algo mais poroso, com menos fronteiras, mais volátil, menos físico e mais afetivo, social. Como o espaço de partilha, de (des)encontros, onde se faz política.

Territórios são espaços/tempos de conflitos inevitáveis para a comunidade LGBTT. Nossos participantes destacaram que durante suas experiências tiveram que ressignificar artefatos, práticas, normas, tidas como verdadeiros ou como verdade. Demarcaram suas práticas “desviantes”, “não-autorizadas”, consideradas “anormais”. Claramente,

“esgayraram-se” entre os equívocos, confusões, sobre identidade de gênero, masculinidade e orientação sexual; além de ser rarefeita a discussão da diversidade sexual, de gênero e da própria orientação sexual, nos ambientes em que frequentaram/frequentam.

Com a chegada do campus da UFFS em Realeza, esses territórios foram reconfigurados, reinstalados, reinstitucionalizados. Inventou-se um lugar em que as possibilidades e as práticas culturais poderiam se ligar a visões e processos mais permeados pela alteridade e por visões mais cosmopolitas, uma convivência que retroalimentaria inúmeras subjetividades e subjetivações. Os espaços escolares são destacados como paradoxais, pois neles há tanto situações de acolhimento, como de violência, exclusão e negligenciamento; de constituição de uma identidade homossexual, bem como de homofobia, de reforço da heteronormatividade. Mas, também, são espaços de transgressão, de resistências e de afirmações.

O que os participantes destacaram com suas falas em relação à presença da Universidade em Realeza, é justamente essa mudança na gravidade dos debates. O campus passa a ser um reduto de informação, construção e reelaboração de verdades, de saberes, de conhecimentos, de poder. Todavia, não apenas no sentido restrito ao acadêmico. Justamente, porque é fora do campus que os embates ocorrem. As imagens, as experiências, as práticas e os processos vivenciados na universidade, produzem uma alteridade na relação com os outros de fora dela.

É pela presença da diversidade, trazida com/pela UFFS, que uma intensa rede de amizades e desconstruções tornou-se possível. Parece-me que neste sentido o vínculo com as pessoas que são da UFFS e que

de alguma forma estão ligadas à universidade foi fundamental, talvez, elementar, para/nos processos de subjetivação políticos dos sujeitos participantes. De universidade, interiorizada, tornou-se uma comunidade política na qual se abriria as bases para o olhar-se para si, para o fazer-se sujeito político, gay, estudante, cidadão. Nestas relações de alteridade, de liberdade e de igualdade, tantas outras posições e práticas de sujeitos podem vir a se constituir.

Erasmus de Roterdã utilizou-se da loucura para, em 1509, expor às vísceras da debilidade da sociedade de sua época. Criticou verdades seculares e basilares do seu tempo, falou de desejo, de norma, de hipocrisia, de violência, de estupidezes, de prudência, de paixão, de prazer, de excesso, de vida, de humanidade. Inspirou, como humanista, a crítica ao seu tempo, inspira-me a estranhar meus tempos e minhas verdades. Por isso, penso que um elogio à homossexualidade pode também inspirar novos modos de vida, novas críticas, novos saberes, novas relações de poderes, novas práticas políticas de liberdade.

Os efeitos da chegada da Universidade associaram-se às potências de enfrentamento à heteronorma que já espreitavam. Sua chegada cria um espaço de planejamentos e de experiências sociais que potencializaram as vivências e experimentações da homossexualidade. A coragem da verdade já estava ali, em Realeza, talvez, só não tivesse elucubrações simbólicas para a sustentação da diferença. Acredito que a implantação da Universidade, enquanto instituição, cumpriu sua função: instaurar certos dispositivos, certos saberes/poderes, a partir dos quais se pode resistir. Isto é, a instituição UFFS não incentivou propriamente à verdade e ao voltar-se para si. Foram os corpos que ela atraiu ou

agenciou, como um oásis em um deserto de soja, que engendraram práticas políticas de liberdade. Condições históricas de possibilidades.

As práticas políticas de liberdade são um não se deixar enquadrar, um desconstruir o hermético, um refazer o dito, um (des)dizer atuando nos olhares, nas éticas, nas experiências, na poesia, na teoria, nos encontros, nas perspectivas e nos modos de vida. Ser sujeito é colorir o que usualmente está em preto e branco. É escolher nas palhetas de cores da vida os ensinamentos que compõem o nosso ser/estar/fazer no mundo. Ser sujeito é acolher o que vem de nós e o que vem do mundo e não se aprisionar pelas sentenças inteiras, mas pelo que delas se pode interpretar, dos seus efeitos em si, no mundo, no futuro, no texto acadêmico, no bilhete para o novo/antigo amor, na mensagem do aplicativo de “pegação”. Resistir é estar no mundo criando mundo / criando jeitos e modos de vida / práticas de criação de mátrias / sorrindo verdades criadoras de existências possíveis. A vida é enfrentamento: com riso, com poesia, com conhecimento, com poder.

“Temos que nos esforçar em nos tornar homossexuais e não nos obstinarmos em reconhecer que o somos”. “Tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço”. “Imprevistos esperam de tocaia para te surpreender e fazer você feliz por estar vivo para ver”. “E os meus pensamentos são todos sensações”, “na prática o amor é sempre ao contrário”, “devora tudo que move e lhe parece favorável à composição das paisagens”:
“aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos”; *“alegria, angústia, felicidade, dor”. “E a luta deles”, “um acontecimento importante em que se cruzam” “todas as manhãs e tardes e manhãs com sol e chuva”, “se inscreve na sociedade e na história”. “Não tire de mim o que não pode me dar”, “a alma enlanguesce, adoce com as saudades de tudo o que a si mesma proíbe”. “Não posso envergonhar-me do homem que” “mais tarde viria a conhecê-lo/a”: “meu nome, minha identidade, meu retrato” “não há ninguém que explique”, “tão cordial como a amizade”. “Nada tem a ver com o significante”.
 “Cedo ou tarde, você vai aprender”: “tem gente que vem e quer voltar”,
 “problema político”.*

“Mas ah, meus inimigos, e oh, meus amigos - Que bela luz ela dá!”

ÍNDICE REMISSIVO

A

amizade

Ética da amizade; (ética da)

amizade; amigo, 48

(ética da), 21, 104, 111, 112, 113,

152, 154, 155, 161, 166, 167,

168, 190, 191, 194, 199, 207,

220, 224

B

barebackers / bareback, 160

bicha / bichisse, 38, 120, 125, 126,

127, 130, 228

biomédico / biomédica, 134, 159

biopoderes / biopoder, 84, 175, 182,

206

C

campesinato / campesino, 60, 65,

227

cartas / Carta, 11, 40, 58, 62

cartografia

cartográfico, 11, 36, 37, 38, 39,

40, 53, 100, 226

cibercultura / ciberespaço, 146

idades pequenas / cidade pequena,

11, 21, 22, 28, 35, 59, 60, 61, 65,

66, 67, 68, 73, 77, 79, 101, 104,

116, 117, 120, 142, 143, 144,

145, 146, 160, 163

comunidade, 11, 23, 27, 52, 56, 57,

60, 61, 62, 77, 79, 80, 83, 84, 85,

88, 90, 94, 97, 100, 101, 110,

114, 115, 116, 122, 126, 133,

137, 139, 140, 142, 144, 146,

151, 153, 154, 155, 156, 160,

161, 174, 185, 190, 196, 201,

206, 207

constituição de si, 100

cordialidade / cordial, 45, 48

corpo

Corporeidade; corpos, 21, 22, 28,

65, 66, 72, 93, 94, 102, 104,

105, 119, 124, 128, 129, 131,

146, 156, 159, 161, 165, 204,

226

cuidado de si

(ética do), 34, 90, 99, 105, 110,

121, 122, 126, 136, 141, 143,

152, 159, 160, 191, 199

cultura, 9, 33, 35, 40, 59, 60, 74, 76,

80, 89, 92, 93, 95, 100, 111, 113,

142, 145, 147, 150, 174, 182,
193, 204, 205, 218

D

democracia / democrático, 33, 96,
114, 124
desterritorialização /
desterritorializar, 181
diáspora
Diáspora Gay, 35, 36, 118, 148
diferença, 44, 45, 65, 66, 70, 84, 91,
94, 97, 108, 122, 124, 130, 137,
142, 150, 155, 157, 159, 189,
199, 202, 206
dispositivo / dispositivos, 28, 29, 94,
100, 110, 118, 121, 133, 151,
180, 204, 206
dispositivo da sexualidade, 177
dizer-a-verdade / dizer a verdade,
112, 126, 137, 199, 200

E

ecologia *Queer*, 61
epiméleia heautoû
"ocupar-se consigo", 99
essencialismo, 130
essencialismo estratégico
essencialismo identitário, 26, 217
essencialismo identitário, 28

essencialização
essencializar, 27, 77, 80

estético
estética, 156

estudos sobre homens, 67, 68

ético
ética, 23, 24, 27, 88, 92, 156, 202
existência, 22, 24, 25, 30, 31, 33, 34,
37, 41, 44, 52, 56, 60, 76, 78, 88,
95, 97, 99, 100, 102, 110, 113,
115, 121, 122, 123, 125, 128,
137, 138, 142, 143, 145, 157,
161, 164, 166, 168, 169, 186,
187, 188, 191, 192, 200, 202

experiência
experiências, 23, 27, 28, 30, 71,
74, 95, 99, 100, 105, 109, 110,
113, 114, 117, 120, 126, 130,
139, 140, 143, 150, 160, 163,
164, 166, 168, 205, 219, 229

F

ficção, 28, 33, 38, 40, 106, 166, 206

G

gay / gays, 11, 22, 26, 27, 28, 33, 35,
36, 39, 40, 51, 55, 59, 60, 62, 78,
100, 101, 104, 106, 107, 108,
111, 112, 113, 114, 115, 117,

- 119, 120, 121, 122, 125, 128,
129, 130, 131, 132, 135, 137,
138, 139, 142, 144, 145, 146,
148, 149, 150, 156, 158, 159,
161, 162, 179, 182, 186, 187,
192, 197, 198, 200, 202, 204,
205, 206, 207, 219, 220, 223
- gnôthi seautón*
- "conhecimento de si", 99
- H**
- hermenêutica, 11, 24, 25, 26, 33, 34,
35, 86, 87, 89, 90, 99, 100, 104,
105, 111, 113, 133, 135, 136,
144, 177, 220, 221
- heteronorma / heteronormatização;
hetero(norma), 22, 66, 118, 137,
205, 206
- heteronormativas /
heteronormativo, 106
- heteronormatividade /
heteronormatividade
(hetero)norma, 117, 121, 122
- heteronormativo, 22, 29, 67, 84,
113, 121, 127, 144, 205
- heteronormatizado /
heteronormatizados, 44, 93, 108
- heterossexismo, 102, 171, 172
- heterossexualidade, 46, 52, 61, 62,
84, 91, 92, 99, 101, 102, 117,
118, 119, 120, 128, 131, 154,
155, 156, 157, 160, 165, 167,
172, 175, 177, 180, 182, 187,
188, 189, 192
- heterossexualidade compulsória,
177
- homens / homem, 11, 28, 29, 30, 33,
34, 36, 46, 47, 51, 52, 54, 60, 61,
62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71,
72, 73, 76, 77, 79, 83, 84, 92, 94,
97, 99, 113, 116, 117, 118, 130,
140, 144, 145, 146, 148, 153,
154, 155, 158, 160, 161, 163,
165, 167, 168, 171, 172, 173,
177, 178, 180, 181, 187, 188,
189, 195, 200, 204, 220, 230
- homoeerótica, 36, 154, 160
- homofobia, 30, 38, 45, 63, 70, 74,
85, 120, 132, 134, 137, 138, 207,
217
- homofóbico, 49, 132
- homoparentalidade, 64, 65, 219
homoparental, 64
- homossexualidade, 11, 21, 22, 23,
24, 28, 30, 33, 34, 35, 36, 46, 47,
54, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67,
68, 70, 73, 76, 77, 79, 80, 86, 91,
92, 94, 99, 100, 102, 103, 104,

105, 106, 107, 112, 114, 115,
 116, 117, 118, 119, 120, 121,
 122, 125, 126, 127, 129, 131,
 132, 133, 134, 135, 137, 139,
 140, 143, 144, 145, 148, 151,
 155, 156, 160, 163, 165, 172,
 173, 174, 177, 178, 180, 181,
 183, 184, 187, 188, 189, 192,
 194, 195, 196, 197, 198, 199,
 202, 203, 204, 205, 207, 208,
 218, 220, 222, 223, 224, 225, 228

homossexualidade em contextos
 rurais, 61

homossociabilidade

homossociabilidade, 204

homossociabilidades, 204, 227

I

Identidade

Identities, 26, 27, 40, 62, 70,
 75, 76, 119, 143

identidade de gênero

identidades de gênero, 70, 106,
 146, 206

igualdade, 33, 96, 97, 108, 123, 130,
 169

Infecções Sexualmente

Transmissíveis (IST), 159

interseccionalidade, 61, 62, 63, 66,
 147

investigação, 28, 37, 39, 56

J

jogos de verdade, 27, 33, 39, 79, 89,
 132, 142, 152, 175, 191, 192, 206

L

lésbicas, 65, 68, 69, 70, 74, 196, 204,
 222

LGBT, 31, 38, 61, 62, 77, 114, 145

Movimentos LGBT

Movimento Gay, 114

liberdade, 11, 23, 26, 33, 96, 99,
 107, 118, 124, 139, 140, 141,
 144, 145, 156, 158, 161, 191

M

masculinidade hegemônica, 28, 71,
 72, 73, 75, 76, 79, 92, 102, 131,
 165

masculinidades, 60, 67, 68, 69, 70,
 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79,
 80, 92, 94, 106, 113, 119, 120,
 130, 131, 132, 146, 160, 180,
 181, 188, 223, 228

masculinidade, 73

masturbação

 onanismo, 86, 104, 106

matriz sexo-gênero, 11, 30, 121, 154, 177

monogamia

 monogâmica, 159, 168

movimento social / movimentos sociais, 114

mulher / mulheres, 21, 39, 52, 75, 80, 84, 93, 112, 133, 154, 203

N

narrativas / narrativa, 38, 39, 40, 44, 49, 52, 92, 127

negro / negros; negras, 27, 31, 39, 62, 75, 84

normatividade

 normatividades, 33, 44, 84, 93, 99, 117, 118, 120, 128, 142, 154, 160, 161, 166, 168

normatização, 22, 27, 80, 92, 100, 106, 117, 122, 127, 161, 204

O

orientação sexual / orientação do desejo sexual, 63, 64, 79, 105, 106, 107, 122, 129, 130, 131,

135, 139, 145, 146, 153, 155, 156, 202, 206, 207, 217

P

parresía, 112

partilha, 85, 88, 90, 91, 92, 94, 108, 110, 150, 174, 198, 199, 206, 207, 227

partilha do sensível, 88, 199

patologização / patologizar, 36, 61, 86, 95, 134

performance / performativa

 performativas, 143

pesquisa, 11, 22, 27, 28, 34, 35, 37, 38, 39, 47, 49, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 63, 77, 78, 95, 100, 104, 114, 116, 118, 124, 142, 146, 148, 149, 152, 155, 161, 163, 171, 173, 174, 181, 191, 200, 202, 205, 206, 220, 226

poder / poderes, 22, 23, 25, 26, 27, 33, 35, 37, 39, 40, 43, 58, 68, 70, 71, 73, 79, 88, 90, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 104, 105, 119, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 136, 138, 139, 141, 142, 145, 158, 159, 168, 177, 179, 182, 184, 185, 186, 190, 193, 195, 197,

199, 200, 201, 205, 207, 208, 218,
220

política, 11, 22, 23, 26, 27, 29, 31,
32, 33, 34, 37, 39, 40, 53, 62, 65,
76, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89,
90, 92, 94, 95, 96, 97, 99, 100,
101, 102, 104, 108, 109, 110,
114, 118, 123, 124, 125, 126,
134, 136, 137, 138, 139, 145,
146, 151, 156, 166, 175, 188,
189, 197, 200, 201, 202, 203,
205, 206, 207, 217, 218, 219,
224, 226, 227

posição de sujeitos 174, 206

práticas de si, 100, 112

práticas políticas de liberdade, 33,
41, 60, 98, 100, 109, 121, 142,
151, 199, 205, 208

precários / precária, 11, 33, 87, 158

promíscuo promiscuidade, 159

Psicologia Social, 31, 32, 52, 80

R

Realeza, 15, 36, 41, 43, 44, 46, 48,
49, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 84,
107, 108, 109, 112, 113, 117,
128, 139, 140, 144, 145, 147,
148, 149, 151, 152, 153, 155,

157, 159, 161, 162, 163, 176,
185, 192, 207, 208

relações de poder, 26, 27, 33, 68, 69,
75, 87, 88, 92, 94, 95, 99, 124,
142, 158, 175, 191, 202, 206

resistência / resistências, 11, 21, 22,
23, 26, 27, 29, 31, 33, 34, 41, 60,
68, 72, 73, 84, 87, 88, 90, 94, 97,
100, 104, 108, 110, 113, 119,
121, 123, 124, 125, 132, 136,
139, 140, 142, 145, 146, 148,
150, 152, 160, 161, 168, 169,
204, 205, 206, 225, 227

S

sexismo

heterossexismo, 70

sexualidade, 21, 26, 27, 29, 35, 41,
46, 48, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 72,
74, 84, 86, 92, 93, 94, 102, 105,
106, 107, 108, 110, 111, 112,
117, 119, 121, 122, 126, 129,
130, 133, 137, 139, 144, 146,
154, 155, 156, 161, 171, 172,
174, 175, 177, 187, 188, 189,
192, 193, 203, 204, 217, 222,
224, 226, 229

stultitia, 133, 136, 137

subjetivação, 11, 22, 26, 27, 28, 29,
 31, 32, 34, 37, 38, 39, 40, 49, 66,
 68, 80, 83, 84, 87, 89, 91, 92, 94,
 96, 99, 100, 108, 109, 110, 111,
 112, 121, 122, 123, 126, 130,
 133, 136, 137, 138, 150, 152,
 162, 169, 175, 180, 181, 191,
 198, 200, 203, 204, 205, 206, 207

subjetivismo, 38

sujeito / sujeitos, 22, 23, 24, 25, 26,
 27, 28, 29, 33, 35, 53, 74, 77, 80,
 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 94,
 95, 96, 97, 99, 100, 104, 105,
 106, 107, 109, 110, 113, 118,
 120, 121, 122, 123, 124, 125,
 126, 127, 128, 133, 135, 136,
 137, 138, 139, 141, 142, 143,
 144, 146, 147, 150, 158, 161,
 164, 165, 203, 205, 220, 227

T

técnicas de si, 24, 25, 87, 89

território, 26, 33, 49, 56, 61, 63, 66,
 83, 85, 87, 96, 97, 100, 108, 122,
 126, 127, 138, 145, 158, 164,
 205, 206, 221

U

urbano / espaços urbanos, 35, 36,
 53, 66, 142, 144, 203

V

veridicção, 48, 105, 110, 133, 137,
 142, 159, 185, 200

vigilância, 11, 22, 30, 61, 84, 99, 113,
 118, 122, 139, 140, 141, 142,
 146, 154

violência no trânsito

acidentes automobilísticos, 152

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, M. Paradoxos da identidade: a política de orientação sexual no século XX. **Revista de Sociologia e Política**, (14). 2000. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782000000100009>, acessado em 18 de agosto 2015.

AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Soc. estado.**, Brasília, v. 15, n. 2, Dec. 2000. Disp. <http://www.scielo.br/pdf/se/v15n2/v15n2a06.pdf>, access on 26 Oct. 2012.

ALMEIDA, Miguel Vale de, SOARES, A.S. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Movimento**, 18, 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/20826/17386>. Acessado em 19 Agosto de 2015.

ALMEIDA, M. V. **A chave do armário**. Homossexualidade. Casamento. Família. Florianópolis: UFSC, 2010. 225 p.
_____. **Ser mas não ser, eis a questão**. O problema persistente do essencialismo estratégico. Working Paper CRIA 1, Lisboa. 2009.

ALÓS, Anselmo Peres. Não contar a ninguém ou contar a todo mundo? Colapsos da masculinidade em No se lo digas a nadie. **Estudos Feministas**, 21(1), 2013.

_____. Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética queer. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 3, 2010.

ALVES E. F., TSUNETO L. T. A orientação homossexual e as investigações acerca da existência de componentes biológicos e genéticos determinantes. **Scire Salutis**, 3(1): 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.6008/ESS2236-9600.2013.001.0006>, acessado em 24 de setembro de 2015.

AMORIM, C. M. de & SZAPIRO, A. M. Analisando a problemática do risco em casais que vivem em situação de sorodiscordância. **Ciência Saúde Coletiva**. 2008.

ANDRADE, Arthur Guerra de et al. Use of alcohol and other drugs among Brazilian college students: effects of gender and age. **Rev. Bras. Psiq.**, v. 34, n. 3, 2012.

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Tradução Maria Inez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARBOSA, Felipe Lacerda et al. Uso de álcool entre estudantes de Medicina da Universidade Federal do Maranhão. **Rev. Bras. Educ. Méd.**, v. 37, n. 1, p. 89-95, 2013

BAUDELAIRE, C.. Embriagai-vos. In.: **O spleen de Paris**: pequenos poemas em prosa. Ed. Imago, 1995.

BECKER, Howard S. **Outsiders**. *Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

BEIRAS, A. CANTERA, L. **Narrativas personales, construcción de masculinidades** – aportaciones para la atención psicosocial a hombres autores de violencia. *Psico*, 43 (2). 2012.

BOAS, Crisoston Terto Vilas. **PARA LER MICHEL FOUCAULT**. Revisão: Arnaldo de Almeida; José B. Donadon Leal. 1ª Edição: 1993: Imprensa Universitária da Ufop. 2ª Edição - Eletrônica – 2002.

BUSSOTTI, L., TEMBE, A. A homossexualidade na concepção afrocentrista de Molefi Kete Asante: entre libertação e opressão. **Revista Ártemis** jan-jun; 17(1), 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/download/20084/11126>, acessado em 19 de agosto de 2015.

BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

CAMACHO, R. S. Algumas considerações acerca do modo de vida camponês. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**. v. 10, n. 10, 2014.

CAMARGO, W. X. Notas etnográficas sobre vestiários e a erotização de espaços esportivos. **Revista Artemis**, 2014; 17: 61-76.

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2a. edição. Tradução de Maria Thereza R. de Carvalho Barrocas, 1982.

CARRARA, Sérgio, & SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu**, (28),

2007. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100005>

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. tradução de Klauss Brandini Gerhardt. (A era da informação: economia, sociedade e cultura. v.2). São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006.

CAZUZA; FREJAT. Ritual. In.: CAZUZA. Só Se For a Dois. Rio de Janeiro: Som Livre. 1986

CHAGOYA, Melissa Fernández. Tendencias discursivas en el activismo de varones profeministas en México: algunas provocaciones a propósito del “cambio” en los hombres. **Conexões Psi**. v. 2, n. 1. 2014. Disponível em

<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/conexoepsi/article/view/324>.

COLETO. H. L. **Cidades Gays Ou A Homossexualidade Urbana**.

Disp. <http://queerandpolitics.Wordpress.com/2011/08/13/cidades-gays-ou-a-homossexualidade-urbana/#more-1305>, Access 25 De Out 2012.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1995.

CONNELL, Robert W., MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidades Hegemônicas: repensando o conceito. In.: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, 2013.

CÓRDOVA, Luiz Fernando Neves. **Trajetoórias de homossexuais na ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

CORREA, M. V., ARAN, M. Artigo retirado da Internet. **Physis**. Rio de Janeiro, 14, (2). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext?pid=S0103-73312004000, acessado em 20 de agosto de 2015.

COSTA, F.A., MACHADO, F.V., PRADO, M.A.M. Participação política e experiência homossexual: dilemas entre o indivíduo e o coletivo. **Interamerican Journal of Psychology**, 42(2), 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000200014&lng=pt&nrm=iso, acessado em 20 de agosto de 2015.

COSTA, Horácio et al. (Org.). **Retratos do Brasil Homossexual: Fronteiras, Subjetividades e Desejos**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo: imprensa Oficial, 2010.

CUSTÓDIO, C. J. [Homoparentalidade: um direito em construção. Espaço Jurídico: Journal of Law](#), 2012; 13(1), 2012): 91-102. Disponível em: http://journaldatabase.info/articles/homoparentalidade_um_direito.html, acessado em 18 de agosto de 2015.

DÍAZ, Chago. Aunque no sea conmigo. In: **Café Tacubo**. <https://www.vagalume.com.br/cafe-tacuba/aunque-no-sea-conmigo-concelso-pina.html>

DINIS, F. Revisitando o binômio sexo-gênero. **Revista Artemis**. 15(1). 123-34. 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/16643/9509>, acessado em 10/12/2015.

DIÓGENES, O cínico. (on line) Disponível em <https://scribatus.wordpress.com/2009/05/11/alexandre-e-diogenes-o-grande-e-o-cinico>

DOMENECH, R. A Dobra: Psicologia e Subjetivação. In: Org. SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ERASMO, Desidério. **Elogio da loucura**. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre:L&PM, 2003.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERNANDES, E. R.. Homossexualidade indígena no brasil: desafios de uma pesquisa. **Novos Debates** 2015 jan; 2(1), 2015. Disponível em: <http://novosdebates.abant.org.br/index.php/numero-atual/114-v1-n2/novas-pesquisas/119-homossexualidade-indigena-no-brasil>, acessado em 20 de abril de 2015.

FERRARI, A. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. **Rev. Bras. Educ.** 2004 Apr; 25(105-15). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100010&lng=en&nrm=iso, Acessado em 25 De agosto de 2015.

FERRARI, Anderson, VIVEIROS BARBOSA, José Gabriel Couto de. **HOMOSSEXUALIDADES MASCULINAS E CIDADE PEQUENA**. **Revista Bagoas** , vol. 8, n. 11, 2014

FERREIRA, Paulo Rogers da Silva. **Os afectos mal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas**. 2006. 173 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FOUCAULT, M. **A história da Sexualidade: A vontade de saber**. Trad. Maria Therez da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 23ª impressão. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2013.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução de L. F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II**. Curso no ollège deFrance (1983-1984). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **A amizade como modo de vida.** Entrevista de Michel Foucault a Cecault, Danet e Bitoux, Publicada no Jornal Gai Pied, N 25, ABRIL DE 1981.

_____. **A Hermenêutica do Sujeito.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

hermenêutica do sujeito. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes. 2010.

_____. **A vida dos homens infames.** In: FOUCAULT, M. Estratégia, poder-saber. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Ditos e Escritos.** Vol. I, Editora Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2002b.

_____. **Ditos escritos.** Editora Forense. Vol. V. 2004b.

_____. **Ética, Política e Sexualidade:** Ditos e escritos. Vol. V, 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Microfísica do Poder,** Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Microfísica do poder.** 22. Org. e trad. Roberto Machado. ed. São Paulo: Graal, 2006.

_____. **Microfísica do Poder.** 9. ed. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1979.

_____. **O governo de si e dos outros:** curso no Collège de France (1992/1993). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. **O nascimento da Biopolítica.** Curso dado no Collège de France (1978-1979). (Edição estabelecida por Michel Senellart ob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana). Trad. Eduardo Brandão. Revisão da Trad. De Claudia Berliner. Martins Fontes: SP. 2008b. Disponível em:

<http://gambiarre.files.wordpress.com/2011/01/foucault-nascimento-da-biopolc3adtical.pdf>, acessado em 10 de março de 2014.

_____. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault.** Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **Os Anormais:** curso no Collège de France (1974-1975). 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Qu'est-ce que la critique?** Critique et Aufklärung. Bulletin de la Société française de philosophie, Vol. 82, nº 2, pp. 35 - 63, avr/juin (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela Lafeté Borges e revisão de wanderson flor do nascimento.

1990. Disponível em <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/critica.pdf>
 _____ . **Segurança, território, população**. Curso ministrado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes. 2008a.

_____. Técnicas de Si. In: **Dits et écrits**. Tradução de por Karla Neves e Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 783-813. Disponível em:

<http://metodologiaangel.files.wordpress.com/2010/10/foucault-michel_astc3a9cnicas-de-si_1982.pdf> Acesso em 27 ago. 2012.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a.

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes**. O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, USP, 2006.

FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

FURLANI, Jimena. **O bicho vai pegar!** : um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livrosparadidáticos infantis. (Tese de Doutorado - Guacira Lopes Louro. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação). UFRG: Porto Alegre. 2008. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13259/000491228.pdf?sequence=1>, acessado em 15/10/2015

GALEANO, Eduardo. **O livro dos Abraços**. Trad. Eric Nepomuceno. 2º Ed. Porto Alegre:L&PM., 2008.

GARCIA, Wilton. **A forma estranha: ensaios sobre cultura e homoerotismo**. São Paulo: Pulsar, 2000.

GEBARA, Ivone. “Apresentação. A dança de Eros ou o desejo do É...” Estudos Bíblicos, n. 38, p. 11-15, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GHORAYEB, Daniela Barbeta. Saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial nas homossexualidades. (Dissertação (mestrado) - Orientador: Professor Dr. Paulo Dalgalarrodo - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas, na Universidade Estadual de Campinas) Campinas, SP: [s.n.], 2007.

GÓIS, João Bôsko Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, 11(1), 2003. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100021>

GOLIN, Célio; WEILER, LUIS et al. **Homossexualidade, cultura e política**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

GOLIN, Célio; WEILER, LUIS et al. **Homossexualidade, cultura e política**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

GONZAGA, L., PRAÇA, A., LANNES, D. As representações sociais acerca de GAY entre estudantes da periferia do Rio de Janeiro. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, 11(2), 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1807-1384.2014v11n2p162>, acessado em 21 de agosto de 2015.

GOULART, Lucas A, & HENNIGEN, Inês. Condições e possibilidades de uma tecnopolítica de gênero/sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, 22(1), 2014. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2014000100012>

GREEN, James e TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005.

GROSSI, M. P. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **Cadernos Pagu**; 21: 261-80. 2003. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332003000200011>, acessado em 19 de agosto de 2015.

GROSSI, Miriam P.; LAGO, Mara; NUERNBERG, Adriano (Org.). Estudos in(ter)disciplinados: gênero, feminismo, sexualidade. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010. 432 p.

GUERRERO, R.E. Homofobia y psiquiatria. **Rev. Colomb. Psiquiatr**, 36(4), 2007. Disponível em <http://www.scielo.org.co/pdf/rcp/v36n4/v36n4a10.pdf>, acessado em 02 de novembro de 2015.

GUY, Hocquenghem. *A Contestação Homossexual*. Brasiliense Editora, 1980.

HALL, S. **Da Diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. BH: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HOLANDA, Chico B. **Minha História**: O Melhor de Chico. Universal Music. 1989.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26. ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

IRIGARAY, H. A. R.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Humor e discriminação por orientação sexual no ambiente organizacional.

Revista de Administração Contemporânea. Contemporanea - RAC, Sept-Oct, 14(5), 2010.

KATZ, Jonathan Ned. **A Invenção da Hetero Sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro Publicações, 1996.

KERN, Francisco Arseli; SILVA, Andre Luiz da. A homossexualidade de frente para o espelho. **Psico. Porto Alegre**; 40(4): out.-nov. 2009.

KEROUAC, J. **On the road**. Pé na estrada. (online) Disponível em <https://jackerouac.files.wordpress.com/2016/01/jack-kerouac-on-the-roadverse3a3o-alterada-pelas-editoras-em-portugc3aas-1.pdf>

KIMMEL, Michel. Los estudios de la masculinidade: CARABÍ, Àngels y ARMENGOL, Josep M. (eds.) una introducción. In.: **La masculinidad a debat**. Barcelona: Icaria, 2008.

KRONKA, Graziela Zanin. **A homossexualidade nas bancas de jornal**: a enunciação do "assumir-se" homossexual na imprensa especializada (Dissertação de Mestrado – Orientadora: Maria Cecilia Perez Souza-E-Silva. – Programa de Pós-Graduação em Linguística, na Universidade Estadual de Campinas) Campinas, SP., 2000. Disponível em

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000206277>, acessado em 19/08/2015

KUNDERA, Milan. **[A Insustentável Leveza do Ser](#)**. Companhia de bolso. 2008.

LACLAU, E. **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. Buenos Ayeres: Nova Visión, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LEVY, Tatiana S. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Editora Civilização Brasileira. 2011.

LIMA, Décio Monteiro de. **Os Homoeróticos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LIRA, José. Edna St. Vincent Millay: versões de uma efêmera beleza. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 7, 2001.

LOPES, C. R. R., SEFFNER, F. **Seja gay... mas não se esqueça de ser discreto**: produção de masculinidades homossexuais na Revista Rose (Brasil, 1979-1983). Seffner, Fernando (orientador) (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/32309>, acessado em 17/08/2015)

MADUREIRA, Ana F. do A.; BRANCO, Angela M. C. U. de A. Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(1), 81-90. 2007. Disponível em, <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722007000100010>

MARQUES, J. Notas sobre um itinerário bibliográfico: onde estão os homossexuais negros?. **Em Pauta**. 9(28), 2011; 2011.

MARTINS, Edson. O cordel, o homossexual e o poeta “maudito”: novo de discursos no folheto de Salette Maria e Fanka Santos. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**; 22, 2003. Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2186>, acessado em 19 de agosto de 2015.

MARTINS, Emerson; TONELI, Juracy F.; BEIRAS, Adriano. Derivas analítico-metodológicas da homossexualidade: uma revisão integrativa da literatura especializada no Brasil. In: **Saúde & Transformação Social**. Florianópolis, v.7, n.3, p.147-165, 2016.

MEIRELES, c. **Romanceiro da Inconfidência**. Vol. Único. Editora Nova Aguilar S/A: Rio de Janeiro, 1977, (on line). Disponível em MELLO, Luiz. Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. **Cadernos Pagu** (24), 2005. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a10.pdf>, acessado em 20 de agosto de 2015.

MELO NETO, J. C. Os três mal-amados. In.: MELO NETO, J. C. **Obras Completas**, Editora Nova Aguilar S.A: Rio de Janeiro, 1994.

MENDONÇA, C. M. C. Beleza pura. A estetização da vida cotidiana como estratégia de resistência para o homossexual masculino. **Revista FAMECOS**, 17 (2). 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/7549/5414>, acessado em 20 de agosto de 2015.

MISKOLCI, R. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Revista Estudos Feministas** 2013; 21(1): 301-24. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100016>, acessado em 20 de agosto de 2015.

_____. **A amizade como modo de vida**. Entrevista de Michel Foucault a Cecault, Danet e Bitoux, Publicada no *Jornal Gai Pied*, N 25, ABRIL DE 1981.

Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer . Michel Foucault : sexualidade, corpo e direito / Luiz Antônio Francisco de Souza, Thiago Teixeira Sabatine e Boris Ribeiro de Magalhães, organizadores. – Marília. : Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

_____. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, Dec. 2006. Disp. Em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a06v14n3.pdf>, acess. Em 28 Oct. 2012.

_____. O vértice do triângulo: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no fin-de-siècle brasileiro. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 547-567, ago. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200014&lng=pt&nrm=iso. acessos em 02 nov. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200014>.

MONTEIRO, M. Corpo e masculinidade na revista VIP Exame. **Cadernos Pagu**; (16): 235-66. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100011&lng=en&nrm=iso, acessado em 20 de agosto de 2015.

MONTEIRO, S., VARGAS, E., CECCHETTO, F., MENDONÇA, F. Identidades, trânsitos e diversidade sexual em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro (Brasil). **Cadernos Pagu** 35, 2010. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332010000200004>, acessado em 20 de agosto de 2015.

MORTIMER-SANDILAND, Catriona. Paixões desnaturadas? Notas para uma ecologia queer. Tradução Alice Gabriel. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): 175-195, janeiro-abril/2011, 2011.

MOTT, Luiz. Homo-afetividade e direitos humanos. **Estudos Feministas**; 14(2): 509-21. 2006

_____. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003. GUY, Hocquenghem. **A Contestação Homossexual**. Brasiliense Editora, 1980.

_____. **O sexo proibido**: escravos, gays e viagens nas garras da inquisição. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

MOTTA, Manoel de Barros. **Michel Foucault**: arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Forense Universitária, 2005.

MOUFFE, C. **Democracia, cidadania e a questão do pluralismo**. Política & Sociedade, Florianópolis, v. 1, n. 3, p. 11-26, out. 2003.

_____. **O regresso do político**. Lisboa: Gradiva, 1996

_____. Por uma política da identidade nômade. In.: **Debate Feminista** (Cidadania e Feminismo), numero especial, 2000

NASCIMENTO, MILTON. Encontros e Despedidas. **Encontros e Despedidas**. Barclay, 1985

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, F. **Humano demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

NORIEGA, Guillermo Nuñez. Los “hombres” en los estudios de género de los “hombres”: un reto desde los estudios queer. In: J. C. R. Rodriguez; G. U. Vázquez. (Ed.). **Masculinidades**. El juego de género de los hombres en el que participan las mujeres, (pp. 43-57) . Madrid: Plaza y Valdes, 2008.

NUCCI M. F., RUSSO, J. A. O terceiro sexo revisitado: a homossexualidade no Archives of Sexual Behavior. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, 19(1): 2009. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000100007>, acessado em 20 de agosto de 2015.

OLIVEIRA, L. Corpos que escapam: ação cultural como resistência. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 34, n. 2, p. 61-71, dez. 2008.

OLIVEIRA, Nythamar de. Revisitando a crítica comunitarista ao liberalismo: sandel, rawls e teoria crítica. **Síntese - Rev. de Filosofia** v. 41 n. 131, 2014.

ORLANDI, R. **Participação da rede social significativa de mulheres que vivem e convivem com o HIV no enfrentamento da soropositividade**. 2011(Tese defendida na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis), 2011.

ORTEGA, Francisco. Amizade e estética da existência em Michel Foucault. RJ: Graal, 1999.

PASSOS, E.; BENEVIDES, R. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, E.; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PAULO, M^a. De A. L. de. Juventude rural, sexualidade e gênero: uma perspectiva para pensar a identidade. *In.*: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Orgs.) **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010.

PEDROSA, Adriano Antonio da Silva et al. Consumo de álcool entre estudantes universitários. **Cad. Saúde Pública**, v. 27, n. 8, p. 1611-1621, 2011.

PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José (Org.) **Masculinidades e ressignificações Masculinidades**: teoria, crítica e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

PEREIRA, A.S.L.S., ALFAIA, A.J.B., SOUZA, L.E.C., LIMA, T.J.S. Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol. **Psicologia & Sociedade**, 26(3), 2014. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3819>. Acessado em 19 Agosto de 2015.

PESSOA, F. O guardador de rebanhos. *In.*: PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. (org.) Maria Aliete Galhoz. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

PINTO, J. P. **Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades**. **DELTA**, São Paulo, v. 23, n. 1, 2007. Available from <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502007000100001>. access 29Oct.2012.

POCAHY, F. **A Velhice como Performativo**: Dissidências (Homo)Eróticas. *Ex aequo* 2012; 26: 43-56. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000200005&lng=pt&nrm=iso. acessos em 19 ago. 2015.)
_____. (Org.) **Rompendo o silêncio**: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007

PRADO FILHO, K. **Michel Foucault**: uma história política da verdade. Florianópolis: Insular, 2006, p. 29).

_____. Para uma arqueologia da psicologia (ou: para pensar uma psicologia em outras bases). **Psicologia e Sociedade**; 23 (3): 464-468, 2011.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. A Psicologia Comunitária nas Américas: o Individualismo, o Comunitarismo e a Exclusão do Político. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 15(1), 2002.

RAMOS, S., CARRARA, S. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, 16(2), 2006. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312006000200004>, acessado em 20 de agosto de 2015.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO experimental. Ed. 34. 2009.

_____. **O desentendimento**: política e filosofia, tradução de Ângela Leite Lopes, São Paulo, Editora 34, 1996.

_____. **O Espectador Emancipado**. Orfeu Negro: 2010.

_____. **Políticas da Escrita**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1996.

_____. **Sobre políticas e estéticas**. Tradução Manuel Arranz. Museu d'Art Contemporania de Barcelona. 2005b.

REIS C., PARAÍSO, M. Normas de gênero em um currículo escolar: a produção dicotômica de corpos e posições de sujeito meninos-alunos. **Revista Estudos Feministas**, 22(1), 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2014000100013>, acessado em 21 de agosto de 2015.

RENK, A.; BADALOTTI, R. M^a.; WINCKLER, S. Mudanças sócio-culturais nas relações de gênero e inter-geracionais: o caso do campesinato no Oeste Catarinense. *In.*: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Orgs.) **Gênero e geração em contextos ruais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010.

RIOS, L. F. Corpos e prazeres nos circuitos de homosociabilidade masculina do Centro do Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva**. 13(2), 2008.

ROCHA, Silvia P. V. **Tornar-se quem se é: a vida como exercício de estilo.** In.: LINS, Daniel (Org.). Nietzsche/Deleuze: arte, resistência: Simpósio Internacional de Filosofia - 2004. Rio de Janeiro: Forense; Fortaleza: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

ROLIM, R., & RODRIGUES, F. O assassinato de um homossexual diante de um tribunal da Capital da República em meados do século XX. **Revista Estudos Feministas**, 21(1), 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100017/24653>, acessado em 18 de agosto 2015.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo.** SP: Est. Liberdade, 1989.

ROSA, R. M.; MARTINS, E. **Cartografaias da dança corpo/gênero na Escola do Teatro Bolshoi no Brasil. Fazendo Gênero** (ANAIS ELETRONICOS), 2013.

ROSA, Rogério M. **AFETOS DA DOCÊNCIA: POR UMA CARTOGRAFIA DA INFÂNCIA BAILARINA** (Tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Santa Catarina (PPGE/UFSC)) Florianópolis: UFSC, 2016.

SALOMÉ, G. M., ESPÓSITO, V. H. C., MORAES, A. L. H. O significado de família para casais homossexuais. **Rev. bras. Enferm.** 60(5), 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000500014&lng=en, acessado em 18 de Agosto de 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672007000500014>

SANTOS, Daniel Kerry dos; LAGO, Mara Coelho de Souza. Cartografando estilizações do homoerotismo na velhice: pistas metodológicas nos estudos sobre sexualidades. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 95-106, Aug. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922015000200095&lng=en&nrm=iso>. access on 18 July 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1156>

SANTOS, Daniel Kerry; TEIXEIRA FILHO, Fernando Cartografias do Armário: estratégias do desejo em uma cidade do interior paulista. **Revista Bagoas**, vol. 8, n. 11, 2014

SANTOS, E.C., CALVETTI, P.U., *et all.* Percepção de Usuários Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, Transexuais e Travestis do Sistema Único de Saúde. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology**,; 44(2), 2010. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28420641004>, acessado em 15/10/2015.

SANTOS, H., FERREIRA, M., SILVA, S. "Gay mas não bicha": de uma heteromaskulidade hegemônica a uma proliferação de masculinidades gays. **Revista Iberoamericana de Salud y Ciudadanía** . 2 (2), 2013.

SANTOS, M. **A natureza do espaço** – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Y. G. S.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Homoparentalidade masculina: revisando a produção científica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 26(3), 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000300017, acessado em 20 de agosto de 2015.

SCHENKEL, Klara Maria. **Da voz passiva à homossexualidade**: análise de alguns procedimentos de leitura no vestibular / Klara Maria Schenkel. - - Campinas, SP: [s.n.], 2003. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000349562&fd=y>, acessado em 03/03/2016.

SCHMIDT, S; STOCKER, P. Comunicação, juventude e diversidade. **Eptic Online**; 15(3): 177-89. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/1364/1365>, acessado em 19 de agosto de 2015.

SCOTT, Joan. Igualdade versus diferenças: o uso da teoria pós-estruturalista. **Debate Feminista** (Cidadania e Feminismo), número especial, 203-222. Ano: 1999.

SELL, Teresa A. **Identidade homossexual e normas sociais**: histórias de vida. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: EDUFSC, 2006..

SILVA, A. C. A. P. **O idoso homossexual e a gênese do direito ao afeto.** 4(2). Disponível em <http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/137> , acessado em 20 de agosto de 2015.

SILVA, L. A. V. Masculinidades transgressivas em práticas de barebacking. **Revista Estudos Feministas**. Dec; 17(3): 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000300003&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 19 de agosto de 2015.

SILVEIRA, F. L. A. SOUZA, C. S. Silveira FLA, Souza CS. Imaginário, trabalho e sexualidade entre os coletores de caranguejo do salgado paraense. **Revista Estudos Feministas**, 22(3).; 22(3): 755-80. 2014. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300003>, acessado em 18 de agosto de 2015.

SPIVAK, Gayatri C. **The Post-Colonial Critic: Interviews, Strategies, Dialogues.** Edited by Sarah Harasym. New York: Routledge, 1990.

STAMM, Mariestela; BRESSAN, Liamari. Consumo de álcool entre estudantes do curso de enfermagem de um município do oeste catarinense. **Revista Ciência Cuidado e Saúde**, v.6, n.3, p. 319-324, Jul/set. 2007.

TAQUETTE, S. R.; RODRIGUES, A. O.; BORTOLOTTI, L. R. Infecção pelo HIV em adolescentes do sexo masculino: um estudo qualitativo. **Ciência & Saúde Coletiva**; 20(7): 2193-200. 2015. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015207.18102014>, Acessado em 18 fev. 2016.

TAQUETTE, S.R., VILHENA, M.M., SANTOS, Úrsula Pérsia Paulo dos, BARROS, Mônica Maria Vianna de. Relatos de experiência homossexual em adolescentes masculinos. **Ciênc. saúde coletiva**, 10(2), 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000200018&lng=en. Acessado em 19 de agosto de 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000200018>.

TAVARES, F. H.; SOUZA, I.A.; FERREIRA, I.E.V. Bomtempo TV. Apontamentos para o reconhecimento das uniões homossexuais face ao paradigma do estado democrático de direito. **Revista Direito.**; 6(2): 443-468. 2010. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1808-24322010000200005>, acessado em 20 de agosto de 2015.

TÍLIO, Rogério. O jogo discursivo na vida afetiva: a construção de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Discurso de Identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

TONELI, M^a J. F. Diversidade sexual humana: notas para a discussão no âmbito da psicologia e dos direitos humanos. **Psicol. clin.**, RJ, v.20, n.2, 2008 . Disp. <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n2/a05v20n2.pdf>, access 06 Nov 2012.

VEYNE, P. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa [trad. Marcelo Jacques d morais] – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VIVEROS, Mara. Teorías feministas y estudios sobre varones y masculinidades. Dilemas y desafíos recientes. In: **La manzana de la discordia**, Año 2, No. 4. Diciembre, 2007.

WACHOWSKI, Sisters. **The Matrix**. 1999 (Filme).

WELZER-LANG, D. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo, pp. 107-128. In MR Schpun (org.). **Masculinidades**. Boitempo Editorial-Edunisc, São Paulo-Santa Cruz. 2004.

WERBNER, Pina; MODOOD, Tariq (Ed.). Debating Cultural Hybridity, Multi-Cultural Identities and the Politics of Anti-Racism. London: Zed, 1997.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução de: Maria de Lurdes Sousa Ruivo. Abril ControlJornal. 2000.

WILLIAN, James. **Pós-estruturalismo** (trad. De Caio Liudvik) 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WITTIG, Monique. **O Pensamento Hétero** (1980). In. : <http://mulheresrebeldes.blogspot.com.br/2010/07/sempre-viva-wittig.html>, acessado em 14/06/2014